

MESTRADO INTEGRADO
ARQUITETURA

Cohousing: estratégias de desenho e escalas do habitar em comum

Marta Vitorino

M
2017



Cohousing: estratégias de desenho e escalas do habitar em comum

Marta Raquel Pereira Costa da Silva Vitorino



Cohousing: estratégias de desenho e escalas do habitar em comum

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

FAUP

2017

ORIENTADOR: PROFESSORA DOUTORA MARTA ROCHA MOREIRA

MARTA RAQUEL PEREIRA COSTA DA SILVA VITORINO

A presente dissertação encontra-se escrita ao abrigo do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.
As citações apresentadas ao longo da dissertação foram traduzidas da respetiva língua de origem das fontes consultadas.
Todo o redesenho e esquemas apresentados foram elaboradas pela autora.

à minha família

Agradecimentos

Aos meus pais, por tudo... impossível de descrever em poucas palavras... não me chegariam as páginas...

Aos meus padrinhos, por serem como avós, pais e amigos ao mesmo tempo... por estarem sempre presentes.

À minha irmã pelas críticas que me fazem crescer, por estar sempre preocupada e atenta aos meus passos.

Ao Luís, pela ajuda, compreensão, carinho, atenção... por seres o que és, por me acompanhares sempre, por me desafiares cada dia a ser melhor... por nunca desistires de uma menina um pouco complicada.

À Professora Doutora Marta Rocha, minha orientadora, por todos os conselhos, pela sabedoria, por me guiar ao longo destes meses, por toda a ajuda e infindável paciência... e sobretudo, por ter acreditado em mim.

Aos meus Professores, por tudo o que me ensinaram, pela crítica construtiva.

À Rita e à Vanessa, por me acompanharem ao longo destes anos, pela partilha de muitos dos melhores momentos, pelas peripécias, pelo riso, pela entreatuda e muito mais...

À Maria, pelas mil e uma tentativas em inverter o meu pensamento negativo, pela alegria, pelo apoio, amiga incansável.

Ao Lessa e ao Pavel, amigos longe da arquitetura, mas sempre dispostos em compreender o meu trabalho e dar a sua opinião. Pelas danças, coreografias e festas.

A todos que, de um modo ou de outro, acompanharam o meu percurso ao longo destes seis anos.

Resumo

A presente dissertação é um estudo dos mecanismos de desenho adotados na configuração dos espaços domésticos comuns e privados do habitar em *Cohousing*.

Perante a ausência de um estudo mais aprofundado e de carácter comparativo sobre o desenho das soluções de conjuntos e edifícios desta natureza, este trabalho, procurando conciliar a amplitude intrínseca do tema com o âmbito do projeto e da arquitetura, estabelece um 'novo olhar' sobre as dinâmicas do encontro, da convivência e da vida em comunidades contemporâneas de *Cohousing*. Através do redesenho de 12 casos de estudo internacionais construídos entre o ano de 2003 e 2015 foi possível identificar, pela análise das particularidades bem como das repetições e semelhanças presentes, estratégias de desenho segundo padrões comuns do modo como se obtêm os resultados espaciais, formais e sociais que dão forma a este modo de habitar partilhado.

A investigação culmina numa reflexão da anterior análise e identificação, clarificando-se a Escala de coabitação como matéria do espaço, como dispositivo da própria definição do *Cohousing*, permitindo, pela combinação de diferentes elementos e dispositivos arquitetónicos, criar uma maior ou menor intensidade de partilha e de privacidade em comunidades desta natureza.

Abstract

The present dissertation is a research on the design mechanisms adopted in the configuration of the common and the private domestic spaces in *Cohousing*.

In the absence of a more detailed and comparative work on designing building solutions of this nature, this work, seeking to reconcile the intrinsic scope of this subject with the field of design and architecture, establishes a 'new insight' of the dynamics of the meeting, coexistence, and life in contemporary *Cohousing* communities. Through the redesign of 12 international case studies built between 2003 and 2015, it was possible to identify, by the analyses of their drawing peculiarities and similarities, different design strategies according to common patterns of how the spatial, formal and social results are achieved and shaped by this shared form of living.

The investigation ends with a reflection on the previous analysis, clarifying the cohabitation scale as a material of space, as an instrument to the definition of *Cohousing*, creating, by the combination of elements and architectural tools, a greater or lesser intensity of sharing and privacy in communities of this nature.

Resumé

Ce mémoire est une étude sur les mécanismes de conception adoptés dans la configuration des espaces domestiques communs et privés présents dans la cohabitation.

En l'absence d'études plus détaillées et de nature comparative sur les solutions architecturales d'ensembles et de bâtiments de cette nature, ce travail, cherchant à concilier l'amplitude de ce sujet avec une proximité au design et à l'architecture, établit un « nouveau regard » sur la dynamique de la rencontre, de la coexistence et de la vie dans les communautés contemporaines de *Cohousing*. Avec la refonte de 12 cas d'études internationales conçues entre 2003 et 2015, il a été possible d'identifier, en analysant leurs particularités et similitudes au niveau du dessin, différentes stratégies de conception des résultats spatiaux, formels et sociaux qui donnent forme à cette mode de vie partagée.

Le mémoire se termine par une réflexion sur l'analyse précédente, en clarifiant l'échelle de cohabitation comme matière de l'espace, comme instrument à la définition de la cohabitation, créant, par la combinaison d'éléments et d'outils architecturaux, une plus ou moins intensité de partage et d'intimité dans les communautés de cette nature.

0.	INTRODUÇÃO	
0.1.	Objecto e objectivos	17
0.2.	Metodologia e casos de estudo	18
0.3.	Estrutura	23
0.4.	Lista de abreviaturas	25
1.	TEMA	
1.1.	<i>Cohousing</i> NÃO É	29
1.2.	Definição	31
1.3.	Leituras de referência	35
2.	ABORDAGENS ao <i>Cohousing</i>	
	<small>compreensão da amplitude do conceito</small>	
2.1.	Abordagem TEMPORAL	51
2.1.1.	as origens do <i>Cohousing</i>	53
2.1.2.	a história e a evolução	55
2.2.	Abordagem SOCIAL	63
2.2.1.	o acomodar de novos estilos de vida	65
2.2.2.	o significado da vida coletiva	66
2.2.3.	o tipo de residentes	70
2.3.	Abordagem PROJETUAL	73
2.3.1.	os tipos de iniciativa	75
2.3.2.	o processo de desenvolvimento	77
2.3.3.	a arquitetura e o desenho	80
2.4.	Abordagem GEOGRÁFICA	85
2.4.1.	o <i>Cohousing</i> em vários países do Mundo	87
2.4.2.	os modelos geográficos como referência	91

3. ESTRATÉGIAS de desenho

equilíbrios entre o comum e o privado

3.1. Estratégias de INDEPENDÊNCIA

- | 1 Reino Unido. *Lancaster*
- | 2 Dinamarca. *Lange Eng*
- | 3 Reino Unido. *Lilac*

101 |

103 |

115 |

127 |

3.2. Estratégias de AGREGAÇÃO

- | 4 Áustria. *Wohnprojekt Wien*
- | 5 Alemanha. *R50*
- | 6 França. *La Salière*

139 |

141 |

153 |

165 |

3.3. Estratégias de EVOLUÇÃO

- | 7 França. *Éco-quartier de la Bottière-Chénaie*
- | 8 França. *La Passerelle*
- | 9 França. *Les Brouets*

177 |

179 |

191 |

201 |

3.4. Estratégias de INTEGRAÇÃO

- | 10 Suíça: *Hunziker Areal, Haus A*
- | 11 Suíça: *Wohnüberbauung Kraftwerk 2*
- | 12 Japão: *Shared Housing LT Josai*

211 |

213 |

227 |

239 |

4. ESCALAS do habitar em comum

reflexão sobre as intensidades de coabitação

4.1. Escala do LUGAR

- 4.1.1 a iniciativa autoproposta
- 4.1.2 a coabitação horizontal
- 4.1.3 a independência como dispositivo

251 |

253 |

254 |

256 |

4.2. Escala do EDIFÍCIO

- 4.2.1 a autoproposta para o urbano
- 4.2.2 a coabitação vertical
- 4.2.3 a agregação como dispositivo

261 |

263 |

264 |

265 |

4.3. Escala do COMPARTIMENTO EXTRA

- 4.3.1 a resposta à contemporaneidade
- 4.3.2 o compartimento extra protagonista
- 4.3.3 a evolução com dispositivo

269 |

271 |

273 |

273 |

4.4. Escala do 'CLUSTER'

- 4.4.1 a ideia de casa partilhada
- 4.4.2 a habitação palco da coabitação
- 4.4.3 a integração como dispositivo

277 |

279 |

280 |

280 |

5. Cohousing, perspetivas

a Escala de coabitação como matéria do espaço

285 |

Referências 295 |

Anexos 315 |

Objeto e Objetivos | 0.1.

O primeiro impulso ao desenvolvimento deste trabalho prendeu-se com a vontade de compreender o *Cohousing* enquanto modo alternativo de habitar contemporâneo.

No entanto, o propósito final desta investigação só surgiu após um processo gradual e progressivo de aproximação ao tema. Do reconhecimento do *Cohousing* como uma alternativa no panorama da habitação contemporânea, no qual a vida pública coletiva e a familiar individual convivem, dedicou-se o estudo aos mecanismos de desenho adotados na configuração dos espaços domésticos deste modo de habitar em comum, clarificando diferentes níveis de intensidade de partilha e privacidade existentes em comunidades desta natureza.

Deste modo, o objeto de estudo desta dissertação diz respeito aos critérios e às dinâmicas físicas aplicadas ao desenho em projetos de coabitação concebidos de raiz. Uma análise com destaque para os elementos e dispositivos arquitetónicos que dão forma aos espaços domésticos quotidianos coletivos e privados, num estudo que pretende contribuir para:

- reconhecer um corpo de conhecimento sobre o *Cohousing*, através da apresentação de pontos de vista distintos sobre o tema, em áreas disciplinares diversas.
- averiguar as estratégias de desenho utilizadas no *Cohousing*, analisando os mecanismos espaciais utilizados na construção do habitar em comum.
- representar e organizar um quadro internacional sobre propostas e edifícios onde domina a ideia de *Cohousing* na época contemporânea.
- identificar semelhanças e disparidades das diferentes estratégias de desenho adotadas, pela seleção, identificação, tratamento, análise e interpretação da informação recolhida: peças desenhadas (plantas, cortes, alçados, esquemas, etc.), imagens e textos.
- comparar casos de estudo de acordo com as afinidades, semelhanças e repetições espaciais encontradas, configurando referências de estratégias válidas para diversas propostas que, unidas, esboçam diferentes perfis do significado do habitar em comum.

Metodologia e casos de estudo | 0.2.

Embora as etapas percorridas ao longo deste trabalho não constituam, no seu conjunto, um percurso linear e sequencial, cada uma delas contribuiu para a compreensão da amplitude das matérias inerentes ao *Cohousing*, não só ao nível dos campos de investigação ou das disciplinas envolvidas, como também na diversidade e pluralidade de propostas, soluções e experimentações existentes à escala global. Entre o estudo das abordagens teóricas disponíveis em diferentes suportes – quase inexistentes em livrarias ou bibliotecas nacionais – e o trabalho de pesquisa, análise, compreensão e interpretação de diversos conjuntos e edifícios construídos, desenvolveu-se um processo dinâmico em constante evolução, pela vontade de não ignorar a dimensão intrínseca ao conceito e, ao mesmo tempo, conseguir traduzir uma delimitação precisa no campo da arquitetura, quer no estudo e na investigação proposta, quer no resultado final ora apresentado.

Neste sentido, perante um tema vasto e singular, muitas questões iniciais se colocaram.

— Como explorar o *Cohousing* perante a diversidade de experiências que, quer na teoria quer na prática, surgem de diferentes disciplinas, campos de estudo e investigação?

— Como construir uma matriz de organização de um corpo de investigação que não esqueça a amplitude do tema e, ao mesmo tempo, elabore uma aproximação no campo da arquitetura?

— E, como compreender o *Cohousing* enquanto unidade perante estratégias de ação e mecanismos de desenho quase sempre independentes e particulares a cada caso observado?

A primeira etapa de trabalho procurou estabelecer um corpo de conhecimento válido que permitisse compreender os vários tipos de estudos, investigações e publicações existentes e, ao mesmo tempo, transmitir, de forma clara e sucinta, um entendimento geral sobre o assunto. Para tal, averiguou-se um conjunto de recursos, entre livros, jornais, sites, filmes, etc. sobre o tema, sem qualquer tipo de restrição quanto ao conteúdo ou matéria explorada, compreendendo-se aspetos comuns e dispares expostos entre as diferentes fontes.

A partir desse conjunto de informação, selecionou-se uma amostra representativa e elaborou-se um breve resumo dos conteúdos de cada recurso.

Ao mesmo tempo, uma segunda etapa de trabalho permitiu reunir, de forma espontânea, uma primeira lista de casos identificados como projetos de coabitação. Este conjunto surgiu naturalmente do processo de pesquisa dos diversos recursos atrás mencionados e, inicialmente, não se impuseram restrições à inclusão de exemplos. Apenas se obrigava à existência de uma classificação e denominação do projeto segundo o termo *Cohousing* ou outro equivalente conforme a língua de cada país.

Após estas duas etapas, iniciou-se um período de análise, interpretação, comparação e cruzamento dos dados referentes aos casos de estudo encontrados, até delimitar o conjunto de casos de estudo finais, podendo-se dividir-se em três momentos principais.

Num primeiro momento, a partir do inventário de 30 casos recolhidos, elaboraram-se várias tabelas [ver anexo A] que, servindo de uma breve base de dados, organizaram os projetos de acordo com a data de finalização da obra, ou seja, entre 1977 e 2015 e onde reuniram, sempre que existentes, informações específicas a cada um dos casos, nomeadamente, localização, tipo de densidade da edificação, período de realização (início e fim), número de residentes e de unidades habitacionais, área total construída, área de espaços comuns e de espaços privados, número de pisos, tipo de participação dos residentes, funções dos espaços comuns exteriores e interiores, tipologia das unidades privadas, tipo de acessos e distribuição entre os espaços coletivos e os individuais e ainda alguns contactos (sites e endereços de correio eletrónico). Com esta organização foi possível compreender a amplitude de casos e soluções de *Cohousing* existentes um pouco por todo o Mundo para o período em causa.

Num segundo momento, restringiu-se a investigação apenas aos casos cuja data de finalização da construção do projeto pertencia ao século XXI. Seguiu-se nova recolha de informação, agora mais detalhada e específica, quanto aos desenhos, documentos escritos e fotográficos dos casos resultantes desta delimitação de forma a validar e completar as informações inicialmente obtidas. Este processo tornou-se bastante demorado, nomeadamente, pela variedade de países onde se localizam os diferentes casos de estudo e pelo desequilíbrio de informação disponível para cada um. Por outro lado, perante a impossibilidade de deslocação a tantos lugares distintos

e consciente dos riscos de uma abordagem à distância, procurou-se, o mais possível, recolher informação válida junto de diversas entidades, desde ateliers de arquitetura, associações ou grupos de residentes dos respetivos projetos, ora através de um telefonema ora pelo envio de um correio eletrónico solicitando a cooperação neste trabalho com todo o tipo de informação possível: elementos desenhados, documentos escritos, fotográficos, recortes de jornais, publicações em revistas, entre outros. Das respostas obtidas, maioritariamente relevantes ao bom progresso da investigação, destaca-se a contribuição das associações contactadas que, desejando a divulgação do seu projeto, demonstraram-se bastante cooperantes não só no tipo de informação cedida como também na recomendação de referências bibliográficas e exposições que num futuro próximo se iriam realizar no seu país sobre o tema.

Num terceiro momento, reduziu-se a amostra a 15 casos, excluindo-se todos aqueles cuja informação recolhida não permitia o bom desenvolvimento do trabalho, ora pela inexistência ou insuficiência crítica de peças desenhadas ora pela falta de maior detalhe de informação sobre o projeto.

No entanto, a escolha definitiva dos casos de estudo só foi possível após um período de enorme esforço de ordenação e tratamento da informação da amostra definida. A diversidade quantitativa e qualitativa da informação existente exigiu redesenhar plantas, cortes e alçados bem como esquiçar diversos esquemas de análise dos mecanismos de desenho adotados à configuração do habitar em comum, potenciando, assim, a comparação entre casos. Este foi um processo desenvolvido também com recurso a tabelas realizadas à mão onde, de um modo expedito, se retiravam os primeiros esquemas de análise quanto às estratégias de desenho observadas, nomeadamente, nos espaços comuns, privados e de acesso e circulação.

Quanto aos espaços comuns, procurou-se compreender a localização em relação ao conjunto, em esquemas de plantas e corte, a enumeração do tipo de função existentes e a área total correspondente.

Quanto aos espaços privados, pretendeu-se esclarecer o tipo de espaços associados à esfera doméstica individual ou familiar privada e a área total a ela reservada.

Quanto aos espaços de acesso e circulação procurou-se identificar o tipo de ligação existente entre a esfera coletiva e a individual, o número de acessos, a localização dos mesmos em relação ao conjunto, numa análise em esquemas da planta e do corte, o tipo e número de entradas presentes na proposta e o tipo de

circulação presente.

A partir deste estudo foi possível compreender diferentes dinâmicas de desenho associadas aos espaços comuns, privados e de acesso e circulação dos 15 casos de estudo, permitindo reorganizá-los, em conjuntos, de acordo com as semelhanças encontradas. Assim, elaborou-se uma nova tabela que, de forma resumida, organizou em três esquemas distintos as diferentes estratégias observadas, em: **estratégias de independência**, **estratégias de agregação** e **estratégias de integração**. Decorrente desta análise, inicialmente individual e, posteriormente, coletiva, surgiu uma interpretação quanto à escala de coabitação inerente a cada uma das anteriores, respetivamente: **escala do lugar**, **escala do volume compacto** e **escala do 'cluster'**. Interpretação decorrente do significado do habitar em comum e dos graus de partilha e privacidade expressos pelas diferentes estratégias de desenho correspondentes.

Contudo, só mais tarde, após a realização da conferência pela socióloga Monique Eleb¹, foi possível estabelecer o conjunto final de casos de estudo desta dissertação. A partir desta conferência teve-se acesso a outros exemplos de *Cohousing* expostos pela autora, menos conhecidos internacionalmente, que, devido à configuração de estratégias distintas das até então observadas, se considerou importante incluir para ilustrar **estratégias de evolução**, associadas a uma escala de coabitação distinta das anteriores, **a escala do compartimento extra**².

Perante a identificação de estratégias de desenho e, conseqüentemente, de quatro escalas do habitar em comum, foram retirados os excessos e as repetições de casos e confinada a amostra final a 12 casos representativos que, por um lado, permitiam observar a diversidade de soluções possíveis de encontrar em projetos de *Cohousing* e, por outro, possibilitavam definir conjuntos segundo afinidades e semelhanças entre diferentes projetos, de acordo com mecanismos de desenho comuns e aproximadamente repetidos.

¹ Organizada pelo grupo de investigação 'Atlas da Casa' do centro de estudos e investigações em arquitetura e urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e realizada a 28 de Abril de 2017.

² A denominação dada quer às estratégias, quer às escalas surgiu naturalmente como referência ao desenho dos espaços que configuram o lugar do habitar em comum e do significado interpretado dos mesmos.

Numa última etapa, foram então realizados quatro painéis em folhas A1 onde se ordenaram os doze casos de estudo selecionados, que até então se encontravam estudados individualmente, em quatro grupos de três casos cada. Esta organização foi estabelecida com base na interpretação decorrente do estudo e da análise comparativa quanto às diferentes estratégias de desenho observadas, resultando numa diferenciação de escalas de coabitação existentes, ordenando-as desde o menor até ao maior grau de partilha observado.

Esta etapa correspondeu ao culminar da investigação, pela extração de uma interpretação lógica decorrente de todo o processo de análise e comparação desenvolvido ao longo de vários meses, entre avanços e recuos, sucessos e insucessos na procura de delimitações precisas sem criar barreiras forçadas ou até inválidas, perante um tema que, por si só, é vasto e plural e, por vezes, até mesmo um pouco incerto e ambíguo.

Estrutura | 0.4.

Os conteúdos que compõe a presente dissertação estão organizados em cinco capítulos. À particularidade das dinâmicas de cada capítulo corresponde a intenção de criar uma forte unidade de conjunto, num caminhar lento, gradual e progressivamente mais aprofundado sobre o tema.

O **primeiro** capítulo corresponde à exposição do tema. Expõe-se um conjunto de imagens fotografadas diretamente de um livro que afasta ideias pré concebidas que erradamente podem surgir associadas ao *Cohousing*; segue-se uma abordagem à definição do mesmo e, de seguida, apresenta-se, uma revisão de literatura em formato de fichas de leitura separadas e organizadas cronologicamente pela data de publicação do conjunto de manuais e artigos selecionados a partir do século XXI, permitindo um conhecimento mais específico do conteúdo e dos autores de cada um dos recursos e, ao mesmo tempo, orientando na sequência de abertura do capítulo seguinte.

O **segundo** capítulo incide sobre as abordagens feitas ao *Cohousing* a partir do século XXI do conjunto de manuais e artigos selecionados e apresentados no primeiro capítulo, mas agora em formato coletivo, compilando-se diferentes visões sobre os diversos assuntos neles presentes, comparando-se e cruzando-se informação, numa procura em esclarecer tipos abordagens inerentes à amplitude do tema, subdividindo-se em quatro abordagens distintas: **abordagem temporal**, pela referências às origens e evolução histórica do *Cohousing*; **abordagem social**, onde são mencionadas questões relativas ao campo da sociologia; **abordagem projetual**, no qual há uma referência ao campo da arquitetura; e **abordagem geográfica**, pela observação do desenvolvimento deste modo alternativo de habitar à escala global.

O **terceiro** capítulo é um percurso através dos 12 casos de estudo, organizados em quatro grupos distintos de três casos cada, de acordo com as estratégias de desenho aplicadas aos espaços do habitar em comum, classificados em: **estratégias de independência** – onde há uma separação física horizontal entre a esfera comum e a privada; **estratégias de agregação** – pela ligação mais próxima das duas anteriores, num bloco compacto vertical; **estratégias de evolução** – onde o compartimento passa a ser o protagonista do habitar em comum, podendo sofrer modificações, mutações e metamorfoses de acordo com o fator tempo; e **estratégias de integração** – que relembra a ideia de casa partilhada onde os espaços comuns e os privados coexistem numa

mesma unidade de habitação.

Salvo rara exceção – pela pontualidade da inexistência de informação gráfica ou escrita sobre o mesmo – cada caso está apresentado de acordo com um esquema constante, dividido em quatro partes: imagens da proposta; ficha tipo com uma síntese descritiva dos casos: país, nome, localização, tipo de densidade de edificação, data da realização do projeto, arquiteto(s), nº de residentes, espaços comuns e unidades privadas, áreas, nº de pisos, tipo de iniciativa e participação e contactos; planta de implantação à escala 1:800; alternância entre peças de redesenho (plantas, cortes, alçados e esquemas) a diferentes escalas, imagens complementares e texto descritivo da observação do desenhos, dividindo-se, este último, em cinco temas principais: comunidade; projeto; espaços comuns; unidades privadas; e entre o comum e o privado.

O **quarto** capítulo corresponde à reflexão decorrente e diretamente associada às estratégias acima mencionadas, permitindo uma compreensão individual e de conjunto das escalas de coabitação observadas: **escala do lugar** – primeiro grau de coabitação observado, menos intrusivo e resultante de estratégias de independência; **escala do edifício** – segundo grau de coabitação observado, decorrente de estratégias de agregação; **escala do compartimento extra** – terceiro grau de coabitação observada e diz respeito a estratégias de evolução; **escala do 'cluster'** – quarto e último grau de coabitação observado, mais íntimo, com menor intensidade de privacidade e decorrente de estratégias de integração. Estas escalas de coabitação correspondem a uma análise interpretativa da desmontagem das lógicas comuns do desenho do habitar em comum, identificando, no seu conjunto, proximidades e diferenças, evoluções e ruturas de umas em relação às outras.

Por fim, o **quinto** capítulo apresenta as conclusões e ilações resultantes da presente investigação: a Escala de coabitação como matéria do espaço e da arquitetura, permitindo configurar diferentes intensidades do habitar em comum através de estratégias de desenho dos espaços e dos dispositivos arquitetónicos que definem o modo de habitar em *Cohousing*.

Desta forma, **tema, abordagens, estratégias e escalas** expõem a investigação elaborada para esta dissertação sobre o *Cohousing*.

Lista de abreviaturas | 0.5.

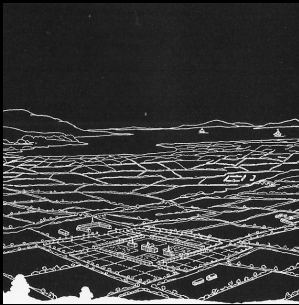
A	alçado
C	corte
P	planta
PI	planta implantação
P-1	planta piso enterrado
P0	planta piso térreo
P1	planta primeiro piso
PT	planta piso tipo
PC	planta cobertura
Puh	planta unidade de habitação
Pup	planta unidade privada
Pec	planta espaço comum
P0up	planta piso térreo unidade privada
P1up	planta primeiro piso unidade privada
E	esquema
EC	esquema do corte
EP-1	esquema planta piso enterrado
EP0	esquema planta piso térreo
EP1	esquema planta primeiro piso
EPT	esquema planta piso tipo
EPC	esquema planta cobertura
EPuh	esquema planta unidade de habitação
EPup	esquema planta unidade privada
EPec	esquema planta espaço comum
EP0up	esquema planta piso térreo unidade privada
EP1up	esquema planta primeiro piso unidade privada

TEMA . 1

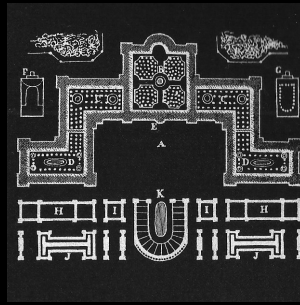
Cohousing NÃO É | 1.1

Definição | 1.2

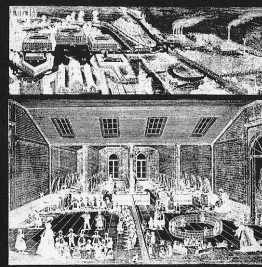
Leituras de referência | 1.3



New Harmony, Robert Owen, 1825.



Falanstério, Charles Fourier, 1841.



Familistério, Jean Baptiste Godin, 1858.



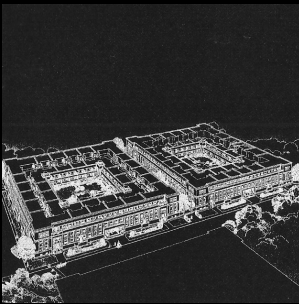
Tulou, Shengwu Lou, 1875.



Comunidade Shaker.



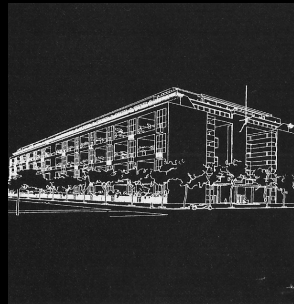
Kibbutz, Israel.



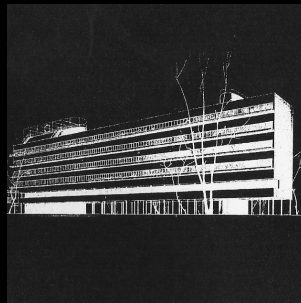
Lexington Terraces, Frank Lloyd Wright, 1909.



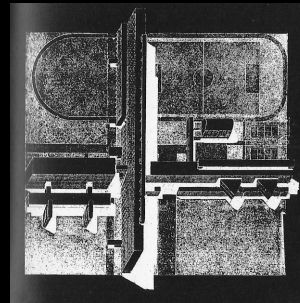
Habitacão mínima, Jacobus Piefer Oud, 1927.



Immeuble Villas, Le Corbusier, 1922.



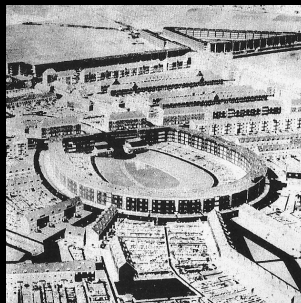
Edifício Narkomfin, Moisej Ginzburg, 1929.



Dom-kommuna, Mihail Barsc e Vyacheslav Vladimirov, 1929.



Karl Marx Hof, Karl Ehn, 1930.



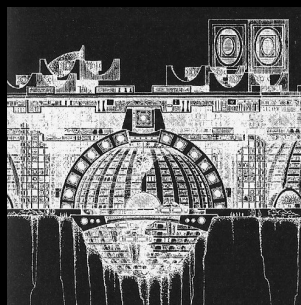
Großsiedlung Britz, Bruno Taut, 1931.



Edifício Isokon, Wells Wintemute Coates, 1934.



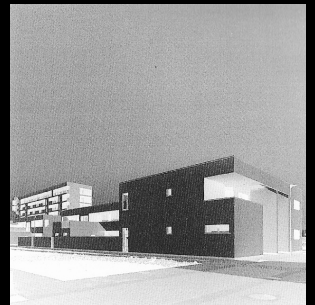
Unidade de habitação, Le Corbusier, 1952.



Arcosanti.



Habitação cooperativas, Pietro Alemagna, 2006.



Habitação Social, Mauro Galantino, 2008.

Definição | 1.2

Cohousing é um termo inglês³ que, apesar de ser aplicado e reconhecido internacionalmente, pode também ser traduzido de acordo com a língua-mãe de cada país – assunto explorado a par da conferência internacional de habitação colaborativa (ICHC), em 2010, em Estocolmo⁴.

O prefixo '- co', podendo aludir a uma controvérsia do conceito, derivado à associação de termos como, por exemplo, o 'comunal', o 'colaborativo' e o 'coletivo' permite, ao mesmo tempo, tal como Vestbro⁵ aponta, para a clarificação e distanciamento do *Cohousing* em relação aos demais modos de habitar. Segundo o autor, o *Cohousing* é uma proposta de habitação que concilia espaços comuns e serviços partilhados com unidades privadas reservadas a cada residente, remetendo-se para a ideia de 'comunal' apenas pelo facto da coabitação dar origem à formação de uma comunidade; 'colaborativo' pela existêncida de um espírito de partilha, entreaajuda ou 'colaboração' entre os residentes; e, 'coletivo' pelo modo de habitar que dá ênfase a uma organização e utilização coletiva de espaços e serviços comuns.

No entanto, esta volatilidade acaba por, indiretamente, facilitar o desenvolvimento de interpretações e imagens erradas quanto ao significado da palavra *Cohousing*. A este respeito, Adolf Barata⁶ acrescenta ainda que, o *Cohousing*, insere-se num panorama heterogéneo, por vezes até inconsistente, não só devido pela dificuldade de estabelecer os limites entre este e as demais formas de habitar como também pela inexistência de um modelo predefinido, podendo variar segundo diversos factores como, por exemplo: os utilizadores, os requisitos impostos pelos mesmos, a posição dos edifícios e o tipo de solução adoptada. Se, para alguns, a máxima é a valorização da componente de partilha, para outros é a vertente económica, ecológica, política, social ou ainda a solução mais prática às necessidades do dia-a-dia, elementos que ajudam à criação de um entendimento plural e diversificado sobre a coabitação.

³ Denominação dada por McCamant e Durrett, nos finais dos anos 1980, no seu primeiro livro sobre *Cohousing*. O termo foi inspirado pelo nome Dinamarquês 'bofaelleskab'. DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Cohousing: A Contemporary Approach to Housing Ourselves*. EUA: Habitat Press, 1988.

⁴ Por exemplo, 'Bofaelleskab' em Dinamarquês; 'Kollektivhus' em Sueco; 'Centraal wonen' em Holandês; 'Cohabitat' ou 'Habitat groupé' em Francês; 'Coabitação' em Português; entre muitas outras designações.

⁵ Descrição sobre o autor [Cap.1, p.39].

⁶Arquiteto e investigador italiano.

Contudo, o *Cohousing* é sempre entendido como uma alternativa, nomeadamente, face às habitações convencionais, como manifesto em relação aos modos de habitar existentes.

“Cohousing é um movimento que cresceu diretamente da insatisfação das pessoas perante as escolhas existentes de habitação e inspira-se nas pequenas cidades e vilas tradicionais onde há um ambiente mais conectado entre pessoas e cujos interesses se baseiam em recursos partilhados e no bem comum.”⁷

Embora, na base do significado do termo esteja uma tradução que, muitas vezes, alicia à observação física dos elementos que o compõe, caracterizam e dão forma, nomeadamente, os espaços comum e os espaços privados, para Jacopo Gresleri⁸, o *Cohousing* exprime algo mais. Para o autor, este relaciona-se com uma forma muito específica de partilhar espaços com serviços, funções e infraestruturas numa mesma esfera doméstica. Não é apenas a vivência comum de espaços mas a comparticipação do uso, onde há a partilha de momentos parciais da vida quotidiana e doméstica de cada um.

“Cohousing é um edifício, mas não só. É um modo de habitar, mas não só. Cohousing é a partilha de espaços, tempo, compromissos, recursos, valores, equipamentos, energia, ideias e disponibilidade, em absoluto respeito pela privacidade e autonomia individual.”⁹

Desta forma, tal como nos diz Kathryn McCamant e Charles Durrett¹⁰ o *Cohousing* é uma forma de comunidade 'intencional' que, no entanto, não abre mão da privacidade ou controlo da vida pessoal de cada um nem possui uma hierarquia ou estrutura de poder organizada, processando-se de forma voluntária, participativa e independente.

⁷ DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Creating Cohousing: Building Sustainable Communities*. Canada: .New Society, 2011, pág.8.

⁸ Descrição sobre o autor [Cap.1, p.44].

⁹ In <https://divisare.com/projects/222571-jacopo-gresleri-mostra-cohousing-abitare-e-condividere>.

¹⁰ Descrição sobre os autores [Cap.1, p.40].

“ Baseado em princípios democráticos, sem qualquer outra ideologia além do desejo de um ambiente doméstico mais prático e social (...) [Ou seja,] com as vantagens de uma vizinhança unida e funcional em pleno século XXI.”¹¹

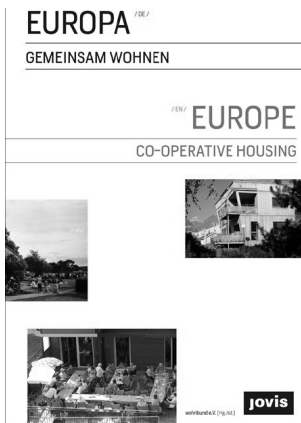
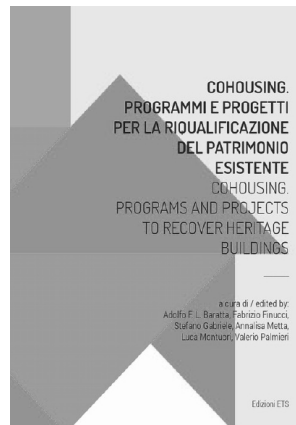
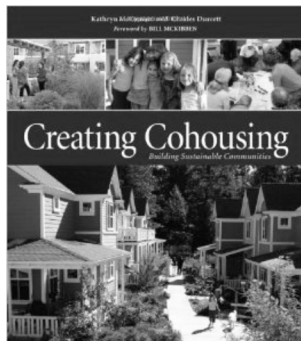
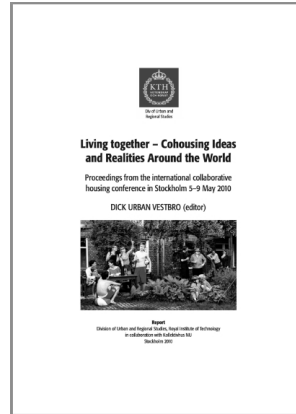
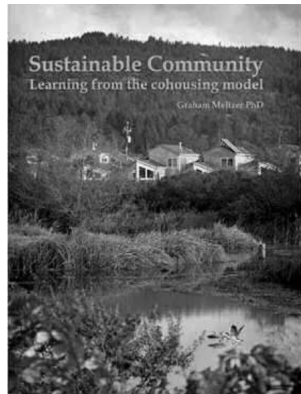
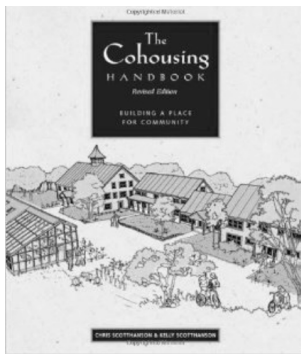
Assim, o *Cohousing* representa, tal como Vestbro afirma numa entrevista ao Instituto Europeu de Design (IED) em Milão, uma ruptura com as estruturas tradicionais de família, especialmente, na esfera doméstica, integrando, segundo Adolf Barata, diferentes áreas e disciplinas como a arquitectónica, a social, a técnica, a financeira ou até a ecológica.

“(...) essencialmente, o Cohousing estabelece uma nova agenda para a habitação do futuro: espacialmente, politicamente, economicamente e socioculturalmente; para novas e transformadoras práticas do domínio urbano.”¹²

Neste sentido, embora o *Cohousing* apresente um carácter por vezes bastante ambíguo ou até mesmo impreciso, exalta valores e sentidos sobre a vida em comunidade que são a evidência de uma 'consciência' para o 'bem comum', onde a participação deliberada e o equilíbrio entre a vida partilhada e a privada é conseguida de forma a que uma não invada ou suprima a outra, permitindo um desenvolvimento saudável do habitar em comum.

¹¹ DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Creating Cohousing: Building Sustainable Communities*. Canada: .New Society, 2011, pág.10.

¹² BARRATA, A., FINUCCI, F., GABRIELE, S., METTA, A., MONTUORI, L., PALMIERI, V. – *Cohousing*. Programme e progetti per la riqualificazione del patrimonio esistente. Pisa: Edizioni ETS, 2014. p.55.



Leituras de referência | 1.3

Ao longo das próximas páginas apresenta-se uma revisão de literatura em formato individual do conjunto de recursos teóricos selecionados da bibliografia geral que, pelo seu valor e conteúdo, servem de base a uma compreensão da amplitude do conhecimento inerente ao *Cohousing*.

Cada manual, não sendo estritamente elaborado por um único autor e podendo conter uma diversidade de artigos realizados por pessoas de diversas nacionalidades e profissões (arquitetos, sociólogos, investigadores, etc.), permite não só dar a conhecer o tipo de estudos e investigações que tem vindo a ser realizadas e publicadas desde o início do século XXI, como atentar na evolução do entendimento sobre o *Cohousing* até à atualidade.

A organização é feita cronologicamente pela data de publicação e apresenta-se em formato de ficha de leitura que expõe um breve resumo sobre os autores e sobre os assuntos inerentes a cada objecto bibliográfico, servindo, deste modo, de nota sumária e de apoio e base ao capítulo seguinte.

São contemplados nove recursos teóricos que se enquadram no período atual, entre o ano de 2005 e 2015.

“The Cohousing Handbook: Building a Place for Community” | 1.3.1

Sobre os autores

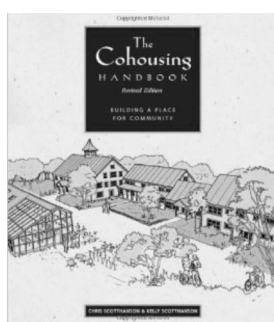
Chris and Kelly ScottHansen são dois investigadores e promotores da habitação em Cohousing. Chris é arquiteto e Kelly é gestora e, desde 1977 trabalham em parceria, apoiando os grupos autopropostos nas diferentes fases do desenvolvimento do projeto quer através da realização de workshops informativos e do contacto direto com as pessoas e com as diferentes entidades de construção, advocacia, etc.

Resumo

“Este livro fala sobre como criar um lugar para viver em comunidade. Fala sobre como tornar possível a experiência de vida em comunidade todos os dias, no lugar onde construímos a nossa casa.”¹³

A partir de uma investigação de base empírica ao longo de 16 anos os autores procuraram estabelecer uma base de entendimento comum relativamente às fases necessárias para a realização de projetos de Cohousing de modo a auxiliar as autopropostas elaboradas por grupos de pessoas. É um manual organizado em 15 capítulos que abordam diferentes tópicos, desde a formulação da ideia até à finalização e construção da mesma. Todos são detalhados exaustivamente e definidos entre uma abordagem de carácter social, nomeadamente, dos processos de formação do grupo, da importância das reuniões e do estabelecimento de regras e valores comuns, até uma abordagem de carácter projetual como, a aquisição e escolha do terreno, as questões ligadas ao financiamento e construção, a importância do recurso a entidades competentes e profissionais, os elementos arquitectónicos, entre outras referências ligadas a aprovações, calendarização e finalização. É um manual que pode ser consultado de forma não linear, permitindo-se abrir o livro em qualquer página aleatória e conhecer um pouco mais sobre um determinado assunto.

Assim, esta referência, embora focada num tipo de iniciativa particular, permite compreender melhor a importância do arquiteto bem como a participação dos grupos na organização, definição e concretização das propostas de Cohousing.



Autor(es)

Chris ScottHansen e Kelly
ScottHansen

Título

'The Cohousing Handbook:
Building a Place for Community'

Editora | Ano

New Society | 2005

Tipo de abordagem

Social | Projetual

¹³ SCOTT-HANSEN, C. e SCOTT-HANSEN, K. – *The cohousing handbook*. Philadelphia: Pa.: New Society, 2005, p.2.

“Sustainable Community - Learning from the cohousing model” | 1.3.2

Sobre o autor

Graham Meltzer é arquiteto e investigador interessado na relação entre habitação, comunidade e sustentabilidade.

Resumo

“A sustentabilidade ambiental anda de mão dada com a sustentabilidade social.”¹⁴

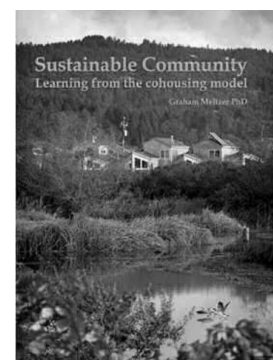
Este livro tem como base o estudo empírico desenvolvido em torno do *Cohousing*. Para o autor, esta forma de comunidade providencia pistas sobre a relação entre as dinâmicas sociais do grupo e os comportamentos pro-ambientais.

Após uma introdução baseada nos manuais escritos por McCamant e Durrett até à data, mencionando características de apoio à definição de *Cohousing*, bem como a origem e evolução do mesmo em diferentes países, há uma divisão do restante livro em duas partes.

A primeira, oferece uma descrição de 12 projetos de *Cohousing* localizados em 5 países distintos com o objectivo de explorar este modo de habitar em diferentes culturas.

A segunda, faz uma análise relativamente às conclusões retiradas dos diferentes casos de estudo, destacando quatro temas: circunstância, interação, relacionamento e compromisso. Neles são refletidas questões ligadas às características físicas da comunidade e do projeto, seus sistemas ambientais, bem como as relações interpessoais e de relacionamento entre o grupo, valores de partilha e suporte e, ainda, o compromisso desenvolvido através do sentimento de pertença existente entre a comunidade e o lugar.

Desta forma, são, posteriormente, retiradas lições relacionando-as com a ideia de sustentabilidade, defendendo-a como corpo de ação necessário ao Homem e à vida em sociedade. É, portanto, uma referência teórica relevante na medida em que permite compreender melhor o significado da vida em comunidade e a importância do seu estabelecimento como fonte de rejuvenescimento social.



Autor(es)

Graham Meltzer

Título

'Sustainable Community - Learning from the cohousing model'

Editora | Ano

Trafford | 2005

Tipo de abordagem

Social | Projetual | Temporal | Geográfica

¹⁴ MELTZER, G. – *Sustainable Community, learning from the cohousing model*. Canada: Trafford, 2005.

“Living together – Cohousing ideas and realities around the world” | 1.3.3

Sobre o autor

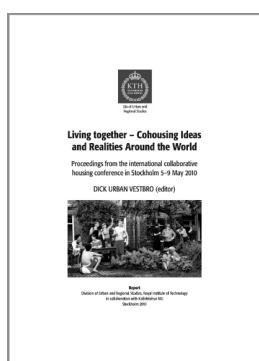
Dick Urban Vestbro é arquiteto, investigador e professor Sueco. O seu estudo ao longo dos anos contribuiu fortemente para a difusão do *Cohousing* um pouco por todo o Mundo. Atualmente, vive numa comunidade de *Cohousing* na Suécia. Realiza diversas conferências e tem inúmeros manuais sobre o tema.

Resumo

“Este livro reflete o espectro dos acontecimentos ocorridos durante os cinco dias de conferência em Estocolmo. Ele transporta ideias de alternativa – e melhores – dos modelos de habitação por forma a disseminá-los por todo o Mundo. Estas ideias são realmente necessárias!”¹⁵

Este livro apresenta um conjunto variado de artigos de diversos autores sobre o *Cohousing*. Os diferentes documentos presentes foram reunidos através da conferência realizada entre 5 e 9 de Maio de 2010 sobre o tema que foi organizado pela associação *Kollektivhus NU* Sueca e pelo departamento de estudos urbanos e regionais do Instituto de Tecnologia KTH — The Royal Institute of Technology. O objectivo era criar um fórum de interesse a várias entidades, desde investigadores, imobiliárias, políticos e ativistas, por forma a serem discutidas e partilhadas ideias e experiências de *Cohousing*.

Os 30 artigos que compõe o livro abordam diferentes assuntos, desde uma possível definição de *Cohousing* e suas principais diferenças relativamente a outros modos de habitação coletiva, uma breve descrição histórica dos acontecimento até à origem do *Cohousing*, uma referência aos aspetos sobre a vida em comunidade, ao tipos de residentes e às relações interpessoais e de partilha; uma alusão aos métodos e processos de desenvolvimento de projetos de *Cohousing* auto propostos até uma exposição de casos de estudo de diferentes países, revelando um pouco mais sobre as características de cada um em particular.



Autor(es)

Dick Urban Vestbro

Título

'Living together – Cohousing ideas and realities around the world'

Editora | Ano

Division of urban and Regional Studies, KTH, e Kollektivhus NU | 2010

Tipo de abordagem

Social | Projetual | Temporal | Geográfica

¹⁵ VESTBRO, U. — *Living together: Cohousing ideas and realities around the world*. Estocolmo: Division of urban and Regional Studies, KTH, e Kollektivhus NU, 2010. p.9.

“Creating Cohousing: Building Sustainable Community” | 1.3.4

Sobre os autores

Kathryn McCamant e Charles Durrett são dois arquitetos Americanos que se dedicam ao estudo do Cohousing. A primeira publicação deste manual, em 1988, permitira uma maior difusão do modelo no seu país.

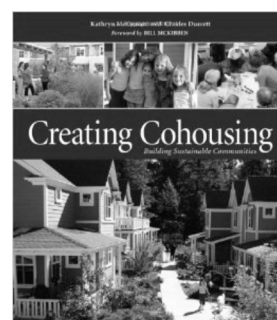
Resumo

“As comunidades de Cohousing criam oportunidades únicas para projetar estilos de vida mais sustentáveis. Seja em meio urbano, suburbano ou rural; Sênior ou multigeracional; Requalificado ou novo, os autores mostram como as estruturas físicas das comunidades de Cohousing as conduzem a um uso mais eficiente dos recursos e ao desenvolvimento de uma componente social maior.”¹⁶

Na primeira publicação deste livro, no ano de 1988, apresentam-se os resultados do estudo empírico dos autores aquando da visita à Dinamarca, revelando aspetos sobre o Cohousing dinamarquês. Desde essa data muitas propostas foram desenvolvidos na América e, como resultado, os autores decidiram publicar uma nova edição do mesmo livro, refletindo agora sobre o modo como esse trabalho tem vindo a ser praticado, numa revisão dos acontecimentos até ao ano de 2011.

Este livro combina então considerações práticas sobre a vida em comunidade com abordagens projetuais. A primeira parte examina os novos estilos de vida e reflete sobre as características chave que ajudam a uma melhor compreensão da definição do Cohousing. A segunda parte dá a conhecer a evolução deste modo de habitar em diferentes países da Europa e da América do Norte, através de uma observação de diferentes casos de estudo realizados no século XX, exaltado o valor do processo participativo para a criação destes projetos e expondo, de forma sumária, alguns temas emergentes como a sustentabilidade, legalidade e longevidade nestas propostas.

Cada caso de estudo é apresentado segundo as suas características principais, numa exploração mais aprofundada ao nível da vertente social.



Autor(es)

Kathryn McCamant e Charles Durrett

Título

'Creating Cohousing: Building Sustainable Community'

Editora | Ano

New Society | 2011

Tipo de abordagem

Social | Projetual

¹⁶ DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Creating Cohousing: Building Sustainable Communities*. Canada: New Society, 2011. [prefácio].

“Cohousing in the Making” | 1.3.5

Sobre o autor

Karin Krakfors é Arquiteta e Professora na Universidade Aalto em Helsínquia, Finlândia.

Resumo

“A natureza do Cohousing e o que ele tem a oferecer à sociedade de hoje é a questão básica que se coloca. Poderá o Cohousing desenvolver algo com a capacidade de desafiar os modelos prevalecentes de habitação e criar novas práticas sociais dentro das cidades?”¹⁷

Os conteúdos apresentados ao longo deste artigo contornam e confrontam a questão acima exposta, dividido-se em seis tópicos principais: o conceito, a questão social, a renovação urbana, a conquista à sustentabilidade, políticas e utopias e o futuro.

No primeiro, intenta-se à apresentação de um significado de *Cohousing*.

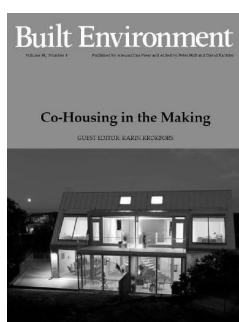
No segundo interpreta-se um conjunto de interações sociais observadas no estudo de dois casos particulares de coabitação.

No terceiro aponta-se para uma relação entre o *Cohousing* e o impacto na renovação urbana, na reparação dos municípios enquanto agente de inclusão e potenciador de um espírito mais comunitário, permitindo agitar mercados imobiliários e preços. Ou seja, criar um nova prática social através da coabitação. Para tal aponta-se algumas investigações efetuadas na Alemanha.

No quarto, intenta-se a um pensamento sobre a conquista de uma nova sustentabilidade através da coabitação. O *Cohousing* é interpretado como agente e promotor social, aspeto relevante na sociedade contemporânea, permitindo enfrentar e dar soluções a questões tão variadas como a alienação, o isolamento social, a adaptação a diferentes estilos de vida, etc.

Por sua vez, no quinto, há uma breve referência histórico-evolutiva deste modo de habitar em comum.

Por fim, o sexto e último tópico aponta-se para uma ideia conclusiva sobre o futuro do *Cohousing*, mencionando um conjunto de desafios que este atravessa para a sua evolução.



Autor(es)

Karin Krokfors

Título

'Cohousing in the Making' Vol.38

Nº3

Editora | Ano

Alexandrine Press | 2012

Tipo de abordagem

Social | Histórico

¹⁷ KROKFORS, K. – “Co-Housing in the Making”. In Built environment. Vol.38. Nº. 2. Reino Unido: Alexandrine press. 2012. p.309.

“Cohousing: programmi e progetti (...) del patrimonio esistente” | 1.3.6

Sobre os autores

Os diferentes autores deste livro são investigadores de diversas áreas disciplinares. A partir de um ‘call for papers’ realizado pelo Centro de Investigações do Departamento de Arquitetura da Universidade de Roma foram recebidos artigos sobre o tema que assim serviram para a publicação deste manual.

Resumo

“Toda a liberdade e autonomia de uma casa privada, juntamente com os benefícios da partilha de espaços, recursos e serviços coletivos. Embora não represente uma solução muito comum (...) o Cohousing é, no entanto, uma das áreas de investigação e projeto mais estimulantes e atuais.”¹⁸

De acordo com os autores, o Cohousing é um modo de habitar que assume uma posição complexa devido aos diversos agentes que afetam o seu estabelecimento como, por exemplo, o tipo de utilizadores finais – trabalhadores, estudantes, idosos, divorciados, comunidades mistas – os seus requisitos – tipo e número de espaços, recursos e serviços – a posição dos edifícios – em meio urbano, ou rural – bem como o tipo de solução adotada – nova construção ou recuperação de um edifício existente.

Desta forma, este livro é o resultado de uma investigação multidisciplinar que dá uma visão clara sobre o Cohousing, numa apresentação que organiza as 35 contribuições de acordo com três áreas distintas: a primeira relaciona-se com questões os instrumentos do planeamento de projeto; a segunda dá informação quanto à organização dos espaços à coabitação e, por fim, a terceira reflete sobre questões de manutenção e gestão dos espaços comuns e privados presentes.

Assim, este manual torna-se importante devido à aproximação ambivalente ao tema, permitindo conhecer um ponto de situação relativamente atual do modo como este está a ser estudado e desenvolvido.



Autor(es)

Adolfo F. L. Baratta, Fabrizio Finucci, Stefano Gabriele, Annalisa Metta, Luca Montuori, Valerio Palmieri

Título

Cohousing: programmi e progetti per la riqualificazione del patrimonio esistente

Editora | Ano

Edizioni ETS | 2014

Tipo de abordagem

Social | Histórico

¹⁸ BARRATTA, A., FINUCCI, F., GABRIELE, S., METTA, A., MONTUORI, L., PALMIERI, V. – *Cohousing. Problemi e progetti per la riqualificazione del patrimonio esistente*. Pisa: Edizioni ETS, 2014, p.11.

“Europe – co-operative housing” | 1.3.7

Sobre os autores

Micha Fredrowitz trabalha como consultora de habitação e planeamento. Ernst Gruber é arquiteto, investigador e professor. Andreas Courvoisier e Andreas Hofer são duas arquitetas Suíças. Peter Bakker é membro de uma associação que promove o *Cohousing*. Lidewij Tummers é, desde 2006, tutor na Faculdade de Arquitetura TU Delft e tem desenvolvido inúmeros estudos sobre este modo de habitar. Els de Jong é investigador especializado em habitação. Bruno Parasote é engenheiro. Martin Field é investigador da Universidade de Nothampton, Inglaterra. Veronika Bestaková é arquiteta. Britta Tornow é especializada em planeamento urbano. Dick Urban Vestbro é arquiteto, investigador e professor na Royal Institute of Technology. Susanne Urban é arquiteta Norueguesa e Anna Helamaa é arquiteta e professora da Universidade de Arquitetura em Tampere, Finlândia.

Resumo

Em 1989 foi organizado um congresso internacional sobre novas formas de habitar. A partir dele foram reunidos um conjunto de artigos sobre movimentos de *Cohousing* em diferentes países. Agora, passados 25 anos desde essa data, este livro foi publicado como um novo olhar sobre os movimentos contemporâneos de *Cohousing*, numa tentativa de dar a conhecer como tem vindo a ser desenvolvido em diferentes países e quais os apoios e processos de desenvolvimento criados.

Tomando em consideração as mudanças sociais, as modificações das estruturas familiares e das condições de trabalho bem como o aumento da preocupação relativa às matérias ambientalistas, novas formas de habitar emergiram em quase todos os países da Europa. Desta forma, esta publicação pretende apresentar um pouco da natureza diversa através de um compêndio de diversos artigos publicados por diferentes autores examinando por país a posição ocupada pelo *Cohousing*, as tradições, políticas e o panorama do mercado imobiliário.

Para além deste tipo de abordagem de carácter geográfico e político-económico são ainda reveladas as condições sobre as quais os projetos são realizados e quais os atores revelantes do seu processo de desenvolvimento e construção.

Esta informação apresenta-se dividida por artigo e respectivo autor dentro de cada um dos 10 países mencionados: Áustria, Suíça, Holanda, França, Grã-Bretanha, República Checa, Finlândia, Noruega, Suécia e Dinamarca.



Autor(es)

Micha Fredrowitz, Ernst Gruber,
Andreas Courvoisier, Andreas
Hofer, Ulrich Kriese, Peter Bakker,
Lidewij Tummers, Els de Jong,
Bruno Parasote, Martin Field,
Veronika Bestaková, Britta Tornow,
Dick Urban Vestbro, Susanne
Urban e Anna Helamaa

Título

'Europe – co-operative housing'

Editora | Ano

Wohnbund e.V. | 2015

Tipo de abordagem

Geográfica

“Cohousing – esperienze internazionali di abitare condiviso” | 1.3.8

Sobre o autor

Jacopo Gresleri é um arquiteto Italiano e professor do politécnico de Torino. Desenvolve investigação no âmbito da habitação partilhada, em específico, do *Cohousing*.

Resumo

“Este livro está dividido em várias partes e documenta as principais experiências de Cohousing no Mundo.”¹⁹

Jacopo Gresleri examina o *Cohousing* ao longo do tempo e em diversos países do Mundo: Austrália, Áustria, Canada, Dinamarca, Finlândia, Itália, Noruega, Nova Zelândia, Holanda, Reino Unido, Suécia e Estados Unidos da América. Procura estimular a reflexão sobre alguns aspectos importantes da sociedade contemporânea numa procura de respostas aos problemas habitacionais existentes.

Este livro divide-se em três partes, abordando em cada uma aspectos relativos ao *Cohousing*.

Na primeira parte é feita uma reflexão e investigação sobre o que pode ser ou não entendido por *Cohousing*, uma referência às possíveis origens, história e evolução do modelo no tempo, bem como a divisão do mesmo de acordo com modelos recorrentes.

Na segunda parte são apresentadas uma coleção e ilustração de casos por país, estudados individualmente de acordo com as suas características principais.

Na terceira parte, são expostos outros exemplos deste modo de habitar partilhado, de forma mais específica de acordo com o tipo de desenvolvimento e os utilizadores finais.

Com este livro, o autor tenta desmistificar o conceito de *Cohousing*, revelando o valor da partilha e a impossibilidade de exercer uma inteira comparação com outras formas de habitar passadas e presentes muitas vezes associadas, considerando que o *Cohousing* é uma promessa à revitalização da cidade e a uma melhor adaptação face aos novos estilos de vida existentes.



Autor(es)

Jacopo Gresleri

Título

'Cohousing – esperienze internazionali di abitare condiviso'

Editora | Ano

Plug_in | 2015

Tipo de abordagem

Temporal | Geográfica

¹⁹ GRESLERI, J. – COHOUSING, *esperienze internazionali di abitare condiviso*. 2015, p.9.

“Ensemble mais séparément – les lieux de la cohabitation” | 1.3.9

Sobre os autores

Monique Eleb é psicóloga, socióloga e Investigadora francesa. Sabri Bendimérad é arquiteto e professor na Escola Nacional Superior de Arquitetura Paris-Malaquais.

Resumo

“A coabitação não é uma ideia nova, no entanto, atualmente observam-se propostas espaciais específicas. Como são organizados os espaços dedicados à coabitação? Como se adaptam as pessoas de diferentes idades? Que estilo de vida está interpretam? Quais os valores que partilham?”²⁰

Neste artigo, os autores abordam o *Cohousing* em três capítulos distintos, denominados de: coabitantes e espaços partilhados, como viver em comum e qualidades e organização dos espaços à coabitação.

No primeiro são mencionados conteúdos referentes ao próprio trabalho de investigação desenvolvido bem como uma pequena referência ao tipo de residentes e espaços da vida em comunidades de *Cohousing*.

No segundo há uma alusão a diversas questões presentes na vida em comunidades de *Cohousing* como: regras, gestão de bens comuns, comportamentos evidenciados, valores e civismo, intimidade, transparência, gestão, manutenção e o tempo, como fator máximo da vida em comunidade partilhada.

No terceiro são abordados temas mais específicos sobre as condições físicas do habitar em comum tais como: variedade e características dos espaços em diferentes casos de estudo.

Este é um artigo que, pela observação e análise empírica de casos, nomeadamente em França, retira um conjunto de interpretações sobre os modos de atender as dinâmicas e relações sociais entre coabitantes. Da sua leitura é possível indicar uma diversidade de interações, relacionamentos, circunstâncias e compromissos de acordo com os valores e culturas distintas dos elementos que constituem o grupo de residentes.



Autor(es)

Monique Eleb e Sabri Bendimérad

Título

'Ensemble mais séparément – les lieux de la cohabitation'

Editora | Ano

- | 2015

Tipo de abordagem

Social

²⁰ In <http://lerovermerlinsource.fr/savoirs-de-l-habitat/chez-soi/ensemble-mais-separement-les-lieux-de-la-cohabitation/>

ABORDAGENS ao Cohousing . 2

Abordagem Temporal | 2.1

Abordagem Social | 2.2

Abordagem Projetual | 2.3

Abordagem Geográfica | 2.4

A dificuldade em estabelecer uma definição única e oficial sobre o *Cohousing* induz, muitas vezes, ao equivoco e a uma errada associação deste modo de habitar com outras experiências mais remotas ou recentes que compõe a história do pensamento em torno da habitação [Cap.1, p.29].

Perante a convicção de que o *Cohousing* é uma alternativa, um desejo de mudança em relação aos modos de habitar convencionais, entende-se que o expressar da vida em comunidade nesta macro esfera é muito mais do que apenas um conjunto de espaços, de funções ou serviços comuns, mas a própria partilha de momentos da vida doméstica, das experiências do habitar e do habitante, do quotidiano, do casual, do espontâneo, na qual a esfera coletiva e a individual convivem, sem que uma invada ou atravesse bruscamente e impositivamente a outra, tal como nos dizem McCamant e Durrett: “O *Cohousing* oferece uma ‘nova’ abordagem à habitação, mais do que um novo estilo de vida”²¹

Mas, se por um lado, atribuir um só significado à coabitação é demasiado redutor, por outro, a impossibilidade de estabelecer um modelo único é real, porque a variação das ambições pessoais, valores comuns, aspetos sociais, arquitetónicos, políticos, entre outros, parece não só contribuir para uma volatilidade do conceito como também para desencadear uma pluralidade de aplicações do mesmo que, conseqüentemente, dá origem a uma grande amplitude de conhecimento necessário para a compreensão integral do seu significado.

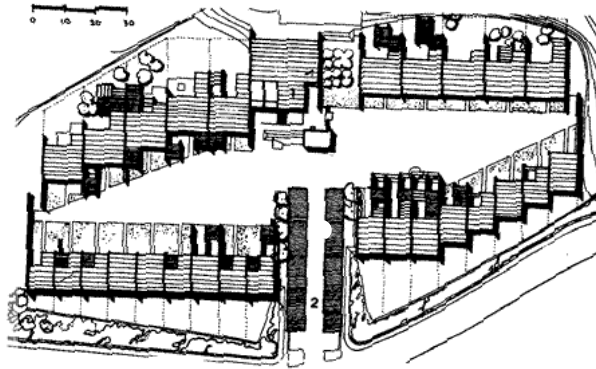
Neste sentido, ao longo das próximas páginas procurou-se revelar um corpo de conhecimento sobre o tema, esclarecendo um conjunto diverso de aspetos sobre diferentes abordagens que têm vindo a ser desenvolvidas sobre o *Cohousing* em diversas disciplinas ao longo dos últimos anos, divididas em: história, sociologia, arquitetura e geografia.

²¹ DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Creating Cohousing: Building Sustainable Communities*. Canada: New Society, 2011, pág.9

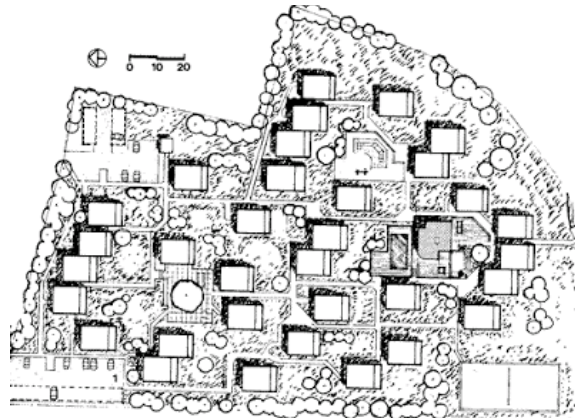
Abordagem **TEMPORAL. 2.1**

as origens do *Cohousing* | 2.1.1

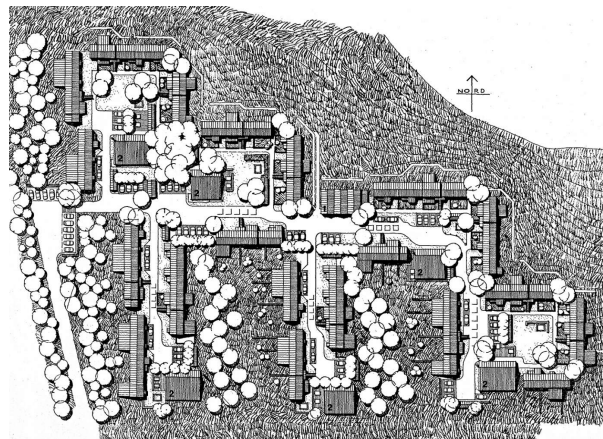
a história e a evolução | 2.1.2



[1] Implantação da Unidade Saettedammen, 1972.



[2] Implantação da Unidade Skraplanet, 1973.



[3] Implantação da Unidade Hall, 1978.

as origens do Cohousing | 2.1.1

É consensual que a origem da habitação em Cohousing surgiu na Dinamarca em meados dos anos 1970, pelo nome de 'bofaelleskab' – que significa 'comunidade viva' – como resposta a problemas da sociedade pós-industrial.

*"O Cohousing apareceu primeiro na Dinamarca, durante dos anos 1970 e daí difundiu-se no Norte da Europa durante os anos 80. Nos anos 90 acabou por chegar aos Estados Unidos da América, Canada e Austrália. E, mais recentemente apareceram projetos no Reino Unido, Nova Zelândia e Japão."*²²

O objetivo era tentar encontrar alternativas aos modelos convencionais de habitação: *"Uma habitação que fosse um antídoto às doenças da era industrial; uma habitação que abraçasse as necessidades das pessoas; uma habitação que criasse uma comunidade alegre e prospera."*²³

Jacopo Gresleri²⁴, um dos autores fundamentais para entender as origens do Cohousing refere o impacto que quer o debate cultural ocorrido durante esse período em torno do tema da habitação, quer a contribuição de diversas publicações²⁵ tiveram na reflexão sobre o modo de pensar e ver a habitação coletiva, desencadeando contestações na sociedade Dinamarquesa. É neste contexto que, entre 1962 e 1966, Jan Gudmand-Hoyer e cinco amigos, e respetivas famílias, se juntaram para pensar numa alternativa habitacional, construindo duas propostas que, mais tarde, foram consideradas os primeiros projetos de Cohousing na Dinamarca: a unidade *Saettedammen* e a unidade de *Skraplanet*. Ambas eram constituídas por habitações implantadas em torno de uma 'casa comum', onde se podiam encontrar diversos espaços para o uso partilhado entre todos os residentes.

Jan Gudmand-Hoyer descrevia ambos os projetos como a passagem do 'Homem produtivo' para o 'Homem lúdico', quer pelo desenvolvimento de uma

²² MELTZER, G. – *Sustainable Community, learning from the cohousing model*. Canada: Trafford, 2005, p.3.

²³ DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Creating Cohousing: Building Sustainable Communities*. Canada: New Society, 2011, p. 39.

²⁴ GRESLERI, J. – *COHOUSING, esperienze internazionali di abitare condiviso*. 2015

²⁵ Como, por exemplo, o artigo intitulado "Children Should have one hundred parents" de Bodil Graae, de 1967, ou o artigo intitulado "The missing link between utopia and the dated one-family house" de Gudmand-Hoyer, de 1968. Apesar do conhecimento da sua existência não foi possível em tempo útil ter acesso a partes parciais ou integrais dos mesmos.

proposta auto participativa, quer pela promoção da interação social entre os habitantes²⁶.

A par destas primeiras iniciativas, Jacopo Gresleri acrescenta o concurso promovido em 1971 por parte do '*Danish Building Research*' – Instituto de investigações Dinamarquês – para o desenvolvimento e construção de um complexo residencial. Do concurso acabaria por sair vencedor o atelier Vandkunsten constituído por um grupo de jovens arquitetos²⁷ que, a partir das primeiras experiências de *Cohousing* realizadas por Jan Gudmand-Hoyer, pensaram numa proposta que combinasse a construção de unidades individuais com um conjunto de espaços e serviços comuns, num trabalho que se pretendia em estreita colaboração com os futuros residentes, fazendo-os participar ativamente em todas as fases do projeto. Este complexo acabaria por, em 1991, ser denominado de '*Hall*'.

Devido ao sucesso desta iniciativa e projeto, foi desencadeada uma série de revisões profundas das políticas de habitação Dinamarquesas que, antes, eram muito voltadas para a habitação coletiva de alta densidade ou para bairros com casas geminadas, levando o governo a aprovar, em 1981, uma nova lei, denominada '*Cooperative Housing Association Law*', que pretendia promover e facilitar o desenvolvimento de novos projetos de coabitação.

Para além desta abordagem à origem do *Cohousing*, como uma referência Dinamarquesa, quer Jacopo Gresleri quer Vestbro, mencionam o aparecimento do mesmo tipo de experiências na Suécia, através de um processo que, não sendo tão espontâneo como as iniciativas dinamarquesas, se desenvolveram apoiando-se numa sequência mais ampla de experiências pontuais realizadas na Europa desde a primeira metade do século XIX.

²⁶ Apesar de algumas modificações, ambas as comunidades ainda estão ativas atualmente.

²⁷ Cujos nomes são Svend Algren, Jens Thomas Arnfred, Michael Sten Johnsen e Steffen Kragh.

a história e a evolução | 2.1.2

Efetivamente, ao longo da história existiram, um pouco por todo o Mundo, diversas experiências que tentaram conciliar a habitação com a ideia de comunidade. Tal como Vestbro indica²⁸, estas fazem parte de um processo evolutivo até à origem do *Cohousing*, mas que não podem ser associados diretamente ao mesmo pois servem apenas como base à compreensão cronológico-temporal dos acontecimentos.

Desta forma, tanto Vestbro como Jacopo Gresleri, apresentam uma série de experiências passadas relevantes para a compreensão do *Cohousing*. Apesar de considerarem difícil uma delineação precisa sobre uma sequência histórico-evolutiva, ambos mencionam quatro episódios principais: **as comunidades utópicas, a ideia de cozinha central, a passagem de um sistema de serviços contratualizados para um outro de colaboração entre habitantes** e, por fim, **a configuração das primeiras comunidades e edifícios de *Cohousing***.

A viagem começa através da idealização de **comunidades utópicas**.

Tal como Vestbro refere, a reminiscência pode remontar até 2400 anos atrás, quando Platão descrevia visões de uma comunidade e habitat ideal onde tudo estava organizado coletivamente²⁹. Ou ainda, ao ano de 1506, com o inglês Thomas More³⁰, humanista renascentista, que no seu livro 'Utopia'³¹ idealiza, pela crítica à sociedade da época, uma comunidade ideal onde as pessoas habitavam em grupos e partilhavam os espaços. No entanto, segundo o autor, é 300 anos mais tarde que, através das brutais mudanças trazidas pela industrialização, se exaltaram valores em prol de uma sociedade mais igualitária onde o trabalho e a vida fossem organizados de forma coletiva. Apoiadas em diferentes teorias proto socialistas do século XIX foram desenvolvidos diferentes complexos residenciais.

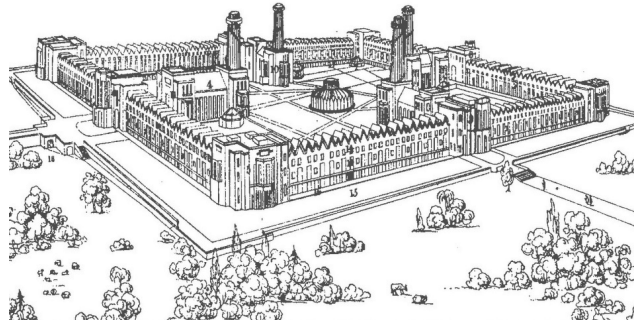
O '*Parallelogram*' de Robert Owen, o Falanstério de Charles Fourier e o Familistério de Jean Baptiste Godin são as primeiras três referências mencionadas.

²⁸ VESTBRO, U. – "History of *Cohousing* – Internationally and in Sweden". In VESTBRO, U. – *Living together: Cohousing ideas and realities around the world*. Division of urban and Regional Studies, KTH, e Kollektivhus NU, 2010, p.42-55.

²⁹ Como exemplo temos a obra intitulada 'A república' onde faz referência a uma cidade ideal chamada de "Kallipólis", que significa 'cidade bela'.

³⁰ Homem do estado, diplomata, escritor, advogado ocupou vários cargos públicos, e em especial, de 1529 a 1532, o cargo de "Lord Chancellor" – Chanceler do Reino – de Henrique VIII da Inglaterra.

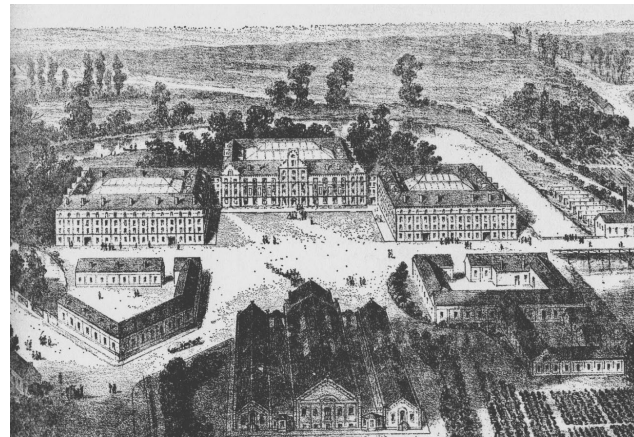
³¹ Obra cujo nome sugere uma ironia pelo significado da palavra 'utopia' como um não-lugar ou lugar inexistente em parte inspirada no livro "A República" de Platão. Este livro tem dois volumes: no primeiro, é feita uma crítica à Inglaterra da época em que o autor vivia e, no segundo, é apresentada uma sociedade alternativa.



[4] Proposta 'New Harmony' de Robert Owen.



[5] Falanstério de Charles Fourier.



[6] Familiário de Jean Baptiste Godin.

Na primeira, Owen idealizava uma nova e perfeita ordem social através da convicção de que controlar o meio, poderia servir também para controlar o carácter das pessoas, acabando por, em 1825, emigrar para a América do Norte e aí concretizar a sua proposta de vida comunitária ao qual chamaram '*New Harmony*'.

Na segunda, o Falanstério do socialista utópico francês Charles Fourier, imaginou-se, com base num sistema cooperativo³² no qual os trabalhadores pudessem viver em 'palácios sociais' onde tudo era sua propriedade. Para além de existir uma cozinha coletiva, uma sala de jantar, escolas, jardins de infância, teatro e vários jardins, foram pensadas instalações e oficinas para o processamento dos produtos agrícolas, dando aos trabalhadores a hipótese de possuírem os seus próprios meios de produção. No entanto, as ideias de Charles Fourier não colheram grandes apoios tendo mesmo sido proibidas.

Mas, mais tarde, em 1858, Jean Baptiste Godin³³ conseguiu, em Guise, no Norte de França, executar um projeto inspirado no Falanstério, denominando-o de Familistério. Embora com referência e influência do anterior, o Familistério distancia-se do Falanstério em alguns pontos: Charles Fourier desejava uma igualdade de género e a libertação das repressões sociais através do Falanstério, e Jean Baptiste Godin utilizaria a ideia como forma de controlo sobre os seus operários, mantendo a distinção de funções entre Homens e Mulheres.

Estes exemplos correspondem a experiências importantes que, posteriormente, influenciaram outros modelos de habitação, quer nos Estados Unidos quer na Europa, nomeadamente através de movimentos feministas, anarquistas e trabalhadores.

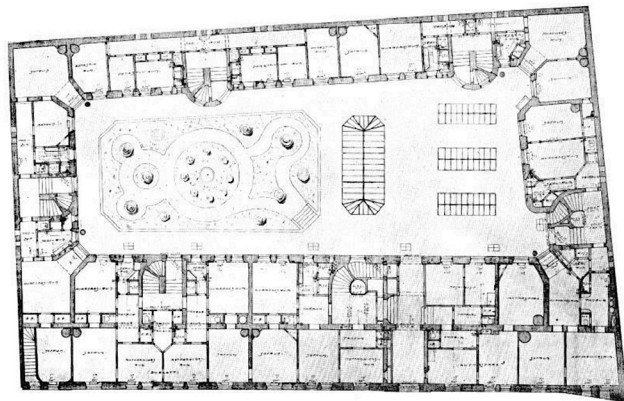
É neste âmbito que surge **a ideia de cozinha central** associada a um modelo de habitação coletiva que partia da consideração de que era absurdo cada habitação ter uma cozinha própria no qual cada mulher passariam o mesmo número de horas na preparação das refeições para a sua família.

Na formalização desse conceito, Jacopo Gresleri dá destaque a Lily Braun.

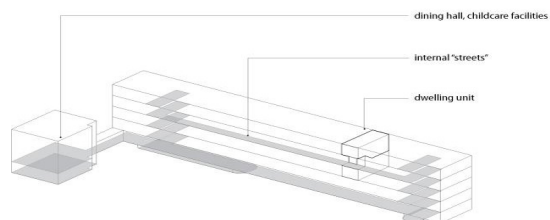
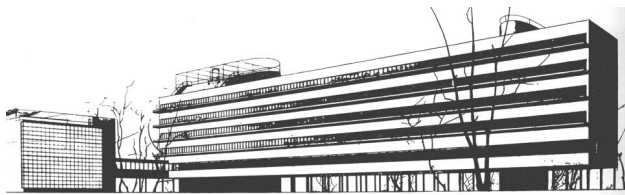
Lily Braun, nobre e membro do Partido Social-Democrata alemão, concebeu uma proposta residencial com sessenta unidades agrupadas em torno de um jardim comum com o objetivo de libertar a mulher do peso dos trabalhos domésticos, propondo a exteriorização dos serviços domésticos a entidades e pessoas

³² Com referência ao palácio de Versailles que, já na altura, era uma obra famosa.

³³ Industrial e membro do Senado.



[7] Edifício *Hemgarden Centralkok* de Hagstrom&Ekman.



[8] Edifício *Narkomfin* de Moisei Ginzburg e esquema: espaços comuns, ruas interiores e unidade de habitação.



[9] Serviço de cozinha central: pedido e recepção. Edifício *Ericsonsgatan*.

especializadas para o efeito com a construção de um piso térreo bem equipado e com capacidade para atender à demanda dos residentes.

A partir desta experiência surgiram cada vez mais ações em torno da criação de alternativas de habitação coletiva pela conciliação da esfera doméstica privada com diferentes espaços sociais comuns e serviços coletivos .

Nesta sequência, Vestbro e Gresleri mencionam o modelo '*Einkuchenhaus*', também chamado de '*Service House*', referindo, como exemplos, os projetos do Professor Otto Fick para Copenhaga, em 1903, chamado de '*Fick's Collective*' e do atelier de arquitetura Hagstrom&Ekman³⁴, entre 1905-1907 para a cidade de Estocolmo, denominado de '*Hemgarden Centralkok*'. Estes eram destinados a diversas famílias, desde solteiros, casais com ou sem filhos, mães com crianças, homens e mulheres trabalhadoras, jovens e idosos, onde cada um possuía uma unidade habitacional e não existiam cozinhas na esfera doméstica privada. As cozinhas eram centrais comuns e localizavam-se na cave do edifício. A intenção era dar uma visão pragmática à gestão da habitação, economizando tempo e custos.

Para além destes dois exemplos, Monique Eleb³⁵ menciona ainda o edifício '*Narkomfin*', na Rússia, projetado por Moisei Ginzburg, em 1928, onde a cozinha e os diversos espaços de estar e lazer para uso comum estavam colocados num edifício separado do bloco de apartamentos. Aqui, a ideia já passava pela libertação das mulheres das tarefas domésticas pela coletivização dos serviços, podendo, estas, passar a assumir um papel semelhante ao dos homens no mundo do trabalho. Este edifício, projetado para funcionários do Comissariado das Finanças, foi uma oportunidade para Ginzburg experimentar a conciliação da esfera doméstica privada com a vida comunitária, modelo que acabaria por influenciar, mais tarde, Le Corbusier, no projeto da Unidade de Habitação de Marselha, em 1952, reforçando o papel do edifício de habitação coletiva de 'condensador social'³⁶.

Em 1935, Alva Myrdal e Sven Markelius dão mais um passo neste processo, com o seu *Kollektivhus*³⁷ denominado *Ericssonsgatan* que tinha como influência o modelo '*Einkuchenhaus*', e as experiências de cozinha central, mas onde existia

³⁴ Atelier de Georg Hagstrom e Frithiof Ekman.

³⁵ A par da conferência realizada na FAUP a 28 de Abril de 2017, intitulada "*Les lieux pour la cohabitation*".

³⁶ FERNÁNDEZ, A. – "Hybrid versus Social Condenser" In *A+1.Hybrids III – híbridos residenciales*. Espanha: a+t ediciones, 2009, p.16-38.

³⁷ Que significa 'habitação comum'.

também a possibilidade dos futuros residentes escolherem o lugar onde pretendiam executar o projeto e de participarem no seu desenvolvimento³⁸. Entre 1955-1956, na Suécia, acabariam por surgir outros *Kollektivhus*, dos quais Vestbro refere o projeto '*Hasselby family hotel*', onde, os residentes passavam a ter um papel de autogestão, nomeadamente, quanto à utilização e manutenção dos espaços comuns³⁹.

A partir deste momento, o autor considera que a série de episódios que se seguem fazem parte do conjunto de conquistas e fracassos do percurso até à origem do *Cohousing*. Entre eles destaca o movimento criado, em 1968, por um grupo de jovens que, devido à adoção da ideia de habitar em comum, geraram alguma polémica, mas também despoletaram o interesse por parte de pessoas influentes, como é o caso de Brita Akerman. Enquanto investigadora do governo sueco, Brita Akerman, analisou as vantagens da ideia de coabitação e acabou por, em meados de 1970, defender, a coletivização dos espaços e a interajuda como forma de criar relações sociais mais fortes.

*"(...) Assim, a par dos apartamentos individuais, deveriam existir espaços coletivos onde os habitantes pudessem conhecer-se e entreatujadar-se e, assegurar, em diferentes os aspetos, que todos tivessem a ajuda e as oportunidades que precisam."*⁴⁰

Ainda, nos finais dos anos 1970, as ideias do grupo BIG⁴¹ defendiam, por um lado, a redução da área habitacional privada para a criação de maiores espaços de uso comum e, por outro, deixar de pensar no trabalho doméstico como um serviço.

Assim, há então **a passagem de um sistema de serviços contratualizados para um outro de colaboração entre habitantes.**

Os trabalhos domésticos passariam a ser exercidos pelos próprios residentes de forma compartilhada, oferecendo mais tempo para a vida diária de cada um – para si e para com os outros, estimulando, assim, mais relações sociais: *"Desfrutar de cinco a dez refeições preparadas por outra pessoa iria economizar muito tempo até*

³⁸ Características também presentes no *Cohousing*.

³⁹ Caraterística que também é encontrada no *Cohousing*.

⁴⁰ VESTBRO, U. – *Living together: Cohousing ideas and realities around the world*. Estocolmo: Division of urban and Regional Studies, KTH, e Kollektivhus NU, 2010, p. 46.

⁴¹ Com suporte financeiro da '*Swedish Building Research Council*', apresentaram uma ideia semelhante a Brita Akerman, denominada '*Working together model*' – modelo de trabalho em conjunto.

ser a própria vez de cozinhar.”⁴²

Nas décadas de 1960 e 1970, este modelo acabaria por se expandir devido ao aumento da procura de soluções que conseguissem dar resposta a uma sociedade caracterizada por profundas transformações sociais⁴³ originando, por exemplo, na Suécia, em 1980, o projeto *Stacken* que é um edifício em bloco compacto vertical, que, após um processo de transformação, deixou de ter a presença de pessoal externo para a realização de tarefas domésticas, passando os residentes a ter total autonomia quanto ao uso e gestão dos espaços comuns. A partir desta iniciativa, muitos edifícios seguiram o mesmo caminho, quer na transformação dos existentes, quer na construção de novos conjuntos, configurando **assim as primeiras comunidades de Cohousing**.

Assim, tanto para Vestbro como para Gresleri, é a partir deste momento que aquilo que hoje entendemos por *Cohousing* tinha começado.

⁴² VESTBRO, U. – *Living together: Cohousing ideas and realities around the world*. Estocolmo: Division of urban and Regional Studies, KTH, e Kollektivhus NU, 2010, p. 50.

⁴³ Como, por exemplo, a emancipação das mulheres que começou a exigir uma maior necessidade de criação de escolas, creches entre outras entidades para o cuidado das crianças.

Abordagem **SOCIAL**. 2.2

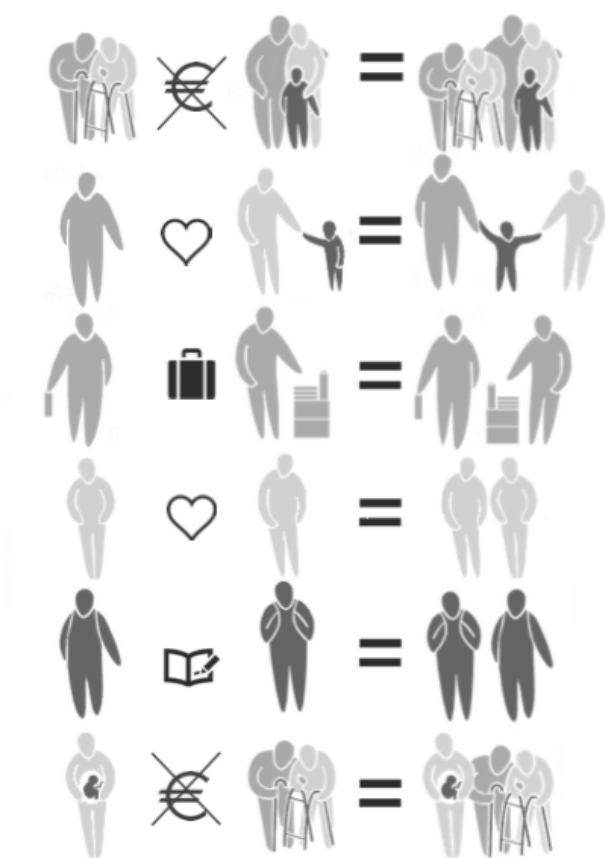
o acomodar de novos estilos de vida | 2.2.1

o significado da vida coletiva | 2.2.2

o tipo de residentes | 2.2.3



[10] Evolução estruturas familiares: famílias numerosas e ruptura.



[11] Evolução estruturas familiares: diversidade e fatores de ruptura.

o acomodar de novos estilos de vida | 2.2.1

O *Cohousing* é apontado por diversos autores como uma reação face ao período atual, muito marcado por uma sociedade individualista e capitalista, de fragmentação e isolamento, sobretudo porque o *Cohousing* se define a partir de valores de comunidade e grupo, e atua com uma espécie de intenção educativa na contemporaneidade, desejando reensinar a viver de forma mais solidária.

De facto, hoje em dia, a instauração de múltiplos fatores de instabilidade cria diversas mudanças sociais, demográficas e económicas, que, tal como Eva Sandstedt⁴⁴ refere⁴⁵, transformam os modos de vida e de habitar da sociedade contemporânea. Também, Monique Eleb⁴⁶ concluiu que há cada vez mais tendência para valorizar as relações sociais e adotar a coabitação como forma de conseguir fazer face a estes problemas económico-financeiros, de crise, de conflito, de incapacidade de emancipação dos jovens, ou ainda como prevenção ao isolamento social que, geralmente, atravessa as faixas etárias mais idosas. Ainda sobre isto, McCamant e Durrett⁴⁷ acrescentam, no seu livro⁴⁸, a incapacidade dos modelos tipológicos ditos estandardizados e convencionais fazerem face a esta nova realidade.

“A população tenta encaixar-se nas tipologias habitacionais estandardizadas que são simplesmente inapropriadas para a pluralidade e diversidade dos modos e estilos de vida existentes.”⁴⁹

Da mesma forma, tanto para Vestbro⁵⁰ como para Monique Eleb, o *Cohousing* representa uma rutura com as estruturas tradicionais de família, quebrando os papéis de género na esfera doméstica e servindo como opção quer para a coabitação plurifamiliar quer para a coabitação entre gerações de um mesmo agregado familiar,

⁴⁴ Professora de Sociologia na Universidade de Uppsala, Suécia, cuja investigação se prende com a relação entre estruturas habitacionais, desenho urbano e alterações sociais.

⁴⁵ SANDSTEDT, E. – “Why do we discuss cohousing in Sweden in 2010”. In VESTBRO, U. — *Living together: Cohousing ideas and realities around the world*. Estocolmo: Division of urban and Regional Studies, KTH, e Kollektivhus NU, 2010, p.87-92.

⁴⁶ ELEB, M. e BENDIMÉRAD, S. – “Ensemble mais séparément, les lieux de la cohabitation”. Leroy Merlin Source, N°. 14, Paris : Leroy Merlin, 2015, p.2.

⁴⁷ Descrição sobre os autores [Cap.1, p.40].

⁴⁸ DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Creating Cohousing: Building Sustainable Communities*. Canada: New Society, 2011.

⁴⁹ In DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Creating Cohousing: Building Sustainable Communities*. Canada: New Society, 2011, p.4.

⁵⁰ Descrição sobre o autor [Cap.1, p.39].

entre outros casos.

“A presença cada vez mais longa dos filhos adultos na casa dos pais coloca em questão a coabitação entre gerações da mesma família. (...) É necessário, portanto, encontrar soluções que evitem os conflitos entre gerações.”⁵¹

Neste sentido, os diversos autores concordam quanto à necessidade de repensar sobre o modo como habitamos, referindo o *Cohousing* como uma solução habitacional que caracteriza uma alternativa necessária.

“Todos estes fatores apelam à re-examinação do modo como habitamos, da necessidade de ter um espaço individual num contexto de uma comunidade, segundo as nossas aspirações para o aumento da qualidade de vida. (...) E, o Cohousing é um modelo que aborda essas questões. Fornece um modelo sério para viver de forma mais leve, melhorando a qualidade de vida das pessoas, num espírito de vizinhança que atravessa gerações, entre crianças, adultos e idosos.”⁵²

o significado da vida coletiva | 2.2.2

Habitar em *Cohousing* é maioritariamente interpretado como um modo de viver em comunidade. Apesar de existir uma concordância relativa à vida coletiva deste modo de habitar enquanto organismo social ativo sem o qual não era possível falar de *Cohousing*, a forma como este é referido pelos diferentes autores revela dois tipos de orientação. Se, por um lado, uns exaltam valores universais do significado da vida coletiva, tentando dar suporte à clarificação e caracterização do termo, outros utilizam casos particulares para demonstrar o carácter diverso e inconstante que os mesmos podem ter.

Relativamente ao primeiro ponto, Jacopo Gresleri⁵³ faz referência às características apontadas por McCamant e Durrett aquando da publicação do seu

⁵¹ ELEB, M. e BENDIMÉRAD, S. – “Ensemble mais séparément, les lieux de la cohabitation”. Leroy Merlin Source, N°. 14, Paris : Leroy Merlin, 2015, p.5.

⁵² DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Creating Cohousing: Building Sustainable Communities*. Canada: New Society, 2011, p.4.

⁵³ Referência ao livro e descrição sobre os autores [Cap.1, p.44].

primeiro manual sobre *Cohousing*⁵⁴, enunciando o **processo participativo**, a **ausência de hierarquia**, a **autogestão** e **manutenção dos espaços comuns**, bem como o estabelecimento de **valores de partilha e de privacidade** desejados, como os pontos chave à clarificação do que é a vida em *Cohousing*. Para o autor, este processo de participação nas atividades quotidianas de promoção, formação, gestão e manutenção, define uma estrutura que corresponde ao elemento mais interessante para a compreensão do fenómeno, quer do ponto de vista sociológico, quer administrativo ou mesmo arquitetónico.

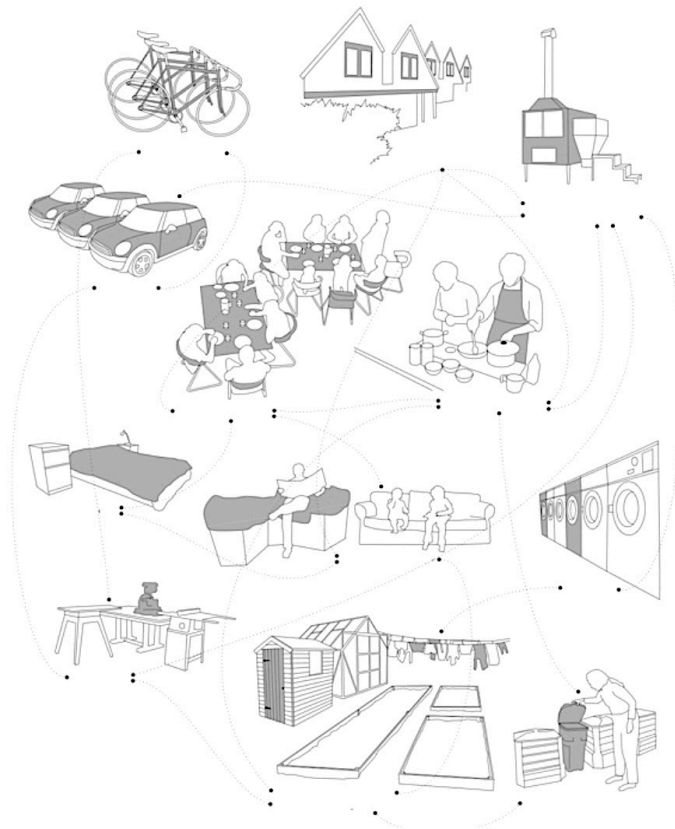
A partir da segunda perspetiva, Monique Eleb apresenta a forma como os diferentes aspetos acima mencionados são vivenciados em primeira pessoa, revelando um carácter volátil dentro de cada um desses aspetos. Para a socióloga e historiadora francesa, a vida em comunidade é um processo evolutivo, por vezes complexo ou, até mesmo, problemático, mas que quase sempre consegue criar relações entre pessoas e famílias distintas, tendo a capacidade de criar ligações de amizade e de familiaridade entre desconhecidos. Por isso, coabitar implica uma negociação sobre os comportamentos aceitáveis e rejeitáveis da vida em comunidade pois, a tolerância é variável consoante os coabitantes, a sua idade, sexo, cultura, etc. O que pode ser razoável para uns, pode ser um completo absurdo para outros.

Através de uma série de casos de estudo apresentados por Monique Eleb, é possível observar uma diversidade de atitudes e respetivas consequências que podem ocorrer dentro da vida em comunidade. Como exemplo, esta refere o caso do estabelecimento de regras. Para uns, a definição de um conjunto de direitos e deveres entre todos e individualmente é fundamental.

*“Tudo o que está relacionado com o corpo e com a intimidade é um assunto delicado e implica regras, principalmente, sobre as práticas em torno da casa de banho, partilha da cozinha, refeições e preparação dos alimentos em comunidade ou outros, construindo a relação.”*⁵⁵

⁵⁴ DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Cohousing: A Contemporary Approach to Housing Ourselves*. EUA: Habitat Press, 1988

⁵⁵ In http://leroymerlinsource.fr/wp-content/uploads/2015/02/poster_lieux_cohabitation.pdf [resumo de ELEB, M. e BENDIMÉRAD, S. – “Ensemble mais séparément, les lieux de la cohabitation”. Leroy Merlin Source, N.º. 14, Paris : Leroy Merlin, 2015.]



[12] O significado da vida coletiva em Cohousing.

						Notes
January	February	March	April	May	June	Plannings pour le Ménage
1	1	1	1	1	1	
2	2	2	2	2	2	
3	3	3	3	3	3	
4	4	4	4	4	4	
5	5	5	5	5	5	
6	6	6	6	6	6	
7	7	7	7	7	7	
8	8	8	8	8	8	
9	9	9	9	9	9	
10	10	10	10	10	10	
11	11	11	11	11	11	
12	12	12	12	12	12	
13	13	13	13	13	13	
14	14	14	14	14	14	
15	15	15	15	15	15	
16	16	16	16	16	16	
17	17	17	17	17	17	
18	18	18	18	18	18	
19	19	19	19	19	19	
20	20	20	20	20	20	
21	21	21	21	21	21	
22	22	22	22	22	22	
23	23	23	23	23	23	
24	24	24	24	24	24	
25	25	25	25	25	25	
26	26	26	26	26	26	
27	27	27	27	27	27	
28	28	28	28	28	28	
29	29	29	29	29	29	
30	30	30	30	30	30	
31	31	31	31	31	31	
1	1	1	1	1	1	
2	2	2	2	2	2	
3	3	3	3	3	3	
4	4	4	4	4	4	
5	5	5	5	5	5	
6	6	6	6	6	6	
7	7	7	7	7	7	
8	8	8	8	8	8	
9	9	9	9	9	9	
10	10	10	10	10	10	
11	11	11	11	11	11	
12	12	12	12	12	12	
13	13	13	13	13	13	
14	14	14	14	14	14	
15	15	15	15	15	15	
16	16	16	16	16	16	
17	17	17	17	17	17	
18	18	18	18	18	18	
19	19	19	19	19	19	
20	20	20	20	20	20	
21	21	21	21	21	21	
22	22	22	22	22	22	
23	23	23	23	23	23	
24	24	24	24	24	24	
25	25	25	25	25	25	
26	26	26	26	26	26	
27	27	27	27	27	27	
28	28	28	28	28	28	
29	29	29	29	29	29	
30	30	30	30	30	30	
31	31	31	31	31	31	

[13] Tabela de divisão de tarefas entre coabitantes (ano de 2014).

As regras são mencionadas, maioritariamente, para a gestão e manutenção dos espaços comuns, desenvolvendo-se tabelas e esquemas, semanais ou mensais, onde cada residente possui uma tarefa específica num determinado dia. Por exemplo: *“Há uma tabela diária para as tarefas domésticas onde cada residente se compromete a uma data para a limpeza dos espaços comuns.”*⁵⁶

No entanto, para outros, este sistema não é necessário, ficando as responsabilidades sobre o cuidado dos espaços comuns sem qualquer tipo de obrigação. De acordo com um dos residentes entrevistados por Monique Eleb, tudo é uma questão de saber conviver com sentido de civilidade e respeito pelos outros: *“Quando eu vejo que isto ou aquilo não foi feito, eu faço, não fico à espera que os outros o façam.”*⁵⁷

Outro exemplo é a questão relativa à aquisição de bens comuns. Este é indicado como um dos assuntos mais delicados da vida em comum uma vez que é possível habitar em *Cohousing* apenas por pequenos períodos de tempo e, nessas situações, a compra de um objeto para uso coletivo corresponde a um compromisso de longo prazo, podendo gerar alguns conflitos, nomeadamente, sobre o valor de ‘pertença’ em relação ao objeto. Como exemplo, a autora menciona um dos seus casos de estudo em que presenciou que há mais de um ano existe uma discussão sobre a compra de uma máquina de lavar. Preocupados com a duração limitada de coabitação dos próprios residentes, não conseguem definir uma forma que considerem justa quanto à aquisição deste bem: *“Nós não vamos ficar aqui todos o mesmo período de tempo, então, quando há um que sai, o que fazemos? Recuperamos uma parte do dinheiro? Calculamos uma parte do valor da máquina?”*⁵⁸

Em contraponto, outro caso resolve o assunto de um modo distinto: *“No projeto de Les Babayagas, inúmeras máquinas foram instaladas na lavandaria comum, acabando, pelos residentes definirem um sentido comum de partilha do espaço mais do que dos objetos.”*⁵⁹

Desta forma, pode-se dizer que o significado da vida em comunidades de *Cohousing* apesar de ser visto através de um conjunto de ideias fixas, é variável consoante as

⁵⁶ ELEB, M. e BENDIMÉRAD, S. – “Ensemble mais séparément, les lieux de la cohabitation”. Leroy Merlin Source, N°. 14, Paris : Leroy Merlin, 2015, p.14.

⁵⁷ Ver nota 56, p.14.

⁵⁸ Ver nota 56, p.16.

⁵⁹ Ver nota 56, p.16.

características dos grupos que assim se associam. No entanto, há sempre a intenção de deixar prevalecer uma base de respeito segundo valores democráticos usando o sentido de responsabilidade pessoal e comunitária para instaurar o bem-estar comum.

Em forma de complemento e finalização, há ainda uma nota importante a fazer quanto a um elemento que todos os autores apresentam aquando das suas investigações sobre este tema – **o tempo**. O tempo como fator que permite ajustar, adaptar e equilibrar esta vivência em coabitação. Tudo faz parte de um processo que, como vimos anteriormente, é gradual e evolutivo, com avanços e recuos, para tornar possível o sucesso do projeto e da comunidade ao longo do tempo.

o tipo de residentes | 2.2.3

A heterogeneidade de residentes possíveis de encontrar em comunidades de *Cohousing* é uma realidade, podendo-se observar, tal como McCamant e Durrett afirmam, todas as faixas etárias e classes sociais, entre pais e filhos adultos, casais, estudantes, idosos, entre outros, configurando, conseqüentemente, diversos tipos de projetos de *Cohousing*: multigeracional, plurifamiliar, sénior, entre outros.

“O Cohousing não tem nenhum tipo de alvo ou tipo de residente específico com base em idade ou tipo familiar. Os residentes representam uma ampla secção entre jovens e idosos, famílias compostas ou solteiros.”⁶⁰

No entanto, num dos artigos publicados no livro de Vestbro⁶¹, o autor vai mais longe e afirma que há uma predominância internacional pela existência de residentes que habitam em *Cohousing* corresponderem à classe média.

Por sua vez, Jacopo Gresleri afirma que o *Cohousing* sénior é uma abordagem mais recente, como forma de repensar a vida dos mais idosos, que, por vezes, se encontram demasiado isolados e em solidão.

Para além destas considerações, Monique Eleb acrescenta ainda uma outra. A autora, considera que existem diversos tipos de coabitação de acordo com o fator de

⁶⁰ DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Creating Cohousing: Building Sustainable Communities*. Canada: New Society, 2011, p.9.

⁶¹ BACQUE, M. – “Initiatives from Below – the role of civil society”. In VESTBRO, U. – *Living together: Cohousing ideas and realities around the world*. Estocolmo: Division of urban and Regional Studies, KTH, e Kollektivhus NU, 2010, p156.

deliberação dos seus intervenientes. Assim, é possível encontrar projetos de *Cohousing* formados ora a partir de um grupo de pessoas que, apesar de não terem uma relação familiar, amorosa ou outra, decidem habitar em comum, ora derivado a um qualquer fator de crise, seja ele financeiro ou outro. Eleb diz que este último tipo de coabitação apresentado é o mais banal e dá como exemplo os casos das famílias recompostas ou a vontade de emancipação dos jovens adultos, gerando uma necessidade de coabitação entre gerações.

Assim, não se podendo restringir o *Cohousing* a uma determinada classe, condição ou género, é possível encontrar diversos tipos de coabitação de acordo com o tipo de residentes, em sistemas mistos ou destinados a um grupo específico, segundo iniciativas autopropostas ou como solução mais favorável a modos e estilos de vida contemporâneos.

Abordagem **PROJETUAL. 2.3**

os tipos de iniciativa | 2.3.1

o processo de desenvolvimento | 2.3.2

a arquitetura e o desenho | 2.3.3

os tipos de iniciativa | 2.3.1

Os tipos de iniciativas à realização de projetos de *Cohousing* são maioritariamente explorados nos diversos livros com relação a propostas auto participativas elaboradas por parte do grupo de futuros residentes. Apenas nos textos mais recentes, sobretudo a partir do ano de 2010 é que começa a existir uma referência a esta questão de forma mais ampla: “Hoje, existe a oportunidade de (...) recuperar, coordenar e promover os aspetos mais interessantes de tantas iniciativas diversas”⁶²

De acordo com Mariagulia Pasqualis, Constanza Quentin, Esra Bektas e Jeroen Brouwer⁶³, é possível distinguir atualmente dois tipos de iniciativas distintas, as ‘bottom-up’ e as ‘top-down’. Segundo os autores, as ‘bottom-up’ são propostas que provêm diretamente dos utilizadores finais do projeto, correspondendo a uma ação autoproposta no qual há uma total responsabilidade e autonomia dos mesmos em todas as fases do processo de desenvolvimento, desde a ideia, passando pela construção até ao usufruto. E, por outro lado, consideram como iniciativas ‘top-down’ os projetos que são conduzidos quer a partir de uma ação pública, por parte de municípios ou outras instituições, quer por entidades privadas. A este respeito, Marie-Helène Bacque e Sarah Berger, no seu artigo⁶⁴ de 2010, indicam que o *Cohousing* desenvolve diferentes dinâmicas sociais e de parceria dependendo de onde provêm o tipo de iniciativa, podendo este vir quer de grupos independentes, que vão constituir a futura comunidade de residentes, quer de organizações comunitárias ou redes de profissionais ou, ainda, de instituições locais ou nacionais.

No entanto, apesar da existência destas diferentes iniciativas, é indicado que ainda são poucos os países da Europa que possuem condições legais para a realização dos mesmos, acabando pela maioria dos projetos ser concretizado a partir do grupo de interessados, sem qualquer suporte organizacional ou sistemas de regulamentação.

Aliado a esta ideia, está um conjunto variado de artigos de diversos autores,

⁶² BARRATA, A., FINUCCI, F., GABRIELE, S., METTA, A., MONTUORIL, L., PALMIERI, V. – *Cohousing. Programme e progetti per la riqualificazione del patrimonio esistente*. Pisa: Edizioni ETS, 2014, p.45.

⁶³ PASQUALIS, M., QUENTIN, C., BEKTAS, E., BROUWER, J. – “Cohousing come strumento di riqualificazione urbana”. In BARRATA, A., FINUCCI, F., GABRIELE, S., METTA, A., MONTUORIL, L., PALMIERI, V. – *Cohousing. Programme e progetti per la riqualificazione del patrimonio esistente*. Pisa: Edizioni ETS, 2014, p.54-59.

⁶⁴ BACQUE, M., BERGER, S. – “Initiatives from below the role of civil society”. In VESTBRO, U. – *Living together: Cohousing ideas and realities around the world*. Estocolmo: Division of urban and Regional Studies, e Kollektivhus NU, 2010, p.156-158.

presentes no livro intitulado *'Europe: co-operative housing'*⁶⁵. Estes refletem sobre o modo como o *Cohousing* tem vindo a ser explorado, apresentando informações sobre diferentes iniciativas, enquadramentos políticos, legais e imobiliários em 10 países da Europa: Alemanha, Suíça, Reino Unido, França, República Checa, Holanda, Dinamarca, Suécia, Finlândia, Noruega. Na maioria dos casos, é possível observar uma expansão e difusão deste modo de habitar bem como uma maior preocupação relativamente aos aspetos legais e regulamentares que apoiem as diferentes iniciativas. A título de exemplo, Bruno Parasote apresenta alguns dos apoios desenvolvidos em França a partir do ano 2000, como a constituição de associações⁶⁶, a fundação por parte dos municípios de redes e plataformas regionais e nacionais⁶⁷ de *Cohousing* e, ainda, em 2013, a aprovação de uma legislação específica de apoio apropriado às iniciativas privadas de construção de projetos de coabitação, como parte integrante da nova Lei da Habitação.

Embora, de modo geral, o panorama apresentado nesse livro contemple a promoção e apoio à coabitação em diferentes países, há também a menção de casos como, por exemplo, o Reino Unido, onde persiste uma resistência a qualquer tipo de proposta para novos conjuntos de habitação coletiva.

*"Há um certo grau de resistência ao desenvolvimento de qualquer tipo de proposta de novos conjuntos habitacionais em Inglaterra e, das iniciativas desencadeadas por pequenos grupos, há uma consciencialização geral de que não serão apoiadas pelas instituições que não querem nenhum edifício novo, independentemente da ideia de Cohousing."*⁶⁸

Assim, apesar de se poder observar um esforço coletivo em diferentes pontos do Mundo, todos os autores concordam que há ainda muito trabalho a ser feito de forma a que as iniciativas de *Cohousing* possam ter o mesmo valor e relevância que qualquer outro tipo de projeto de habitação coletiva.

⁶⁵ FREDROWITZ, M., GRUBER, E., COURVOISIER, A., HOFER, A., KRIESE, U., BAKKER, P., TUMMERS, L., JONG, E., PARASOTE, B., FIELD, M., BESTAKOVÁ, V., TORNOW, B., VESTBRO, D., URBAN, S. e HELAMAA, A. – *Europe – co-operative housing*. Wohnbund e.V. 2015.

⁶⁶ Para o esclarecimento de questões relativas às fases do processo de projetos autopropostos.

⁶⁷ Para o incentivo à realização de projetos desta natureza.

⁶⁸ FREDROWITZ, M., GRUBER, E., COURVOISIER, A., HOFER, A., KRIESE, U., BAKKER, P., TUMMERS, L., JONG, E., PARASOTE, B., FIELD, M., BESTAKOVÁ, V., TORNOW, B., VESTBRO, D., URBAN, S. e HELAMAA, A. – *Europe – co-operative housing*. Wohnbund e.V. 2015, p.73.

o processo de desenvolvimento | 2.3.2

Atualmente, existem diversos manuais de apoio ao desenvolvimento de projetos de *Cohousing* muito voltados para as iniciativas autoproposta por parte de um grupo de pessoas que se propõe em habitar em comum. Em formato de instruções, estes apresentam, de forma mais ou menos detalhada, diferentes fases do processo que consideram relevantes para que um grupo consiga realizar o seu próprio projeto – através do exame de diferentes questões desde a criação da ideia até ao momento de ocupar o conjunto.

Tanto para Chris e Kelly Scott-Hansen⁶⁹ como para Mariagulia Pasqualis, Constanza Quentin, Esra Bektas e Jeroen Brouwer⁷⁰ este processo requer um conjunto de fases precisas que constituem as constantes do sistema, podendo dividir-se em cinco etapas: **criação da comunidade, desenvolvimento do processo, conceção e desenho do projeto de arquitetura, execução e ocupação, gestão e manutenção.**

A **primeira** etapa diz respeito à formação do grupo de futuros residentes. Inicialmente, é necessário um período com diversas reuniões para que o grupo de pessoas que se propõe viver em coabitação possam gerir as suas personalidades e estabelecer uma organização em 'comunidade' de acordo com os interesses comuns.

*"Juntos nós procurávamos um equilíbrio entre tarefas e processo. Estávamos a tentar encontrar uma identidade, uma forma de nos tornarmos algo mais do que apenas uma coleção de indivíduos numa sala. Eu começo a aperceber-me que estávamos de facto a criar um novo ser."*⁷¹

Após a definição de valores comuns de partilha e privacidade, inicia-se uma **segunda** etapa, denominada de desenvolvimento do processo que inclui a seleção do terreno, o planeamento financeiro e variadas questões ligadas ao enquadramento jurídico, e que pode ficar a cargo do próprio grupo de futuros residentes, com ou sem ajudas adicionais, ou então estes podem recorrer a profissionais que podem facilitar

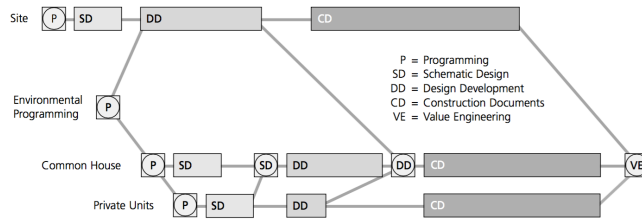
⁶⁹ SCOTT-HANSEN, C. e SCOTT-HANSEN, K. – *The cohousing handbook*. Philadelphia: Pa.: New Society, 2005. Descrição sobre os autores [Cap.1, p.37].

⁷⁰ PASQUALIS, M.,QUENTIN, C., BEKTAS, E., BROUWER, J. – "Cohousing come strumento di riqualificazione urbane". In BARRATA, A.,FINUCCI, F., GABRIELE,S., METTA,A., MONTUORI,L., PALMIERI,V. – *Cohousing. Programme e progetti per la riqualificazione del patrimonio esistente*. Pisa: Edizioni ETS, 2014, p.54-59.

⁷¹ SCOTT-HANSEN, C. e SCOTT-HANSEN, K. – *The cohousing handbook*. Philadelphia: Pa.: New Society, 2005, p.19.

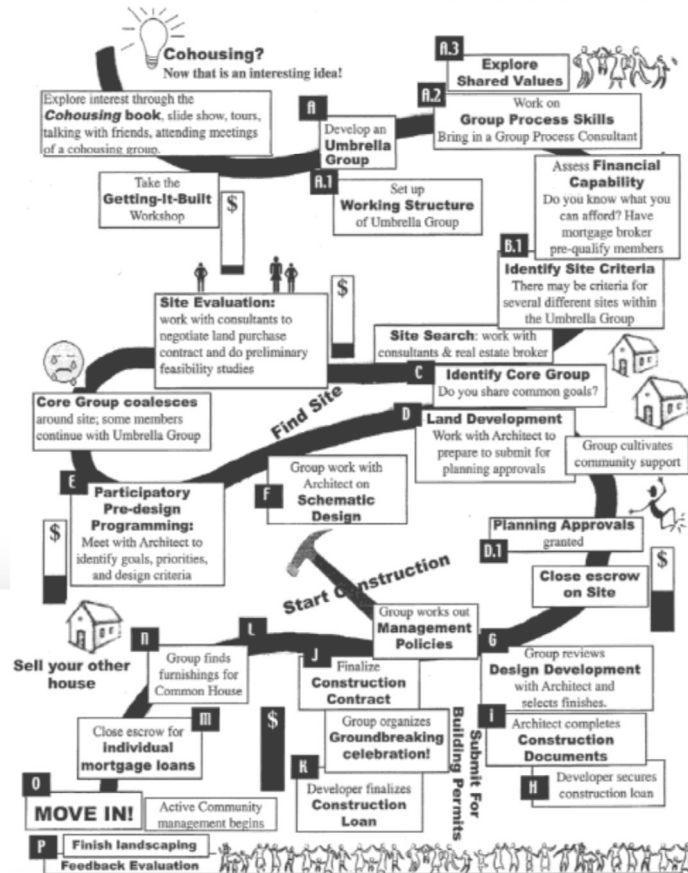
The 7 workshop design process

☐ = 3 day Weekend Workshop



[14] Processo de desenvolvimento (etapas).

YOUR COHOUSING ROAD MAP (The people process)



[15] O percurso do processo de desenvolvimento (etapas).

algumas das etapas, reduzir custos, encontrar soluções financeiras, etc.

A **terceira** fase, conceção e desenho do projeto de arquitetura, é um dos pontos mais significativos do processo, no qual, segundo Chris e Kelly Scott-Hansen, é necessário traduzir os valores que a comunidade estabeleceu para o projeto. Para isso, aconselham à realização de inquéritos, onde a comunidade de futuros residentes pode expressar o seu desejo quanto ao desenho, número e características dos espaços.

“De forma geral, o programa é uma lista de requisitos. Isso incluiu o número de unidades habitacionais, o número de quartos ou o seu tamanho. E também incluiu sensações e relações, como quente, visualmente ligado ou acusticamente isolado.”⁷²

Segundo os mesmos, há três elementos essenciais no desenho de um projeto de *Cohousing*: a implantação dos edifícios, o desenho dos espaços partilhados e o das unidades privadas. É a partir desses elementos arquitetónicos que é pensada a vida em comunidade e se abre a possibilidade de outras pessoas se juntarem ao grupo inicial:

“À medida que novos membros se juntam ao grupo, há uma afinação sobre o que é pretendido, o que se pode pagar e o que isso significa para o crescimento e manutenção da comunidade. Provavelmente isso vai conduzir a uma modificação ou melhoramento do programa que reflete uma visão refinada para a comunidade.”⁷³

A **quarta** etapa diz respeito à execução, averiguação de aspetos legais, calendarização, aprovações e construção e, por fim, a **quinta** etapa, menciona o momento de entrada após a finalização da obra, desejando à comunidade de residentes o sucesso do projeto no tempo.

De facto, as instruções destes autores são bastante completas e, ultrapassando o âmbito restrito da arquitetura, exploram múltiplos aspetos de outras áreas úteis à boa concretização de uma experiência do habitar em comum.

⁷² SCOTT-HANSEN, C. e SCOTT-HANSEN, K. – *The cohousing handbook*. Philadelphia: Pa.: New Society, 2005, p.98.

⁷³ Ver nota 72, p.98.

a arquitetura e o desenho | 2.3.3

Os projetos de *Cohousing* são considerados propostas amplamente diversas, dependendo das pessoas que lá vão habitar, suas expectativas e prioridades. No entanto, apesar da existência de uma diversidade e pluralidade de soluções projetuais, para McCamant e Durrett, há um conjunto de características de desenho específicas que incentivam a uma maior interação social, como: a segregação dos veículos automóveis para a periferia do conjunto edificado, uma boa acessibilidade urbana, a definição de espaços exteriores como lugares de vivência comunitária, o desenho de espaços comuns para o uso compartilhado, preferencialmente num edifício localizado de forma central no terreno e, ainda, o desenho de espaços para uso privado, destinados a cada uma das famílias ou residentes, posicionando as cozinhas voltadas para o edifício comum central.

“Há uma série de questões-chave sobre o desenho do projeto que terão um efeito significativo na comunidade (...) Estes incluem a separação propositada do carro das habitações privadas, percursos pedonais que ligas as habitações, cozinhas privadas de frente para os percursos pedonais e uma casa comum bem pensada e localizada de forma central no terreno.”⁷⁴

Contudo, esta enumeração decorre da consideração de um tipo de arquitetura específico que potencie o *Cohousing* que, neste caso, remete para os primeiros projetos realizados na Dinamarca nos finais do século XX. Só mais recentemente, o conjunto de características de desenho ao incentivo de uma maior interação social passam a ser interpretados não decorrentes de um tipo de arquitetura, mas como dispositivos que facultam a coabitação: *“Não há um tipo de arquitetura específico para a coabitação, mas sim dispositivos que a permitem e facilitam.”⁷⁵*

Neste sentido, considera-se o desenho dos espaços comuns, das unidades privadas e dos espaços de relação, suporte e ligação entre estes dois polos, três elementos que, funcionando como dispositivos, são fundamentais à definição da coabitação.

⁷⁴ SCOTT-HANSEN, C. e SCOTT-HANSEN, K. – *The cohousing handbook*. Philadelphia: Pa.: New Society, 2005, p. 125.

⁷⁵ ELEB, M. e BENDIMÉRAD, S. – “Ensemble mais séparément, les lieux de la cohabitation”. Leroy Merlin Source, N°. 14, Paris : Leroy Merlin, 2015, p.28.

Os espaços comuns, definidos como o coração do projeto funcionam, tal como Monique Eleb enuncia, como motor social, permitindo expandir as relações entre residentes e aumentar o espírito de comunidade através do uso partilhado de um conjunto de espaços que podem ser interiores ou exteriores e incluir espaços de confeção de alimentos e de refeição⁷⁶, espaços lúdicos⁷⁷, de lazer⁷⁸, de trabalho⁷⁹ ou de serviços coletivos.

“Os espaços comuns de uso partilhado têm diferentes qualidades e características. Estes podem ser espaços exteriores ou intermédios como os jardins, o hall de entrada, os terraços, as salas comuns (de todos os tipos), as salas para serviços (lavandaria) ou polivalentes, ou espaços no interior, com compartimentos ditos intersticiais, de cozinha, wc, estar, e de refeições.”⁸⁰

A par desta citação, Monique Eleb acrescenta ainda que, de entre os diferentes espaços comuns possíveis de observar em projetos de *Cohousing*, a cozinha coletiva é o lugar mais relevante e caracterizador do significado da vida em coabitação. É sobretudo esta que distingue o *Cohousing* dos modelos de habitação coletiva e é também o espaço partilhado mais íntimo dentro da esfera comunitária. Cozinhar para um vizinho ou mesmo partilhar uma refeição à mesa com ele, contando as peripécias do seu dia-a-dia, conduzem as relações entre o grupo de habitantes a um nível de maior familiaridade.

Por sua vez, as unidades familiares ou privadas, são unidades habitacionais que dão a privacidade necessária a cada um dos residentes e permitem gerar um momento mais reservado, a sós ou em família. São, maioritariamente, definidos como habitações autossuficientes.

Por fim, os espaços ligação entre a esfera comum e privada, funcionando muitas vezes como espaços intermédios, permitem coordenar a distância entre a vida coletiva e privada, sem que uma invada a outra ou que cada uma se isole em

⁷⁶ Como amplas cozinha e espaços de refeição coletivos.

⁷⁷ Como salas de jogos para as crianças.

⁷⁸ Onde é possível encontrar, por exemplo, salas de estar, de cinema, de relaxamento, entre outros.

⁷⁹ Normalmente são oficinas onde os residentes podem exercer trabalhos de reparação ou construção para a comunidade.

⁸⁰ ELEB, M. e BENDIMÉRAD, S. – “Ensemble mais séparément, les lieux de la cohabitation”. Leroy Merlin Source, N°. 14, Paris : Leroy Merlin, 2015, p.25.

demasia, servindo de ponto de encontro ocasional e de convivência informal entre todos os residentes.

Como complemento, Raines Cohen⁸¹ e Monique Eleb⁸² referem ainda a importância dos espaços intermédios como suporte à conexão entre a esfera comum e a privada, das relações visuais como pontes para uma maior ligação e encontro entre os residentes e, da flexibilidade dos espaços como forma de criar uma maior adaptabilidade do projeto ao longo do tempo. Isto, porque, a coabitação pode não ser um modo de habitar permanente e, portanto, a capacidade de transformação dos espaços é um ponto a ter em consideração no desenho do projeto: *"O desenho do projeto deveria, tanto quanto possível, permitir ajustes e modificações no tamanho e na composição das unidades habitacionais."*⁸³

Para além disso, Chris e Kelly Scott-Hansen adicionam a importância do desenho da implantação como o espaço que define os limites físicos da comunidade: *"Separa-te do mundo exterior, definindo as fronteiras da tua comunidade."*⁸⁴ E, por sua vez, Graham Meltzer⁸⁵, Chris e Kelly Scott-Hansen bem como McCamant e Durrett acrescentam ainda⁸⁶, a relação entre o número de unidades habitacionais, ou seja, o tamanho do projeto e a definição da vida em comunidade.

*"O tamanho e a composição das unidades habitacionais devem ser cuidadosamente considerados de acordo com as facilidades comuns, a divisão de responsabilidades, as atividades desejadas e ainda o ambiente social."*⁸⁷

Consideram que, projetos com 12 a 36 unidades privadas tendem a funcionar melhor. Projetos maiores, acabam por ter mais desafios como, uma maior dificuldade

⁸¹ COHEN, R. – "Cohousing design". In VESTBRO, U. — *Living together: Cohousing ideas and realities around the world*. Estocolmo: Division of urban and Regional Studies, KTH, e Kollektivhus NU, 2010, p.138-143.

⁸² ELEB, M. e BENDIMÉRAD, S. – "Ensemble mais séparément, les lieux de la cohabitation". Leroy Merlin Source, N°. 14, Paris : Leroy Merlin, 2015.

⁸³ VESTBRO, U. – *Living together: Cohousing ideas and realities around the world*. Estocolmo: Division of urban and Regional Studies, KTH, e Kollektivhus NU, 2010, p.140.

⁸⁴ SCOTT-HANSEN, C. e SCOTT-HANSEN, K. – *The cohousing handbook*. Philadelphia: Pa.: New Society, 2005, p.10.

⁸⁵ MELTZER, G. – *Sustainable Community, learning from the cohousing model*. Canada: Trafford, 2005. Descrição sobre o autor [Cap.1, p.38].

⁸⁶ Baseados nas experiências e investigações destes autores nomeadamente na América do Norte.

⁸⁷ DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Creating Cohousing: Building Sustainable Communities*. Canada: New Society, 2011, p. 31.

nos relacionamentos entre residentes, tornando-se administrativamente mais complexo. E, em grupos menores de doze unidades, há, normalmente, uma maior relação entre os habitantes, assemelhando-se a uma única família, o que acaba por gerar mais conflitos.

Todavia, tal como Raines Cohen afirma, cada caso é um caso e, os aspetos mais diversos sobre o desenho de projetos de *Cohousing* são sempre relevantes quer do ponto de vista do esclarecimento sobre a caracterização da comunidade e da sua relação com a arquitetura, quer como fonte de compreensão sobre as diferenças entre a habitação coletiva convencional e o *Cohousing*, evitando equívocos.

Abordagem **GEOGRÁFICA. 2.4**

o *Cohousing* em vários países do mundo | 2.4.1

os modelos geográficos como referência | 2.4.2

o Cohousing em vários países do Mundo | 2.4.1

O modo como o *Cohousing* se tem desenvolvido no Mundo revela-se bastante diverso porque, tal como os autores do livro '*Europe – co-operative housing*' afirmam, existem diferentes origens, modos de aplicação, tipos de iniciativa, utilizadores finais, número de projetos e soluções, entre outros aspetos, que variam de país para país. De facto, este manual, derivado à reunião de um amplo conjunto de artigos de diferentes autores espalhados um pouco por todo o Mundo, torna-se uma peça fundamental para a compreensão do modo como o *Cohousing* tem vindo a ser aplicado em diferentes contextos geográficos.

1 Nos **Estados Unidos da América e Canadá**, o *Cohousing* desenvolve-se a partir da primeira publicação do livro de McCamant e Durrett, em 1988⁸⁸, onde se refletia sobre o *Cohousing* dinamarquês. Por esse motivo, a maioria das propostas realizadas na América apresentam muitas das características observadas nos projetos dinamarqueses, destacando-se a organização de várias unidades habitacionais unifamiliares com pequenas dimensões em torno de um jardim e de uma 'casa comum'.

Segundo McCamant e Durrett, o *Cohousing* foi bem aceite na América do Norte sobretudo devido à permeabilidade legislativa existente que permite uma fácil organização e desenvolvimento deste tipo de iniciativas.

2 Na **Alemanha**, o número de projetos de *Cohousing* tem, nos últimos anos, aumentando consideravelmente. De acordo com Micha Fredrowitz⁸⁹, este fenómeno tem uma relação direta com as mudanças demográficas e as alterações das estruturas familiares ocorridas na época contemporânea. Cada vez mais pessoas observam o *Cohousing* como um modo de habitar atrativo, nomeadamente, para as pessoas mais idosas. Além disso, as autarquias alemãs têm começado a olhar para o *Cohousing* como uma oportunidade para promover o espírito de vizinhança nos seus municípios. Por esse motivo têm implementado novos apoios e iniciativas, tais como, redes de projetos de *Cohousing*, associações e formação de peritos para trabalharem em conjunto no desenvolvimento de novos projetos.

⁸⁸ DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Cohousing: A Contemporary Approach to Housing Ourselves*. EUA: Habitat Press, 1988.

⁸⁹ Que, no seu artigo, fornece uma visão geral sobre as abordagens ao *Cohousing* no país nos últimos 40 anos.

“Os projetos de Cohousing têm vindo a ganhar uma crescente relevância na Alemanha, nos últimos anos. Um fator que contribuiu para isso foi o Cohousing deixar de ser interpretado como um lado ‘alternativo’ e ganhou agora uma nova imagem: o Cohousing hoje não é mais uma forma experimental de viver mas uma forma normal de organizar o suporte mútuo dentro da vizinhança e, particularmente, melhorar as condições de vida das famílias e das pessoas idosas.”⁹⁰

Quanto ao número de projetos existentes e associações, apesar de não existirem dados precisos, segundo as listas do portal de internet ‘wohnprojekte’⁹¹, há mais de 600 projetos concretizados.

3 Na **Áustria**, o Cohousing surge a partir de movimentos cooperativos dos finais do século XX. Nessa altura, os projetos emergiram, maioritariamente, a partir de pessoas de classe média que se juntavam em grupos, compostas por elementos de diferentes famílias, e, procuravam formas de habitar alternativas às ofertas estandardizadas existentes que lhes permitissem ter influência no processo de desenvolvimento do projeto.

Apesar destas iniciativas, o Cohousing na Áustria sofreu um período de esquecimento e só agora começa a existir uma maior reflexão sobre este modo de habitar, com iniciativas realizadas, principalmente, pela associação ‘Für gemeinschaftliches Bauen und Wohnen’⁹².

4 Na **Suíça**, o Cohousing apareceu na década de 1990, num período marcado por forte imigração, que gerou falta de apartamentos e uma maior especulação. Neste contexto, as cooperativas encontraram um terreno favorável, especialmente na cidade de Zurique. Novas construções foram realizadas por cooperativas já existentes e também por outras novas que se orientaram para ideias mais concretas de Cohousing.

⁹⁰ Fredrowitz, M., Gruber, E., Courvoisier, A., Hofer, A., Kriese, U., Bakker, P., Tummers, L., Jong, E., Parasote, B., Field, M., Bestaková, V., Tornow, B., Vestbro, D., Urban, S. e Helamaa, A. — *Europe – co-operative housing*. Wohnbund e.V. 2015, p. 21.

⁹¹ Possível de aceder através do site: <http://www.wohnprojekte-portal.de>.

⁹² Uma iniciativa que representa os interesses da construção de projetos de Cohousing, nomeadamente sobre o desenvolvimento de novos conjuntos, consultadoria, apoio à implementação, trabalho e eventos de relações públicas. Apoio na procura de terrenos para a construção, no ajuste de questões de advocacia e financiamento.

Uma particularidade destes projetos de *Cohousing* é a intenção de criar 'muito mais do que' um projeto de habitação. Normalmente, pensam no projeto como um micro-organismo social pela conjugação de espaços de habitação com espaços comerciais e instalações sociais, de lazer ou entretenimento, gerando, assim, uma maior riqueza não só a nível social como também económica.

Quanto à localização, normalmente os projetos de *Cohousing* Suíços estão posicionados em locais de antigas zonas industriais ou terrenos baldios.

5 No **Reino Unido**, Martin Field⁹³ apesar de reconhecer que, de entre os países anglo-saxónicos, este é o que apresenta um crescimento mais lento de projetos de *Cohousing* realizados, refere que há atualmente cada vez mais uma procura de novas alternativas habitacionais, existindo uma série de projetos em estado inicial. Destes, a maioria acomoda grupos de pessoas de carácter multigeracional e correspondem, a projetos de requalificação de edifícios como, por exemplo, hospitais, quintas e moinhos adicionando-lhes edifícios novos.

Neste tipo de projetos, o sector de habitação pública não desempenha um papel particularmente importante. Consequentemente, a maioria das propostas é realizada por iniciativas autopropostas pelos grupos de futuros residentes.

6 Em **França** também é observável uma maior exploração sobre novas alternativas habitacionais, das quais se destaca o *Cohousing*. Desde o início do século XXI tem surgido no país uma nova onda de ideias que anseia pela conquista de novos padrões de sustentabilidade e é, neste âmbito, que muitos dos projetos de *Cohousing* franceses têm sido realizados. Para além de incluírem premissas de partilha de espaços comuns e de vida em comunidade, também introduzem nas suas propostas valores ecológicos e ambientais, sendo que a maioria dos projetos é iniciada pelos futuros residentes e realizada em estruturas de propriedade privada.

De salientar é ainda as novas estruturas de despesas introduzidas em algumas das propostas de *Cohousing* francês. Com o objetivo de desenvolverem uma maior estabilidade financeira para as famílias, alteram o sistema de custo das habitações de uma consideração em função do número de metros quadrados para uma adequação proporcional ao valor do salário mensal líquido de cada agregado familiar.

⁹³ Investigador na Universidade de Northampton, Reino Unido. FREDROWITZ, M., GRUBER, E., COURVOISIER, A., HOFER, A., KRIESE, U., BAKKER, P., TUMMERS, L., JONG, E., PARASOTE, B., FIELD, M., BESTAKOVÁ, V., TORNOW, B., VESTBRO, D., URBAN, S. e HELAMAA, A. – *Europe – co-operative housing*. Wohnbund e.V. 2015, p. 66-73.

7 Em **Itália**, o *Cohousing* tem sido abordado de dois modos distintos: mediado por agências especializadas, compostas por arquitetos, advogados, psicólogos, entre outros, ou através de iniciativas privadas, sem qualquer apoio.

Normalmente, os projetos são realizados a partir da requalificação de edifícios antigos e têm como objetivo a construção de habitações onde os espaços privados coexistam com as áreas coletivas, e a racionalização de custos através do aproveitamento de recursos e da cooperação.

8 Na **Dinamarca**, os projetos de *Cohousing* remontam aos anos 1970 e, tal como vimos anteriormente, são responsáveis pela difusão do *Cohousing* um pouco por todo o Mundo. Não há dados precisos sobre o número total de projetos existentes, mas aponta-se para um valor de várias centenas⁹⁴. A maioria localiza-se em áreas na periferia das zonas urbanas ou em áreas rurais.

No entanto, apesar de, desde 2004, deixarem de existir subsídios estatais para as cooperativas privadas⁹⁵, recentemente, a imprensa relatou um aumento do interesse sobre projetos de *Cohousing* no país como modo de habitar apelativo, maioritariamente, para as gerações mais jovens que pretendem encontrar um equilíbrio entre a vida profissional, a familiar e a pessoal.

9 Na **Suécia**, há notícia de 43 projetos de *Cohousing* registados dos quais 10 correspondem a requalificações e os restantes 33 à construção de edifícios novos. No total têm cerca de 2000 apartamentos, o que equivale a uma percentagem de 0,05% do número total de habitações no país. Apesar do *Cohousing* sueco também remontar ao final do século XX, o número de projetos existentes é ainda bastante reduzido. Segundo Vestbro, isto pode dever-se ao facto de o *Cohousing* ser visto como uma ameaça às estruturas tradicionais de família e de existir muito pouca informação divulgada sobre o mesmo.

10 O *Cohousing* na **Holanda** surgiu a par das realizações da Dinamarca e da Suécia, nos finais do século XX. Quase todos os projetos de *Cohousing* são iniciados por pessoas com pouca ou nenhuma experiência sobre o assunto, mas que são atraídos pelo conceito de vida comunitária.

Desde maio de 2009 que existe o 'dia de vida comum' – em holandês é

⁹⁴ Cerca de 80 estão registados no site: <http://www.bofaellsskab.dk> e mais de 200 podem ser encontrados no portal Eldresagens, que, na maioria diz respeito a projetos para idosos.

⁹⁵ Resultado da mudança de governo em 2001 e da implementação de uma política liberalista.

chamado de '*Gemeenschappelijk WonenDag*' – durante o qual as comunidades de *Cohousing* abrem as suas portas a visitantes com o objetivo de transmitirem informações sobre o significado da vida coletiva e partilhada, numa tentativa de encontrar novos membros.

De entre os diferentes tipos de projetos, os destinados a pessoas idosas são os que tem mais realizações, num total de cerca de 200 unidades. Estas são, geralmente, desenvolvidas por empresas privadas e contam com o apoio do Estado, por se revelarem uma boa forma de reduzir os custos com a assistência social e saúde desta faixa etária.

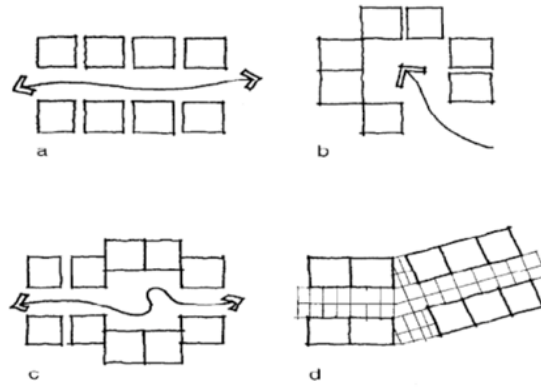
11 Por fim, na **Noruega** e na **Finlândia**, a procura crescente por este tipo de habitação principalmente para pessoas idosas ainda deu origem a poucos projetos de *Cohousing*.

Desta análise é possível concluir que o *Cohousing* evolui em vários países, nomeadamente, na Europa. Progressiva e gradualmente há uma aceitação e uma valorização das vantagens da sua aplicação, por motivos económicos, ecológicos, sociais ou, ainda, como ação de regeneração e requalificação urbana. No entanto, é de notar que mais do que uma adaptação ligada a um contexto geográfico, há uma acomodação com base em valores culturais específicos.

os modelos geográficos como referência | 2.4.2

A consideração sobre a existência de um modelo de *Cohousing* é uma questão complexa. Tal como Jacopo Gresleri afirma torna-se difícil chegar a uma definição única devido à diversidade de experiências que exploram a ideia de coabitação. Ao *Cohousing* não é associada à priori uma tipologia, mas uma combinação de fatores, requisitos, elementos favoráveis, contingências sociais e planeamento histórico, económico e urbano, que o vão orientar numa determinada direção. Desta forma, quer Gresleri, apoiado no estudo realizado por Dorit Fromm⁹⁶, quer Graham Meltzer, baseado no primeiro manual de McCamant e Durrett, mencionam, no total, três modelos de *Cohousing* distintos, o **Dinamarquês**, o **Sueco** e o **Holandês**.

⁹⁶ Arquiteta e Investigadora (comunidades, desenho e habitação). Autora dos manuais intitulados "*Cohousing, central living*" e "*Other new forms of life*". Apesar do seu conhecimento não foi possível em tempo útil ter acesso a estes dois recursos bibliográficos.



[16] Esquemas morfológicos horizontais do Modelo dinamarquês: (a) rua pedonal; (b) pátio central; (c) híbrido; (d) rua interior.



[17] Edifício *Stacken* orientado segundo Modelo sueco.



[18] Implantação e planta da unidade habitacional ('cluster') do conjunto *Wandelmeent*, orientado segundo Modelo holandês.

O **Cohousing Dinamarquês**, também chamado de **'Bofælleskaber'** é um modelo caracterizado por uma organização na horizontal, de baixa densidade que, conseqüentemente, exige uma construção bastante extensa, fator que conduz a uma implantação em áreas rurais ou periféricas das cidades, onde há mais espaço disponível.

Quanto ao posicionamento no terreno dos diferentes elementos arquitetônicos, estes podem adotar quatro soluções distintas.

A primeira, posiciona os edifícios de acordo com a morfologia do terreno e implanta a 'casa comum' – nome dado ao edifício com espaços de uso compartilhado entre todos os residentes – no centro do conjunto edificado. As unidades habitacionais estão dispostas ao longo de ruas pedonais e o espaço entre estes edifícios e a 'casa comum' acomoda uma função de espaço exterior compartilhado por todos os residentes no qual é possível encontrar parques infantis, churrasqueiras, jardins, piscina, hortas comunitárias, entre outros equipamentos.

A segunda, em esquema de pátio central, encerra um quarteirão e desenvolve uma coabitação mais interior. A 'casa comum' encontra-se posicionada nas charneiras e as unidades privadas na restante área. O pátio interno serve de dispositivo social e de ligação entre as duas esferas do habitar em comum, a compartilhada e a privada.

Por sua vez, a terceira, apresenta-se como um híbrido das duas anteriores. Há o desenvolvimento de um núcleo central, assemelhando-se a um pátio, mas este não se encerra ou fecha totalmente, conjugando-se com duas ruas pedonais que conduzem os residentes para lados opostos.

Por fim, a quarta, com um esquema de composição em 'L', posiciona a 'casa comum' na charneira e as unidades habitacionais dispostos horizontalmente para ambos os lados. O percurso entre estes dois polos pode ser feito quer através de um percurso pedonal exterior ou através de uma 'rua interior' envidraçada, permitindo gerar um ambiente doméstico nos espaços de circulação, muitas vezes utilizados para eventos, festas, encontros, etc. que pode ocorrer durante todo o ano, mesmo quando as condições meteorológicas são particularmente mais rigorosas.

Na maioria dos casos do Modelo dinamarquês, há entre 12 a 36 unidades habitacionais e uma tendência pela arquitetura vernacular.

Por sua vez, o **Cohousing Sueco**, também denominado de **'Kollektivhus'**, caracteriza-se pela disposição vertical dos elementos arquitetônicos, em um ou mais

blocos compactos. Este tipo de solução desencadeia uma compressão da dimensão dos espaços interiores que passam agora a estar localizados num mesmo volume, tornando-se numa solução mais adaptável às áreas urbanas densas e com pouco espaço disponível para construção. Normalmente há um posicionamento dos espaços de uso partilhado no rés-do-chão, facilitando os trabalhos de carga e descarga para os serviços comuns e também permitindo uma maior interação entre os residentes e os cidadãos exteriores à comunidade. Por vezes o edifício dispõe de jardins exteriores ou hortas comunitárias em varandas comuns ou na cobertura do edifício.

Por fim, o Modelo de **Cohousing Holandês** denominado '**Wonen Centraal**', apesar de preservar a ideia do Modelo Dinamarquês de distribuição horizontal de baixa densidade, apresenta uma ideia de organização da comunidade completamente distinta. Há um maior número de residentes, até 50 unidades habitacionais e, estes são divididos em grupos de 4 a 8 unidades, habitando numa mesma unidade de habitação chamada de '*cluster*'. É dentro de cada um dos '*clusters*' que cada grupo vai partilhar diferentes espaços comuns como salas de estar, de refeições, cozinha, lavandaria, etc. No Modelo de Cohousing Holandês, a coabitação entre todos os grupos pode ou não existir, mas no caso de estar presente ocorre, geralmente, em espaços mais pequenos que a chamada 'casa comum' dinamarquesa e sem cozinha comum.

Apesar desta descrição sobre três modelos de Cohousing, Gresleri salienta que, em geral, não há regras rígidas para a adoção de cada um, apenas um conjunto de soluções com semelhanças em áreas geográficas específicas. Isto não invalida que não se possa encontrar, por exemplo, na Holanda, projetos de Cohousing segundo o modelo aqui determinado como Sueco ou Dinamarquês. O que sublinha a inexistência de uma regulamentação legal que imponha ou oriente o Cohousing para um modelo de referência específico, deixando a determinação da escolha mais adequada àqueles que a vão desenvolver.

A estes três modelos é ainda possível acrescentar um outro baseado nos estudos e investigações realizadas pela Socióloga e Historiadora francesa Monique Eleb, o Modelo de **Cohousing Francês**. Através do desenho de um compartimento separado da unidade de habitação privada – denominado de '*pièce en plus*' – destinado ao uso partilhado entre residentes desenvolve-se uma alternativa

habitacional. Este Modelo surge decorrente das novas exigências do século XXI pela necessidade de se repensar sobre a habitação convencional, propondo-se o desenho de um dispositivo arquitetônico capaz de se moldar e adaptar no tempo e assim permitir servir vários propósitos, desde o domínio coletivo ao domínio privado, de acordo com o momento e a necessidade dos residentes.

ESTRATÉGIAS de desenho. 3

equilíbrios entre o comum e o privado

Ao longo deste século, a investigação e estudo sobre o *Cohousing* observou-se a uma escala global. Um pouco por todo o Mundo, investigadores, arquitetos, sociólogos, entre outros, tem vindo a explorar este modo de habitar numa tentativa de não só contribuir para o progresso do entendimento sobre o mesmo, como também ajudar a uma correta difusão do *Cohousing*, evitando aplicações erradas e segundo propósitos e pressupostos inválidos.

Embora individualmente, cada autor expresse à sua maneira o seu entendimento sobre o *Cohousing*, torna-se difícil delimitar um único tipo de abordagem específico a um único autor. Todos, de modo geral, acabam por fazer referência a uma amplitude de abordagens distintas, entre a temporal, a social, a projetual e a geográfica, explorando o tema segundo vertentes de carácter teórico intrinsecamente ligados à origem, história e evolução bem como ao desenvolvimento, à concretização de novas experiências, ao significado da vida partilhada, ao tipo de residentes e iniciativas, aos processos e elementos arquitetónicos e difusão deste modo de habitar pelo Mundo.

No entanto, desta revisão de literatura é de salientar a existência maioritária de estudos sobre a coabitação como um olhar 'de dentro para fora', mais rígidos e presos ao que já fora dito e encontrado. Ainda são poucos os recursos que desconstruem este modo de habitar sem influências, numa observação de 'fora para dentro' e, portanto, mais abertos e permeáveis à descoberta e à evolução do *Cohousing* na contemporaneidade.

Por sua vez, o capítulo anterior permitiu também atentar na ausência de um estudo mais aprofundado e de carácter comparativo sobre as soluções que amplamente polarizam os diferentes países com cada vez um maior número de projetos desta natureza, nomeadamente, ao nível do desenho, da arquitetura, das estratégias e dos dispositivos arquitetónicos que permitem e facilitam a coabitação.

Assim, procurando-se complementar a lacuna existente, ao longo do próximo capítulo são analisadas, por via do redenho de plantas, cortes, alçados e da elaboração de diversos esquemas, os princípios e os mecanismos, das estratégias e dos meios através dos quais se obtêm resultados espaciais, formais e sociais que dão forma ao *Cohousing*. Analisam-se aprofundadamente 12 casos de estudo que, agrupados 3 a 3 formam 4 grupos com estratégias de desenho de edifícios ou conjuntos de *Cohousing* distintos: **Estratégias de Independência, Estratégias de Agregação, Estratégias de Evolução e Estratégias de Integração.**

Estratégias de **INDEPENDÊNCIA**. 3.1

Reino Unido – *Lancaster* | 1

Dinamarca – *Lang Eng* | 2

Reino Unido – *Lilac* | 3

| 1

2013. Reino Unido. **Lancaster**



[19] Conjunto Lancaster, edificação vista do rio.



[20] Espaço exterior da 'casa comum'.



[21] Espaço exterior, percurso pedonal longitudinal central.



[22] Espaço interior de parte da 'casa comum'.



[23] Espaço exterior da 'casa comum'.



[24] Edifício de unidades privadas.

país

Reino Unido

nº total unidades privadas

41

nome

Lancaster

área total (conjunto | comum | privada)2000m² | 400m² | 40 a 98m²**local | tipo**

9 Forgebank Walk, Halton | Rural

nº total pisos

1/2

tipo de edificação

Baixa densidade

tipo de iniciativa

grupo de residentes

ano (início-fim)

- | 2013

tipo de participação

Divisão de tarefas entre o grupo de residentes

arquiteto(s)

Andrew Yeats (Eco Arc Architects), Alana Clarke

Gestão e manutenção dos espaços coletivos.

Preparação de refeições para toda a comunidade

Partilha de automóveis.

Organização de eventos em conjunto

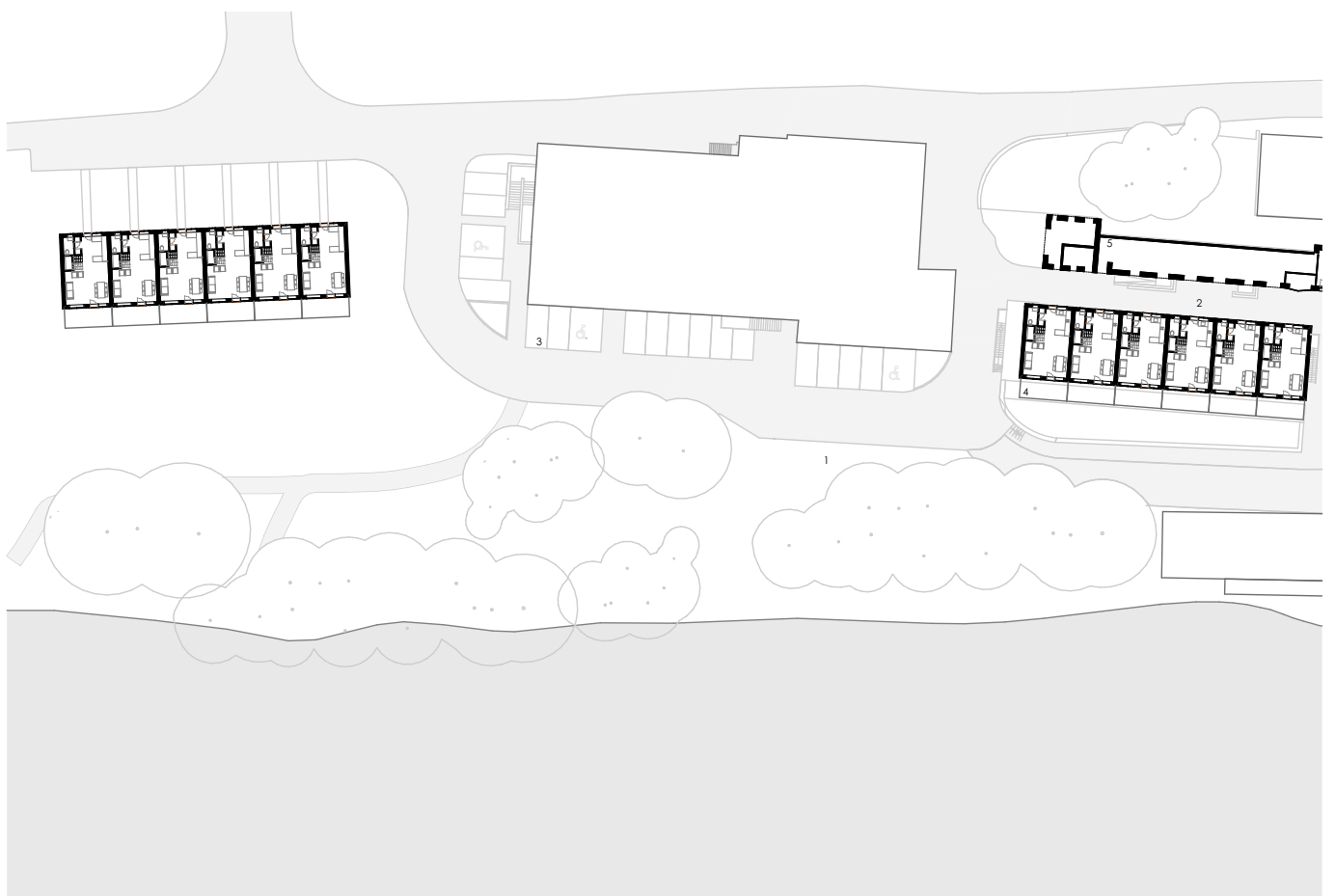
nº total residentes

51

nº total de 'casas comuns'

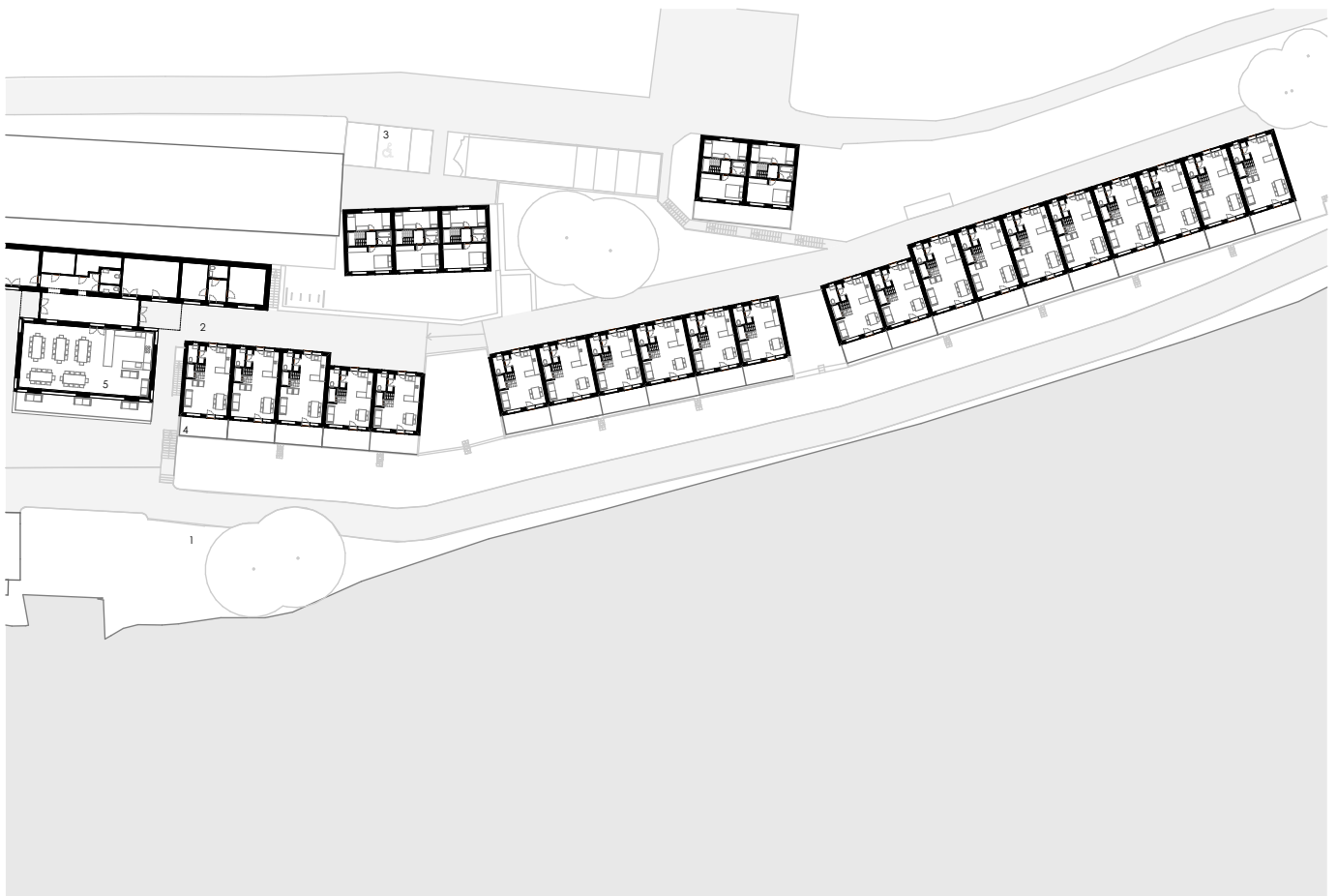
1

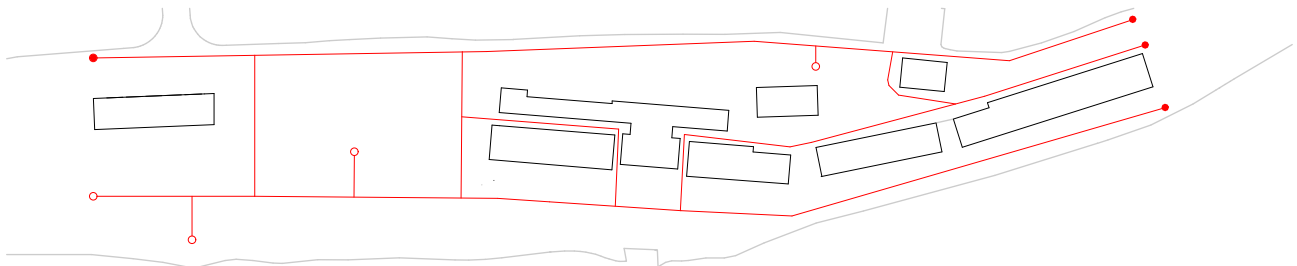
contactoswww.lancastercohousing.org.uk



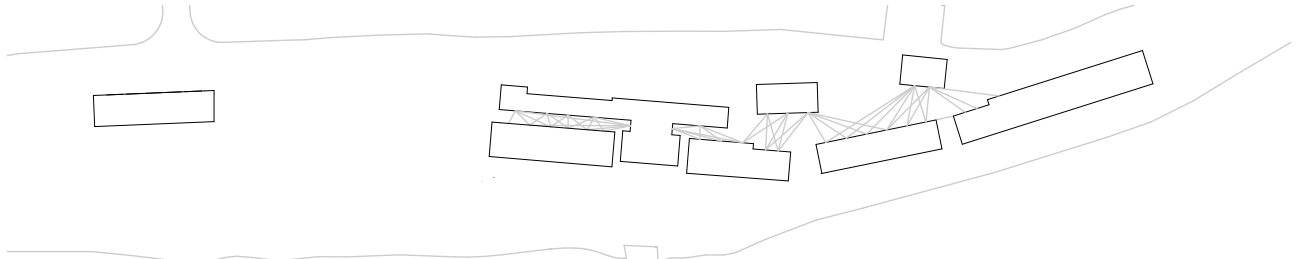
Pl. (escala 1.800) Ⓢ

Pl. : Espaços exteriores - [1] jardim. [2] percurso pedonal. [3] parque de estacionamento. [4] terraço. Espaços de uso partilhado entre toda a comunidade de residentes - [5] 'casa comum'.

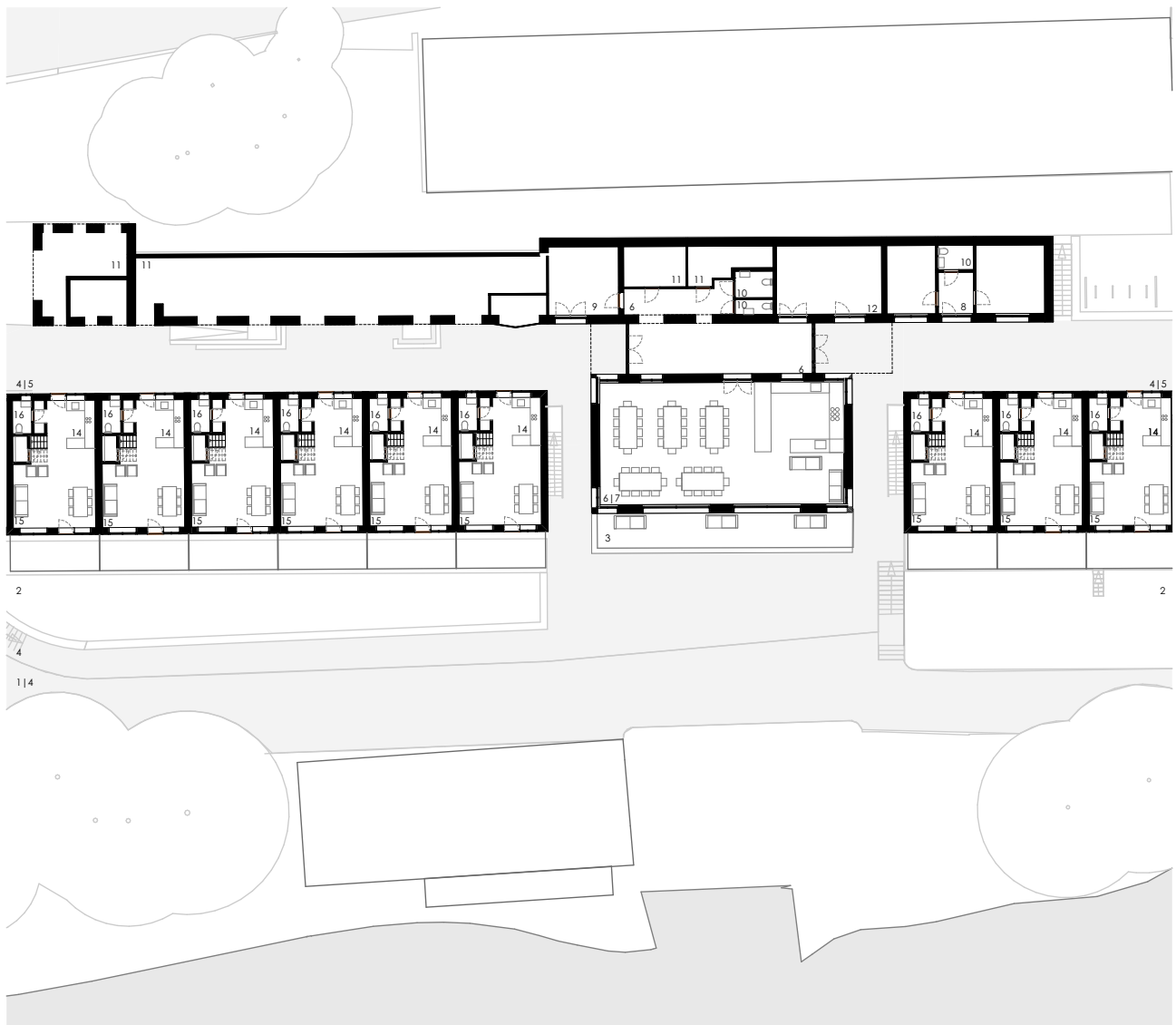




E1 . (escala 1.2000)



E2 . (escala 1.2000)



P0 . (escala 1.400)

E1|E2. — edifício — percurso exterior de chegada ○ espaços exteriores ● ponto de entrada — conexões visuais diretas

P0. : Espaços exteriores - [1] jardim. [2] terraço. [3] alpendre. [4] percurso pedonal. Acesso e circulação - [5] rua pedonal. Espaços de uso partilhado entre toda a comunidade de residentes - [6] 'casa comum'. [7] cozinha coletiva e espaço de refeições. [8] quarto de hóspedes. [9] lavandaria. [10] wc. [11] armazém. [12] espaço para as crianças brincarem. Espaços privados - [13] quarto. [14] cozinha. [15] espaço de estar e refeições. [16] wc.

Comunidade

A comunidade inglesa Lancaster, com cerca de 41 residentes, foi formada com o objetivo de conceber um projeto de habitação coletiva cuja finalidade impunha uma maior aproximação entre o espaço social informal e o privado individual ou familiar. O atelier de Arquitetura Eco Arc desenhou e planeou todo o projeto em estreita colaboração com os futuros residentes que assim demonstravam os valores de partilha e privacidade desejados. Para além do grupo de coabitantes exercer uma participação ativa nas questões de projeto, também gerem e administram de forma coletiva os espaços partilhados. Em equipas de trabalho, segundo planos rotativos, desenvolvem a manutenção dos diferentes espaços comuns quer interiores, quer exteriores; a confeção de refeições para toda a comunidade que, geralmente, ocorre ao jantar cerca de cinco vezes por semana; e a organização de eventos e festas comunitárias, partilhando também os automóveis entre todos.

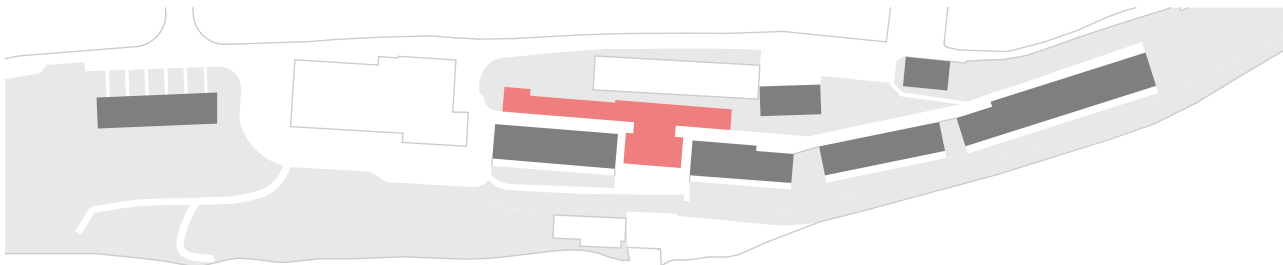
Projeto

O desenho do projeto implica fazer referência aos exemplos concebidos na Dinamarca no século XX, uma vez que há um conjunto de estratégias de desenho desse período que foram utilizadas no desenho deste conjunto. Entre eles destaca-se a distribuição longitudinal dos edifícios no terreno, de acordo com a sua morfologia e, em particular deste caso, paralelamente ao rio, originando três espaços exteriores longitudinais distintos. O primeiro localiza-se próximo do rio, o segundo entre edificações, e o terceiro na parte superior mais afastada da frente fluvial. Ao longo dessas três linhas encontram-se diversos espaços exteriores destinados à vivência comum. Para além de corresponderem a percursos maioritariamente pedonais, com o afastamento dos veículos para zonas periféricas, nelas também é possível encontrar diversos espaços verdes e hortas comunitárias. No restante espaço, entre as três longitudinais, estão implantados sete blocos compactos com unidades habitacionais privadas e ainda um edifício destinado ao uso partilhado entre os residentes – a 'casa comum' que está dividida em duas partes que se ligam apenas através de uma cobertura envidraçada.

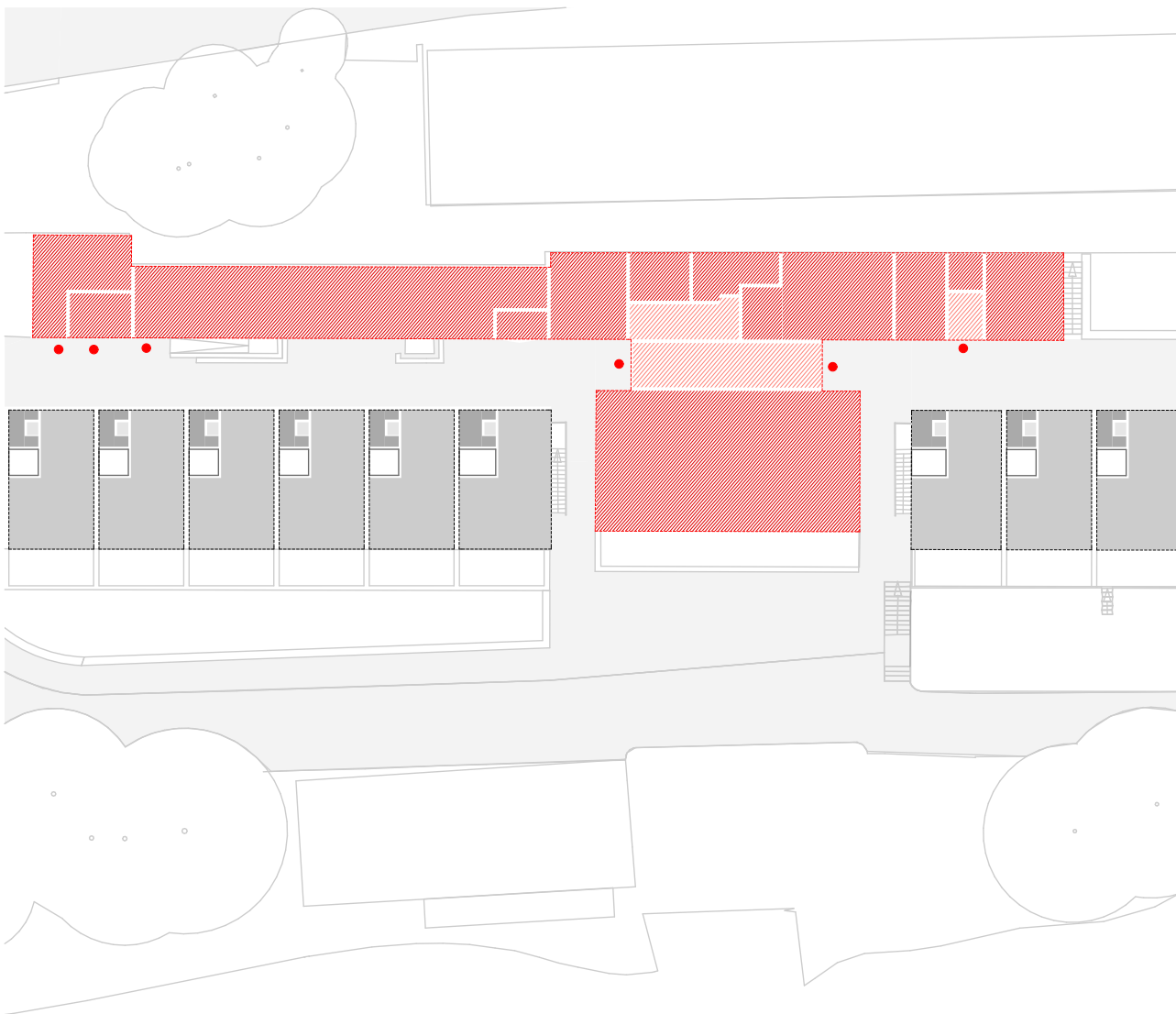
Os pontos de entrada no conjunto são efetuados em ambos os extremos das linhas longitudinais, criando, assim, uma tensão de circulação horizontal. Esta tem um papel importante na medida em que estabelece a ligação entre os espaços interiores



E3 . (escala 1.2000)



E4 . (escala 1.2000)



EPO . (escala 1.400)

- E3|E4. — edifício ■ espaço verde exterior □ espaço exterior ■ unidades privadas ■ espaços intermédios ■ espaço comum em 'casa comum'
- EPO. --- limite unidade privada --- limite 'casa comum' ● ponto de entrada □ acesso vertical □ espaço de circulação ■ cozinha, sala de estar e refeições ■ wc ▨ espaços intermédios ▨ espaços comuns na 'casa comum'

comuns e as unidades habitacionais privadas que se encontram fisicamente separadas e progressivamente distanciadas ao longo da via longitudinal.

Espaços comuns

Os espaços comuns estão posicionados no projeto de forma central em dois edifícios, frente a frente, unidos por uma cobertura de vidro, já mencionada. Ambos estão separados dos restantes volumes de carácter habitacional. Desta forma, a cobertura envidraçada acaba por servir de marcação dos pontos de entrada para a 'casa comum', um a Oeste e outro a Este.

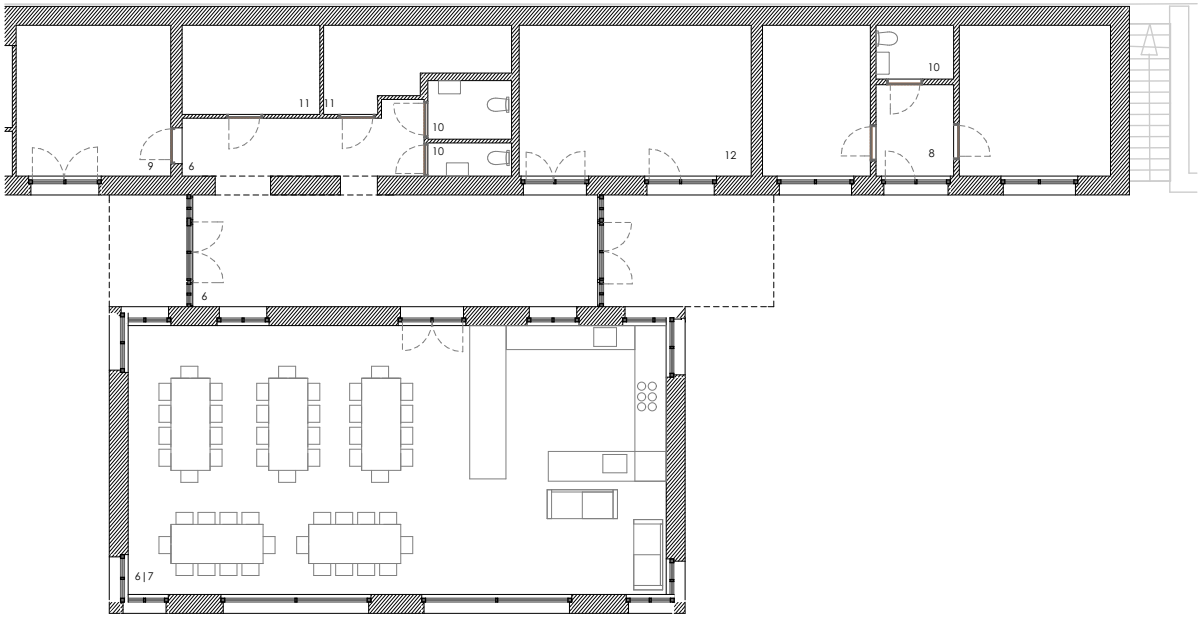
No seu conjunto, a 'casa comum' possui cerca de 400m² e tem diversos espaços de uso partilhado. No edifício mais próximo da linha do rio, estão colocadas as áreas coletivas de confecção e refeição bem como um zona exterior de estar no alpendre e, por sua vez, no edifício em frente encontram-se as áreas ligadas a serviços de lavandaria, quarto de hóspedes, garagem de bicicletas e ainda salas de jogos e wc's.

Unidades privadas

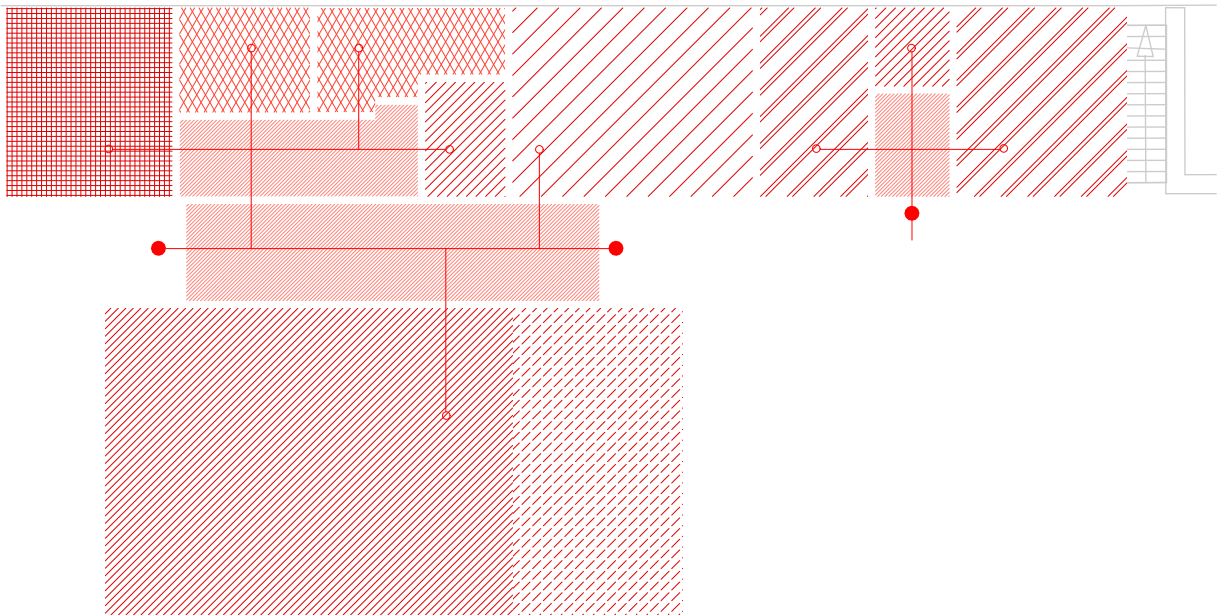
A esfera doméstica privada é desenhada de forma autossuficiente, com grandes áreas e muito aproximada às habitações uni e bi familiares convencionais, destinando-se cada uma individualmente para uma família do grupo de residentes. Nos sete blocos há um número variado de unidades todas de acesso direto feito a partir do exterior. Este pode ser realizado, quer pelo lado Norte, na linha pedonal central, quer pelo lado Sul, pela linha horizontal mais próxima do rio. Das trinta e cinco unidades, há diferentes tipologias, entre o T1 e o T3, podendo ser simplex ou dúplex, com áreas entre os 40 e os 98m². Dentro de cada habitação os espaços organizam-se transversalmente, não existindo compartimentações ao nível do piso térreo entre os espaços sociais de estar (voltados a Sul) e as cozinhas (voltadas a Norte, para o percurso longitudinal do centro do conjunto) permitindo, assim, uma melhor comunicação com o espaço exterior social e comum.

Entre comum e privado

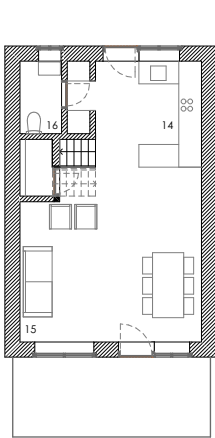
Neste projeto, os limites entre o comum e o privado são ainda um pouco rígidos, existindo um claro afastamento entre ambos. Para além da separação física



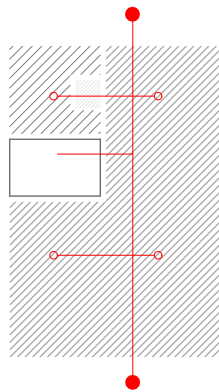
Pec . (escala 1.200)



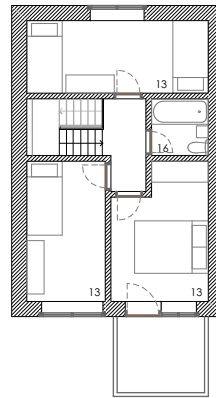
EPec . (escala 1.200)



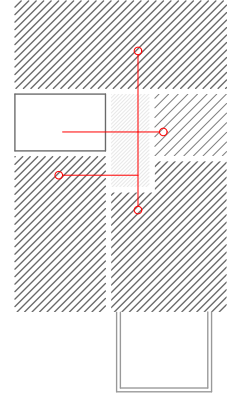
P0up . (escala 1.200)



EP0up . (escala 1.200)



P1up . (escala 1.200)



EP1up . (escala 1.200)

Pec. | P0up. | P1up. : Espaços exteriores - [1] jardim. [2] terraço. [3] alpendre. [4] percurso pedonal. Acesso e circulação - [5] rua pedonal. Espaços de uso partilhado entre toda a comunidade de residentes - [6] casa comum. [7] cozinha coletiva e espaço de refeições. [8] quarto de hóspedes. [9] lavandaria. [10] wc. [11] armazém. [12] espaço para as crianças brincarem. Espaços privados - [13] quarto. [14] cozinha. [15] espaço de estar e refeições. [16] wc.

EPec. | EP0up. | EP1up. : — percurso ○ espaços distintos ● entrada □ acesso vertical ▨ espaço circulação interior ▩ cozinha, sala de estar e refeições ▭ wc ▮ quarto ▯ quarto de hóspedes ▰ sala de jogos ▱ espaço de cozinha ▲ espaço de estar e refeições comunitárias △ wc ▴ lavandaria ▵ armazém ▶ espaço intermédio de circulação

visível há também a presença de uma quebra visual entre os edifícios. Isto porque, apesar da 'casa comum' estar localizada no centro da proposta, a implantação longitudinal das unidades privadas impossibilita as relações visuais pelo progressivo e gradual distanciamento relativamente à mesma.

Neste sentido, o desenho do espaço exterior, nomeadamente, do percurso pedonal localizado no centro da proposta, serve de vínculo e estímulo para que as relações entre residentes não se percam, evitando o isolamento em demasia dos mesmos nas suas habitações. É, portanto, um dispositivo que, servindo de motor social, estabelece o equilíbrio necessário entre a esfera coletiva comum e a esfera individual privada, completando, deste modo, o desenho de um lugar que serve de palco à coabitação.

| 2

2009. Dinamarca. **Lange Eng**



[25] Edifício Lange Eng, edificação e fachada externa.



[26] Jardim do pátio central.



[27] Fachada externa.



[28] Fachada interna.



[29] Pátio central.



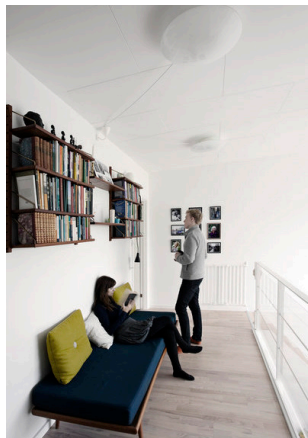
[30] Espaço interior comum, sala de workshops.



[31] Espaço interior comum, sala de refeições.



[32] Interior unidade privada.



[33] Interior unidade privada.



[34] Interior unidade privada.

país

Dinamarca

área total (conjunto | comum | privado)3300m² | 600m² | 71 a 128m²**nome**

Lange Eng

nº total pisos

2

local | tipo

Lange Eng, 2620 Albertslund | Urbano

tipo de iniciativa

grupo de residentes

tipo de edificação

Baixa densidade

tipo de participação

Divisão de tarefas entre o grupo de residentes

ano (início-fim)

- | 2009

Gestão e manutenção dos espaços coletivos.

Preparação de refeições para toda a comunidade.

arquiteto(s)

Dorte Mandrup

Partilha de automóveis.

Ajuda no cuidado das crianças.

nº total residentes

220

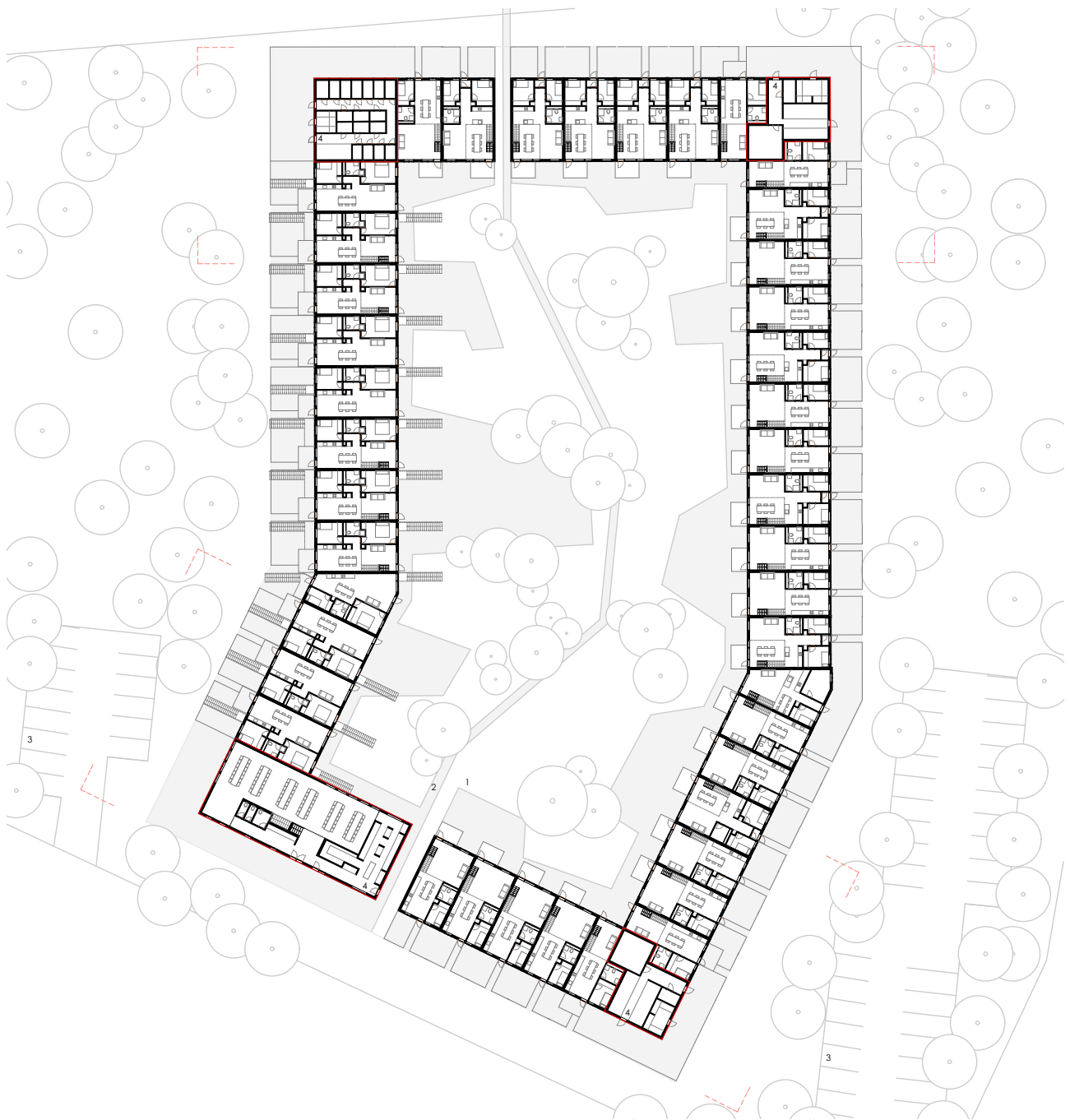
Organização de eventos e festas comunitárias.

nº total de 'casas comuns'

4

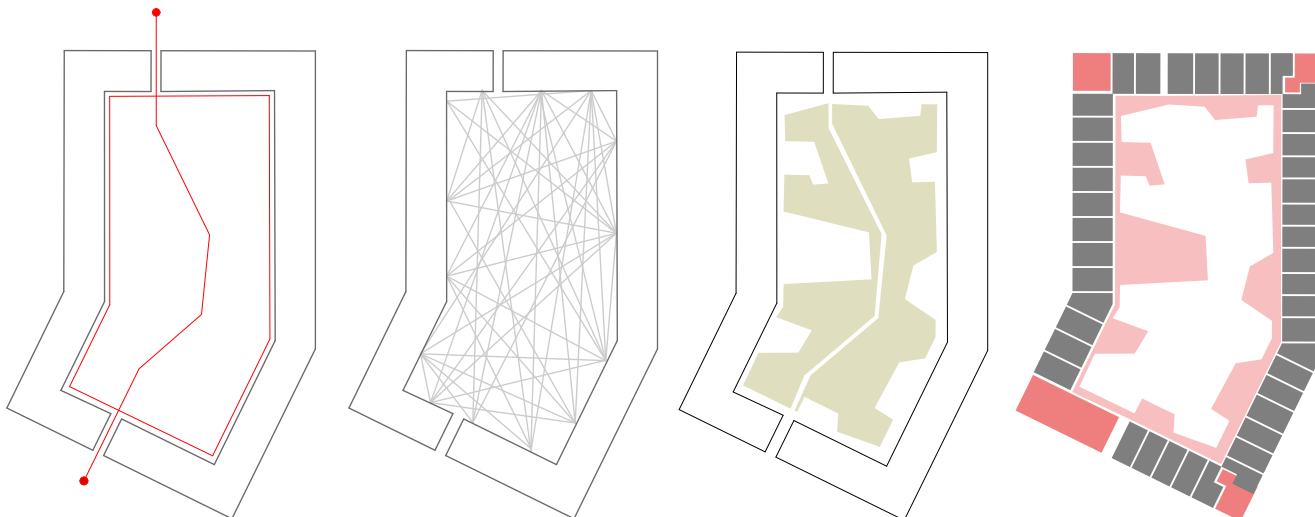
contactoswww.langeeng.dkwww.dortemandrup.dkinfo@dortemandrup.dk**nº total unidades privadas**

54

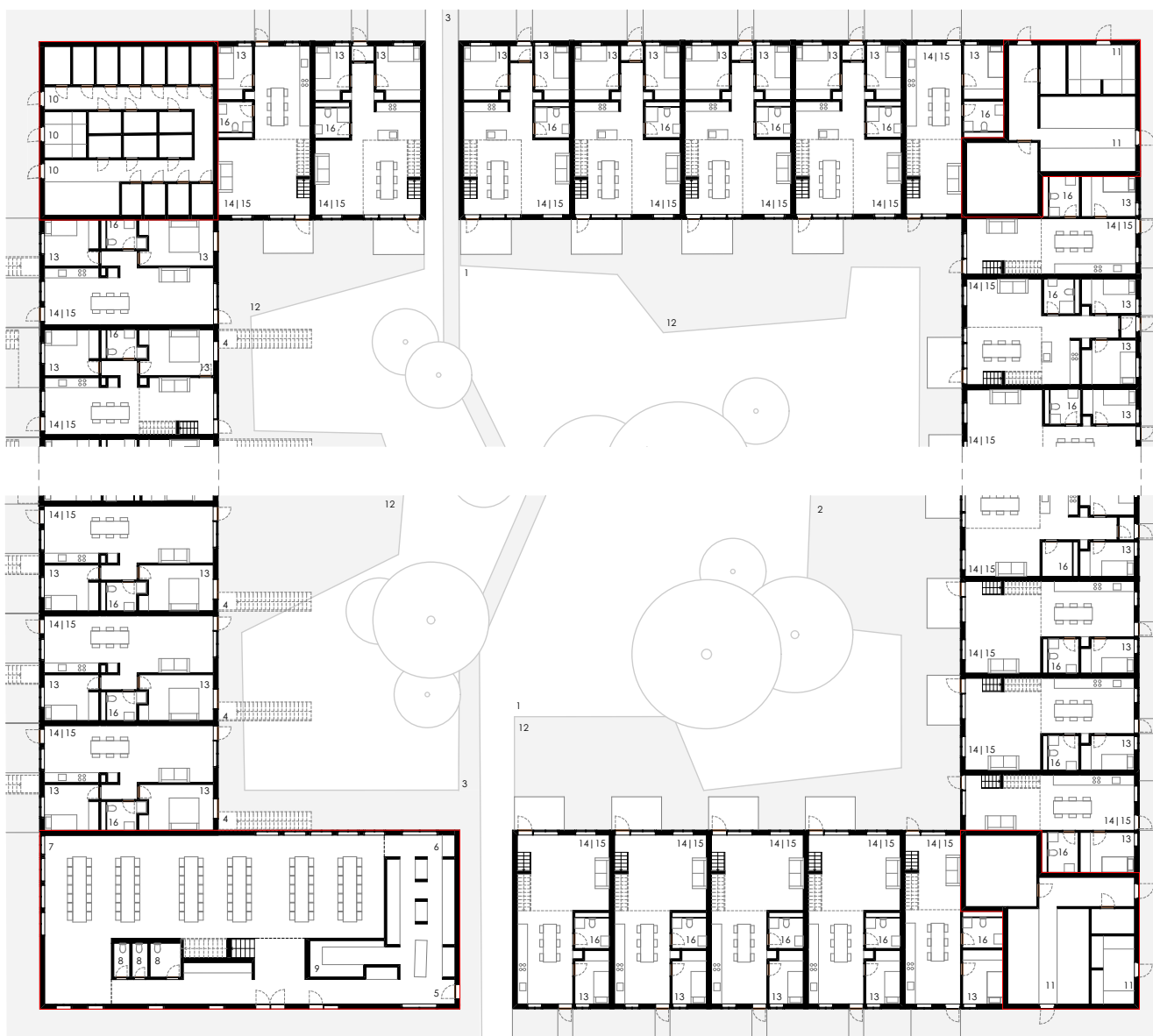


Pl. (escala 1.800) ①

Pl. : Espaços exteriores - [1] jardim. [2] percurso pedonal. [3] parque de estacionamento. Espaços de uso partilhado entre toda a comunidade de residentes - [4] 'casa comum'.



E1 . (escala 1.2000)



P0 . (escala 1.400)

E1. — edifício — percurso exterior de chegada — conexões visuais diretas ● ponto de entrada ■ unidade privada ■ espaço verde exterior ■ espaço exterior ■ Espaços comuns em 'casa comum'.

P0. : Espaços exteriores e acesso e circulação - [1] jardim. [2] espaço para as crianças brincarem. [3] percurso pedonal. [4] escadas exteriores. Espaços de uso partilhado entre toda a comunidade de residentes - [5] 'casa comum'. [6] cozinha coletiva. [7] sala de refeições comunitárias. [8] wc. [9] lavandaria. [10] armazém. [11] oficina. Espaços intermédios - [12] passeio com pavimento de madeira. Espaços privados - [13] quarto. [14] cozinha. [15] espaço de estar e refeições. [16] wc.

Comunidade

O projeto Lange Eng na Dinamarca foi iniciado por um grupo de amigos que ansiavam por uma alternativa habitacional para as suas famílias.

Após alguns anos, de reuniões e alguma incerteza, a ideia começou a ser delineada de forma mais séria. Foram organizados eventos e iniciativas para recrutar novos membros, convidando-os a participar no planeamento do projeto. A partir de encontros regulares, valores e ambições foram partilhados, bem como o conjunto de processos legais, financeiros e construtivos necessários ao desenvolvimento da proposta para as fases posteriores.

Assim, com o empenho de todos, deu-se início à construção do complexo que, mais tarde, acabou por adotar o mesmo nome que a comunidade *Lange Eng*.

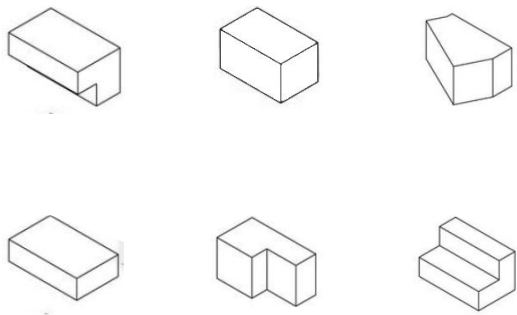
Hoje, *Lange Eng* é constituída por 220 residentes, dos quais cerca de 100 são crianças. O espírito de cooperação e ajuda mútua mantêm-se, tanto na manutenção dos espaços destinados a uso partilhado – exteriores e interiores – como na preparação e confeção de refeições para a comunidade. Esta realiza-se seis vezes por semana e é confeccionada por grupos rotativos constituídos por três a quatro elementos de agregados familiares distintos. Tem como objetivo aproximar os residentes a um nível de maior familiaridade, pela vivência comum de momentos quotidianos. Para além deste exemplo, há também a partilha de automóveis e a realização de diversas atividades e eventos em comunidade.

Projeto

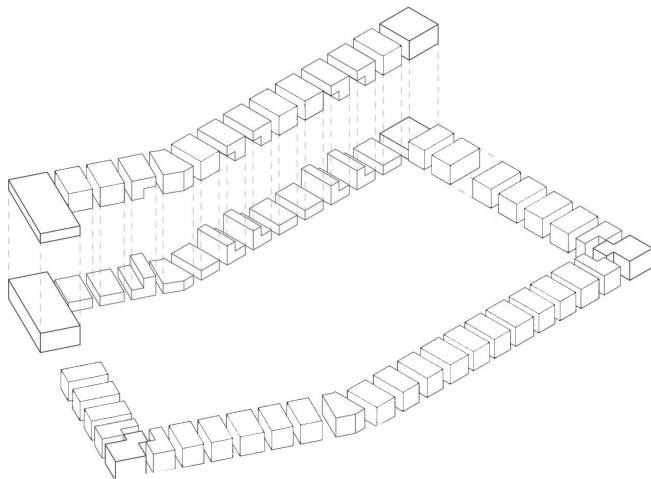
O complexo Lange Eng, desenhado pelo atelier Dorte Mandrup, corresponde a um projeto contemporâneo de coabitação. Inspirado nos primeiros edifícios de *Cohousing* construídos na Dinamarca, trouxe consigo a renovação das ideias iniciais.

A sua forma em bloco compacto distribuído na horizontal assemelha-se a um quarteirão fechado. Este, molda-se ao terreno e dá prioridade ao desenho de um espaço central exterior que remete para os projetos de *Cohousing* do século XX do país⁹⁷. A ideia de quarteirão é exaltada também pela existência de um revestimento

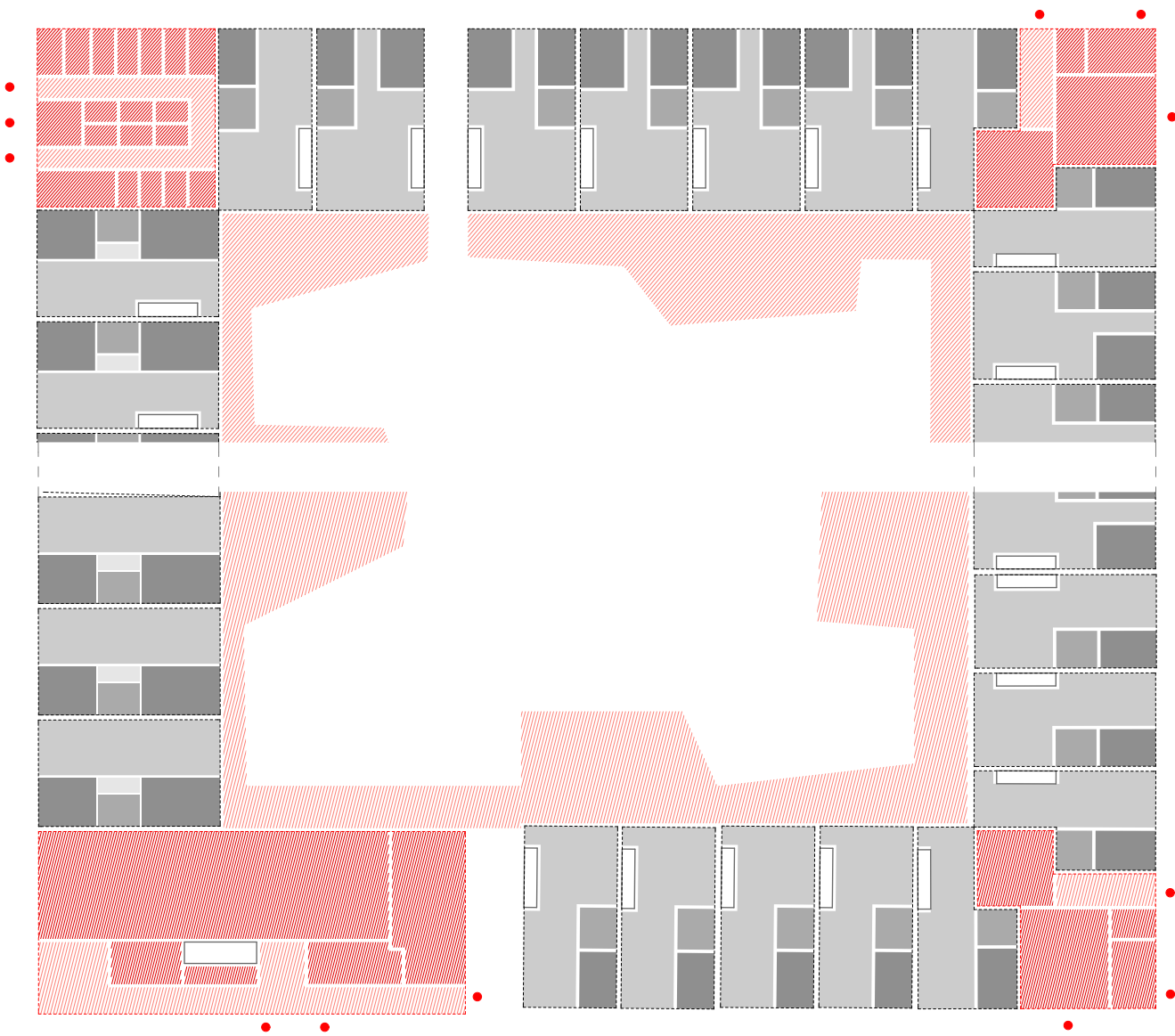
⁹⁷ A par do segundo capítulo, referentes às Abordagens ao *Cohousing* é mencionada uma morfologia semelhante a esta ideia, chamada de 'pátio central' [Cap.2, p.93] – nome dado por McCamant e Durrett aquando da publicação do seu primeiro manual de *Cohousing*: DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Cohousing: A Contemporary Approach to Housing Ourselves*. EUA: Habitat Press, 1988.



[35] . Diferentes volumetrias de unidades privadas existentes.



[36] . Axonometria com as volumetrias das unidades privadas e quatro 'casas comuns'.



EPO . (escala 1.400)

EPO, --- limite unidade privada --- limite 'casa comum' ● ponto de entrada □ acesso vertical □ espaço de circulação ■ cozinha, sala de estar e refeições ■ wc ■ quarto ■ espaços intermédios e de circulação ■ espaços de uso partilhado na 'casa comum'.

exterior distinto nas fachadas do edifício. Se, por um lado, as que se voltam para fora são em madeira preta, as que se viram para o interior pátio central são em policarbonato.

Há, portanto duas intenções distintas na caracterização do edifício. A externa, mais austera e fechada, com um número reduzido de aberturas envidraçadas e a interna, mais leve e aberta, num material semi transparente e com bastantes aberturas, possibilitado uma maior conexão visual entre residentes e entre espaços interiores, exteriores, comuns e privados. Assim, há um olhar mais atento sobre o que acontece no interior do conjunto como se de um micro universo interior se tratasse, no qual se processa a vida em comunidade de *Cohousing*.

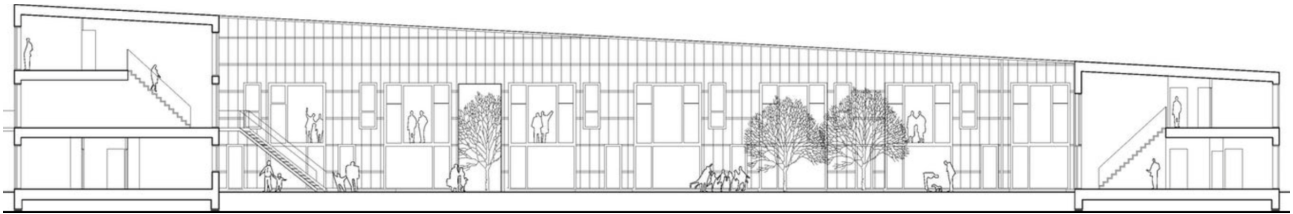
Todo o projeto tem bastantes áreas verdes, quer no lado de fora do complexo quer no seu interior. Os acessos ao pátio central podem ser feitos quer pelo lado Norte quer pelo lado Sul, existindo um percurso pedonal que atravessa e liga os dois pontos. Para além deste percurso é ainda visível um outro em torno do perímetro externo do núcleo central.

Espaços comuns

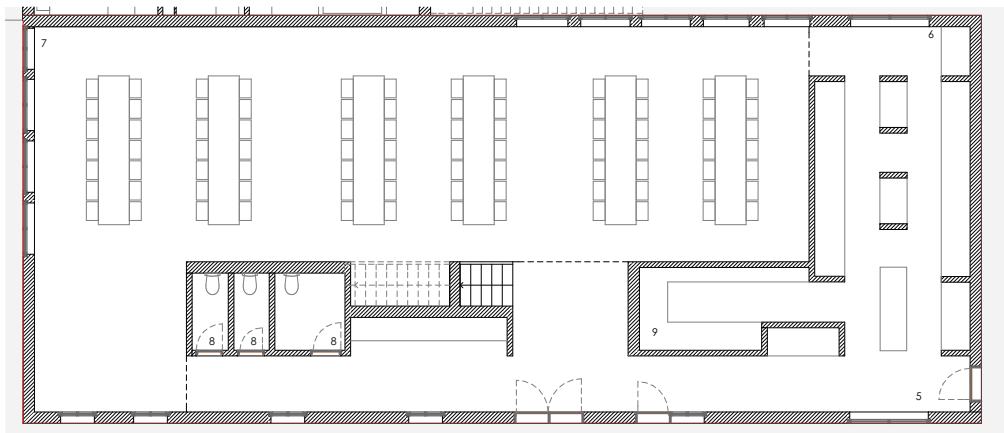
Os espaços comuns, de uso partilhado e coletivo entre os residentes estão localizados em quatro unidades edificadas nas quatro charneiras do conjunto, induzindo a uma premissa de centralidade através da posição de baricentro.

Das quatro unidades, três têm áreas semelhantes, entre 75 e 100m² e função de armazenamento, oficinas e a garagens para bicicletas, voltando-se para o lado externo do quarteirão. A única que se vira para o pátio central tem uma área de 350m² e corresponde à 'casa comum' principal onde se pode encontrar espaços coletivos de cozinha, sala de refeições, salas de música, de jogos, de workshops, de videoteca e ainda vários wc's de serviço.

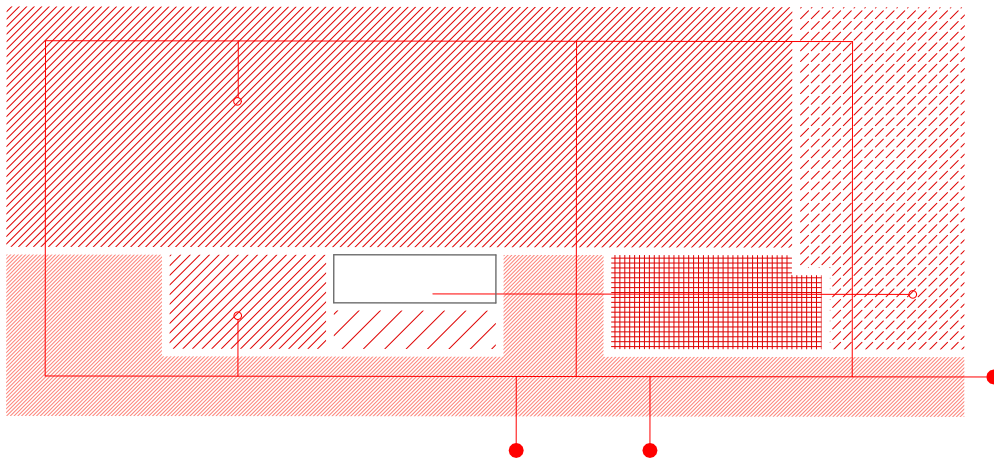
Apesar dos espaços comuns estarem contíguos às unidades privadas, o seu acesso é feito pelo exterior, o que alude a uma estratégia de desenho com base num princípio de independência entre o comum e o privado. Para além desta separação física entre ambos, há também um distanciamento propositado dos veículos e das cargas utilizadas por todos os residentes, dos restantes espaços de vivência coletiva o que fomenta a uma maior segurança na vivência da comunidade no espaço exterior do pátio central.



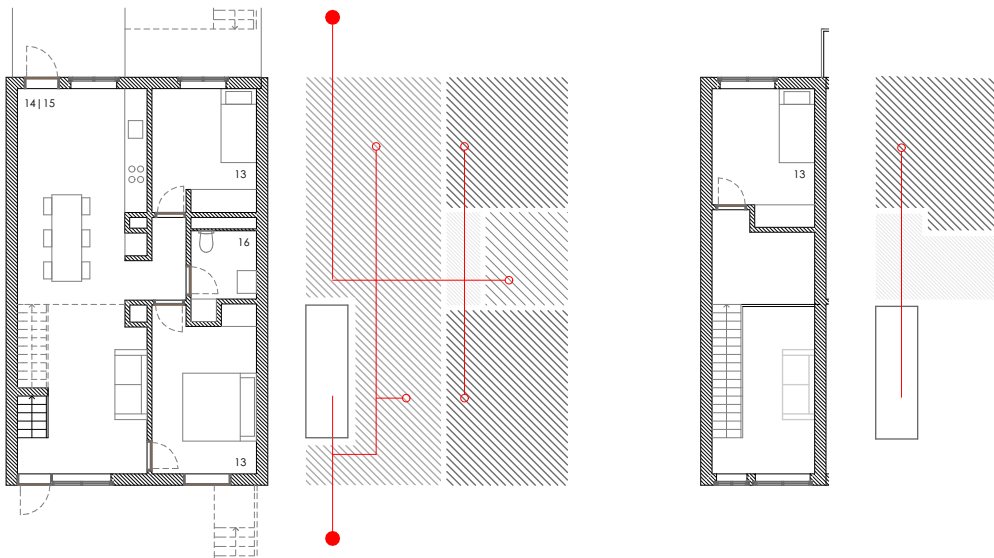
[37] . Corte transversal.



Pec . (escala 1.200)



Epec . (escala 1.200)



P0up . (escala 1.200)

EP0up . (escala 1.200)

P1up . (escala 1.200)

EP1up . (escala 1.200)

Epec. | EP0up. | EP1up : — percurso ○ espaços distintos ● entrada □ acesso vertical ▨ espaço circulação interior ▩ cozinha, sala de estar e refeições ▧ wc
▧ quarto ▨ espaço de cozinha ▨ espaço de estar e refeições comunitárias ▧ wc ▩ lavanderia ▨ espaço intermédio de circulação

Pec. | P0up. | P1up. : Espaços exteriores e acesso e circulação - [1] jardim. [2] espaço para as crianças brincarem. [3] percurso pedonal. [4] escadas exteriores. Espaços de uso partilhado entre toda a comunidade de residentes - [5] casa comum. [6] cozinha coletiva. [7] sala de refeições comunitárias. [8] wc. [9] lavanderia. [10] armazém. [11] oficina. Espaços intermédios - [12] passeio com pavimento de madeira. Espaços privados - [13] quarto. [14] cozinha. [15] espaço de estar e refeições. [16] wc.

Unidades privadas

Quanto às unidades privadas, é possível observar diferentes tipologias e configurações nas cinquenta e quatro células existentes. Há dois tipos de T2, três de T3 e de T4 e um de T5, com áreas entre 71 e 128 m². A modelação e encaixe é feita para que não existam mais do que dois pisos em todo o conjunto.

No que diz respeito ao acesso às habitações, este é feito de forma direta em dois pontos distintos: um no lado externo do quarteirão e outro a partir do jardim central. Dentro de cada habitação, a circulação é feita transversalmente entre estes dois pontos e há uma tendência clara em voltar as áreas de salas de estar para o centro, deixando que o coletivo invada a esfera privada a partir das amplas janelas envidraçadas existentes nesse espaço.

Entre comum e privado

A barreira entre a vida partilhada e a privada é definida através do desenho do espaço exterior do pátio central. Nele é possível encontrar um percurso pedonal que rodeia o perímetro interno do jardim e estabelece a ligação entre as habitações e a 'casa comum'. Apresenta uma forma irregular que sugere o prolongamento das unidades privadas para o exterior, permitindo um olhar direto sobre a vida quotidiana e doméstica privada ao mesmo tempo que serve de espaço para o encontro entre residentes, estimulando, assim, a vivência em comunidade.

| 3

2013. Reino Unido. **Lilac**



[38] Projeto Lilac, edificação e espaços exteriores.



[39] Projeto Lilac, edificação e espaços exteriores.



[40] Espaço exterior, percurso pedonal.



[41] Espaço exterior, percurso pedonal.



[42] Edifício referente à 'casa comum' e espaço exterior.



[43] Bloco de unidades habitacionais privadas.



[44] Interior de uma das habitações.



[45] Varanda de uma das unidades privadas.

país

Reino Unido

área total (conjunto | comum | privado)

1196m² | 168m² | 47 a 110m²

nome

Lilac

nº total pisos

1/2

local | tipo

Victoria Park Ave, Leeds LS5 | Urbano

tipo de iniciativa

Grupo de residentes

tipo de edificação

Baixa densidade

tipo de participação

Divisão de tarefas entre o grupo de residentes.

ano (início-fim)

2006 -2013

Gestão e manutenção dos espaços coletivos.

arquiteto(s)

White Design

Preparação de refeições para toda a comunidade.

nº total residentes

48

contactos

www.lilac.coop

www.white-design.com

mail@white-design.co.uk

nº total de 'casas comuns'

1

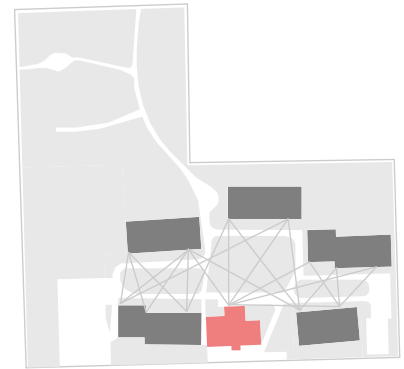
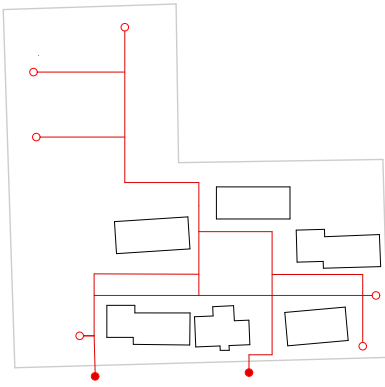
nº total unidades privadas

20



Pl. (escala 1.800) Ⓞ

Pl. : Espaços exteriores - [1] jardim. [2] horta comunitária. [3] parque de estacionamento. [4] espaço para as crianças brincarem. [5] percurso pedonal. Espaços de uso partilhado por todos os residentes - [6] 'casa comum'.



E1 . (escala 1.2000)



P0 . (escala 1.400)

E1. — edifício — percurso exterior de chegada — conexões visuais diretas ○ espaços exteriores ● ponto de entrada ■ unidade privada ■ espaço verde exterior □ espaço exterior ■ espaço comum em 'casa comum'.

P0. : Espaços exteriores - [1] jardim. [2] horta comunitária. [3] espaço para as crianças brincarem. [4] percurso pedonal. [5] espaço de estacionamento de bicicletas. Acesso e circulação - [6] rua pedonal. [7] escadas interiores. Espaços de uso partilhado entre toda a comunidade de residentes - [8] 'casa comum'. [9] cozinha coletiva. [10] sala de refeições comunitárias. [11] lavandaria. [12] sala workshops. [13] sala de reuniões. [14] wc. [15] armazém. [16] quarto de hóspedes. Espaços intermédios - [17] corredor de distribuição. Espaços privados - [18] quarto. [19] cozinha. [20] espaço de estar e refeições. [21] wc.

Comunidade

A comunidade Lilac é uma Sociedade Cooperativa sem fins lucrativos inglesa formada por um conjunto de membros que se organizaram para a realização de um projeto de habitação de *Cohousing*. Com o nome de MHOS – Sociedade Mútua de Propriedade Própria – esta cooperativa pretendia reduzir o custo das habitações através da implementação de um conjunto de novas regras para o mercado de arrendamento, em que, o valor mensal seria adaptado ao salário líquido de cada agregado familiar.

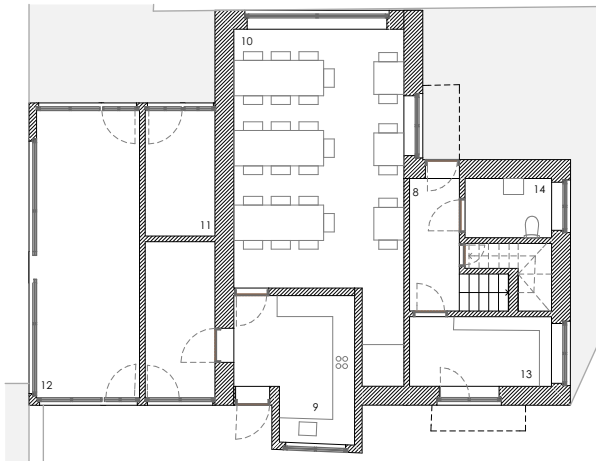
A partir de uma lista feita à priori por parte do grupo de futuros residentes foram registados os requisitos e valores comuns a incluir no projeto que assim foi elaborado pelo atelier *White Design*.

O espírito de grupo manteve-se, desde a ideia até ao usufruto, realizando em grupo diversos momentos da vida quotidiana e doméstica. Cada agregado familiar é responsável por um conjunto de tarefas de manutenção dos espaços coletivos, de preparação de refeições ou ainda de eventos para toda a comunidade. Desta forma, as relações entre os elementos do grupo evoluem, transformando-se de desconhecidos em amigos e família.

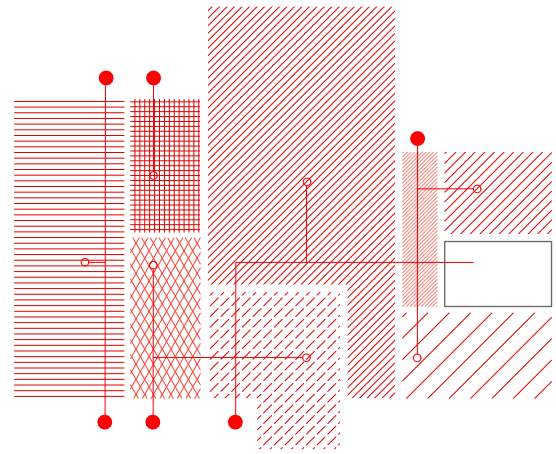
Projeto

O projeto foi pensado através da requalificação de um complexo de uma antiga escola primária localizada em Bramley, Leeds, transformando-o num conjunto de habitação em *Cohousing*. Os edifícios, apesar de se posicionarem de forma dispersa no terreno, favoreciam a criação de uma zona central nuclear para a vivência comum no exterior, onde foram desenhados desde percursos pedonais a diversos jardins e hortas comunitárias, ficando os veículos automóveis posicionados em parques de estacionamento exteriores no lado Oeste. O desenho das vias pedonais é feito de forma concêntrica, permitindo estabelecer a ligação não só entre os diferentes espaços exteriores como entre os blocos de unidades privadas e espaços comuns. Tal como nos projetos Dinamarqueses do século XX, este projeto possui uma 'casa comum', no qual estão localizadas áreas de uso partilhado, e esta encontra-se isolada no centro do terreno e com acesso pelo exterior.

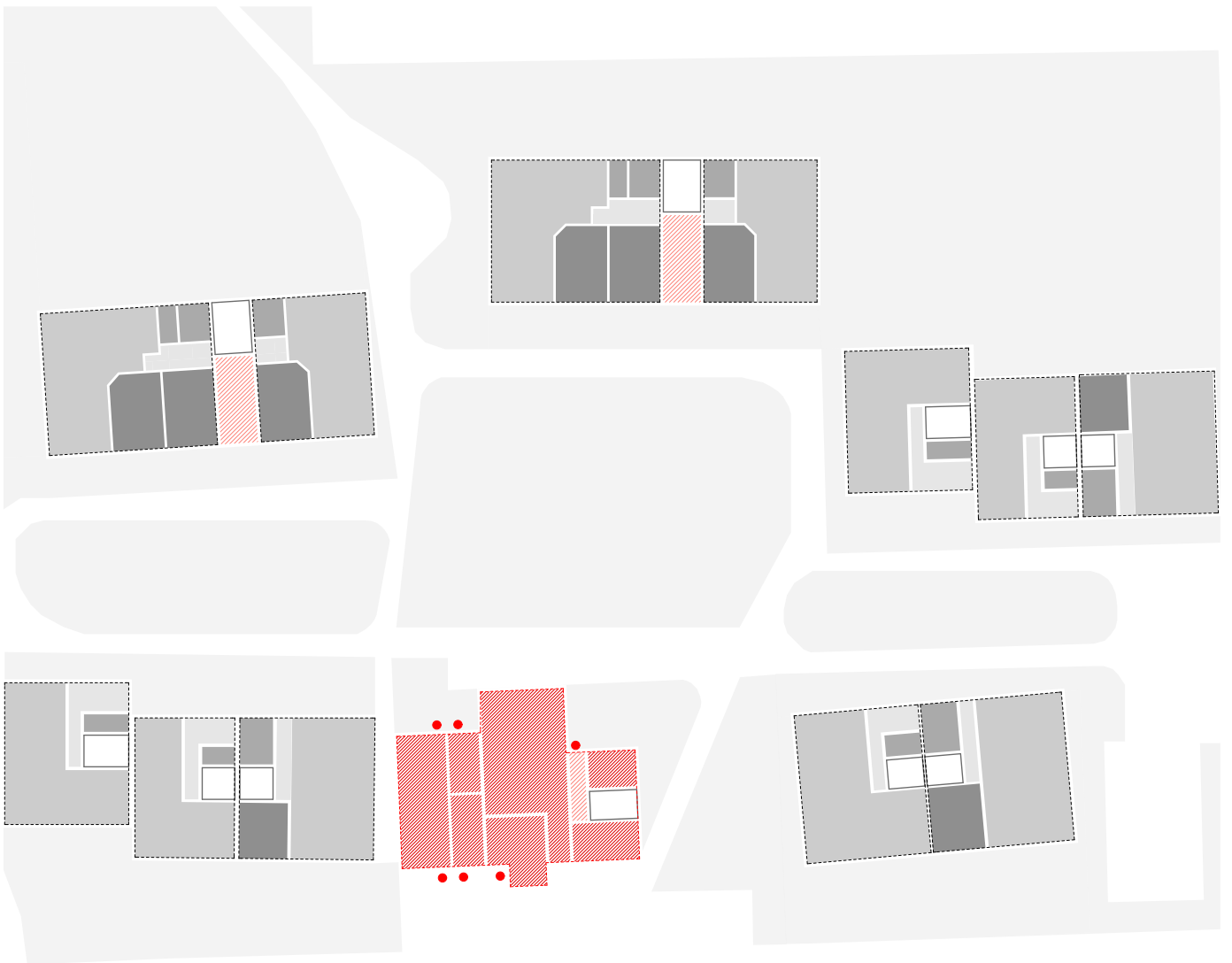
Para além da chamada 'casa comum', há ainda cinco blocos destinados a habitação para cada um dos agregados familiares do grupo de residentes. Todo o projeto liga-se através do exterior e é no extremo Sul que estão localizadas as duas



Pec . (escala 1.200)



EPec . (escala 1.200)



EP0 . (escala 1.400)

Eec.: — percurso ○ espaços distintos ● entrada □ acesso vertical ≡ sala de workshops // espaço de cozinha // espaço de estar e refeições comunitárias
 // wc ■ lavanderia X armazém // espaço intermédio de circulação

Pec. | P0. : Espaços exteriores - [1] jardim. [2] horta comunitária. [3] espaço para as crianças brincarem. [4] percurso pedonal. [5] espaço de estacionamento de bicicletas. Acesso e circulação - [6] rua pedonal. [7] escadas interiores. Espaços de uso partilhado entre toda a comunidade de residentes - [8] 'casa comum'. [9] cozinha coletiva. [10] sala de refeições comunitárias. [11] lavandaria. [12] sala workshops. [13] sala de reuniões. [14] wc. [15] armazém. [16] quarto de hóspedes. Espaços intermédios - [17] corredor de distribuição. Espaços privados - [18] quarto. [19] cozinha. [20] espaço de estar e refeições. [21] wc.

EP0. --- limite unidade privada --- limite 'casa comum' ● ponto de entrada □ acesso vertical □ espaço de circulação □ cozinha, sala de estar e refeições
 ■ wc ■ quarto // espaço intermédio // espaço de uso partilhado na 'casa comum'

entradas para o conjunto: uma destinada a veículos automóveis a Oeste e outra, para pessoas, no centro e em frente ao edifício da 'casa comum'.

É um projeto que tem diferentes aspectos ecológicos aplicados, entre os quais se destaca a colocação de painéis solares para o aquecimento das águas.

Espaços comuns

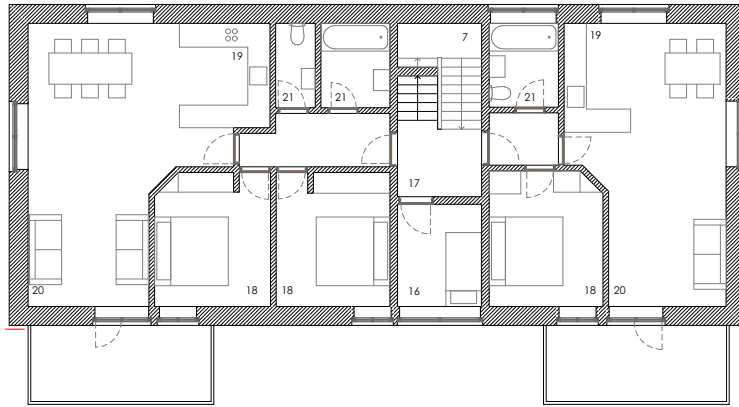
Os espaços comuns encontram-se num edifício posicionado no centro da proposta. Com cerca de 168m² totais, estabelece uma relação visual forte com as unidades privadas, permitindo observar do interior todo o complexo mesmo que este edifício de 'casa comum' esteja fisicamente separado e com acesso pelo exterior.

A 'casa comum' é um volume constituído por duas partes, cada uma com uma entrada distinta. A primeira, com um piso, permite aos residentes aceder às salas de workshops, lavandaria e a uma oficina. E a segunda, com dois pisos, possibilita a utilização dos espaços de cozinha, sala de refeições coletiva, sala de reuniões, secretaria e ainda a um wc de serviço. Ambas as partes que conformam o conjunto dos espaços comuns interiores catalisam não só a partilha e a vivência em comum de diferentes espaços e momentos da vida doméstica quotidiana mas também as reuniões de grupo necessárias para a manutenção e bom funcionamento da comunidade.

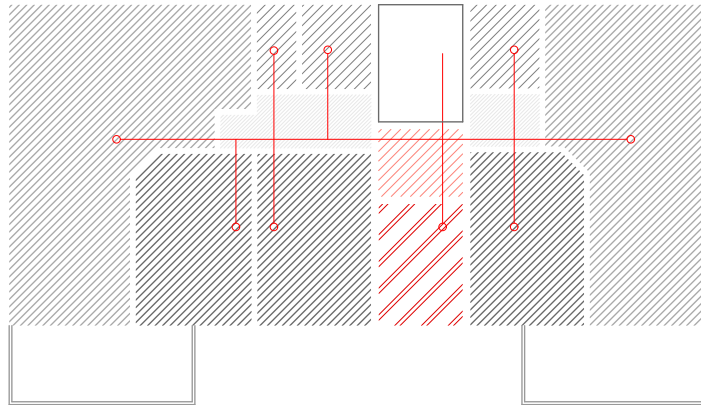
Unidades privadas

A habitação privada, individual ou familiar, possui vinte unidades, divididas em cinco blocos compactos com dois pisos cada. Há fogos com diferentes tipologias que variam entre o T1 e o T4, com áreas entre os 47m² e os 110m². Dos cinco blocos, três possuem duas ou três unidades privadas, todas dúplex e de acesso direto feito através dos percursos pedonais exteriores. Os restantes dois blocos compreendem cada um quatro habitações distribuídas por dois pisos, todas simplex. Estes últimos funcionam segundo o sistema de esquerdo-direito no qual o acesso já não é mais feito de forma direta a partir do exterior mas através de um corredor e de uma escada de acesso vertical.

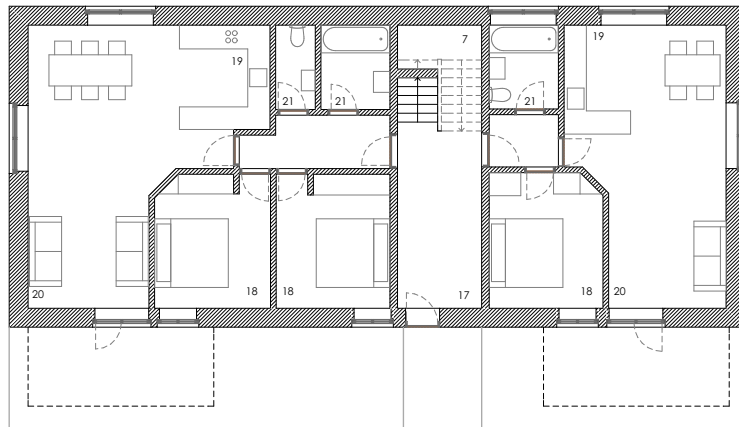
Apesar desta distinção, todas as unidades conseguem ter uma relação visual com o restante conjunto, existindo varandas nos pisos superiores e terraços privados no piso térreo.



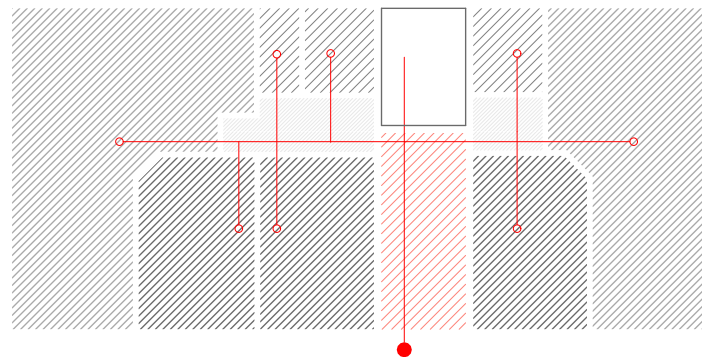
P1 . (escala 1.200)



EP1 . (escala 1.200)



P0 . (escala 1.200)



EP0 . (escala 1.200)

EP0. | EP1.: — percurso ○ espaços distintos ● entrada □ acesso vertical ▨ espaço circulação interior ▩ cozinha, sala de estar e refeições ▧ wc ▨▨ quarto
 ▧▧ quarto de hóspedes ▨▨▨ espaço de circulação

P0. | P1.: Espaços exteriores - [1] jardim. [2] horta comunitária. [3] espaço para as crianças brincarem. [4] percurso pedonal. [5] espaço de estacionamento de bicicletas. Acesso e circulação - [6] rua pedonal. [7] escadas interiores. Espaços de uso partilhado entre toda a comunidade de residentes - [8] 'casa comum'. [9] cozinha coletiva. [10] sala de refeições comunitárias. [11] lavandaria. [12] sala workshops. [13] sala de reuniões. [14] wc. [15] armazém. [16] quarto de hóspedes. Espaços intermédios - [17] corredor de distribuição. Espaços privados - [18] quarto. [19] cozinha. [20] espaço de estar e refeições. [21] wc.

Entre comum e privado

Neste caso de estudo há uma nova iniciativa, relativamente aos exemplos até agora mencionados, quanto aos limites entre o comum e o privado. A existência de dois blocos habitacionais – no qual deixa de existir um acesso direto pelo exterior para passar a existir mais do que uma unidade por piso, num sistema esquerdo-direito – gera espaços comuns numa esfera mais aproximada da privada. Exemplo disso é a criação de quartos de hóspedes dentro dos referidos blocos.

Desta forma, há a criação de novas relações sociais para além das sugeridas por uma estratégia de independência no desenho entre o comum e o privado que assim se revela a nível interno e desenvolve espaços intermédios interiores que, servindo de dispositivos ao encontro ocasional entre vizinhos, propiciam outros níveis de sociabilização para além da existente no exterior ou na 'casa comum'.

Outro aspecto relevante é a existência de uma forte relação visual entre todo o conjunto potenciada por um desenho disperso dos diferentes volumes que compõe o conjunto. Todos tomam conta de todos, desenvolvendo-se um ambiente interno mais seguro e estável para que, por exemplo, as crianças possam brincar sem perigo ou para a organização de eventos e festas comunitárias.

Estratégias de **AGREGAÇÃO**. 3.2

Áustria – *Wohnprojekt Wien* | 4

Alemanha – *R50* | 5

França – *La Salière* | 6

| 4

2013. *Áustria. Wohnprojekt Wien*



[46] Projeto Wohnprojekt Wien, edificação.



[47] Cobertura.



[48] Piso térreo, espaço exterior.



[49] Interior espaços comuns.



[50] Cobertura, espaços comuns.



[51] Espaço comum de biblioteca.



[52] Espaço comum com cozinha e sala de refeições coletiva.



[53] Corredor de circulação e acesso.



[54] Interior unidade privada.

país

Áustria

nome

Wohnprojekt Wien

local | tipo

KrakauerstraBe 19, Wien | Urbano

tipo de edificação

Alta densidade

ano (início-fim)

- | 2013

arquiteto(s)

Einszueins Architektur

nº total residentes

93

nº total de 'pisos comuns'

3

nº total unidades privadas

39

área total (conjunto | comum | privado)3300m² | 800m² | 38 a 137m²**nº total pisos**

9

tipo de iniciativa

Grupo de residentes

tipo de participação

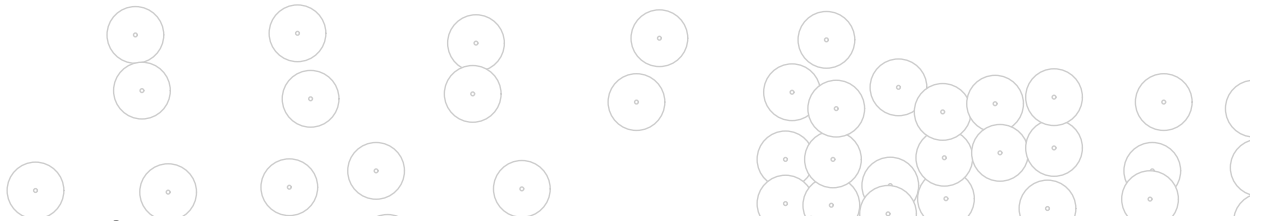
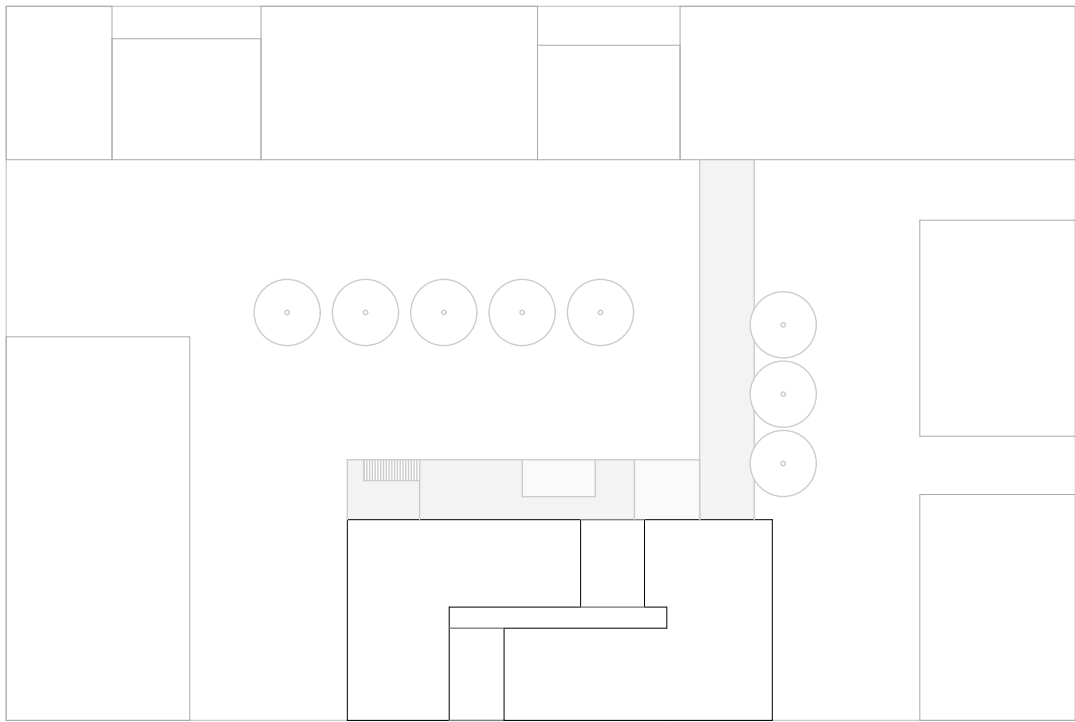
Gestão e manutenção dos espaços coletivos.

Refeições comunitárias

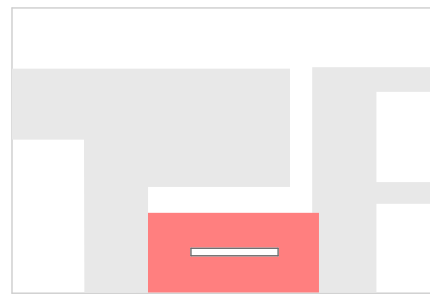
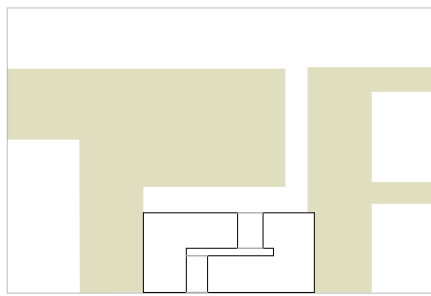
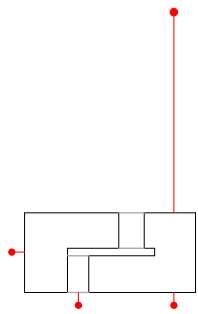
Partilha de automóveis.

Organização de eventos e festas comunitárias.

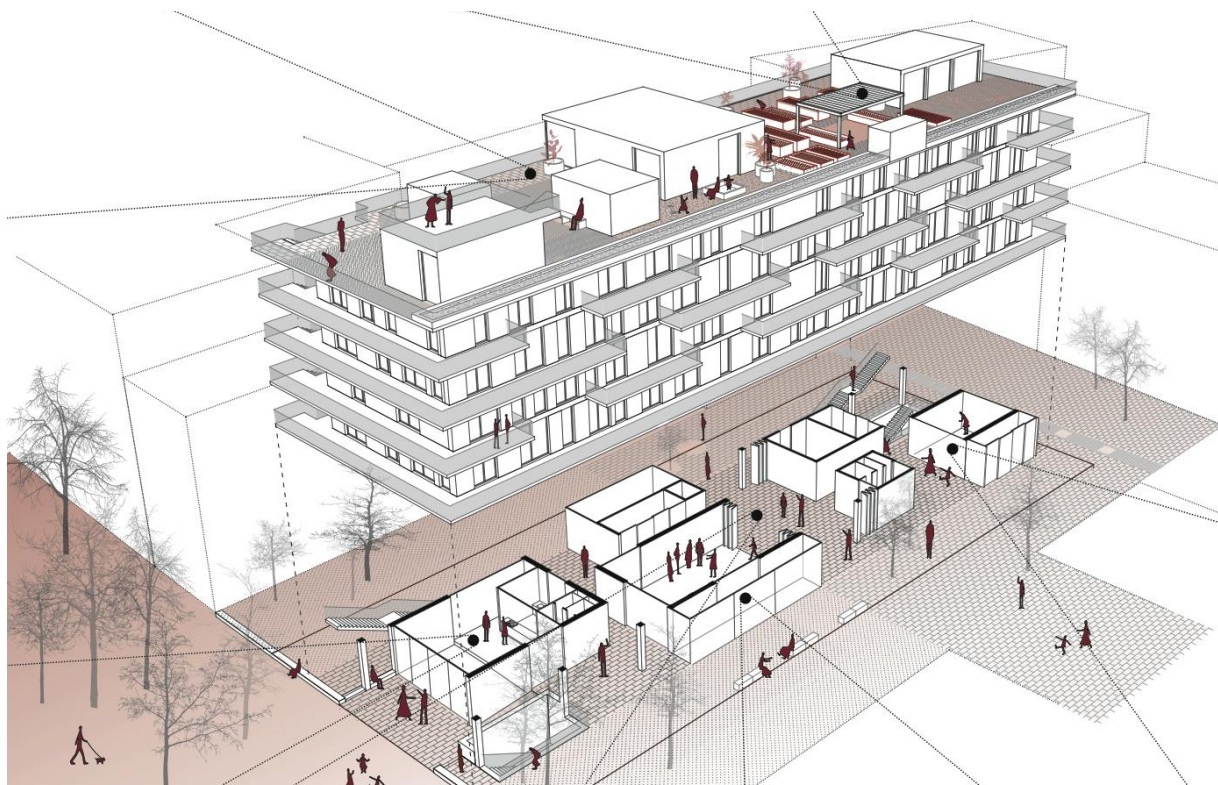
contactoswww.einszueins.atwww.wohnprojekt-wien.at



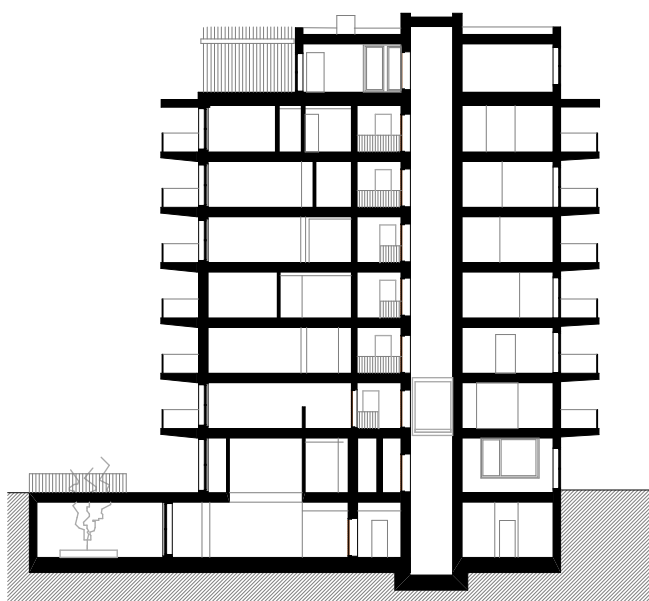
Pl. (escala 1.800) ☉



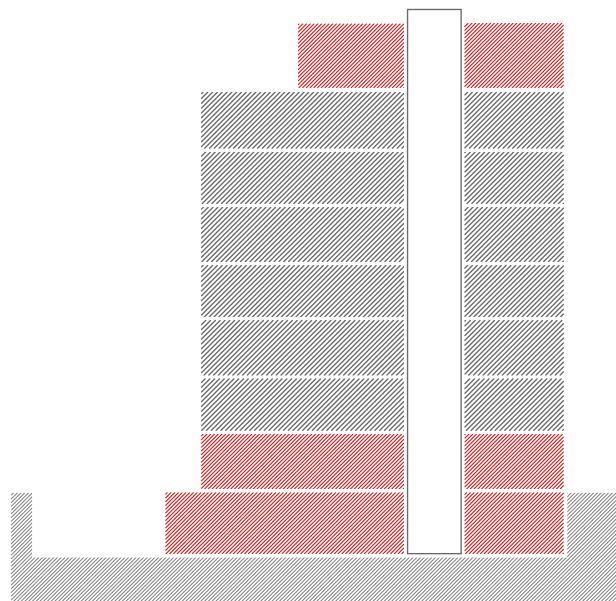
E1 . (escala 1.2000)



[55] . Imagem axonométrica da edificação com referência aos espaços de uso partilhado entre os residentes.



C1 . (escala 1.400)



EC1 . (escala 1.400)

E1. — edifício — percurso exterior de chegada ● ponto de entrada □ acesso vertical ■ espaço verde exterior ■ espaço exterior ■ espaço de uso partilhado entre todos os residentes em 'piso comum'.

EC1. □ acesso vertical ▨ unidade privada ▨ espaço de uso partilhado entre todos os residentes em 'piso comum'.

Comunidade

O projeto *Wohnprojekt Wien*, localizado em plena cidade de Viena é composto por um grupo de cerca de 93 residentes de carácter multigeracional, formado pelo sonho comum de desenvolver em plena cidade um projeto de habitação coletiva capaz de conciliar a esfera privada com a partilha de momentos da vida doméstica em comunidade. Desde o início, este grupo manteve-se unido, tanto na tomada de decisões como no planeando do projeto. Para além de uma auto-organização, este grupo desenvolveu uma participação ativa em todos os níveis do desenvolvimento, manutenção e gestão da proposta. Atribuindo a cada morador o planeamento da sua própria habitação ao mesmo tempo que definiam em conjunto os restantes espaços comuns, encontrou-se o equilíbrio entre estes dois pólos. Uma ação em estreito relacionamento com o grupo do atelier *Einszueins Architektur* que assim concretizou a idealização do *Cohousing* ajustada aos valores individuais e coletivos.

Para além da vivência comum de diferentes espaços e da partilha de momentos quotidianos como, por exemplo, na preparação dos alimentos e na refeição em comunidade, há ainda um uso coletivo das hortas e dos automóveis, em sistemas de *carpooling*⁹⁸ e *carsharing*⁹⁹.

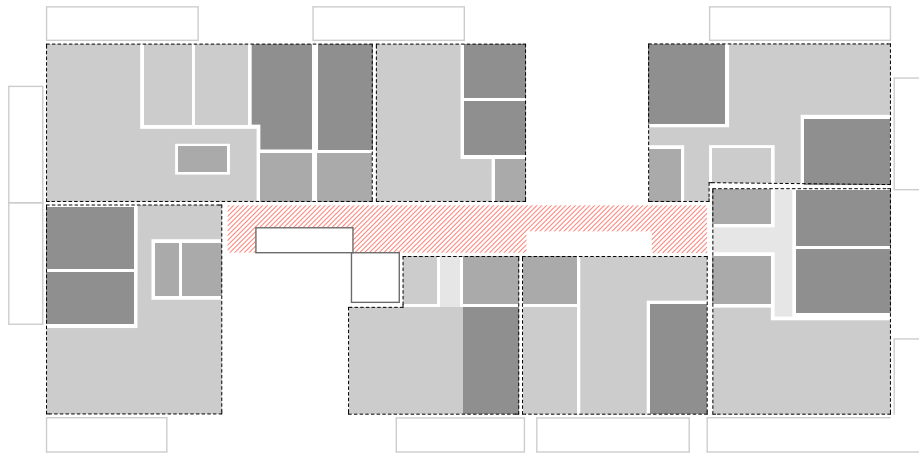
Projeto

O edifício *Wohnprojekt Wien* é um volume em bloco compacto que organiza a vida em coabitación na vertical. Formado por dois volumes em 'L' encontra-se dividido por um núcleo central destinado aos acessos e circulação. É através dele que é feita a ligação entre os nove pisos, seis com habitações privadas e três com diversos espaços comuns.

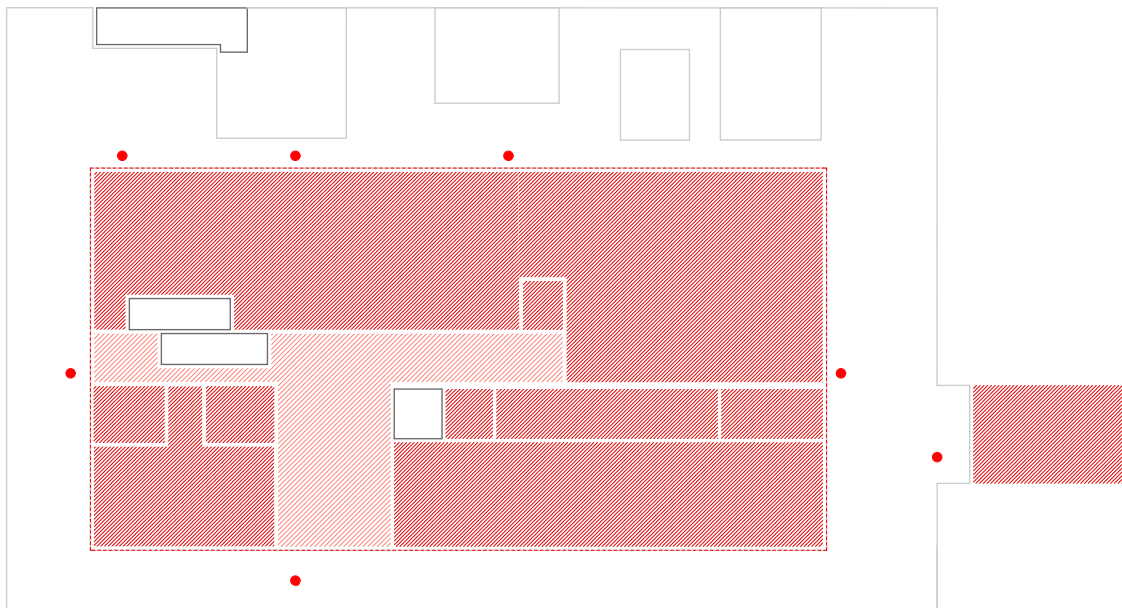
Desta forma, no interior desenvolvem-se as relações de sociabilização, deixando de existir um papel acrescido ao desenho do espaço exterior enquanto motor social. Este tem uma função apenas de chegada ao edifício e,

⁹⁸ Este diz respeito á partilha de um veiculo entre passageiros, com destinos e horários coincidentes, reduzindo o custo da viagem.

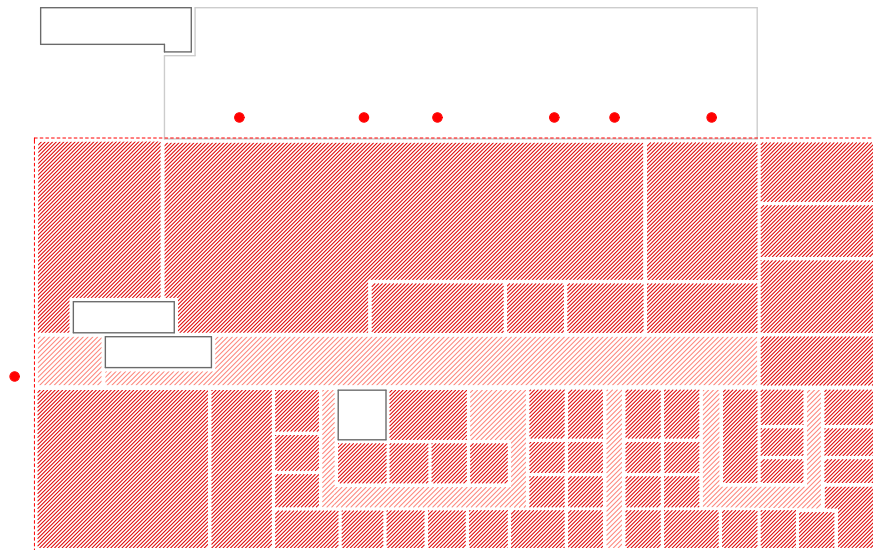
⁹⁹ É um sistema alternativo de aluguer de viaturas sem burocracias, mensalidades, taxas ou fidelizações. É um misto entre transporte individual e público, pois se por um lado permite a independência do viajante, engloba combustível e seguros no preço do aluguer, acabando por ser mais económico e semelhante aos transportes públicos.



EPT . (escala 1.400)



EPO . (escala 1.400)

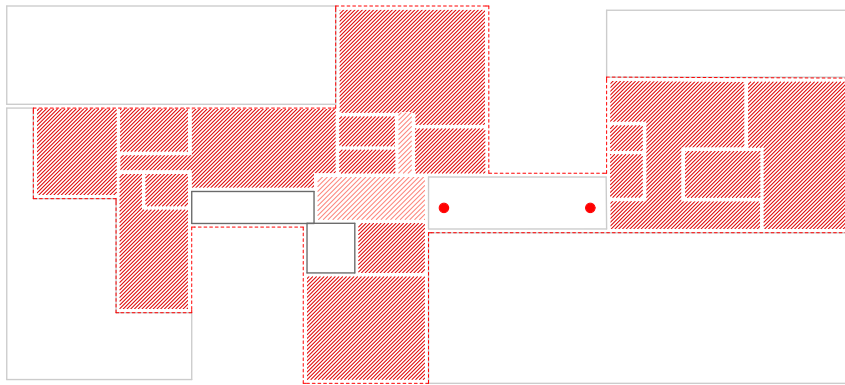


EP-1 . (escala 1.400)

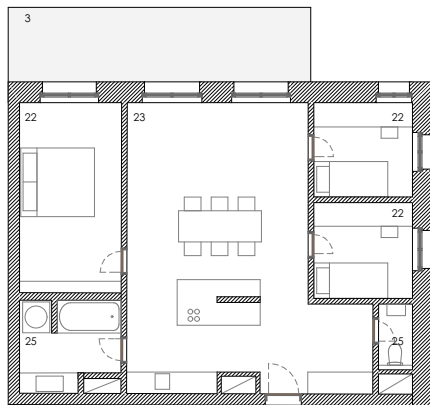
EP-1 . | EPO . | EPT . ---- limite unidade privada - - - - limite 'piso comum' ● ponto de entrada □ acesso vertical □ espaço de circulação ■ cozinha, sala de estar e refeições ■ wc ■ quarto ■ espaço intermédio ■ espaço de uso partilhado entre todos os residentes em 'piso comum'.



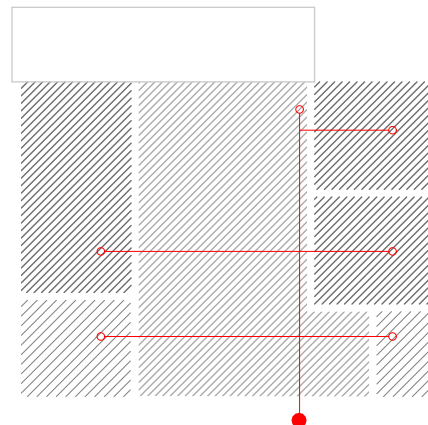
PC . (escala 1.400)



EPC . (escala 1.400)



Pup . (escala 1.200)



EPup . (escala 1.200)

PC.|Pup. : Espaços exteriores - [1] jardim. [2] espaço de estar. [3] varanda. [4] terraço. [5] horta comunitária. Acesso e circulação - [6] escadas. [7] elevador. [8] corredor de distribuição. Espaços de uso partilhado entre a comunidade de residentes - [9] cozinha comunitária. [10] sala de eventos. [11] sala de workshops. [12] wc. [13] lavandaria. [14] armazen. [15] escritório. [16] sala de refeições comunitárias. [17] sala para as crianças brincarem. [18] garagem bicicletas. [19] quarto de hóspedes. [20] biblioteca. [21] sauna. Espaços privados - [22] quarto. [23] espaço com cozinha, sala de refeições. [24] espaço de estar. [25] wc. [26] escritório.

EPC. limite unidade privada - - - - limite 'piso comum' ● ponto de entrada □ acesso vertical ■ espaço de circulação ▨ espaço intermédio ▩ espaço comum do 'piso comum' partilhado entre todos os residentes

EPup. — percurso no interior da unidade de habitação ○ espaços da unidade de habitação ● ponto de entrada ▨ cozinha, sala de estar e refeições ▩ wc ▨▨ quarto

consequentemente, à vida em *Cohousing*. Neste projeto, esses pontos de entrada estão distribuídos pelas diferentes fachadas e dão acesso quer aos dispositivos de circulação vertical quer aos diferentes espaços comuns, permitindo a espontaneidade do encontro entre residentes aquando da sua chegada ou partida do volume.

Espaços comuns

Os conjunto de espaço comuns tem cerca de 800m² totais e subdividem-se em três pisos do edifício. No piso enterrado encontram-se salas de eventos e workshops bem como espaços de armazenamento e garagens para bicicletas. No piso térreo é possível observar uma ampla sala de refeições – equipada com cozinha, espaços de estar, salas de jogos e ainda vários wc's. Por fim, na cobertura encontra-se uma biblioteca, uma sauna, quartos para visitas bem como diversos espaços exteriores ajardinados em terraços coletivos que servem também de miradouro para a cidade.

O posicionamento dos espaços comuns nos extremos do edifício vão ser responsáveis não só pelo remate do mesmo como pela estimulação das relações sociais entre o grupo na vertical.

Unidades privadas

Posicionadas no meio do bloco, entre pisos com espaços comuns, as unidades privadas funcionam como os apartamentos de edifícios convencionais de habitação coletiva plurifamiliar. São autossuficientes e possuem diversos compartimentos como cozinha, sala de refeições e estar, quartos e wc's. Existem entre seis e sete unidades por piso, correspondendo a diferentes tipologias, desde T0 a T3, todas simplex.

Entre comum e privado

A relação entre o comum e o privado é feita a partir do dispositivo de acesso e circulação não deixando que cada agregado familiar viva nem demasiado isolado dentro da sua célula. Assim, este corpo central acaba por ter um papel de espaço intermédio. Nele é visível para além de um sistema de escadas alternadas, que estimulam a circulação e o encontro entre residentes, a presença de diversos mezaninos que permitem uma conexão visual e comunicação entre pisos. Deste modo, o afastamento provocado pelo desenvolvimento vertical do conjunto é diminuído, acabando por funcionar como uma espécie de 'rua vertical'.

| 5

2013. Alemanha. **R50**



[56] Edifício R50.



[57] Edifício R50 – varandas contínuas.



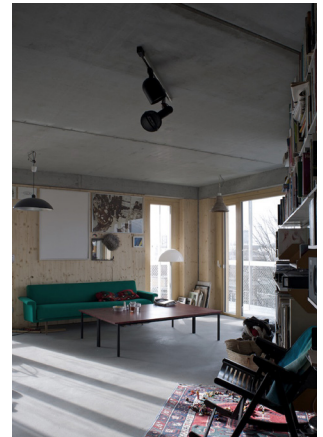
[58] Cobertura, espaço comum.



[59] Sala comum no piso térreo.



[60] Acesso vertical.



[61] Interior unidade privada.



[62] Varanda contínua coletiva e interior da célula de um agregado familiar.



[63] Interior unidade privada.

país

Alemanha

nome

R50

local | tipo

Ritterstraße 50, 10969 Berlin | Urbano

tipo de edificação

Alta densidade

ano (início-fim)

2010 - 2013

arquiteto(s)Ifau und Jesko Fezer e
Heide & Von Beckerath**nº total residentes**

-

nº total de 'pisos comuns'

3

nº total unidades privadas

19

área total (conjunto | comum | privado)2037m² | 270m² | 1700m²**nº total pisos**

8

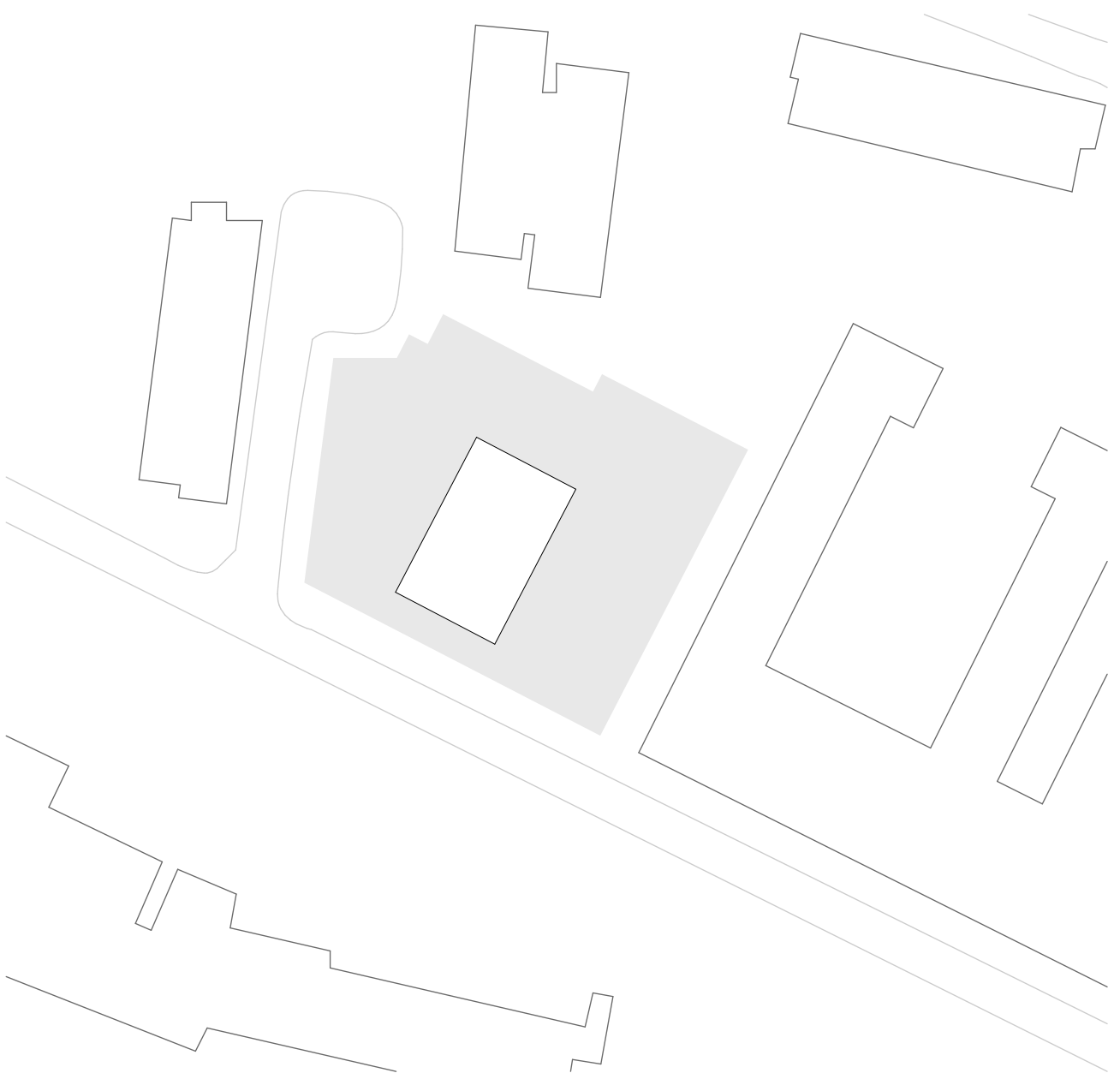
tipo de iniciativa

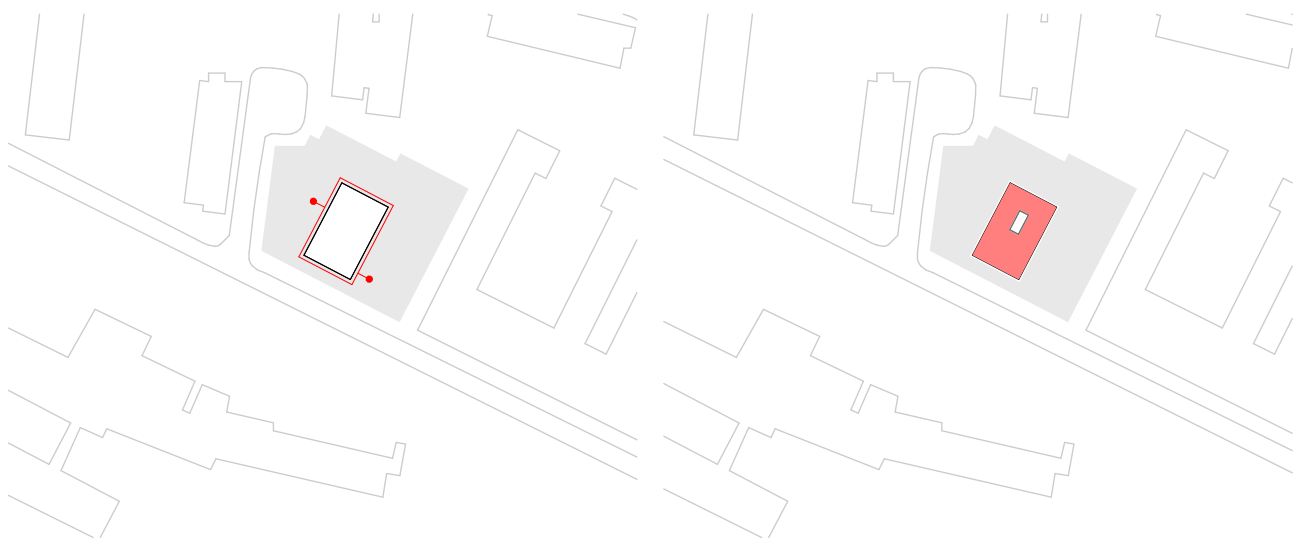
Grupo de residentes

tipo de participaçãoDesenho do projeto
Gestão e manutenção dos espaços
coletivos.

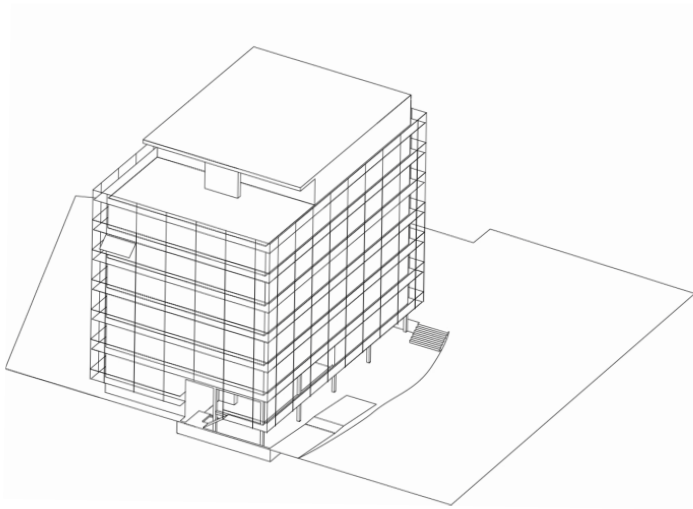
Refeições comunitárias

contactoswww.heidevonbeckerath.com

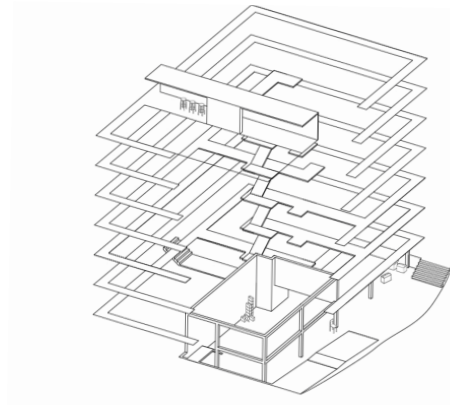




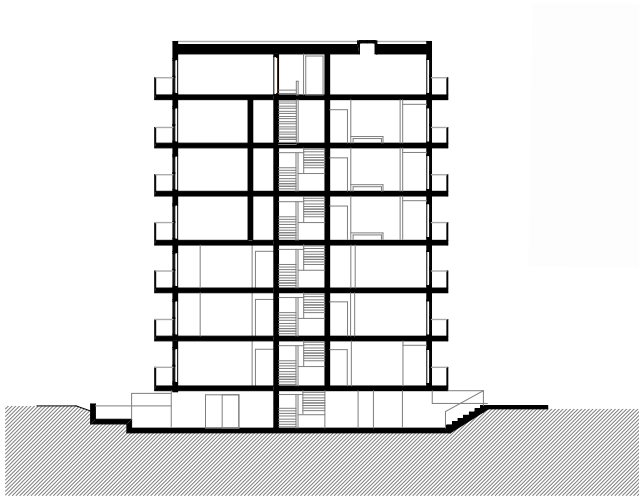
E1 . (escala 1.2000)



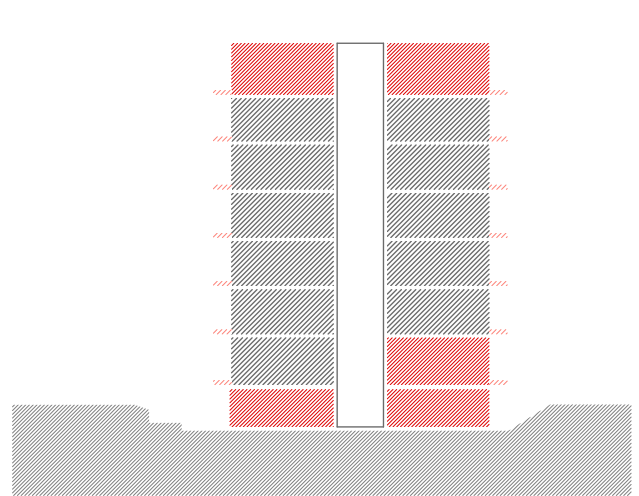
[64] . Axonometria do edifício R50.



[65] . Espaços de uso partilhado entre os residentes: sala comum no piso térreo, acesso vertical, varandas coletivas e cozinha de inverno na cobertura.



C1 . (escala 1.400)



EC1 . (escala 1.400)

E1. — edifício — percurso exterior de chegada ● ponto de entrada □ acesso vertical ■ espaço exterior ■ espaço comum em 'piso comum'

EC1. ▨ unidade privada ▨ espaço comum no 'piso comum' e cobertura partilhado entre todos os residentes ▨ espaço intermédio de varandas de uso coletivo pelos residentes de um piso

Comunidade

A partir do desejo comum de desenvolver novas alternativas habitacionais capazes de fazer frente aos problemas observados no mercado imobiliário da Alemanha, nomeadamente nas áreas urbanas como é o caso de Berlim¹⁰⁰, foi elaborado o projeto R50¹⁰¹ que é habitado por uma comunidade de *Cohousing*¹⁰² que pretendia reduzir os custos da habitação pela vivência partilhada e em pela cidade, sem que isso exigisse uma ruptura com a esfera privada necessária de cada família.

Assim, a partir do financiamento por parte do grupo de residentes e do Departamento de Desenvolvimento Urbano do Senado de Berlim¹⁰³, foi possível dar início à construção do projeto que ficara a cargo dos ateliers Ifau und Jesko Fezer e Heide & Von Beckerath .

O grupo de pessoas que habitam o edifício gere e mantém o bom funcionamento e estado dos espaços coletivos, usufruindo deles ora para momentos de estar, lazer e entretenimento ora para a preparação de refeições, eventos e atividades em comum.

Projeto

O projeto R50 foi desenhado como um edifício de habitação de baixo custo, oferecendo uma maior flexibilidade e adaptação no desenho dos espaços interiores. Para além disso, é um volume que tanto tem em atenção aspectos sociais, culturais e económicos como ecológicos uma vez que o objetivo era conseguir desenvolver uma abordagem contemporânea sustentável, coletiva e comunitária em pleno ambiente urbano.

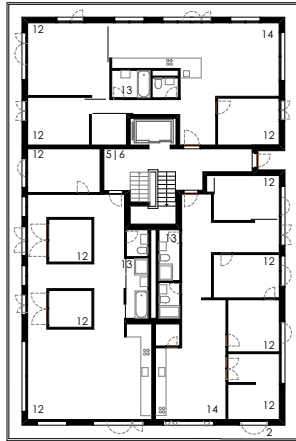
Assim, segundo uma estratégia de agregação em bloco compacto, há uma distribuição dos espaços de uso partilhado e de uso privado entre os oito pisos do

¹⁰⁰ Pelos elevados custos que estes têm, impossibilitando a vida na cidade e consequentemente o afastamento das famílias para áreas periféricas, mais económicas, despindo a cidade da população que lá trabalha.

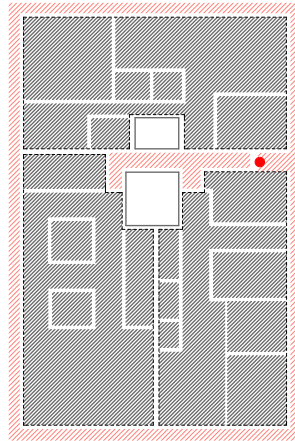
¹⁰¹ Reunidas a partir de um grupo de arquitetos e correspondendo a diversos artistas, jornalistas e colaboradores amigos ou conhecidos.

¹⁰² Em Alemão o termo utilizado é *Baugruppen*, que significa 'grupos de construção' e baseia-se na ideia de desenvolver projetos de habitação coletiva baseada nas ideias do modelo Sueco de *Cohousing* e, portanto, a definição da vida comunitária é pensada na vertical a partir do recurso a arquitetos para encontrar o equilíbrio entre a esfera doméstica privada e a partilhada, sendo todo o processo coletivamente participado e financiado.

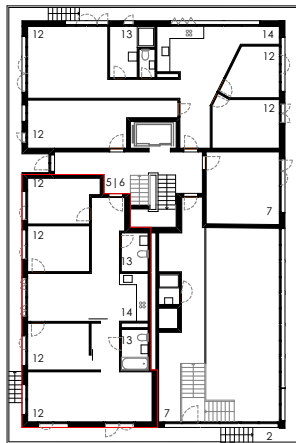
¹⁰³ Que procura incentivar o desenvolvimento de novas ideias e propostas para a cidade.



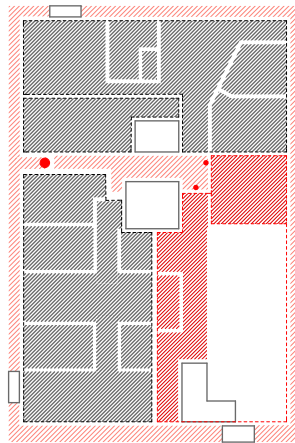
PT . (escala 1.400)



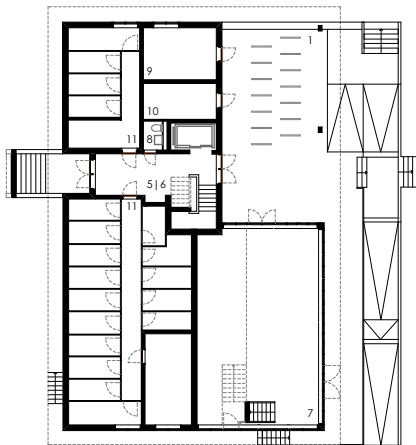
EPT . (escala 1.400)



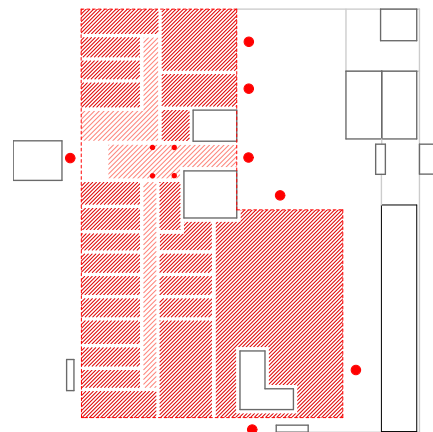
PO . (escala 1.400)



EPO . (escala 1.400)



P-1 . (escala 1.400)



EP-1 . (escala 1.400)

P-1. | P0. | PT. : Espaços exteriores - [1] lugares de estacionamento de bicicletas. [2] varanda coletiva. [3] terraço. [4] jardim de inverno. Acesso e circulação - [5] escadas e elevador. [6] corredor de distribuição. Espaços de uso partilhado entre a comunidade de residentes - [7] sala de estar. [8] wc. [9] lavandaria. [10] oficina. [11] armazém. Espaços privados - [12] espaço sem função definida à priori. [13] wc. [14] cozinha.

EP-1. | EP0. | EPT. ---- limite unidade privada - - - - limite do espaço comum ● ponto de entrada □ acesso vertical ▨ espaço interior da unidade privada sem função definida ▩ espaço intermédio ▪ espaço comum do 'piso comum' partilhado entre todos os residentes

bloco compacto, ficando a ligação entre ambos a ser feita através de um sistema de acesso vertical com uma escada e um elevador, localizados no centro do volume. A partir deste é possível aceder a um corredor transversal que permite o acesso a diferentes espaços (comuns ou privados) e ainda a uma porta que dá acesso a uma varanda comum que circunda todas as unidades privadas de um mesmo piso.

Neste projeto não estão presentes espaços exteriores para uso exclusivo da comunidade. São de domínio público e permitem que quem passe na rua observe o que acontece no interior do edifício. Não há, portanto, uma barreira tão forte entre a comunidade e a vida da cidade, acabando por se misturar e configurar um ambiente social inclusivo.

Espaços comuns

Os espaços de carácter comum, com cerca de 270m² totais, encontram-se divididos entre três pisos e possuem diferentes funções. No piso semi enterrado, para além de existir um espaço para estacionamento de bicicletas, vários compartimentos para armazenamento, uma oficina e uma lavandaria comunitária, há também uma ampla sala comum. Esta, toda envidraçada e com pé direito duplo é um compartimento que comunica visualmente com o espaço público exterior.

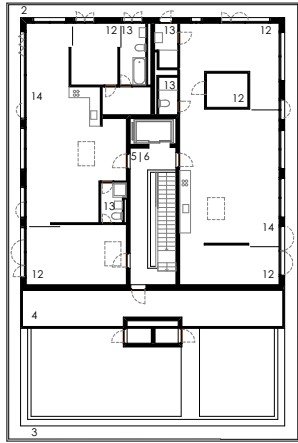
Para além destes espaços, ainda é possível observar uma varanda coletiva em cada um dos pisos e, na cobertura, uma cozinha de verão, um jardim de inverno e um terraço, para o encontro ao ar livre no final do dia em Berlim, permitindo observar a cidade e partilhar o momento com todos os residentes.

Unidades privadas

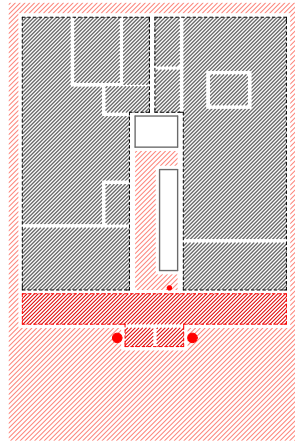
As unidades privadas encontram-se localizadas em seis dos oito pisos do volume. São destinados a cada agregado familiar, podendo existir entre três a quatro células por piso. Não há um esquema constante do desenho do espaço interior das mesmas permitindo uma maior flexibilidade e adaptabilidade no tempo.

Entre comum e privado

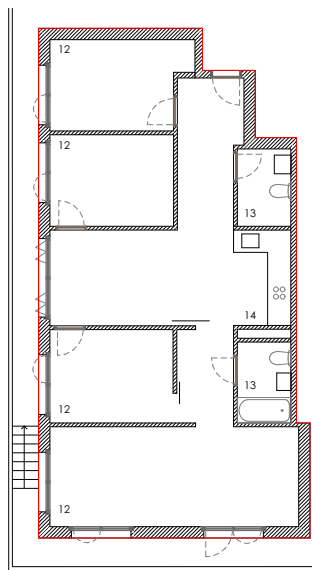
A barreira entre o comum e o privado tem, neste projeto, duas amplitudes distintas. Uma refere-se à ligação entre a cidade – espaço público – e a comunidade – vertical, definida no interior do volume compacto – e a outra, dentro do edifício,



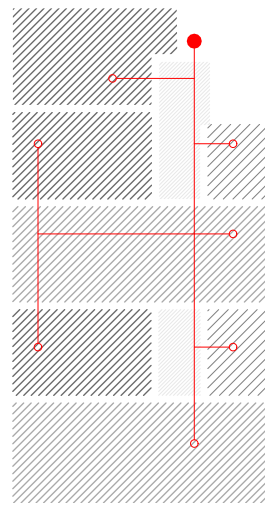
PC . (escala 1.400)



EPC . (escala 1.400)



Pup . (escala 1.200)



EPup . (escala 1.200)

Pc. | Pup. : Espaços exteriores - [1] lugares de estacionamento de bicicletas. [2] varanda coletiva. [3] terraço. [4] jardim de inverno. Acesso e circulação - [5] escadas e elevador. [6] corredor de distribuição. Espaços de uso partilhado entre a comunidade de residentes - [7] sala de estar. [8] wc. [9] lavandaria. [10] oficina. [11] armazém. Espaços privados - [12] espaço sem função definida à priori. [13] wc. [14] cozinha.

EPC. ----limite célula privada - - - -limite do espaço comum ● ponto de entrada □ acesso vertical ▨ espaço interior da unidade privada sem função definida
 ▨ espaço intermédio ▨ espaço comum

EPup. — percurso no interior da unidade de habitação ○ espaços da unidade de habitação ● ponto de entrada ▨ espaço circulação interior ▨ cozinha
 ▨ wc ▨ espaço sem função definida

entre os espaços coletivos e os espaços individuais.

Na primeira, é observado uma vontade em estender a vida partilhada dos residentes à cidade, permitindo que esta observe o que se passa no interior do edifício, exteriorizando a vivência em comunidade para a cidade.

Na segunda, há um conjunto de estratégias que tentam reduzir a distância entre o domínio do comum e o domínio do privado. Um primeiro exemplo diz respeito à existência de apenas um acesso vertical posicionado no centro do volume que assim permite a convergência de fluxos de residentes num só ponto e o outro faz alusão às varandas coletivas que rodeiam o edifício e permitem a comunicação direta entre habitações familiares distintas. Passear pela varanda e convidar um vizinho para um café, caminhando sobre os brinquedos que as crianças do piso deixaram perdidos após uma brincadeira, torna-se num dispositivo de acesso e circulação de carácter social, mais íntimo que atravessar um corredor interior de distribuição para aceder às habitações do respetivo andar.

| 6

2010. França. ***La Salière***



[66] Projeto La Salière, edificação.



[67] Projeto La Salière, edificação.



[68] Fachada Oeste.



[69] Espaço exterior comum.



[70] Espaço interior comum a todos os residentes.



[71] Espaço interior comum a todos os residentes.



[72] Acesso vertical.



[73] Acesso vertical e terraço.



[74] Interior unidade privada.

país

França

nome

La Salière

local | tipo

- | Urbano

tipo de edificação

Alta densidade

ano (início-fim)

2002 - 2010

arquiteto(s)

Tekhne architectes

nº total residentes

5 famílias

nº total de 'pisos comuns'

1

nº total unidades privadas

5

área total (conjunto | comum | privado)

772m² | 110m² | 95 a 115m²

nº total pisos

4

tipo de iniciativa

Grupo de residentes

tipo de participação

Divisão de tarefas entre o grupo
Gestão e manutenção dos espaços
coletivos.

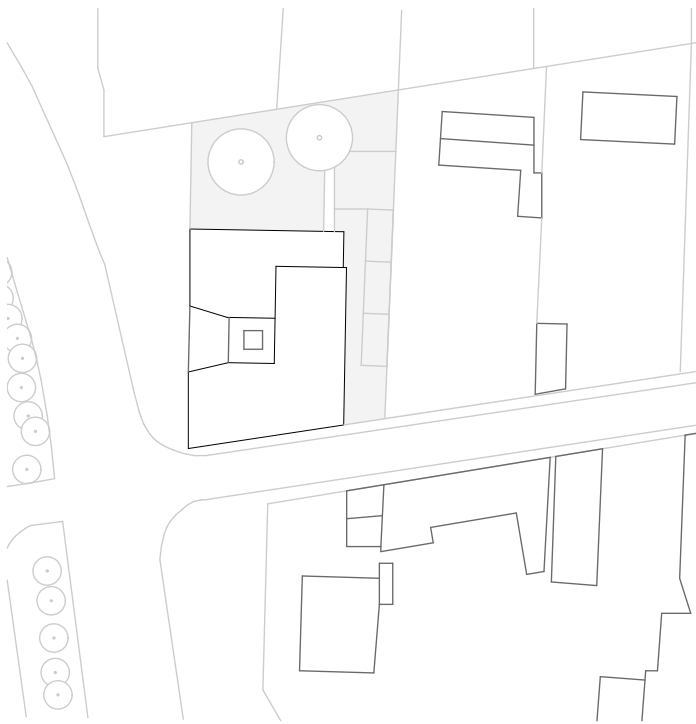
Refeições comunitárias

Eventos e festas comunitárias

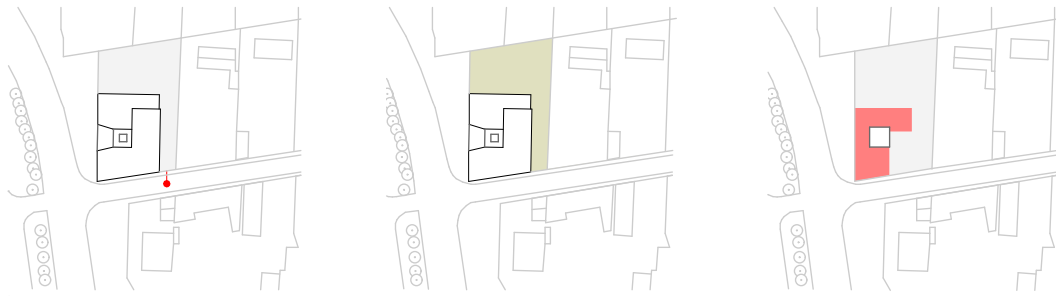
contactos

tekhne@tekhne-architectes.com

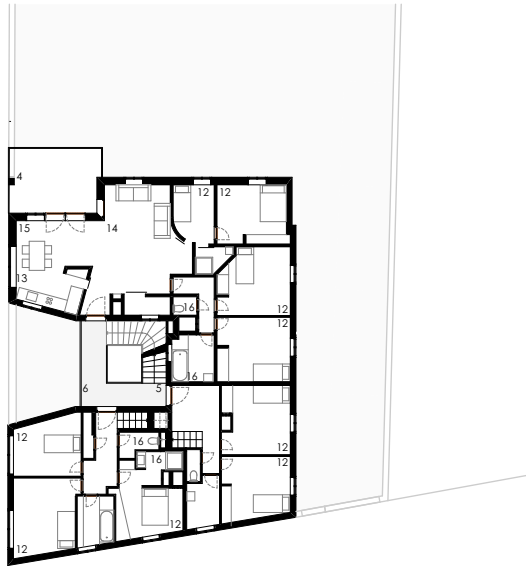
www.tekhne-architectes.com



Pl. (escala 1.800) Ⓢ



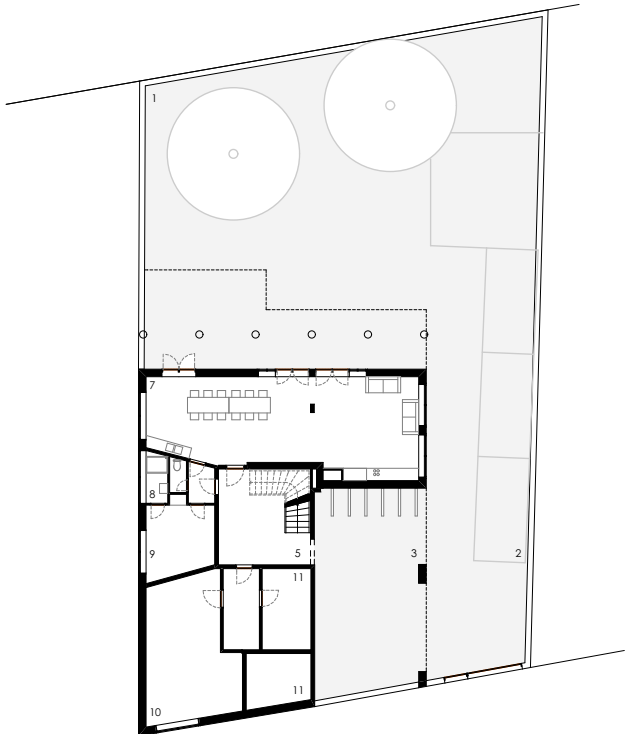
E1 . (escala 1.2000)



P2 . (escala 1.400)



P3 . (escala 1.400)



P0 . (escala 1.400)



P1 . (escala 1.400)

P0.|P1.|P2.|P3. : Espaços exteriores - [1] jardim. [2] lugares de estacionamento automóvel. [3] lugares de estacionamento de bicicletas. [4] terraço. Acesso e circulação - [5] escadas exteriores. [6] galeria exterior em 'L'. Espaços de uso partilhado entre toda a comunidade de residentes - [7] espaço com cozinha, sala de refeições e estar. [8] wc. [9] quarto de hóspedes. [10] oficina. [11] área técnica. Espaços privados - [12] quarto. [13] cozinha. [14] espaço de estar. [15] espaço de refeições. [16] wc.

E1. — edifício — percurso exterior de chegada ● ponto de entrada □ acesso vertical ■ espaço verde exterior ■ espaço exterior ■ espaço comum em 'piso comum' de uso partilhado entre todos os residentes

Comunidade

O grupo de residentes de La Salière é constituído por cinco famílias que, ao longo de sete anos se juntaram regularmente para a concretização de um plano para o desenvolvimento de um projeto de *Cohousing*¹⁰⁴. Tinham como objetivo partilhar momentos da vida quotidiana em conjunto, de forma democrática, livre e unida. A partir desta iniciativa auto proposta pelo grupo de residentes, houve sempre um trabalho conjunto com todas as entidades que foram sendo necessárias, como, por exemplo, no processo de desenho e construção desenvolvido pelo atelier de Arquitetura Teknhê.

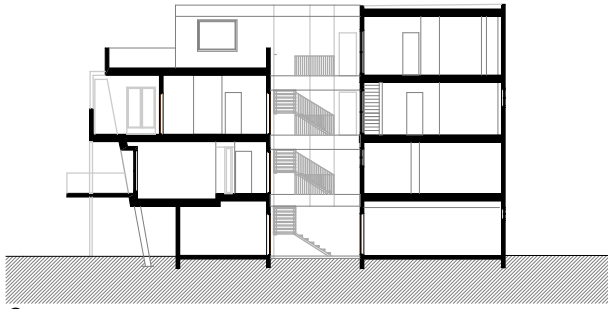
Para as decisões da vida partilhada, a cada família corresponde uma voz e, no caso de alguém se abster existe um período de reflexão para posterior decisão unânime do grupo. Para além disso, é definida uma concordância quanto ao preço das unidades privadas deixando de existir uma concordância relativa ao número de metros quadrados para passar a ter como premissa o salário ganho por cada agregado familiar. Assim, pretende-se desenvolver uma maior estabilidade financeira da família e, conseqüentemente um maior equilíbrio da comunidade.

Projeto

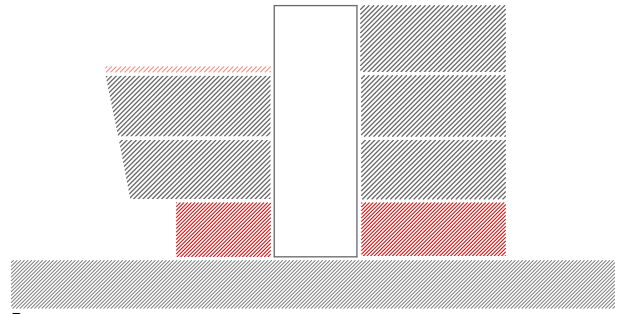
O terreno sobre o qual assenta a proposta de *La Salière* situa-se no centro de Grenoble, numa área urbana onde é possível encontrar uma pluralidade de habitações, desde casas unifamiliares a edifícios de habitação coletiva. A partir do desejo de habitar em comum, com a partilha de um conjunto de espaços e serviços interiores e exteriores, o atelier Teknhê desenhou um edifício em bloco vertical compacto com quatro pisos. Destes, um corresponde a espaços comuns para uso de toda a comunidade e os restantes ficam reservados à esfera doméstica familiar privada. É da múltipla configuração das unidades habitacionais dos diferentes pisos que vão definir o volume, deformando-o segundo uma inclinação ligeira para o lado Oeste.

Quanto ao acesso entre pisos, este é feito através de uma escada exterior localizada no centro do volume que para além de permitir uma melhor ventilação do conjunto, serve de varanda com vista para a cidade.

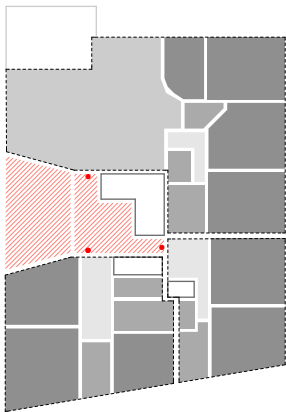
¹⁰⁴ Em França, este tipo de modelo habitacional denomina-se '*Habitat Groupé*'.



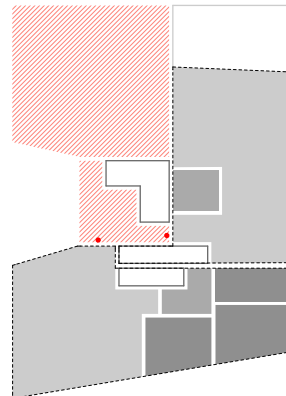
C1 . (escala 1.400)



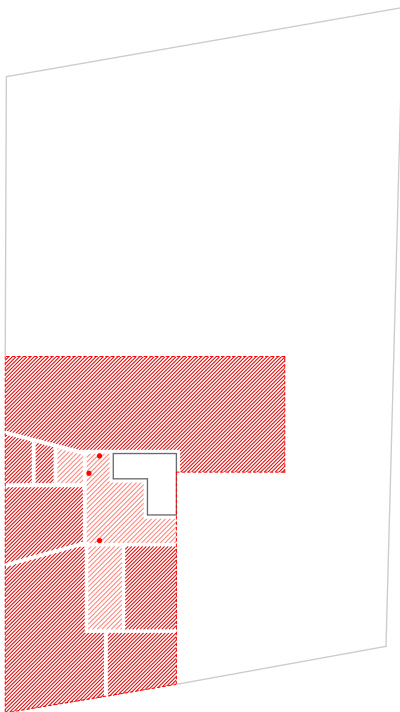
EC1 . (escala 1.400)



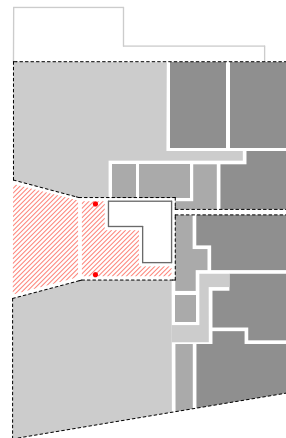
EP2 . (escala 1.400)



EP3 . (escala 1.400)



EP0 . (escala 1.400)



EP1 . (escala 1.400)

EC1. □ acesso vertical ▨ unidade privada ▨ espaço comum do 'piso comum' partilhado entre todos os residentes ▨ terraço coletivo

EP0. | EP1. | EP2. | EP3. ---- limite unidade privada - - - - limite 'piso comum' ● ponto de entrada □ acesso vertical □ espaço de circulação □ cozinha, sala de estar e refeições ■ wc ■ quarto ▨ espaço intermédio exterior ▨ espaço comum no 'piso comum'

Espaços comuns

Os espaços interiores comuns existentes oferecem uma experiência social e comunitária não só entre o grupo de residentes como com o resto da vizinhança. Concentrados no piso térreo, estes têm diferentes funções e uma área total de 110m². Desde uma sala equipada com cozinha, espaço para refeições e estar, uma lavandaria, uma oficina, uma sala de jogos e ainda um quarto de hóspedes, é possível partilhar momentos e sociabilizar com mais pessoas para além da família.

Relativamente aos espaços exteriores, há o desenho de lugares de estacionamento para bicicletas e automóveis bem como um grande jardim, prolongando visualmente o espaço verde para quem está no interior do edifício. Por fim, ainda é possível encontrar, na cobertura, um terraço que, podendo servir de miradouro, permite a sociabilização e o encontro entre residentes para além do piso térreo.

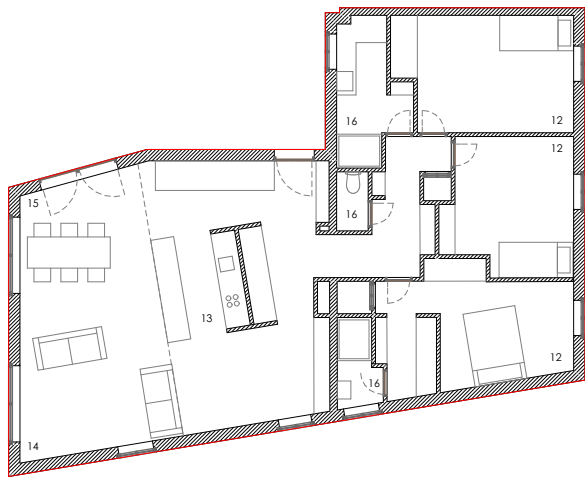
Unidades privadas

Relativamente às unidades privadas, estas encontram-se em três dos quatro pisos, existindo entre duas a três unidades por piso. Têm diferentes tipologias, de T2 a T3, e uma área entre os 95m² e os 115m². Dentro de cada habitação, a organização dos espaços no fogo é variável e existem soluções em simplex ou em dúplex.

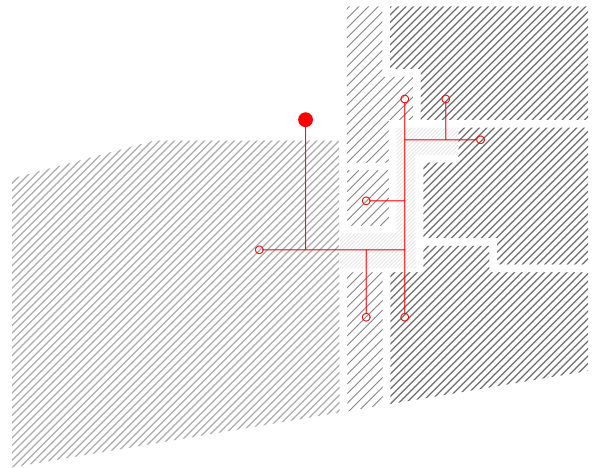
Apesar do edifício distribuir as diferentes unidades de habitação privada na vertical, o acesso a cada uma das mesmas é sempre feito pelo exterior.

Entre comum e privado

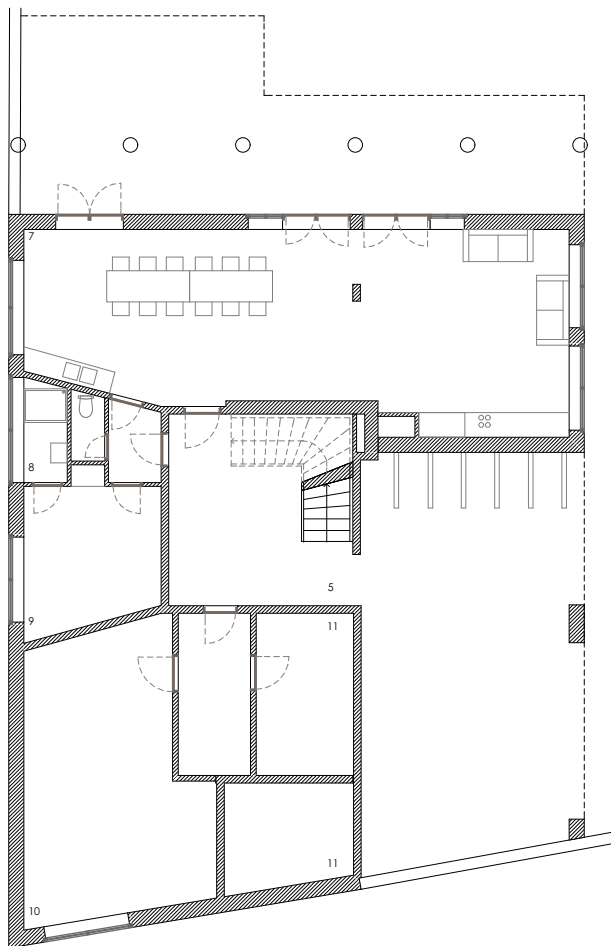
Embora a organização dos diferentes dispositivos no edifício seja feito de acordo com um sistema vertical, o limite entre o comum e o privado é definido a partir do espaço exterior. Isto porque, a escadaria central que possibilita aceder aos diferentes pisos encontra-se ao ar livre, servindo de dispositivo intermédio entre as habitações e o 'piso comum', permitindo gerar momentos de encontro ocasional, de convívio e estar, derivado ao seu carácter de varanda. Assim, há uma maior comunicação e relação entre vizinhos, mesmo que estes não sejam do mesmo piso. As crianças brincam, os adultos conversam e estabelecem a vida em coabitação de forma vertical, culminando num terraço no ponto mais alto do edifício.



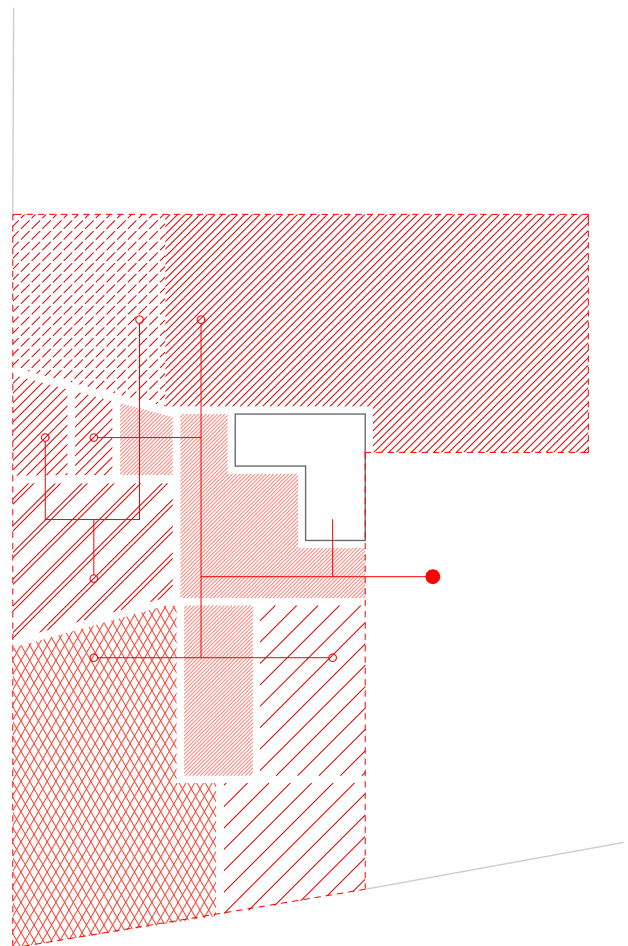
Pup . (escala 1.200)



EPup . (escala 1.200)



Pec . (escala 1.200)



EPec . (escala 1.200)

Pup. | Pec. : Espaços exteriores - [1] jardim. [2] lugares de estacionamento automóvel. [3] lugares de estacionamento de bicicletas. [4] terraço. Acesso e circulação - [5] escadas exteriores. [6] galeria exterior em 'L'. Espaços de uso partilhado entre toda a comunidade de residentes - [7] espaço com cozinha, sala de refeições e estar. [8] wc. [9] quarto de hóspedes. [10] oficina. [11] área técnica. Espaços privados - [12] quarto. [13] cozinha. [14] espaço de estar. [15] espaço de refeições. [16] wc.

EPup. — percurso no interior da unidade de habitação ○ espaços da unidade de habitação ● ponto de entrada ■ espaço circulação interior // cozinha, sala de estar e refeições // wc // quarto

EPec. □ acesso vertical / área técnica // quarto de hóspedes // espaço de cozinha e refeições comunitárias // wc // sala de estar // oficina // espaço intermédio de circulação

Desta forma, o volume agrega todos os espaços que caretrizam e definem o *Cohousing* como um único corpo numa unidade vertical que equilibra os momentos de partilha e de privacidade da comunidade de *Cohousing* com as pessoas externas ao grupo, convidando-as a participar e a interagir no exterior ou no interior, o que acaba por desencadear *La Salière* como uma proposta social, como um dispositivo de regeneração urbana onde existe uma maior interação das pessoas através do posicionamento ao nível do piso térreo de espaços comuns que assim servem de dispositivos intermédios entre o público e o privado.

Estratégias de **EVOLUÇÃO**. 3.3

França – *Éco-quartier de la Bottière-Chénaie* | 7

França – *La Passerelle* | 8

França – *Les Brouets* | 9

| 7

2009. França. ***Éco-quartier de la Bottière-Chénaie***



[75] Edifícios do projeto Éco-quartier de la Bottière-Chénaie.



[76] Vista dos edifícios a partir da rua.



[77] Vista da volumetria dos edifícios a partir da rua.



[78] Percurso pedonal exterior.



[79] Percurso pedonal exterior.



[80] Acesso às unidades habitacionais e percurso pedonal.



[81] Terraço de uma habitação.

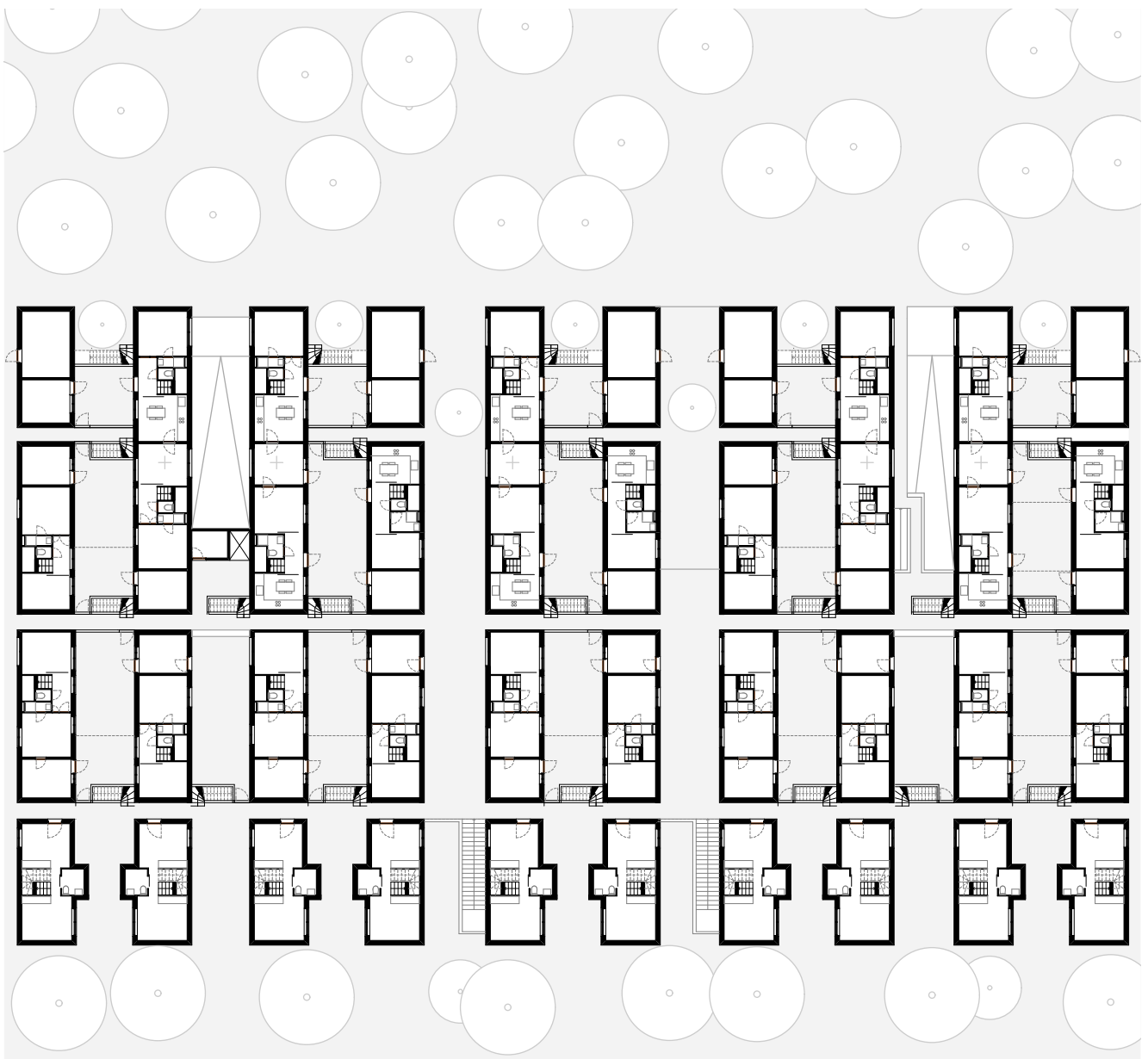


[82] Jardim piso térreo.

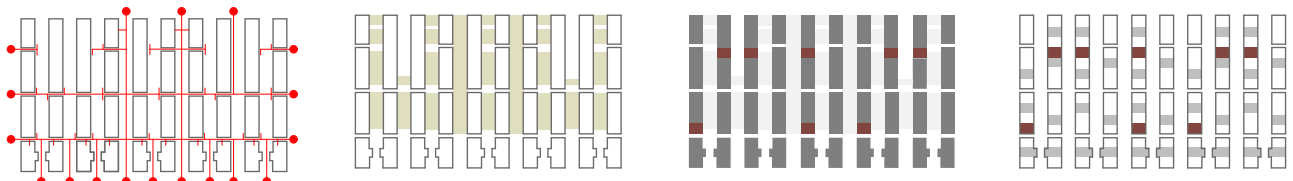


[83] Interior da unidade de habitação.

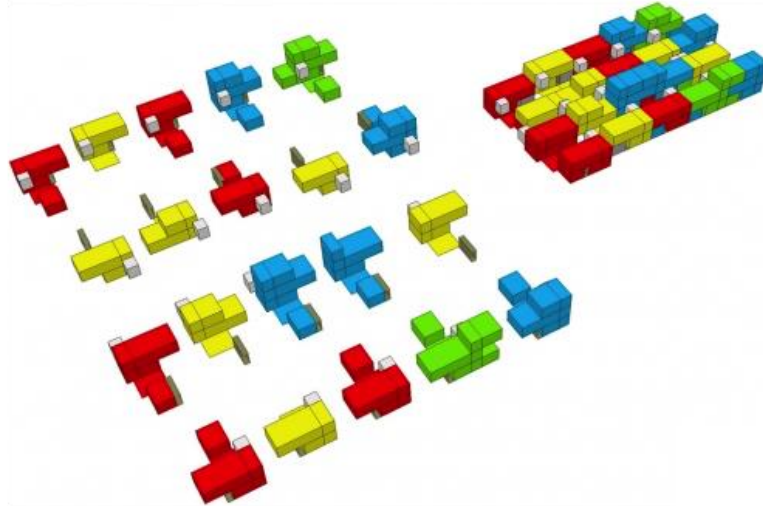
país França	nº total de compartimentos extra 8 (1 por cada 3 habitações)
nome Éco-quartier de la Bottière-Chénaie	nº total unidades privadas 55
local tipo 7-9 Rue de la Secherie, Nantes Urbano	área total(conjunto compartimento extra privada) 4600m ² 15m ² variável
tipo de edificação Baixa densidade	nº total pisos 2
ano (início-fim) 2004 - 2009	tipo de iniciativa curso realizado pelos habitantes de Nantes
arquiteto(s) Boskop	tipo de participação -
nº total residentes 55	contactos http://pierreyvesbrunaud.net



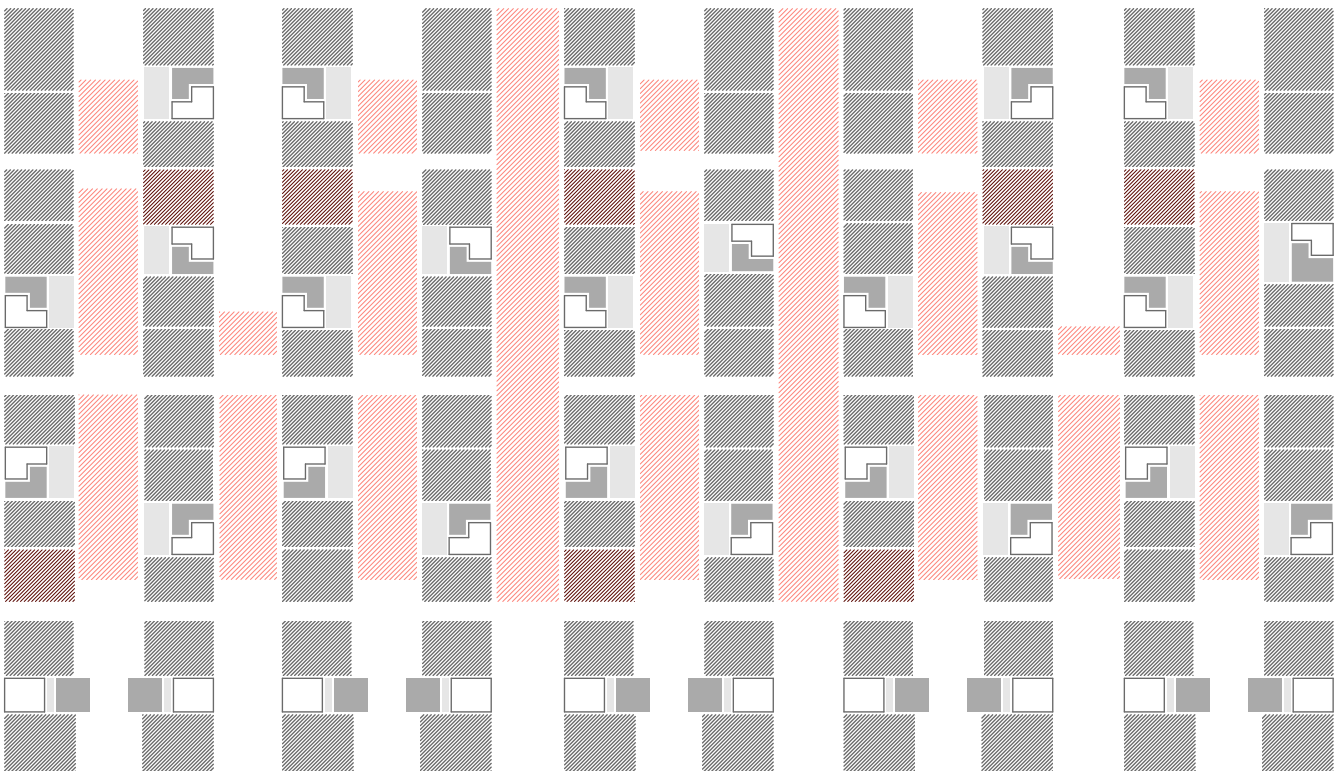
Pl. (escala 1.400)



E1 . (escala 1.2000)



[84] . Esquema da organização das diferentes unidades habitacionais, versão separada e versão agrupada em linhas paralelas.



EPI . (escala 1.400)

- E1. — edifício — percurso exterior de chegada ● ponto de entrada ■ espaço verde exterior □ espaço exterior ■ espaços com função predefinida
 ■ unidade privada ■ espaço de uso partilhado em 'compartimento extra', alternado ou simultâneo, pelos residentes de um subgrupo
- EPI. □ acesso vertical ■ unidade privada □ corredor de circulação e entrada ■ wc ■ espaço exterior intermédio ■ espaço de uso partilhado em 'compartimento extra'

Projeto

A partir de um concurso lançado pelos habitantes de Nantes em 2004 para a realização de um projeto de habitação coletiva¹⁰⁵, o atelier de Arquitetura Boskop concorre com uma proposta de 55 unidades habitacionais distribuídas na horizontal, configurando um tecido urbano denso. Esta ideia – que acaba por sair vencedora – articula nove edifícios em barra, cada um com uma dimensão de 4,6m de lado por 50m de comprimento, colocados paralelamente uns em relação aos outros, desenhando uma ideia de urbanidade pela alternância entre edifícios construídos e espaços vazios que aliciam à convivência pela circulação, chegada paragem e áreas verdes.

O acesso às habitações é feito através de um percurso pedonal exterior. Este permite chegar a um pátio central que distribui os residentes para cada uma das unidades privadas permitindo desenvolver uma relação social mais próxima entre vizinhos.

Adicionalmente, o atelier estudou – através das ideias de coabitação – o modo como a partilha de espaços interiores poderiam permitir estabelecer um novo limite entre o comum e o privada, desenvolvendo um espaço para o uso partilhado, independente e capaz de se moldar e adaptar às necessidades coletivas ou individuais de cada família.

Espaços comuns

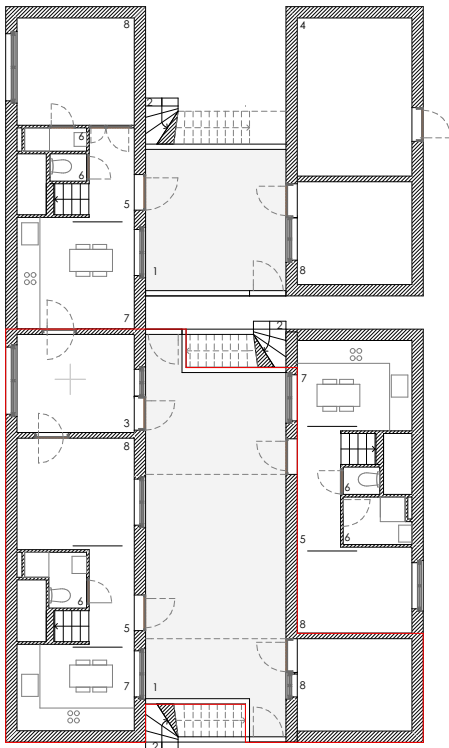
Como foi acima mencionado, os espaços comuns são compartimentos com 15m² cada denominados de compartimento extra. Estes funcionam como um compartimento intermédio comum a ambas as famílias, existindo apenas um em cada conjunto de três habitações que configuram cada subgrupo da comunidade total de residentes.

É um espaço que possui um acesso autónomo feito a partir do pátio central. Não tem uma função predefinida, correspondendo a um espaço neutro, capaz de se moldar às necessidades do presente de cada agregado familiar. Para além disso, detém um carácter reversível, ou seja, corresponde a uma área que apesar de ser coletiva – podendo ser usada de forma partilhada entre o grupo – pode também ser

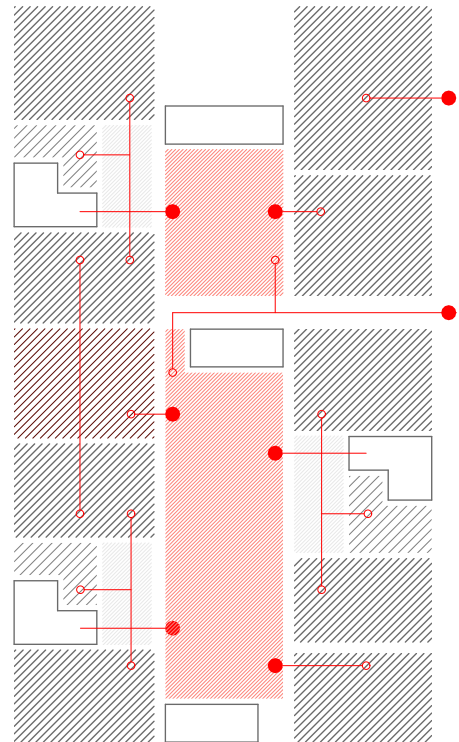
¹⁰⁵ Cujo nome era “*Habitat urbain dense et individualisé*”.



[85] . Possibilidades de organização espacial e ocupação do 'compartimento extra' entre os diferentes residentes que habitam uma unidade com três habitações.



P0 . (escala 1.200)



EPO . (escala 1.200)

P0 . : Espaços exteriores - [1] pátio central. Acesso e circulação - [2] escadas exteriores. Espaços de uso partilhado entre a comunidade de residentes - [3] 'compartimento extra'. [4] espaço de armazém. Espaços privados - [5] hall de entrada [6] wc. [7] cozinha. [8] espaço sem função predefinida.

EPO. — percurso no interior das unidades de habitação ○ espaços das unidades de habitação ● ponto de entrada □ acesso vertical ▨ espaço circulação interior ▨ wc ▨ espaço sem função predefinida ▨ espaço exterior intermédio ▨ espaço comum 'compartimento extra'

alugada por uma das famílias e transformar-se num espaço privado. Desta forma, três casas adjacentes podem partilhar o mesmo compartimento consoante a necessidade. Elemento importante de mencionar no desenho desta estratégia de evolução é a colocação de portas de correr no acesso pelo interior ao compartimento extra, possibilitando a dupla utilização por parte de pessoas ou famílias distintas.

“As famílias podem modular as suas habitações pelo aluguer de um compartimento suplementar: há portas de correr entre as unidades habitacionais adjacentes.”¹⁰⁶

Assim, os limites entre o comum e o privado são reinventados, pela criação de um espaço tanto coletivo como privado, que pode acolher diferentes funções: um mini estúdio, um espaço para bricolagem, uma área de trabalho, etc.

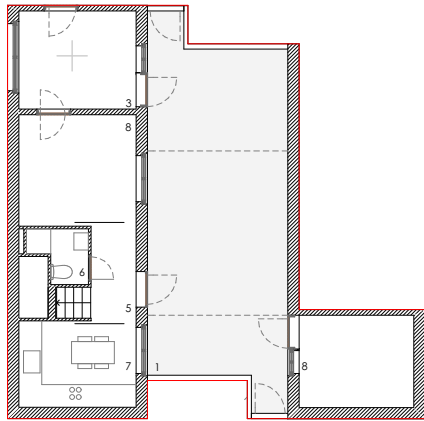
Unidades privadas

A unidade habitacional de base não se apresenta como um 'apartamento' mas como um compartimento. É a partir dele, sempre com 15m², que os residentes vão definir os limites da sua habitação, ora pela justaposição, ora pela sobreposição, ora pela associação de compartimentos. Desta forma, foram configurados diferentes tipologias nas 55 habitações: dezoito T2, dezanove T3, treze T4 e cinco T5. Todas as habitações são dúplex e o acesso ao interior é feito pelo exterior, através de um espaço central existente entre cada quatro unidades privadas.

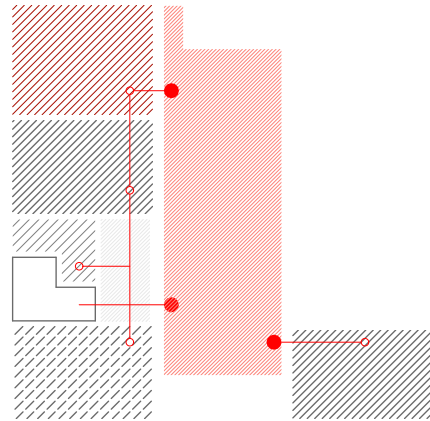
O desenho das unidades domésticas é pensado a partir da revisão tipológica das habitações uni e bi familiares convencionais, correspondendo a uma tentativa de atender tanto aos novos estilos de vida como às necessidades do presente. Neste sentido, a estratégia de desenho da mesma é definida sempre a partir da ideia de compartimento. Nenhum tem uma função predefinida, podendo ser tanto uma cozinha como uma sala ou até um quarto, para além da peça que contém o acesso vertical e os wc's. Estes são os únicos elementos fixos e programáticos.

Desta forma, o conjunto edificado é capaz de se moldar à vida da comunidade que nele vai habitar, permitindo que haja uma maior flexibilidade, elasticidade e durabilidade do espaço doméstico.

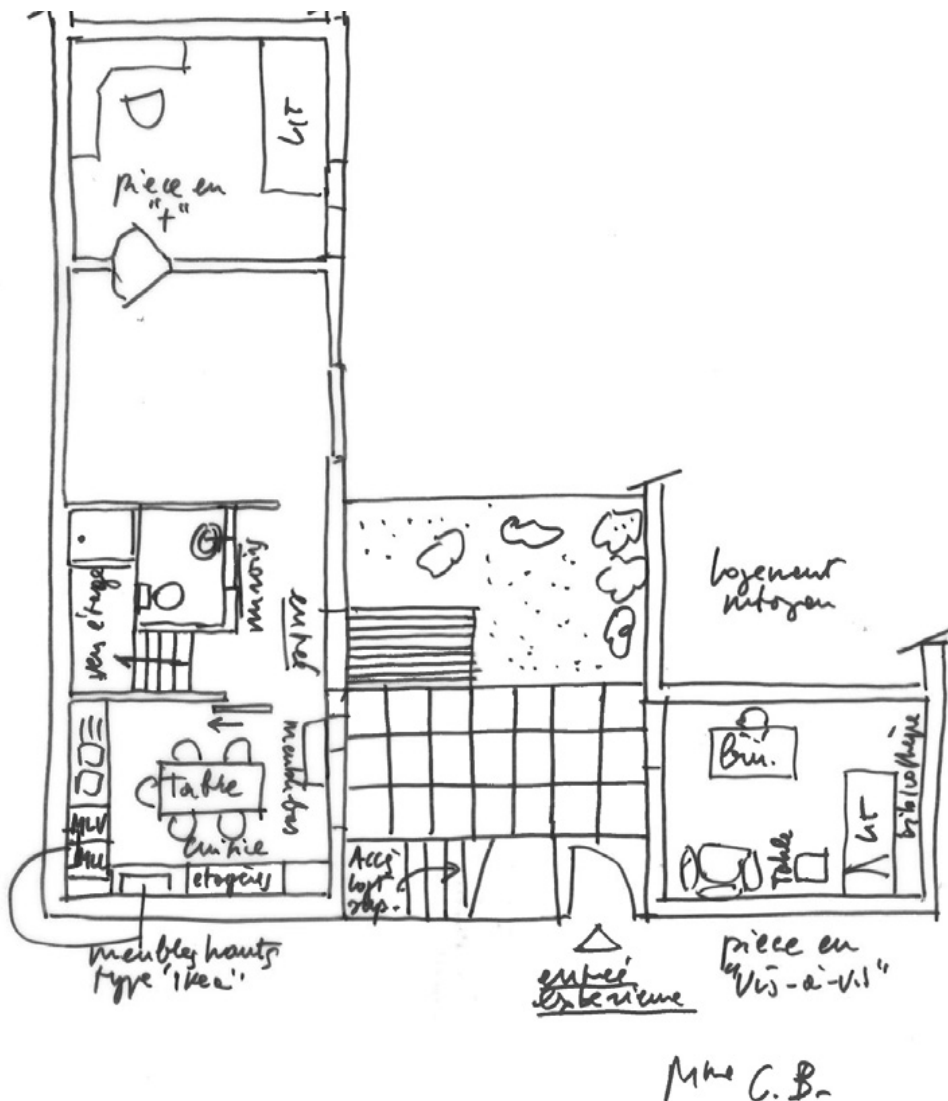
¹⁰⁶ <http://www.cyberarchi.com/article/la-reponse-de-boskop-aux-comportements-contemporains-mobiles-et-flexibles-08-07-2009-12489>.



Pup . (escala 1.200)



EPup . (escala 1.200)



[86] . Desenho dos espaços interiores de uma das habitações que tem o compartimento extra integrado servindo, neste caso, de um quarto.

Pup. : Espaços exteriores - [1] pátio central. Espaços de uso partilhado entre o subgrupo de residentes - [3] 'compartimento extra'. Espaços privados - [5] hall de entrada [6] wc. [7] cozinha. [8] espaço sem função predefinida.

EPup. — percurso no interior das unidades de habitação ○ espaços das unidades de habitação ● ponto de entrada □ acesso vertical ▨ espaço circulação interior ▩ wc ▪ espaço sem função predefinida ▤ cozinha ▥ espaço exterior intermédio em pátio central ▦ espaço comum em 'compartimento extra' partilhado, de forma alternada ou simultânea, entre as unidades privadas de um subgrupo.

Entre comum e privado

O limite entre o comum e o privado é marcado pela ideia de compartimento. Este tem a característica de poder ser transformado quer numa esfera quer na outra, deixando de existir a rigidez da distinção os espaços desenhados unicamente para servir o programa de uso comum ou privado.

Para além desta reversibilidade do espaço interior, há também o desenho de um espaço intermédio exterior, entre as três unidades privadas que assim permitem que vizinhos comuniquem e vivam de forma mais aproximada.

| 8

2003. França. ***La Passerelle***



[87] Edifício La Passerelle, vista da rua.



[88] Edifício La Passerelle vista trás.



[89] Acesso vertical.



[90] Circulação exterior de acesso às unidades privadas, vista um.



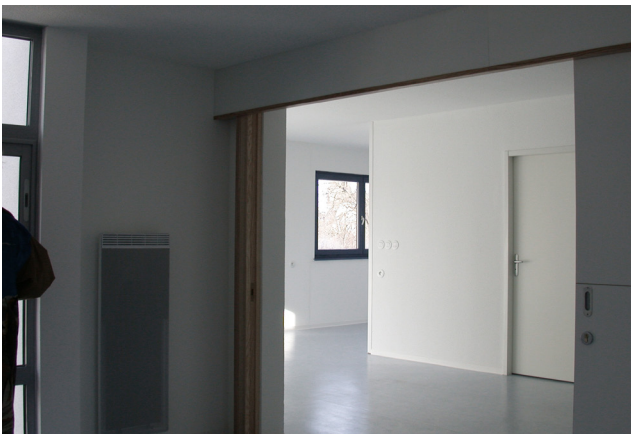
[91] Circulação exterior de acesso às unidades privadas, vista dois.



[92] Vista do exterior do compartimento extra.



[93] Espaço interior do compartimento extra.



[94] Interior unidade privada.



[95] Interior unidade privada.

país

França

nome

La Passerelle

local | tipo

Quartier de la Fonderie, Mulhouse |
Urbano

tipo de edificação

Alta densidade

ano (início-fim)

- | 2003

arquiteto(s)

Arcanes Minotaure – Roland Spitz

nº total residentes

4 famílias

nº total de compartimentos extra

4 (1 por cada 2 habitações)

nº total unidades privadas

8

área total (conjunto | comum | privada)

700m² | 60m² | 620m²

área total (habitação | compartimento extra)

55m² ou 100m² | 15m²

nº total pisos

4

tipo de iniciativa

pública

tipo de participação

-

contactos

www.amrs.fr

amrs@architects.org



[96] . Alçado 1 (escala 1.400)



[97] . Alçado 2 (escala 1.400)



[98] . Corte 1 (escala 1.400)



[99] . Alçado 3 (escala 1.400)

Comunidade

O grupo de pessoas que habita o projeto de *La Passerelle* em Mulhouse apesar de não ter sido formado à priori – como muitas vezes acontece em projetos de *Cohousing* – foi pensado aquando da origem do mesmo. O objetivo era conceber um edifício de habitação social multigeracional. Ou seja, permitir que diferentes gerações do mesmo agregado familiar pudessem habitar em comum.

Assim, através de uma iniciativa pública da OPAC, o atelier Arcanes Minotaure – Roland Spitz fica a cargo do projeto, desenvolvendo uma solução habitacional para a coabitação de gerações distintas de uma mesma família.

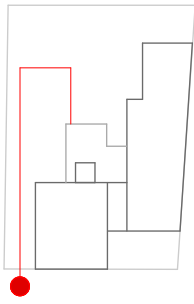
Desta forma, há uma tentativa em, por um lado, evitar o isolamento e a solidão muitas vezes observada nas gerações mais idosas e, por outro, possibilitar que o jovem adulto se emancipe mais rapidamente, ao mesmo tempo que mantêm a união com a restante família – imagem que remonta para o passado e que atualmente é bastante rara de observar – sem que para isso exista uma transgressão da privacidade necessária a cada geração.

Projeto

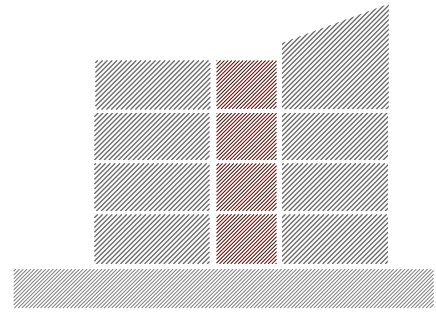
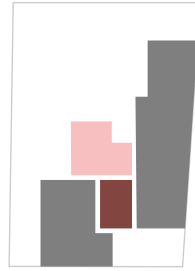
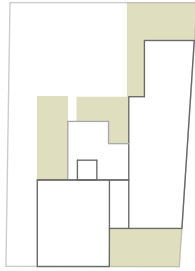
O projeto é desenhado através de um edifício compacto com forma de 'L' na profundidade do terreno. Apresenta três volumes adjacentes, dos quais o central se destaca pela presença de uma fachada maioritariamente envidraçada. Esta antecipa a ideia de um dispositivo espacial distinto relativamente aos volumes contíguos.

Ao longo dos 4 pisos do edifício são distribuídos na vertical oito unidades habitacionais, duas em cada andar. Estas são destinadas a duas gerações distintas da mesma família tendo cada uma delas um acesso independente.

Por sua vez, quanto aos dispositivos de acesso e circulação, estes são feitos através de uma escada e elevador localizados no exterior, na parte de trás do terreno. Relativamente aos espaços exteriores comuns a todos os residentes do edifício, existe um parque de estacionamento automóvel e um jardim, ambos posicionados no lado norte.



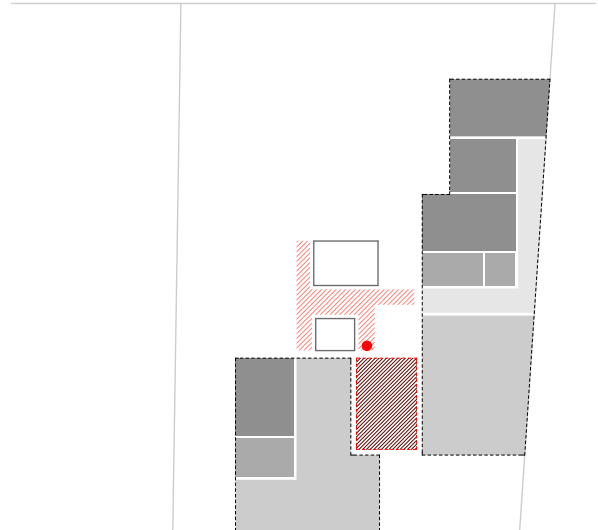
E1 . (escala 1.800)



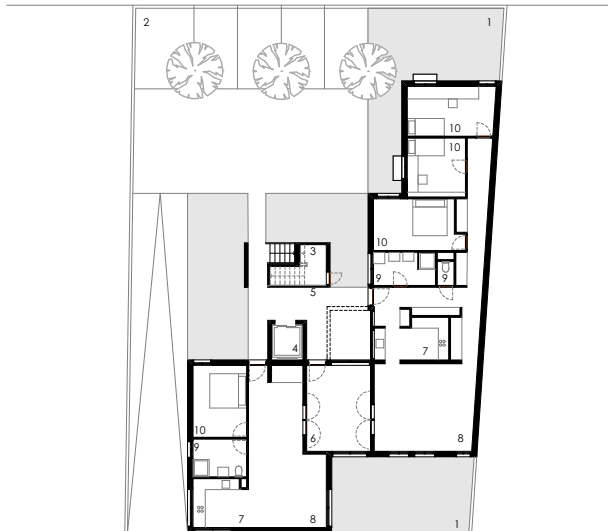
EC2 . (escala 1.400)



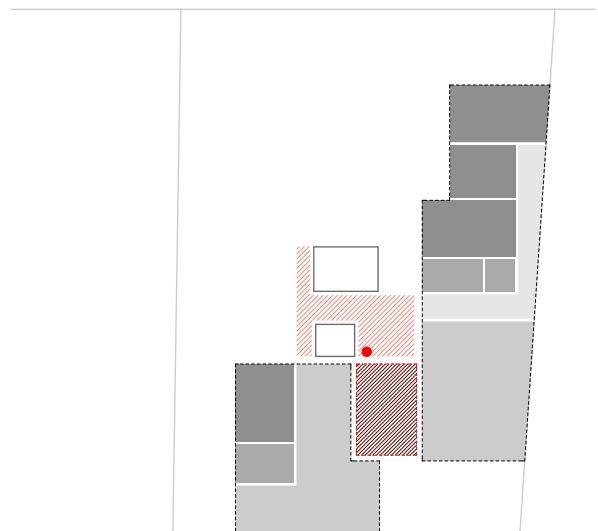
PT . (escala 1.400)



EPT . (escala 1.400)



P0 . (escala 1.400)



EP0 . (escala 1.400)

E1. — edifício — percurso exterior de chegada ● ponto de entrada ■ espaço verde exterior ■ unidade privada ■ espaço intermédio ■ espaço comum em 'compartimento extra' partilhado entres os residentes das duas unidades privadas adjacentes

EC2. ▨ unidade privada ▨ espaço comum 'compartimento extra'

P0. | PT. : Espaços exteriores - [1] jardim. [2] parque estacionamento automóvel. Acesso e circulação - [3] escadas exteriores. [4] elevador. [5] corredor de distribuição exterior. Espaços de uso partilhado entre residentes do mesmo piso - [6] 'compartimento extra'. Espaços privados - [7] cozinha [8] espaço de refeições e estar. [9] wc. [10] quarto.

EP0. | EPT. --- limite unidade privada --- limite 'compartimento extra' ● ponto de entrada □ acesso vertical ■ espaço de circulação ■ sala de estar e refeições ■ wc ■ quarto ▨ espaço intermédio exterior ▨ espaço comum em 'compartimento extra'

Espaços comuns

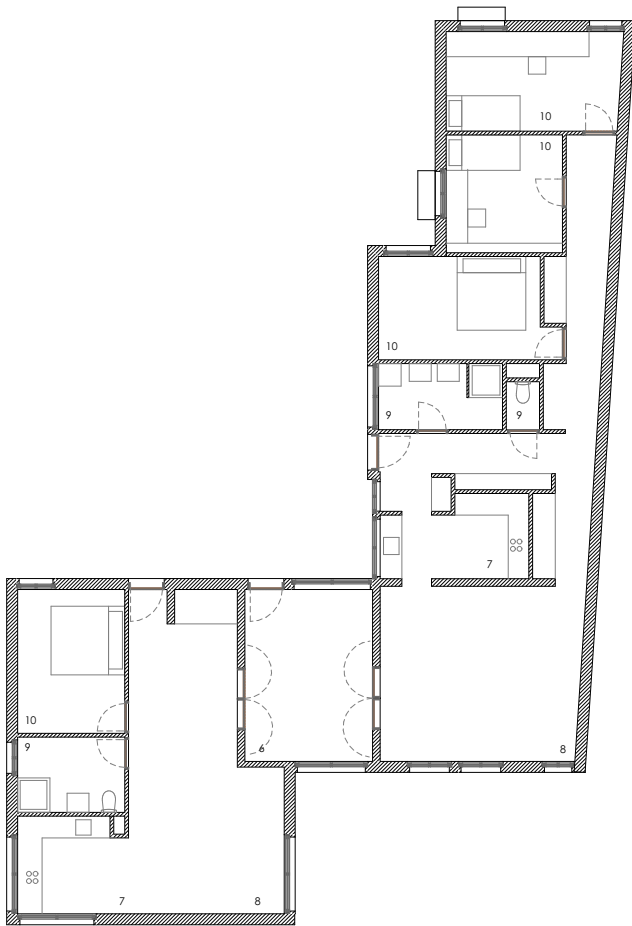
Para além dos espaços exteriores comuns de jardim, acesso e circulação, que possibilitam o encontro entre os residentes do edifício, há um espaço interior localizado em cada andar para o uso partilhado entre os elementos de um mesmo agregado familiar. Este é um compartimento com 15m² e localiza-se no volume central entre duas unidades habitacionais privadas. É envidraçado quer para o lado Sul, voltando-se para a rua principal, quer para o lado Norte onde se encontra o logradouro. Corresponde a um compartimento extra, ou seja, a um compartimento intersticial ou espaço intermédio. O seu acesso pode ser feito tanto a partir do corredor de distribuição exterior, como através de duas portas de correr localizadas nos espaços de estar de cada unidade privada, possibilitando integrar esse espaço num ou noutro apartamento, de forma alternada ou simultânea, dependendo das necessidades do momento ou dos estilos de vidas das duas gerações da família. O compartimento extra apresenta um carácter de neutralidade, não existindo nenhuma função definida à priori para o mesmo. É, portanto, um dispositivo evolutivo capaz de se transformar tanto num espaço de uso partilhado entre todos, como num elemento privado associado a uma ou a outra habitação.

Unidades privadas

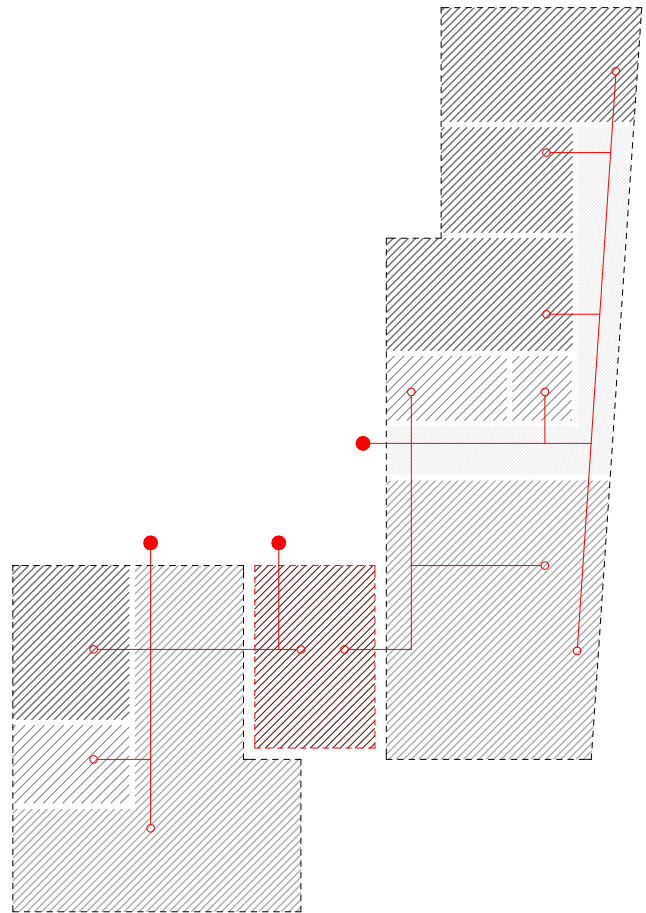
As unidades familiares privadas estão divididas pelos dois volumes que compõe o conjunto, existindo no total oito apartamentos. Destes, quatro são T2 e quatro T5 com áreas entre os 55m² e 100m². Os de tipologia mais pequena encontram-se no volume mais próximo da rua enquanto que os restantes ficam localizados no mais recuado, voltado para o jardim.

Dentro de cada habitação, que se assemelha a um apartamento convencional, a organização espacial é feita com base numa distribuição diurna e noturna. A primeira volta-se para a rua principal e a segunda para o logradouro.

Apesar de cada unidade privada dizer respeito a uma geração distinta de um mesmo agregado familiar é possível unir ambos os apartamentos através da abertura das duas portas de correr do compartimento extra existente entre ambas.



PT . (escala 1.200)



EPT . (escala 1.200)

P0. | PT. : Espaços exteriores - [1] jardim. [2] parque estacionamento automóvel. Acesso e circulação - [3] escadas exteriores. [4] elevador. [5] corredor de distribuição exterior. Espaços de uso partilhado entre residentes do mesmo piso - [6] 'compartimento extra'. Espaços privados - [7] cozinha [8] espaço de refeições e estar. [9] wc. [10] quarto.

EPT. — percurso no interior das unidades de habitação ○ espaços das unidades de habitação ● ponto de entrada ▨ espaço circulação interior ▩ cozinha e sala de estar e refeições ▨▨ wc ▨▨▨ quarto ▨▨▨▨ espaço comum 'compartimento extra'

Entre comum e privado

Neste projeto, o compartimento extra desempenha um papel relevante enquanto mediador das relações entre duas gerações. É através dele que é pensado esta estratégia de coabitação permitindo demonstrar que também é possível repensar a habitação para casos multigeracionais dentro do agregado familiar – factor relevante na atualidade.

Para além disso, é a partir deste dispositivo – que não é nem uma 'casa' nem um 'pisso' – que é possível aproximar duas esferas domésticas privadas distintas, permitindo definir novas escalas de intimidade dentro da família.

| 9

2011. França. **Les Brouets**



architecte : R. Hond
photo : A. B. C. H.

[100] Edifícios Les Brouets.



[101] Edifício e percursos pedonais entre blocos.

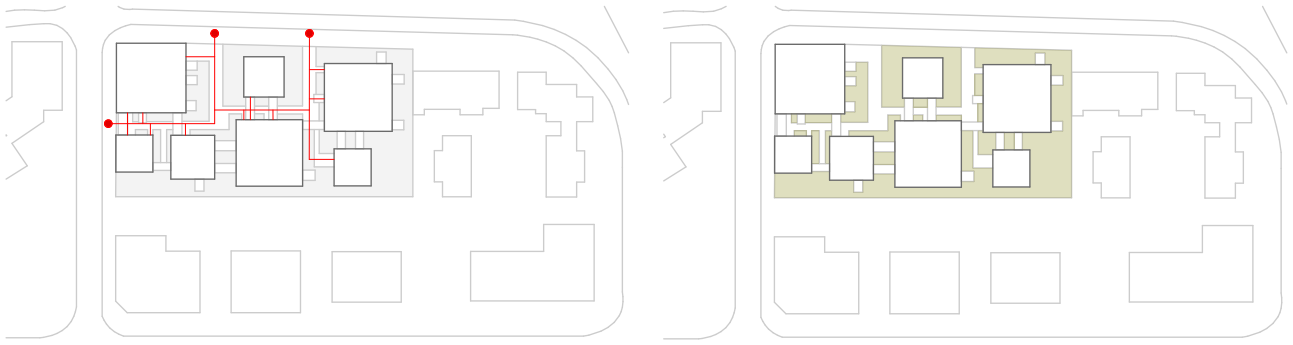


[102] Imagem fotorealista do projeto Les Brouets.

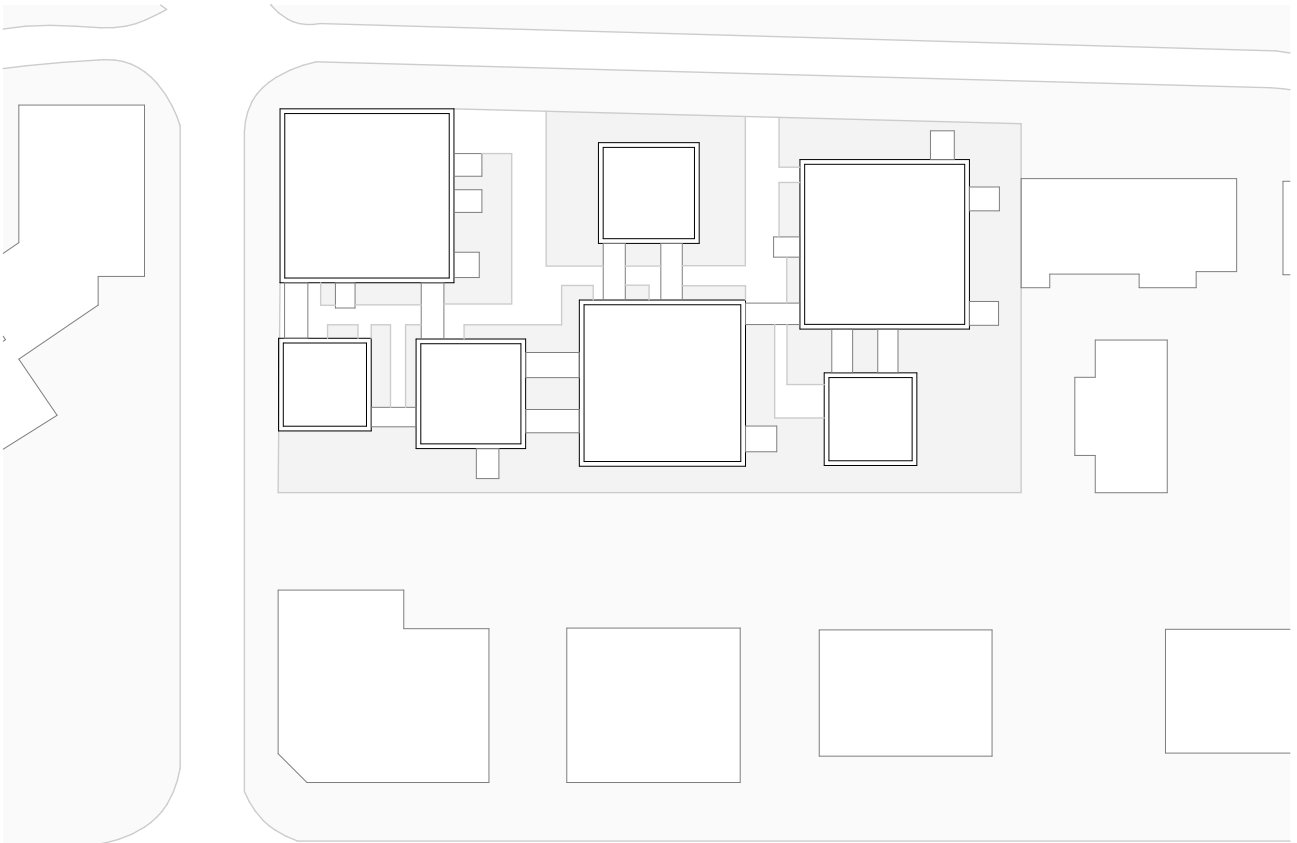


[103] Imagem fotorealista do projeto Les Brouets.

país França	nº total de compartimentos extra 1 em cada habitação T4+1
nome Les Brouets	nº total unidades privadas 30
local tipo Mantes-la-ville (78) Urbano	área total (conjunto compartimento extra privada) 3480m ² 20m ² 60 a 120m ²
tipo de edificação Alta densidade	nº total pisos variável, entre 2 e 4
ano (início-fim) 2007 - 2011	tipo de iniciativa Foncière Logement - privado
arquiteto(s) Raphaëlle Hondelatte et Mathieu Laporte	tipo de participação -
nº total residentes 30 famílias	contactos http://www.hondelatte-laporte.com hondelatte.laporte@hlarchi.com



E1 . (escala 1.2000)



Pl . (escala 1.800) ☉



[104] . Alçado do conjunto.



[105] . Corte longitudinal do conjunto.

E1. — edifício — percurso exterior de chegada ● ponto de entrada ■ espaço verde exterior □ espaço exterior

Comunidade

A comunidade do projeto *Les Brouets* não foi definida aquando da origem do mesmo. No entanto, foi o tipo de utilizador final que serviu de molde ao desenvolvimento desta proposta. A partir de uma iniciativa por parte da entidade Foncière Logement – uma associação sem fins lucrativos, formada em 2002 com apoio do Estado que tem como objetivo o desenvolvimento de novas soluções habitacionais mais diversificadas para posterior arrendamento – foi proposta a realização de um edifício de habitação colectiva que pudesse repensar sobre a habitação convencional.

Projeto

Através do manifesto acima mencionado, a dupla de arquitetos Raphaëlle Hondelatte e Mathieu Laporte desenvolve uma solução a partir da diversificação tipológica e da ideia de *Cohousing*, enquanto modo de integração de modos de vida complexos e plurais que caracterizam a era contemporânea.

Neste sentido, a proposta apresenta seis volumes distintos de dois ou três pisos, de forma cúbica, com 10m ou 18m de lado, onde são distribuídas trinta unidades habitacionais privadas, acessíveis através de dispositivos verticais de acesso e circulação existentes em cada um dos volumes.

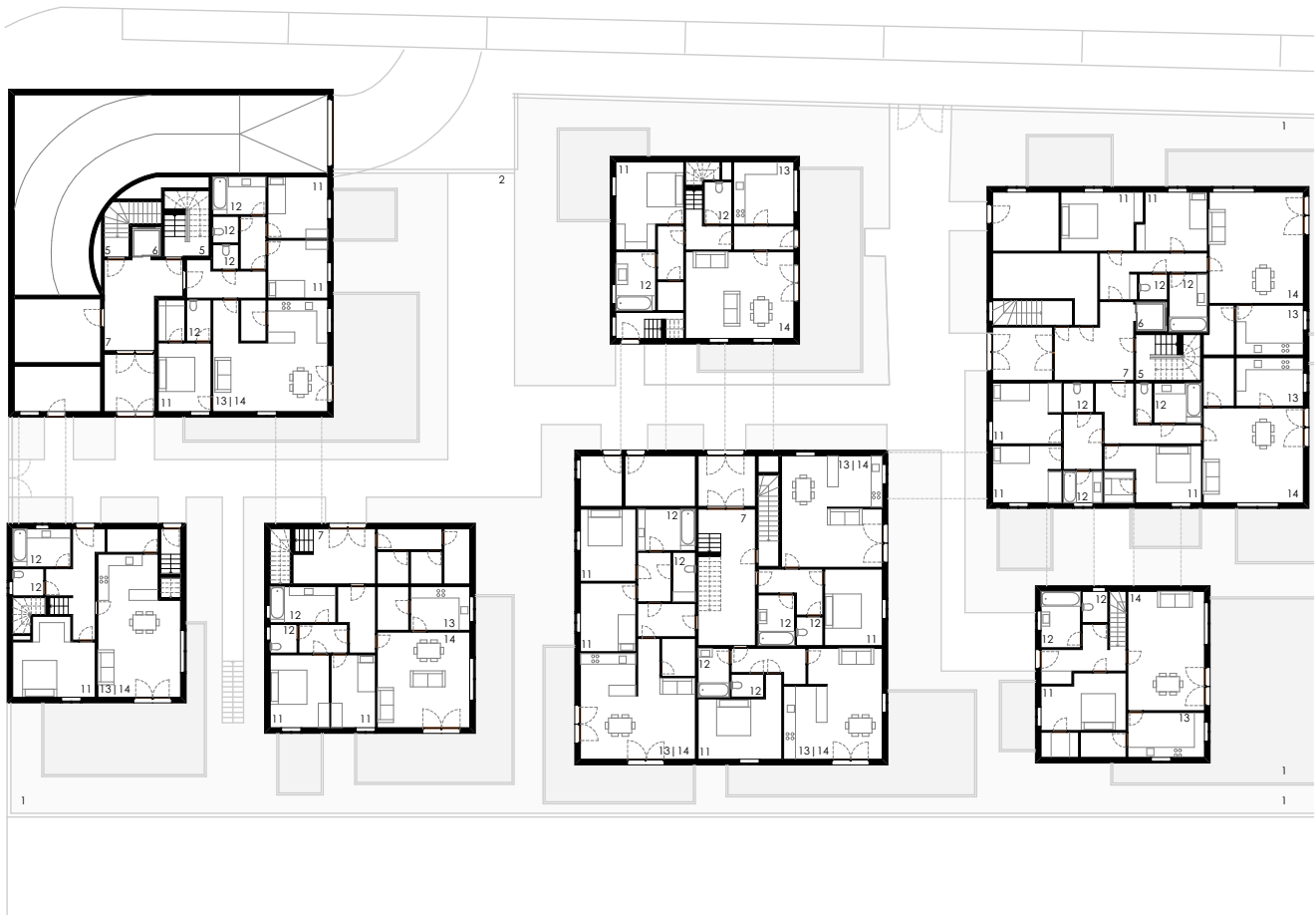
Apesar desta aparente organização convencional, este projeto inclui dois conceitos distintos. Um responde às normas standard de habitação coletiva e o outro propõe uma revisão tipológica desse modelo, definindo assim uma estrutura mista.

Através de outra ideia de 'compartimento extra', os Arquitetos oferecem às unidades privadas a possibilidade de terem um espaço que funcione para diversos fins, como por exemplo, para a coabitação entre diferentes gerações do mesmo agregado familiar ou por famílias recompostas ou ainda por jovens adultos que desejem ter mais autonomia.

É um compartimento extra que está sempre posicionado no volume vizinho ao da unidade habitacional principal, podendo o seu acesso ser feito quer através deste, através de um percurso exterior em varanda que os liga, quer pelo acesso vertical do próprio volume onde está localizado. Há, portanto, uma tentativa de autonomização do espaço ao mesmo tempo que mantém um vínculo ao restante apartamento. Isto vai acabar por traduzir a ideia que está por detrás deste dispositivo: não serve de espaço intermédio ou comum — como nos casos anteriormente

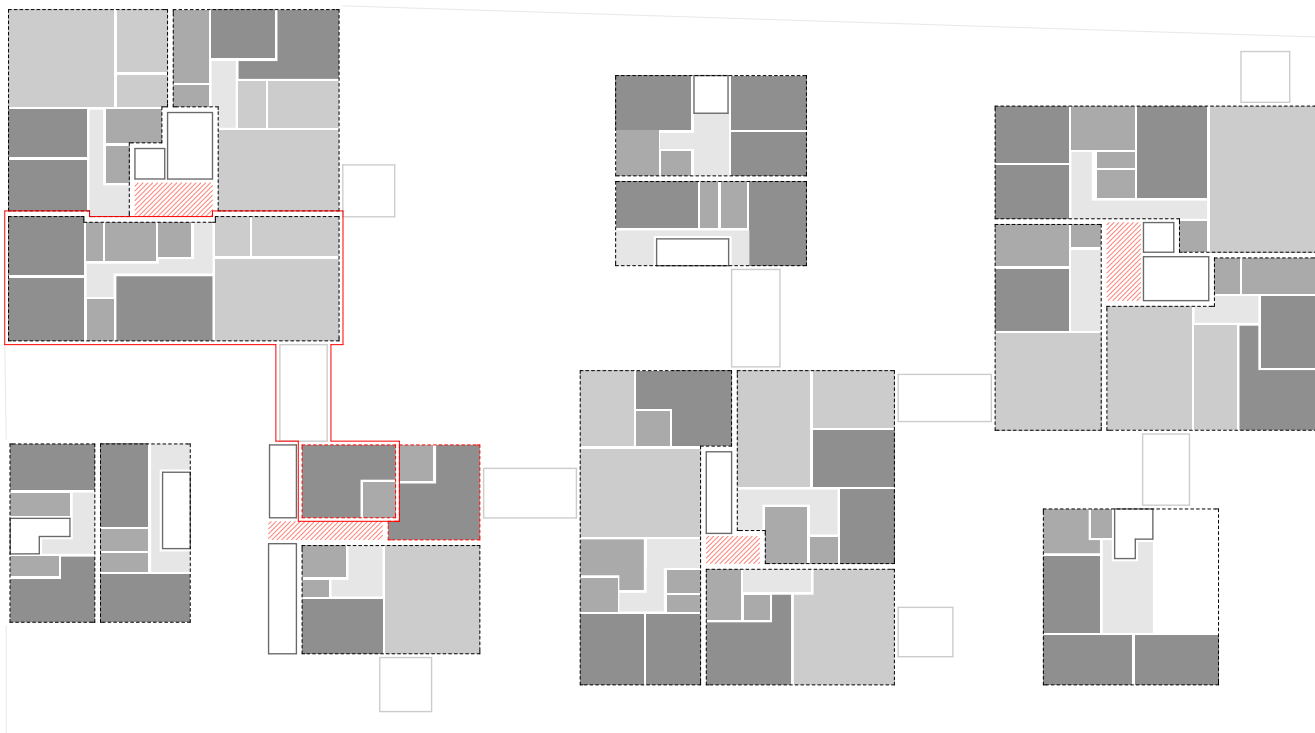


PT . (escala 1.400)



P0 . (escala 1.400)

P0.|PT. : Espaços exteriores - [1] jardim. [2] percursos pedonais exteriores. [3] varanda. [4] varanda de acesso ao compartimento extra. Acesso e circulação - [5] caixa de escadas. [6] elevador. [7] corredor de distribuição. Espaços de uso partilhado entre residentes de uma unidade de habitação privada - [8] sala. [9] cozinha. Espaços privados - [10] compartimento extra. [11] quarto [12] wc. [13] cozinha. [14] sala de estar e refeições.

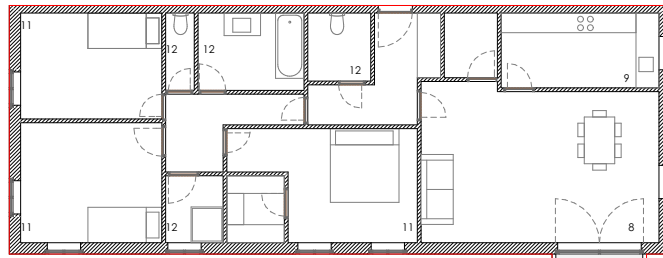


EPT . (escala 1.400)

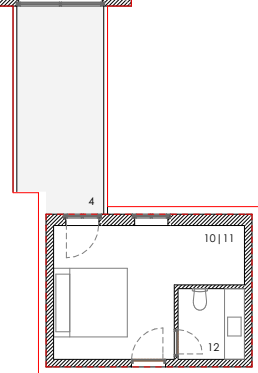
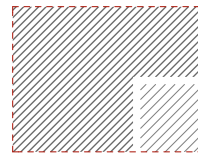
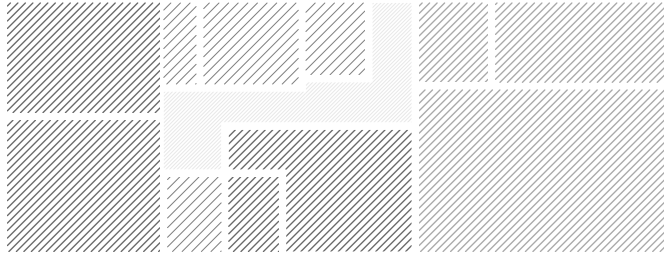


EPO . (escala 1.400)

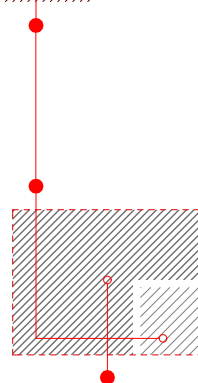
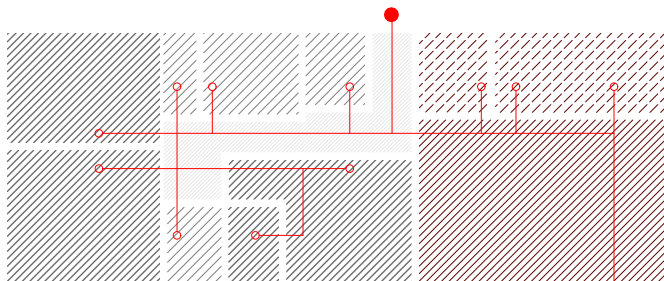
EPO. | EPT. ---limite unidade privada - - - limite 'compartimento extra' ● ponto de entrada □ espaço exterior □ acesso vertical □ espaço de circulação
 ■ sala de estar e refeições ■ wc ■ quarto ▨ espaço intermédio interior



Pup . (escala 1.200)



EPup . (escala 1.200)



EPup . (escala 1.200)

Pup . : Espaços exteriores - [1] jardim. [2] percursos pedonais exteriores. [3] varanda. [4] varanda de acesso a 'compartimento extra'. Acesso e circulação - [5] caixa de escadas. [6] elevador. [7] corredor de distribuição. Espaços de uso partilhado entre residentes de uma unidade de habitação privada - [8] sala. [9] cozinha. Espaços privados - [10] 'compartimento extra'. [11] quarto [12] wc. [13] cozinha. [14] sala de estar e refeições.

EPup . — percurso no interior das unidades de habitação - - limite 'compartimento extra' ○ espaços das unidades de habitação ● ponto de entrada ▨ espaço circulação interior ▩ cozinha ▪ sala de estar e refeições ▫ wc ▬ quarto ▮ espaço de cozinha transformado em espaço comum ▯ espaço de sala de estar e refeições transformado em espaços comuns

apresentados – mas de unidade ou compartimento privado que permite manter os elementos da família juntos sem desenvolver tantos conflitos entre gerações.

Espaços comuns

Além dos diversos espaços exteriores ajardinados de uso comum a todos os residentes do complexo, há também dispositivos comuns no espaço interior. Estes são visíveis unicamente nos casos em que a cada apartamento é acrescido um compartimento extra, passando a cozinha e a sala de estar e refeições, que outrora eram unicamente privadas, a corresponder a um espaço de uso partilhado pelos diferentes elementos que habitam cada uma das unidades privadas. Desta forma, esses dispositivos vão servir de ponto de encontro no qual momentos da vida quotidiana são vividos em conjunto. Isto porque o compartimento extra, apesar de ser um compartimento num volume separado e com acesso independente, não é capaz de ter total autonomia, necessitando de recorrer à habitação principal para a realização de diversas tarefas da vida diária.

Unidades privadas

Das 30 unidades habitacionais existentes, de áreas entre os 60 e 120m², há diferentes tipologias, do T1 ao T5, embora este último possa ser total ou parcial, a partir da divisão pelo compartimento extra, correspondendo a um T4+T1. Dentro desta última tipologia habitacional, o espaço de uso privado deixa de corresponder à área total do apartamento passando a estar dividido em três momentos distintos, separados por portas: o comum, correspondente à cozinha, sala de estar e refeições, o intermédio, no qual é possível aceder a um wc e à entrada da habitação principal e, por fim, o privado, que diz respeito aos quartos e wc's (da unidade principal) e ao compartimento extra.

Entre comum e privado

O limite entre o comum e o privado neste projeto apresenta-se com um carácter mais complexo. O dispositivo comum não é pensado para um grupo de residentes constituído por diferentes famílias mas para a satisfação das necessidades que a diversidade de agregados familiares existentes na contemporaneidade exige. Dentro de cada família, o tipo de relação pode ser diverso, existindo a possibilidade de habitar de forma fisicamente separada, através do compartimento extra e, ao mesmo tempo, partilhar momentos da vida doméstica em comum, nos espaços sociais e de confecção de refeições das unidades privadas (principais).

Estratégias de **INTEGRAÇÃO**. 3.4

- Suíça – *Hunziker Areal - Haus A* | 10
- Suíça – *Wohnüberbauung Kraftwerk 2* | 11
- Japão – *Shared Housing LT Josai* | 12

| 10

2015. Suíça. ***Hunziker Areal - Haus A***



[106] Quarteirão Hunziker Areal – edificação do conjunto.



[107] Edifício Haus A.



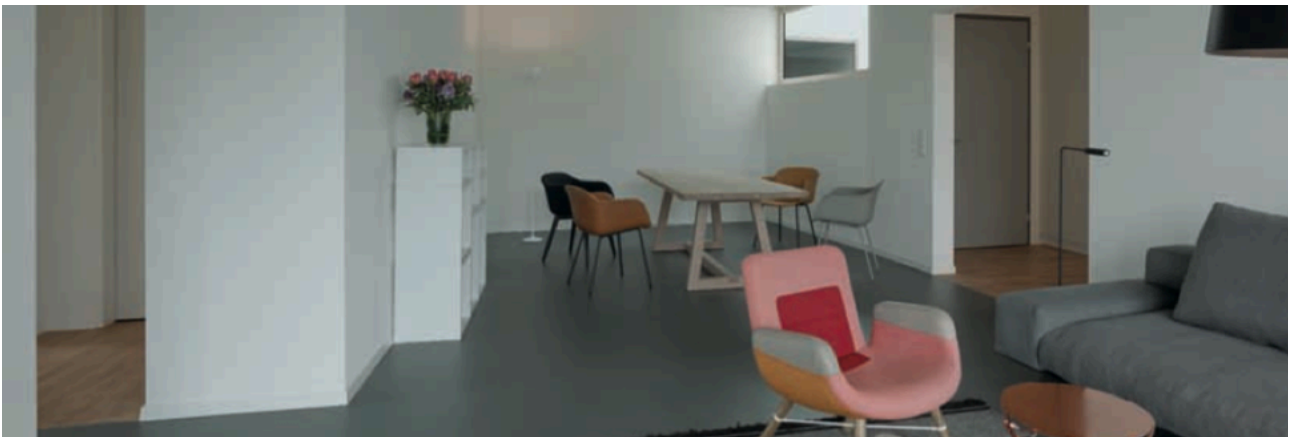
[108] Edifício Haus A.



[109] Espaço comum piso térreo.



[110] Acesso e circulação do interior do edifício.



[111] Vista do interior da unidade habitacional ou 'cluster' – espaços comuns.



[112] Vista do interior da unidade habitacional ou 'cluster' – espaços comuns.

país

Suiça

nº total 'clusters'

11

nome

Hunziker Areal – Haus A

nº total células privadas

60

local | tipo

106 Hagenholzstrasse Zurique | Urbano

área total (conjunto | comum | privada)7750m² | 626m² | 4900m²**tipo de edificação**

Alta densidade

área total ('cluster' | comum | privada)400 a 500m² | 140 a 180m² | 35 a 57m²**ano (início-fim)**

2009 - 2015

nº total pisos

6

arquiteto(s)

Duplex

tipo de iniciativaBaugenossenschaft Mehr als Wohnem
(cooperativa de habitação)**nº total residentes**

100 de 1400

tipo de participação

Atividades entre a comunidade

nº total de espaços comuns

(partilhado entre todos os drupos de residentes)

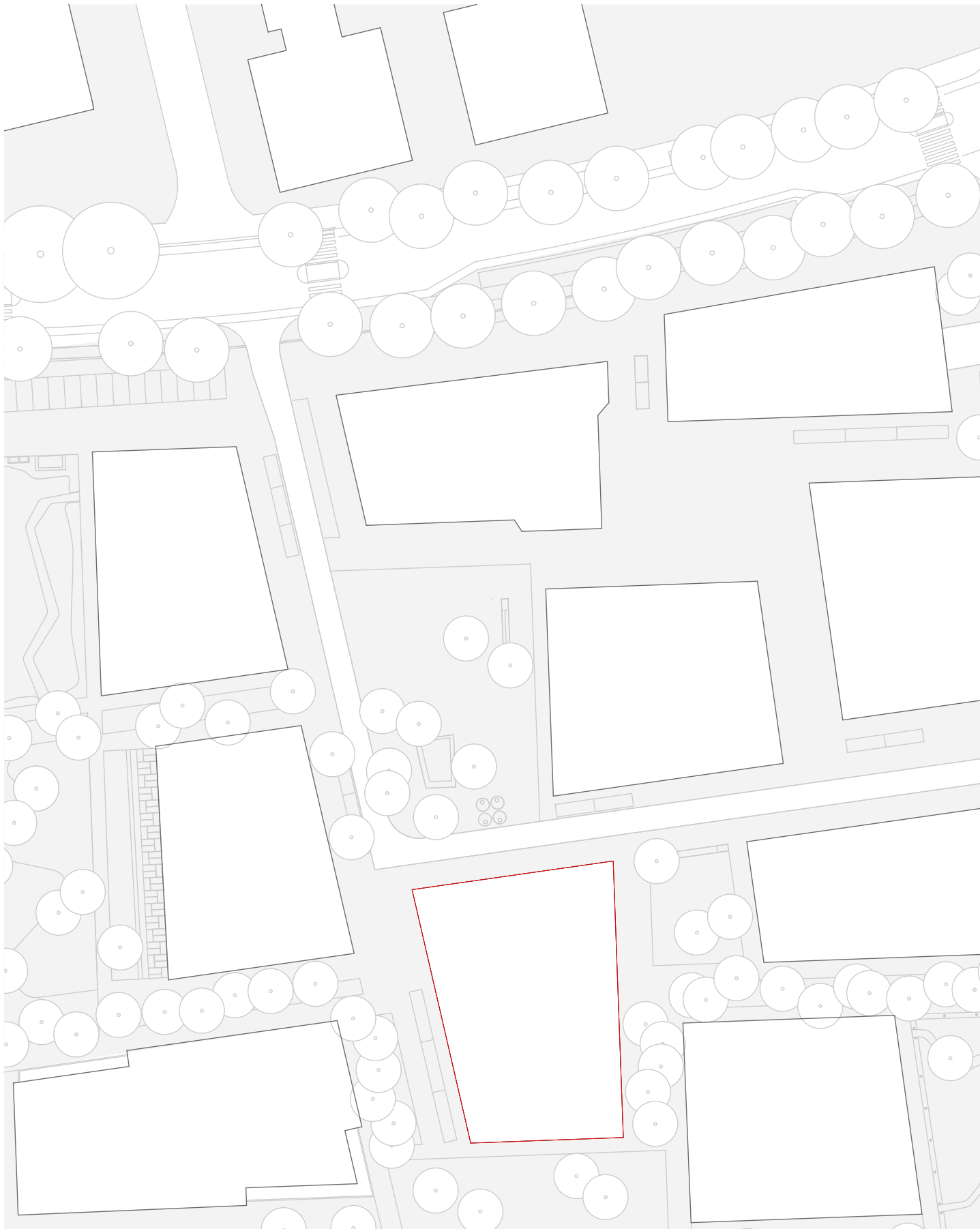
15

contactoswww.duplex-architekten.chmail@duplex-architekten.swiss**nº total de espaços comuns**

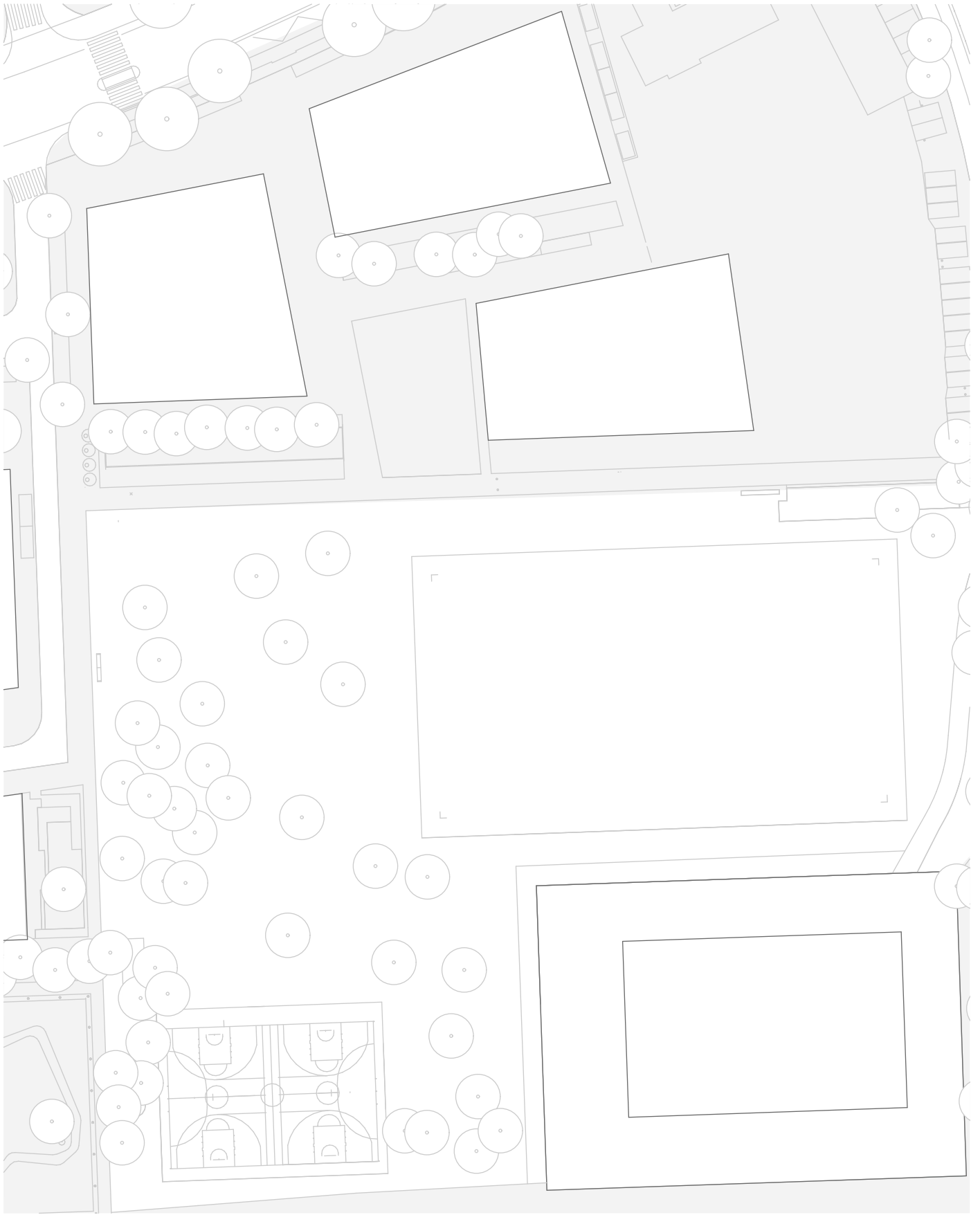
(partilhado entre os residentes de um 'cluster')

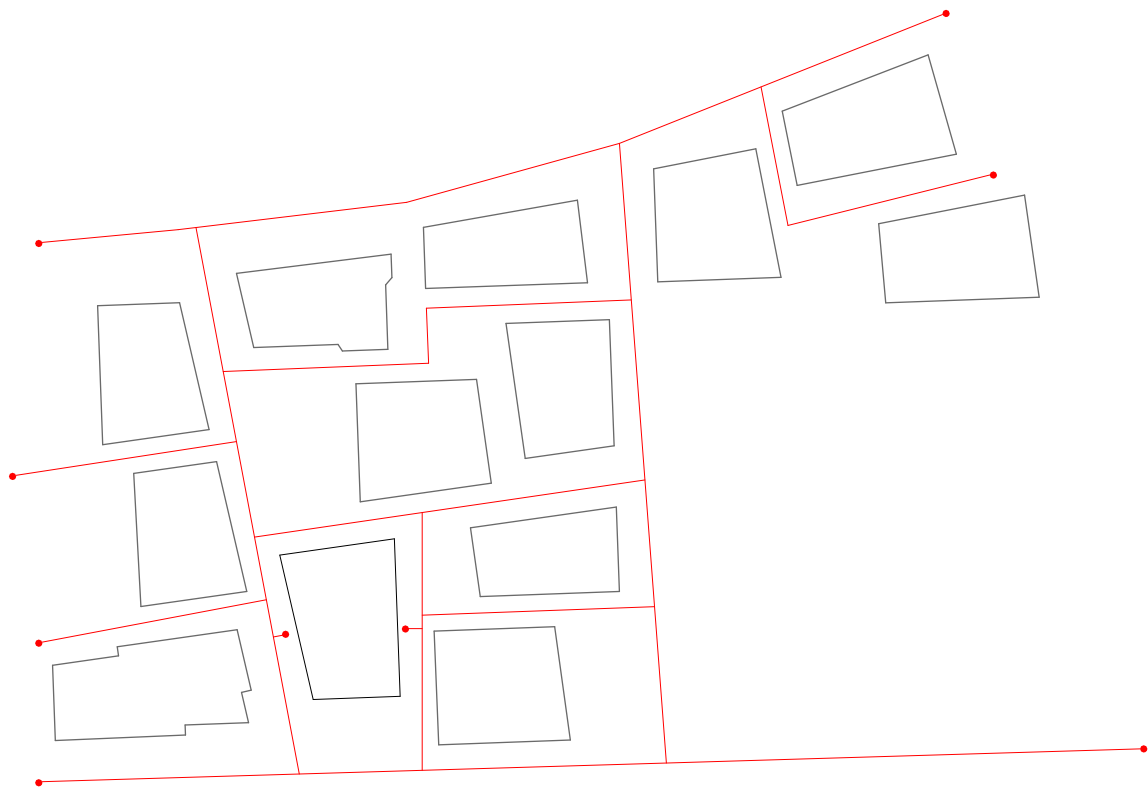
11

www.mehralswohnen.ch

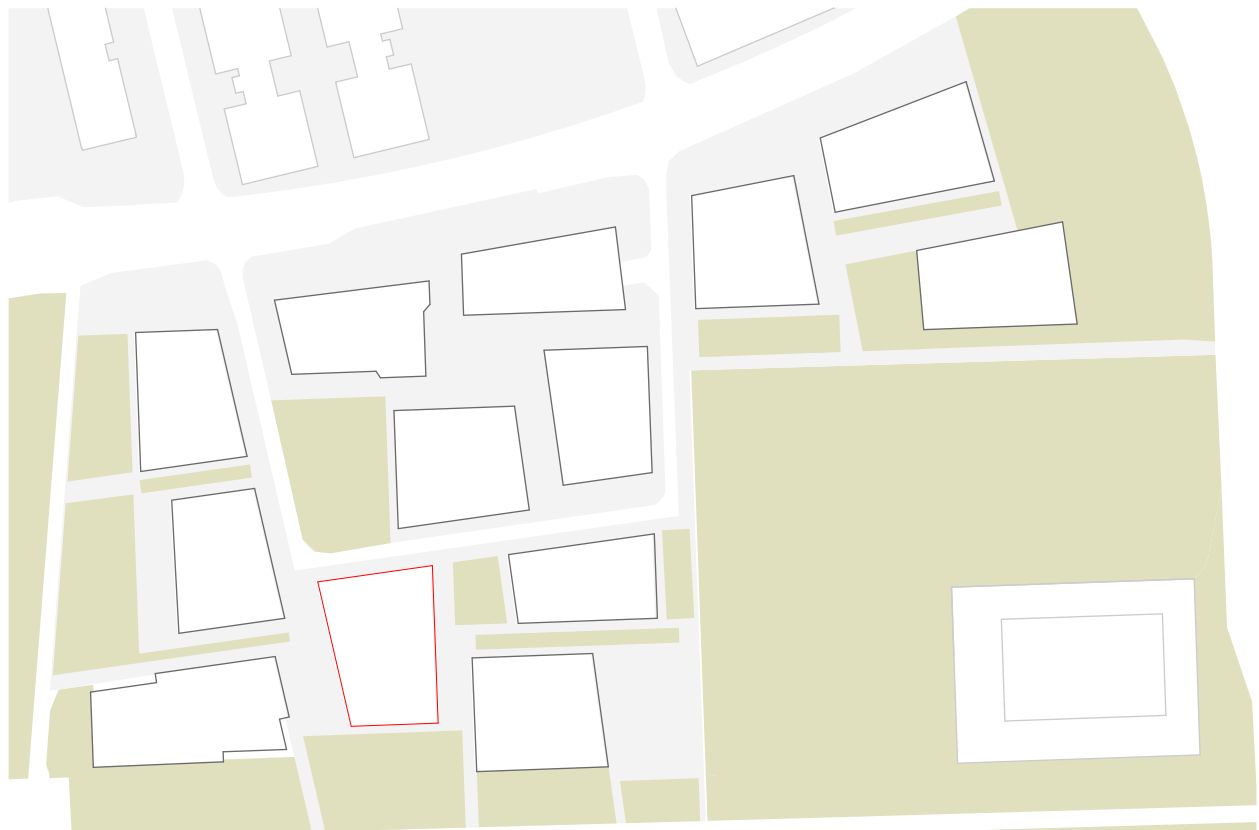


Pl. (escala 1.800) Ⓞ





E1 . (escala 1.2000)



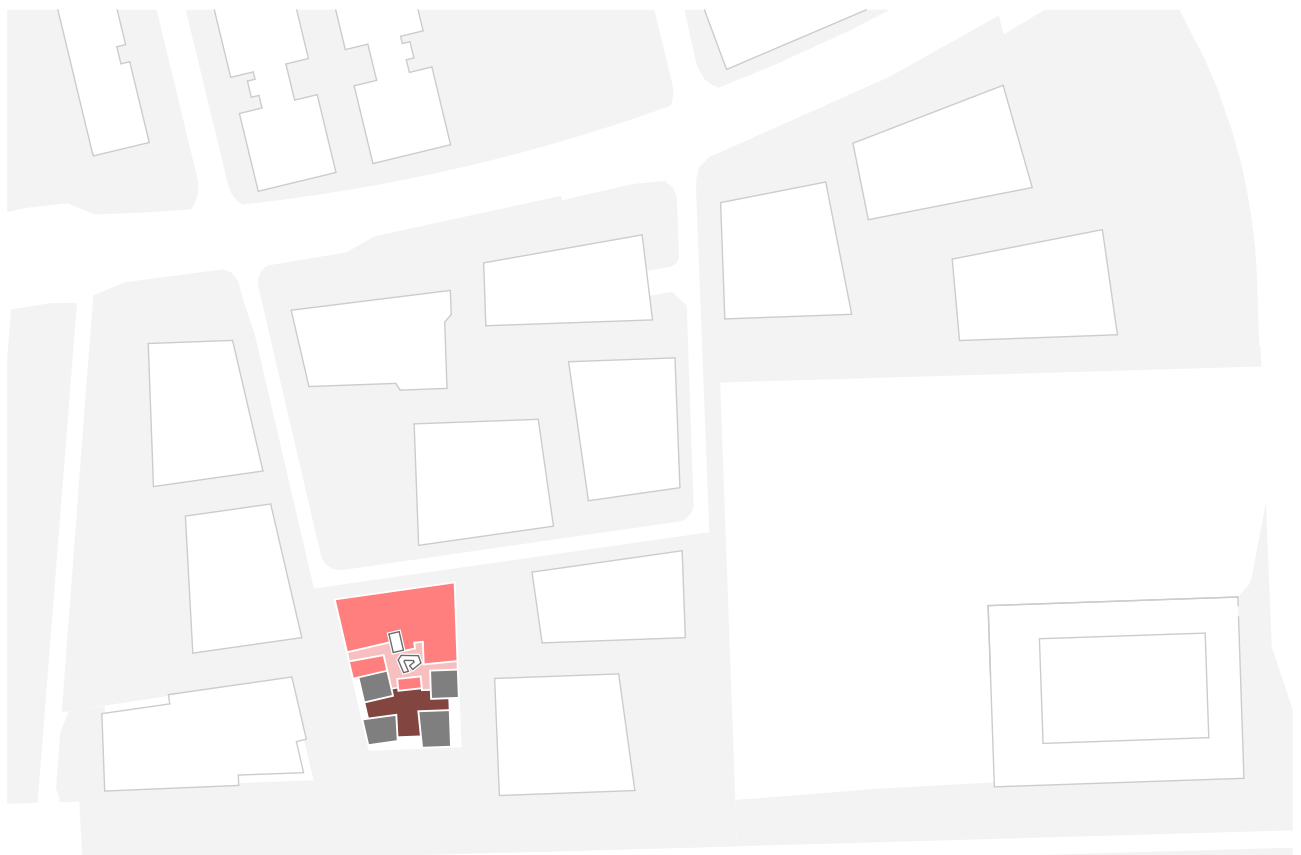
E2 . (escala 1.2000)

E1. — edifício — percurso exterior de chegada ● ponto de entrada

E2. □ marcação dos edifícios do quarteirão □ marcação do edifício em estudo ■ espaço verde exterior ■ espaço exterior



E3 . (escala 1.2000)



E4 . (escala 1.2000)

E3. ■ unidades habitacionais ■ espaços de restauração ■ espaços de uso partilhado entre os residentes do edifício(lazer e trabalho) ■ espaços de uso partilhado entre toda a comunidade do quarteirão(comércio) ■ espaços educacionais(escola)

E4. □ acesso vertical ■ espaço exterior ■ célula privada ■ espaço intermédio ■ espaço de uso partilhado entre todos os residentes ■ espaço de uso partilhado no 'cluster'



[113] . Alçado 1 (escala 1.800)



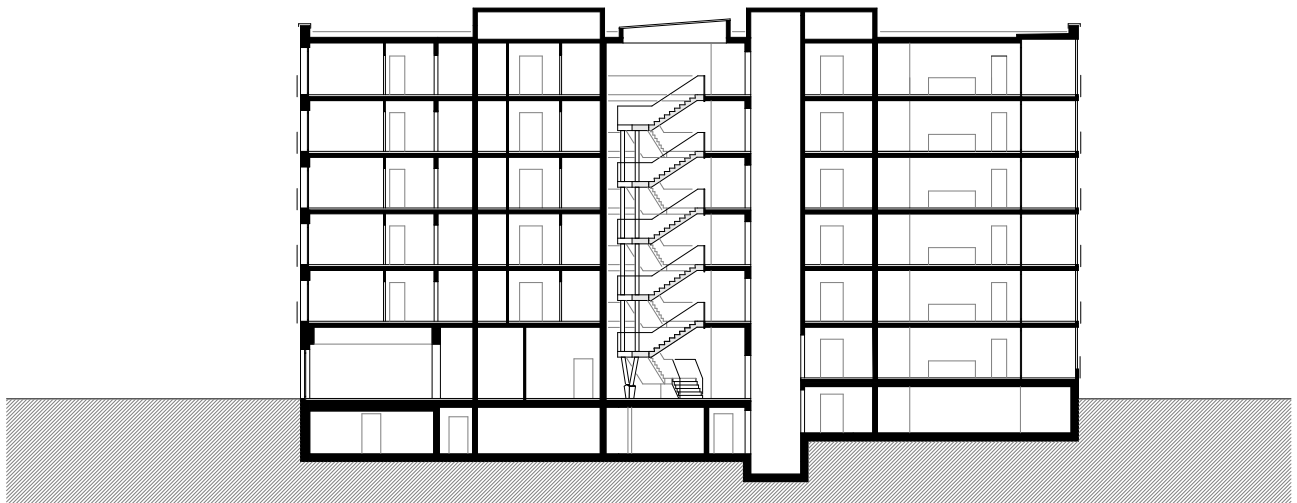
[114] . Alçado 2 (escala 1.800)



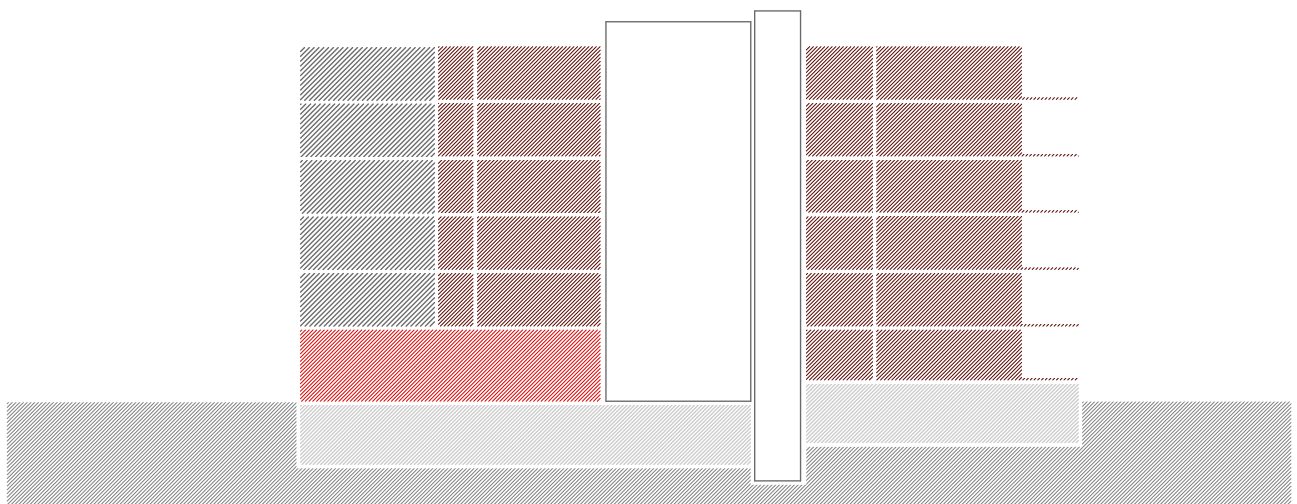
[115] . Alçado 3 (escala 1.800)



[116] . Alçado 4 (escala 1.800)



C1 . (escala 1.400)



EC1 . (escala 1.400)

EC1. □ acesso vertical ▨ área técnica ▩ célula privada ■ espaço de uso partilhado entre todos os residentes ▨ espaço de uso partilhado no 'cluster'

Comunidade

A partir da comemoração dos 100 anos das associações e das políticas habitacionais urbanas da cidade de Zurique, realizada em 2007, foi formada uma cooperativa cujo lema era '100 Jahre Mehr als Wohnen' – que significa '100 anos de mais do que habitação'. Esta lançou no mesmo ano diversos concursos de ideias segundo este lema acabando por conseguir, em 2008, através do departamento de construção da cidade, promover um concurso internacional de Arquitetura com o objetivo de desenvolver um projeto habitacional voltado para o futuro. Assim, surgiu para o quarteirão Hunziker a proposta vitoriosa apresentada por um grupo de ateliers da cidade que teve o apoio e a participação da Cooperativa 'Mehr als Wohnen' para as diversas fases do seu processo, existindo uma colaboração e um trabalho conjunto com diversas entidades.

Hoje, a comunidade de residentes que vive no quarteirão é definida por pessoas de culturas, géneros, idades, profissões, condições sociais e estilos de vida distintos, configurando uma micro esfera urbana complexa. Apesar desta não ter tido um papel preponderante no desenho do projeto, desenvolve atualmente diversas atividades e eventos comunitários entre todos.

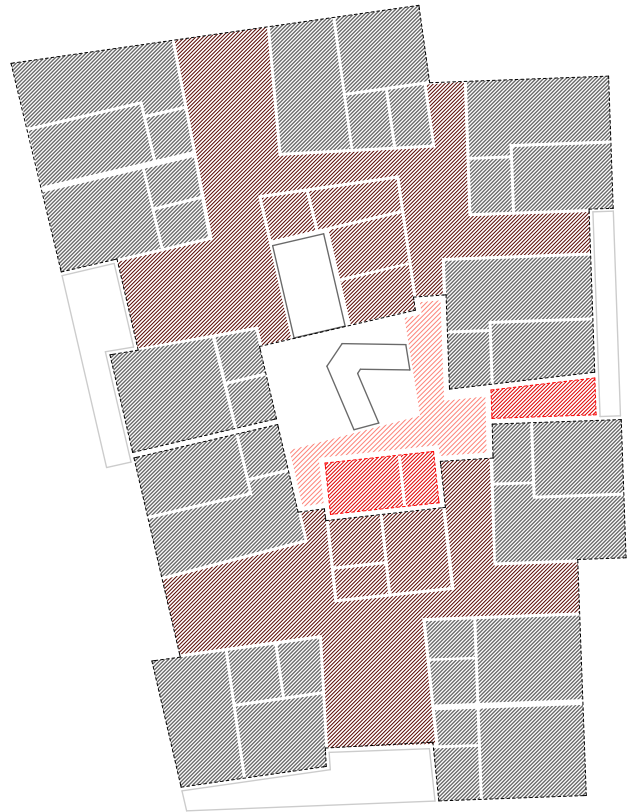
Projeto

O quarteirão Hunziker, localizado na cidade de Zurique apresenta 13 edifícios, projetados por 6 ateliers distintos. Posicionado numa antiga zona industrial, este foi desenvolvido com o objetivo de conciliar e aproximar a vida privada com a coletiva.

O terreno com 41000m² dá alojamento a 1200 pessoas e cria cerca de 150 postos de trabalho. No piso térreo de cada um dos edifícios encontram-se diferentes áreas para uso coletivo: áreas de comércio e restauração, salas educativas para as crianças aprenderem em conjunto, entre outras destinadas ao trabalho em ateliers e escritórios. Para além destes, ainda é possível encontrar outros espaços de uso comum no exterior, marcado pela presença de diversos percursos pedonais e jardins onde a vivência coletiva entre todos os residentes do quarteirão ocorre. É um projeto que tenta devolver à cidade o espírito de comunidade. Consegue-se isto a partir de uma solução habitacional alternativa por forma a dar resposta às mudanças sociais que caracterizam a era contemporânea. Como exemplo apresenta-se o edifício denominado HAUS A desse mesmo quarteirão. É um volume em bloco compacto com 6 pisos que tem como base os princípios do modelo de *Cohousing* segundo a ideia de



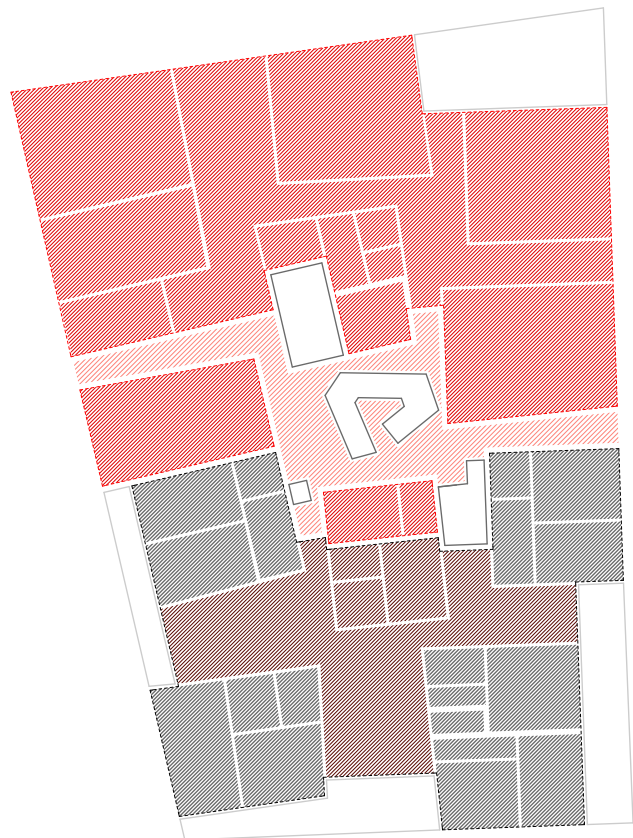
PT. (escala 1.400)



EPT. (escala 1.400)



P0. (escala 1.400)



EP0. (escala 1.400)

P0.|PT. : Espaços exteriores - [1] varanda. Acesso e circulação - [2] caixa de escadas. [3] escada exterior. [4] corredor de circulação exterior. Espaços de uso partilhado entre toda a comunidade de residentes - [5] galeria. [6] atelier. [7] espaço de estar. [8] escritório. [9] lavandaria (lavar). [10] lavandaria (secar). [11] wc. [12] garagem bicicletas. Espaços de uso partilhado entre os residentes do 'cluster' - [13] hall de entrada. [14] bengaleiro. [15] espaço de cozinha. [16] espaço de refeição. [17] espaço de estar. [18] wc. Espaços privados - [19] hall. [20] quarto. [21] kitchenette. [22] espaço de estar. [23] espaço de refeições. [24] wc.

EP0|EPT. --- marcação da unidade de habitação ---marcação do conjunto de espaços de uso partilhado por todos os residentes □ acesso vertical
 □ marcação espaço exterior ▨ célula privada ▨ espaço intermédio ▨ espaço de uso partilhado entre todos os residentes
 ▨ espaço comum de uso partilhado no 'cluster'

'cluster'⁹⁷ ou 'casa partilhada'. Este oferece uma opção habitacional no qual um grupo de pessoas habita, em conjunto, uma mesma casa, sem que para isso fique em causa a privacidade necessária de cada um. Ao longo dos 6 pisos há duas unidades habitacionais em cada andar, com 5 ou 6 células privadas e um espaço de uso partilhado.

Espaços comuns

Quanto aos espaços de uso partilhado entre toda a comunidade de residentes, é possível encontrar no piso térreo várias salas de atelier, escritórios e uma galeria perfazendo uma área total com cerca de 500m² e ainda duas lavandarias, para lavagem e secagem da roupa em separado em cada andar.

Para além destes espaços partilhados ao nível do volume, há também espaços comuns dentro de cada 'cluster' que correspondem a salas de estar, de refeição, cozinha e ainda wc de serviço e são partilhados entre os membros de cada uma das habitações. Se outrora estes eram de carácter privado, agora estão transformados para uso coletivo. Apresentam uma área total de 140m² a 180m² e são desenhados como um espaço único, orgânico, sem compartimentação, permitindo uma deambulação dos residentes pelos diferentes espaços que delimitam a vida doméstica comum.

Para além destes espaços comuns, há espaços intermédios protagonizados pelo desenho dos acessos verticais e circulações interiores que funcionam como uma 'rua vertical', permitindo a comunicação entre os diferentes pisos e, ao mesmo tempo, uma maior relação entre todos os moradores.

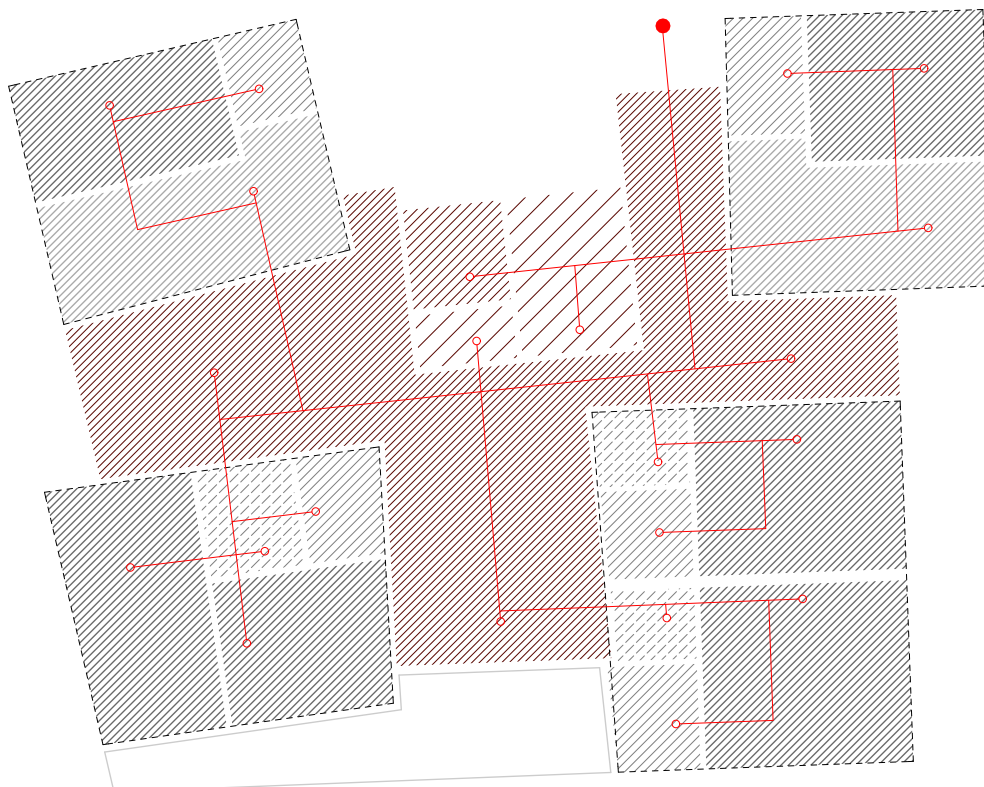
Unidades privadas

As unidades privadas, são reduzidas ao máximo quer em área, quer em função. Correspondem a uma célula com um ou dois quartos, dependendo da configuração desejada, incluindo uma pequena *kitchenette* e um wc. Podem ser de carácter exclusivamente privado ou partilhado, nos casos em que pessoas de famílias distintas habitam a mesma célula, ficando, nestes casos, o quarto como o único espaço privado.

⁹⁷ Referência ao modelo de *Cohousing* geográfico Holandês [Cap.2,p.94].



Puh. (escala 1.200)



EPuh . (escala 1.200)

Puh. : Espaços exteriores - [1] varanda. Espaços de uso partilhado entre os residentes do 'cluster' - [14] bengaleiro. [15] espaço de cozinha. [16] espaço de refeição. [17] espaço de estar. [18] wc. Espaços de uso privado - [20] quarto. [21] kitchenette. [24] wc.

EPuh. --marcação célula privada — percurso no interior da unidade de habitação ○ espaços da unidade de habitação ● ponto de entrada □ espaço circulação // wc // kitchenette // sala // quarto // cozinha coletiva // wc // sala de estar e refeições

Apesar destas opções de coabitação e de configuração, a célula privada é sempre uma unidade simplex cuja área varia entre os 35m² e 57m², e está inserida numa unidade de habitação partilhada com uma área total de 400m² ou 500m².

Entre comum e privado

Neste projeto, o limite entre o comum e o privado apresenta diferentes amplitudes. Para além da existência de diversos momentos de estar e vivência comunitária ao nível do espaço exterior há também – semelhante às observadas nas estratégias de agregação – uma articulação dos espaços de uso partilhado dentro do bloco compacto, por via de um ' piso comum ' e pelo desenho em ' rua vertical ' dos dispositivos de acesso e circulação, funcionando como espaços de encontro e estímulo às relações sociais dentro do volume. Por sua vez, também existe compartimentos de lavandaria coletiva presentes em cada um dos pisos, entre unidades habitacionais vizinhas, permitindo uma maior aproximação entre ambas no uso quotidiano desse serviço. E, por fim, há espaços comuns dentro do ' cluster ' onde a barreira entre a vida doméstica partilhada e a privada se coloca à distância da abertura das portas das células privadas.

| 11

2011. Suíça. **Wohnüberbauung Kraftwerk 2**



[117] Edifício Wohnüberbauung Kraftwerk 2 – fachada principal.



[118] Edifício Wohnüberbauung Kraftwerk 2 – fachada de trás.



[119] Acesso em caixa de escadas.



[120] Galeria exterior comum.



[121] Acesso vertical pela galeria exterior.



[122] Espaço comum de estar na galeria exterior.



[123] Vista da galeria para o piso térreo.



[124] Unidade habitacional, acesso direto à galeria exterior.



[125] Espaço de uso partilhado para refeições no 'cluster'.

país

Suiça

nome

Wohnüberbauung Kraftwerk 2

local | tipoRegensdorffstrasse 190-194, Zurique |
Urbano**tipo de edificação**

Alta densidade

ano (início-fim)

2009 - 2011

arquiteto(s)

Adrian Streich

nº total residentes

-

nº total de espaços comuns

(partilhados entre todos os grupos de residentes)

3

nº total de 'clusters'

26

nº total células privadas

62

área total (conjunto | comum | privada)3352m² | 270m² | -**área total ('cluster' | comum | privada)**400m² | 150m² | 10 a 35m²**nº total pisos**

8

tipo de iniciativa

Cooperativa Kraftwerk 1

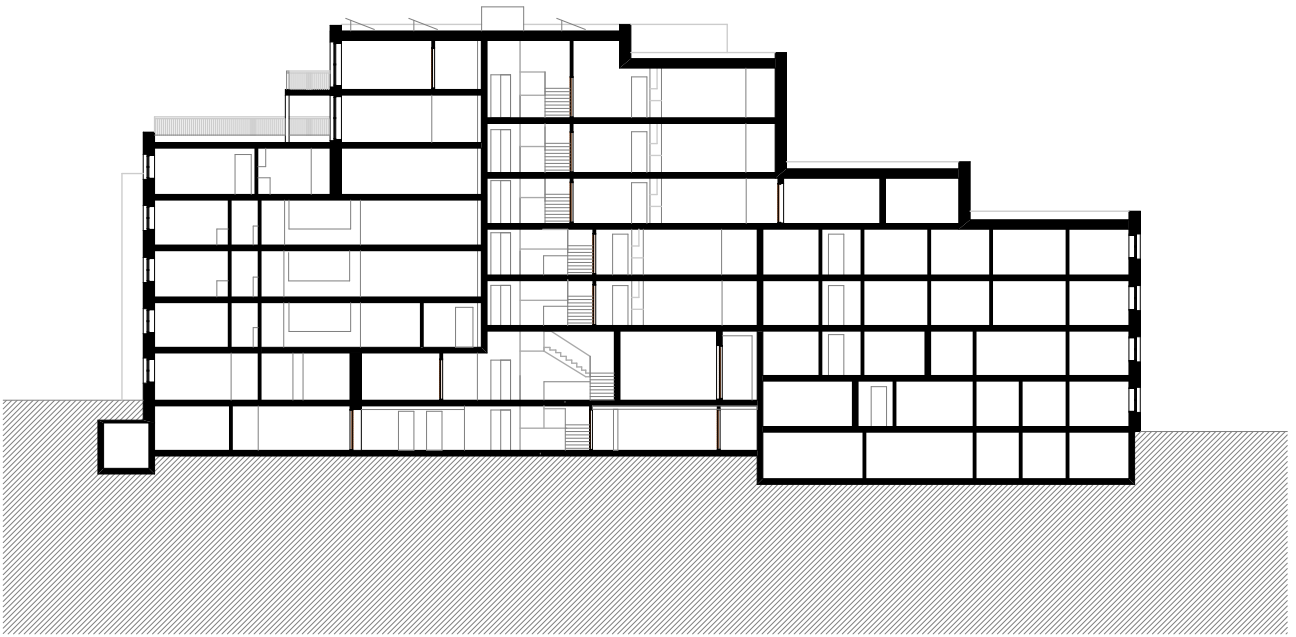
tipo de participaçãoGestão e manutenção espaços comuns
Despesas dos consumos comuns**contactos**<http://www.adrianstreich.ch>



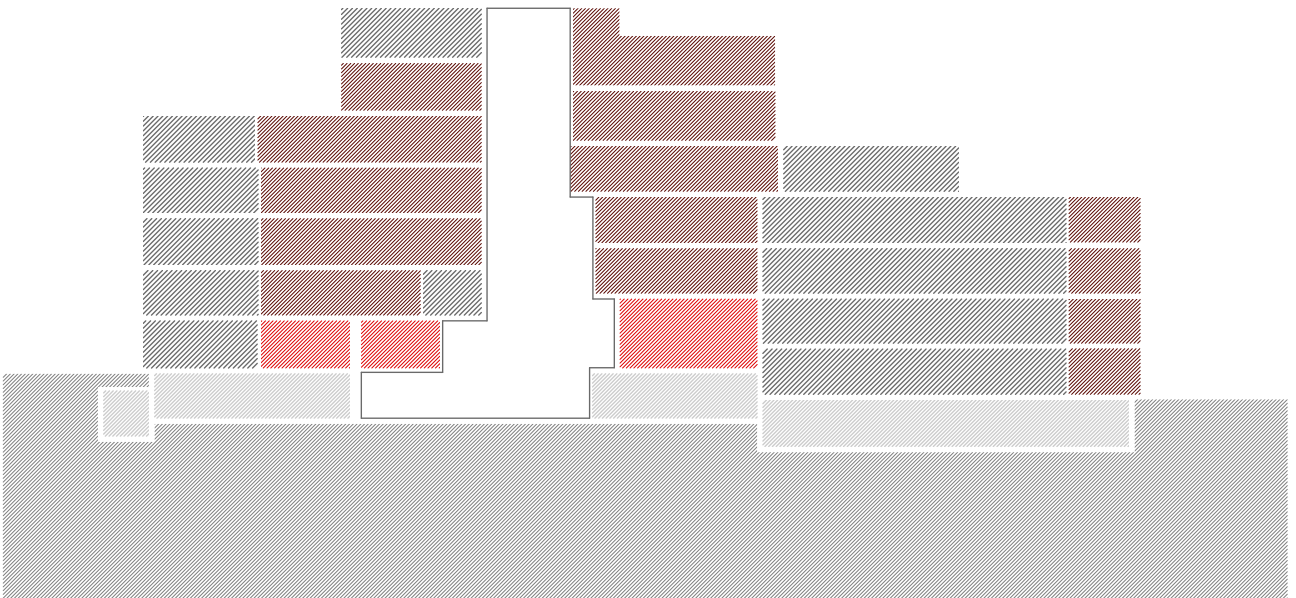
Pl. (escala 1.800) ☉



E1 . (escala 1.2000)



C1 . (escala 1.400)



EC1 . (escala 1.400)

E1. — edifício — percurso exterior de chegada ● ponto de entrada □ acesso vertical ■ espaço verde exterior □ espaço exterior ■ célula privada
 ■ espaço intermédio ■ espaço comum de uso partilhado entre todos os residentes ■ espaço comum de uso partilhado no 'cluster'

EC1. □ acesso vertical ■ área técnica ■ célula privada ■ espaço de uso partilhado entre todos os residentes ■ espaço de uso partilhado no 'cluster'

Comunidade

A proposta para a conceção deste projeto formulou-se a partir da iniciativa de uma Cooperativa de habitação da cidade de Zurique⁹⁸. Esta, consciente do sucesso do anterior projeto de *Cohousing* desenvolvido⁹⁹, decidiu continuar a realizar outras propostas capazes de dar novas alternativas habitacionais à sociedade contemporânea. Os seus cooperantes, servindo de promotores imobiliários, apoiaram, decidiram, programaram e dirigiram, juntamente com arquitetos e outras entidades, todo o processo de desenvolvimento da proposta desde o início até ao fim da mesmo.

Apesar de não existir um conhecimento sobre os residentes que definem a comunidade, há a possibilidade desta ter elementos da própria cooperativa como outras pessoas que, de forma singular ou coletiva, revelaram interesse por este modo de habitar.

Projeto

Tal como nos exemplos existentes do modelo de *Cohousing* Holandês do século XX, este projeto pega na ideia de '*cluster*'¹⁰⁰ para definir a unidade habitacional base da coabitação. No entanto, contrariamente ao mesmo, a sua organização já não é mais feita na horizontal mas através de um bloco compacto vertical. Neste caso, a sua distribuição ocorre ao longo de 8 pisos, existindo 26 unidades distintas – cerca de 3 a 5 por andar.

Quanto ao acesso vertical, este é feito de duas formas distintas, através de duas caixas de escadas com elevador e uma galeria exterior. A primeira, posicionada em ambas as partes que configuram a forma em 'L' do volume, tem como função principal o acesso à entrada de cada um dos '*clusters*', e, a segunda, assemelhando-se a uma gigante varanda, desempenha uma função de carácter social. É um espaço exterior que, para além de permitir a circulação e a ligação entre todos os pisos, impulsiona a espontaneidade do encontro entre residentes, podendo servir quer para as brincadeiras entre crianças de habitações distintas quer como local para os adultos partilharem momentos diários em comunidade.

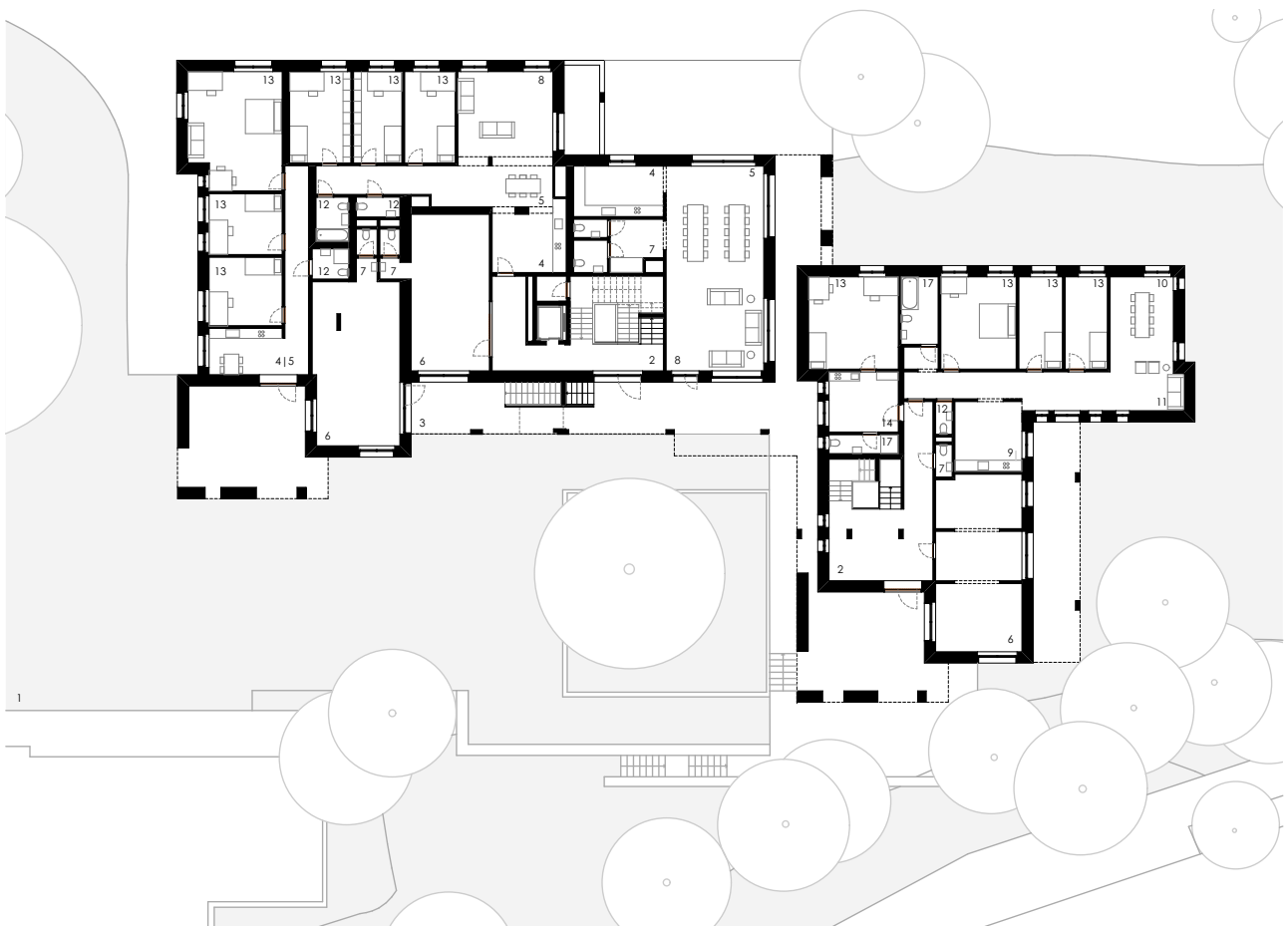
⁹⁸ Cujo nome não foi possível encontrar.

⁹⁹ Denominado de *Wohnüberbauung Kraftwerk 1*.

¹⁰⁰ Coabitação entre diferentes pessoas ou famílias que configuram uma parte do grupo total de residentes que forma a comunidade. É um sistema muito procurado hoje em dia sobretudo pelos jovens denominando-se pelo termo de 'casa partilhada'.

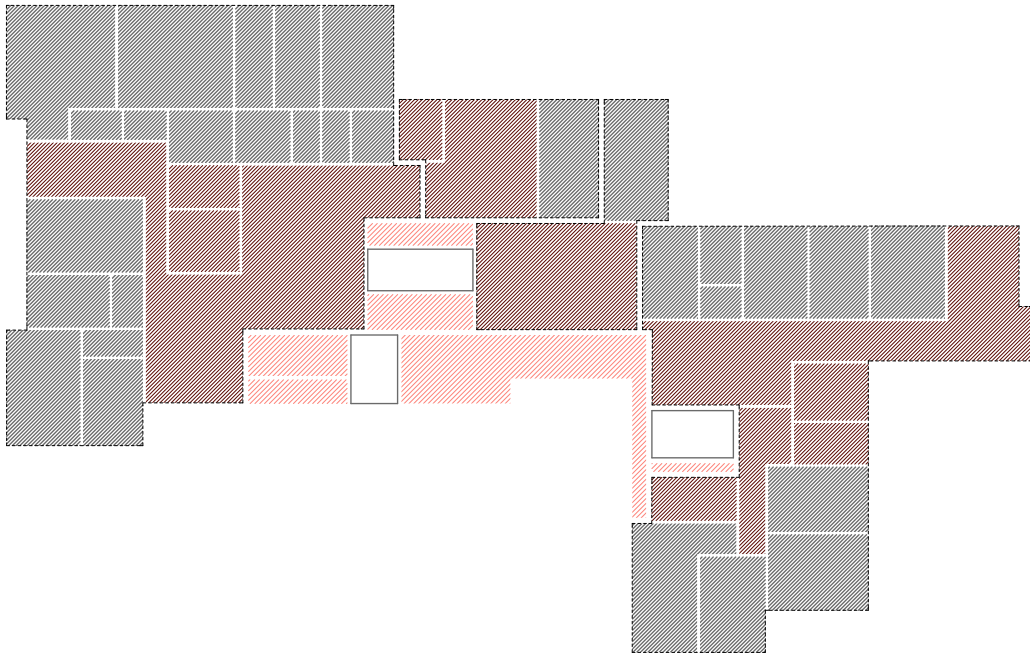


PT . (escala 1.400)

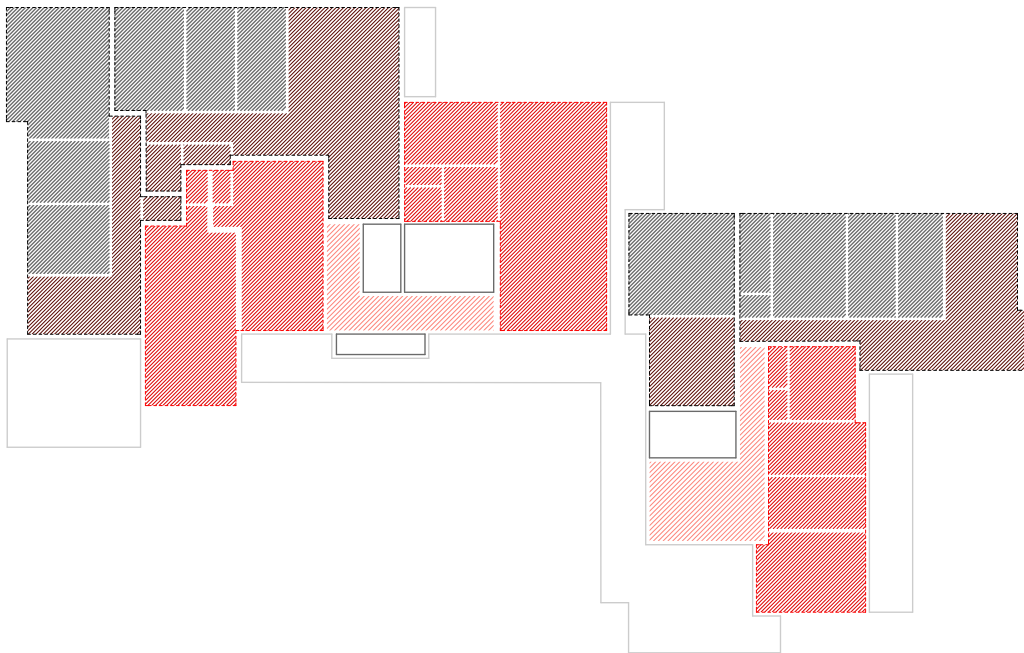


P0 . (escala 1.400)

P0. | PT. : Espaços exteriores - [1] jardim. Acesso e circulação - [2] caixa de escadas e elevadores. [3] galeria exterior. Espaços de uso partilhado entre toda a comunidade de residentes - [4] cozinha. [5] espaço de refeições. [6] compartimento sem função definida. [7] wc. [8] espaço de estar. Espaços de uso partilhado entre os residentes do 'cluster' - [9] cozinha. [10] espaço de refeições. [11] espaço de estar. [12] wc. Espaços privados - [13] quarto. [14] kitchnette. [15] espaço de estar. [16] espaço de refeições. [17] wc.

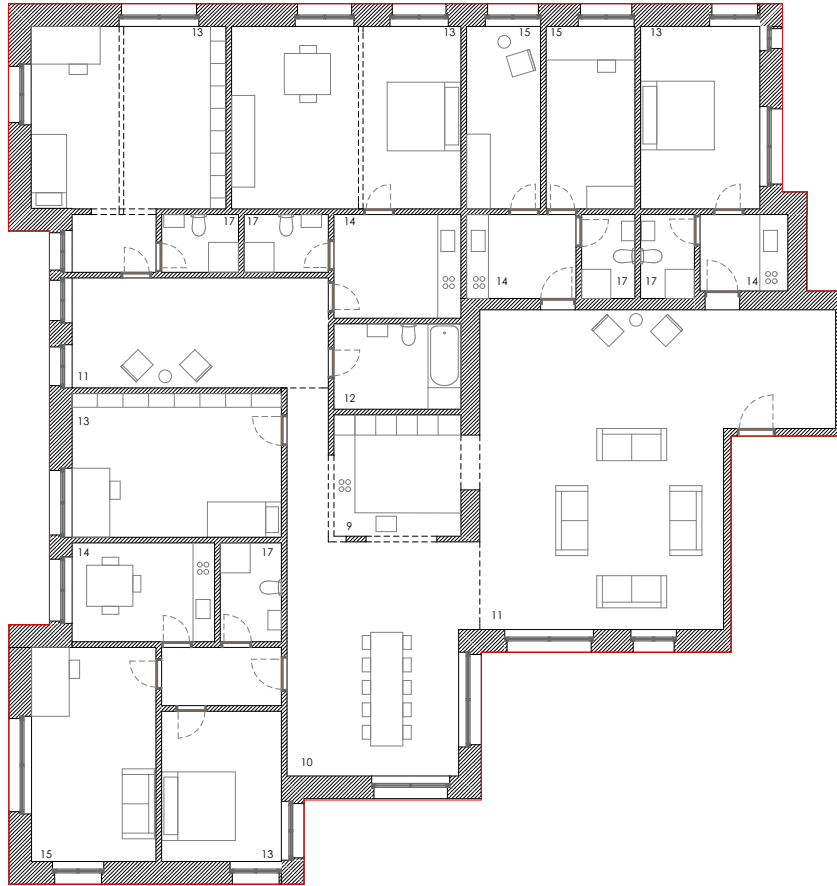


EPT . (escala 1.400)

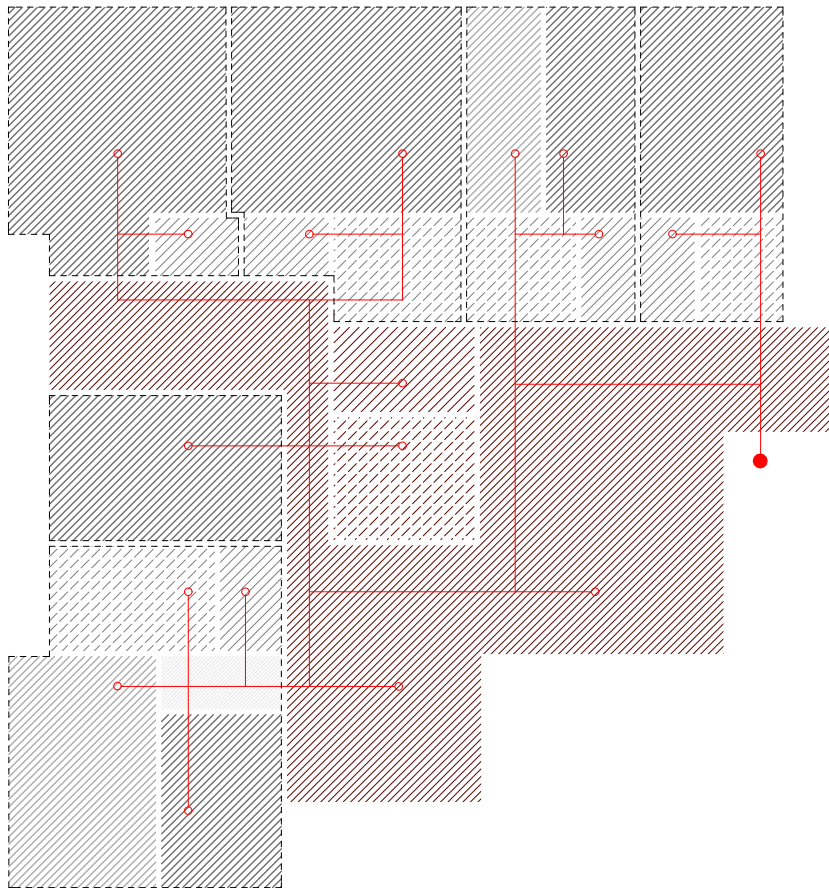


EPO . (escala 1.400)

EPO|EPT. --- marcação da unidade de habitação --- marcação do conjunto de espaços de uso partilhado por todos os residentes □ acesso vertical
 □ marcação espaço exterior ▨ célula privada ▨ espaço intermédio ▨ espaço de uso partilhado entre todos os residentes
 ▨ espaço de uso partilhado no 'cluster'



Puh . (escala 1.200)



EPuh . (escala 1.200)

Puh. : Espaços de uso partilhado entre os residentes do 'cluster' - [9] cozinha. [10] espaço de refeições. [11] espaço de estar. [12] wc. Espaços privados - [13] quarto. [14] kitchenette. [15] espaço de estar. [16] espaço de refeições. [17] wc.

EPuh. - -marcação célula privada — percurso no interior da unidade de habitação ○ espaços da unidade de habitação ● ponto de entrada
 // espaço circulação // wc // kitchenette // sala // quarto // cozinha coletiva // wc // sala de estar e refeições

Espaços comuns

Ao nível dos espaços comuns, este projeto propõe duas amplitudes distintas de coabitação tanto ao nível do espaço exterior como interior.

Relativamente aos espaços comuns exteriores, é possível criar, quer no piso térreo quer na galeria, momentos para a vivência comunitária através de almoços, jantares ou até mesmo do desenvolvimento de atividades em grupo ao ar livre.

Por sua vez, quanto aos espaços comuns interiores, estão presentes no piso térreo, uma cozinha coletiva, um espaço de refeições e cinco outros espaços sem função predefinida numa área total de cerca de 270m². São destinados ao uso partilhado entre toda a comunidade de residentes, assemelhando-se aos espaços comuns presentes nas estratégias de agregação.

Por fim, também é possível observar outros espaços comuns dentro de cada 'cluster'. Existe uma cozinha, uma sala de refeições, uma sala de estar e ainda wc's de serviço para uso coletivo do subgrupo. O seu posicionamento volta-se para a galeria exterior, promovendo uma maior dinâmica de relações sociais entre elementos de habitações distintas e possui uma área total variável — a unidade selecionada para redesenho tem cerca de 150 m² totais.

Unidades privadas

Pelo facto de o 'cluster' definir uma divisão do grupo total de residentes em subgrupos que assim coabitam em habitações distintas, são os espaços do quarto que dizem respeito às unidades privadas de cada apartamento. Posicionam-se no lado oposto ao da galeria exterior, distanciando-se deste modo da esfera coletiva e podem incluir uma pequena *kitchenette*, um wc e ainda um espaço de estar. É uma célula simplex cuja área pode variar, entre os 10 e 35 m².

Entre comum e privado

Neste projeto há dois níveis distintos quanto à relação entre a esfera comum e privada. Por um lado, tal como na estratégia de agregação, há uma coabitação entre todos os elementos do grupo de residentes no espaço exterior e no chamado 'piso comum' e, por outro lado, dentro de cada 'cluster' há uma coabitação mais íntima, entre elementos de cada subgrupo. Neste último caso, a divisão e o compartimento são os responsáveis pelo distanciamento entre o que é de uso partilhado do que é exclusivamente privado, ficando a porta como elemento chave do limite entre os dois pólos.

| 12

2013. Japão. ***Shared Housing LT Josai***



[126] Edifício LT Josai - volumetria.



[127] Fachada do edifício LT Josai.



[128] Espaço tridimensional comum.



[129] Espaço tridimensional comum.



[130] Mezanino para espaço de sala de estar.



[131] Espaço comum vista da estrada no edifício.



[132] Espaço comum vista da sala de refeições.



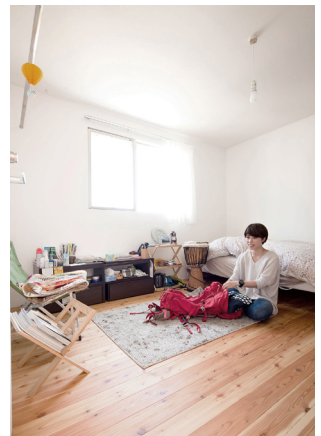
[133] Entrada para o quarto privado.



[134] Célula privada.

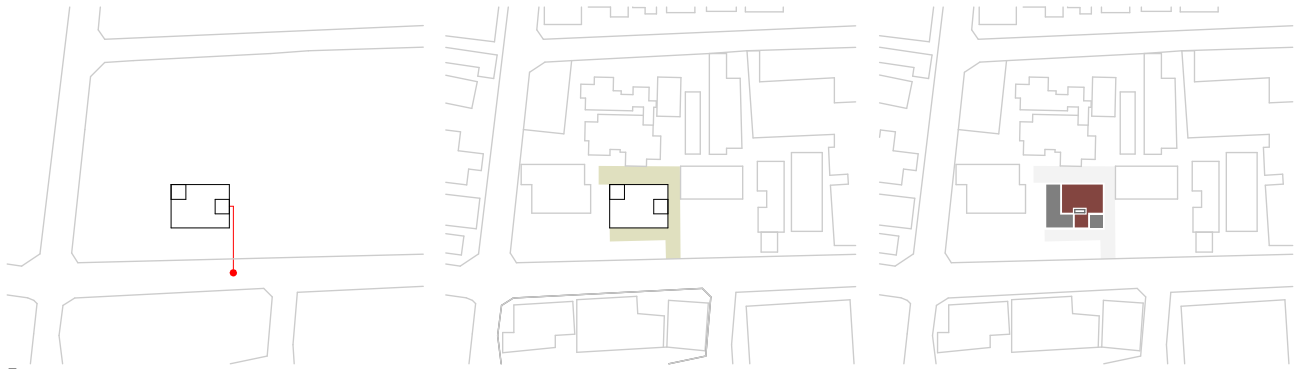


[135] Célula privada.

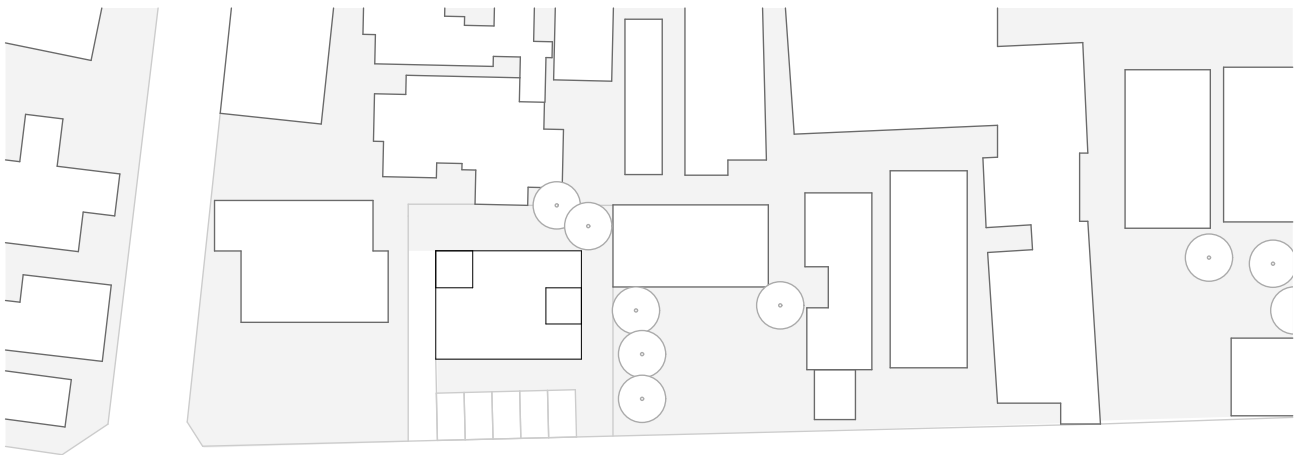


[136] Célula privada.

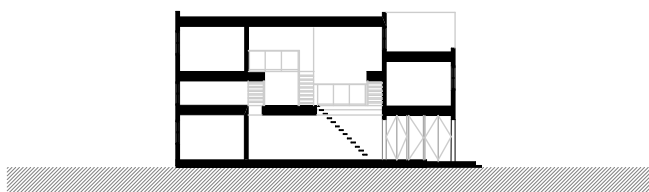
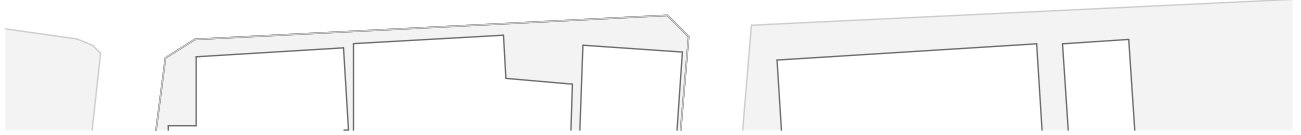
país	Japão	nº total de 'clusters'	1
nome	Shared Housing LT Josai	nº total células privadas	14
local tipo	3-19,Nishi-ku Nagoya-shi,Aichi Urbano	área total ('cluster' comum privado)	390m ² 180m ² 210m ² (15m ² cada)
tipo de edificação	Baixa densidade	nº total pisos	3
ano(início-fim)	- 2013	tipo de iniciativa	privada
arquiteto(s)	Naruse Inokuma	tipo de participação	Gestão e manutenção espaços comuns Despesas dos consumos comuns
nº total residentes	14	contactos	www.narukuma.com www.lt-josai.com
nº total de espaços comuns (no 'cluster')	1		



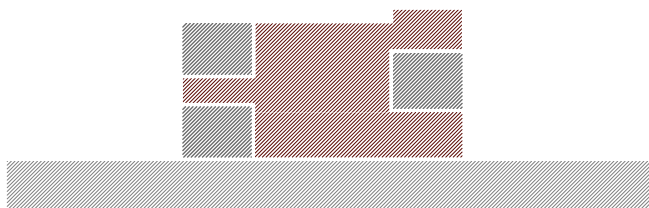
E1 . (escala 1.2000)



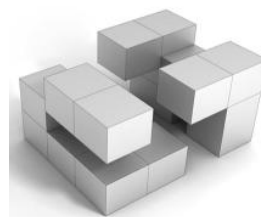
Pl . (escala 1.800) Ⓞ



C1 . (escala 1.400)



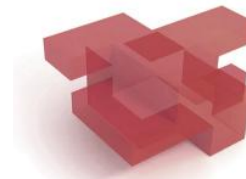
EC1 . (escala 1.400)



[137] . Espaço privado.



[138] . Integração do espaço comum.



[139] . Espaço comum.

E1. — edifício — percurso exterior de chegada ● ponto de entrada □ acesso vertical ■ espaço verde exterior □ espaço exterior ■ célula privada
■ espaço comum de uso partilhado no 'cluster'

EC1. ▨ célula privada ▩ espaço comum de uso partilhado no 'cluster'

Comunidade

O edifício LT Josai, no Japão, foi construído a partir de uma iniciativa que, apesar de não ter sido possível em tempo útil esclarecer completamente, não parece corresponder a um processo de autopromoção fundado a partir de um grupo de pessoas que, de forma coletiva, definem valores comuns úteis ao desenho do mesmo – tal como observado noutros exemplos. Aqui, os futuros moradores são encontrados a partir de contatos via internet dos interessados diretamente com o administrador do site e proprietário do imóvel. Desta forma, perante a aceitação das condições de arrendamento, são alojadas até 14 pessoas sem que exista qualquer tipo de restrição quanto ao género, condição social ou outra.

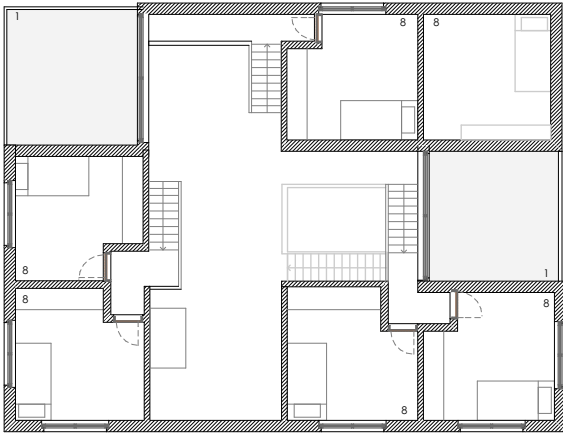
Para além da despesa individual e da célula privada, o residente tem uma despesa relativa ao consumo de bens comuns e manutenção dos espaços coletivos. Este sistema, muito semelhante à ideia de 'casa partilhada' que hoje vemos por todo o Mundo, é uma realidade que atrai cada vez mais pessoas no Japão, existindo diversos projetos realizados com o objetivo final da coabitação.

Projeto

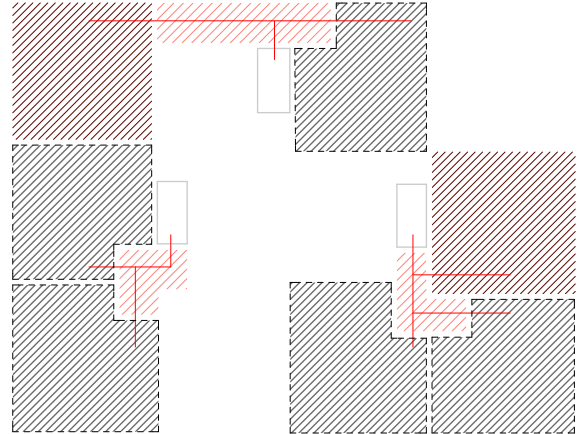
O projeto LT Josai foi elaborado pelo grupo de arquitetos Naruse Inokuma e é um volume compacto com três pisos. O espaço interior apresenta uma clara distinção entre os espaços de carácter comum e os privados que, através de cheios e vazios, faz corresponder ao primeiro as células privadas, mais rígidas e bem definidas e, ao segundo, os espaços comuns que se desenham em *openspace* tridimensional, não possuindo uma compartimentação rígida e permitindo que os diferentes momentos da vida diária entre coabitantes comuniquem entre todo o edifício.

Espaços comuns

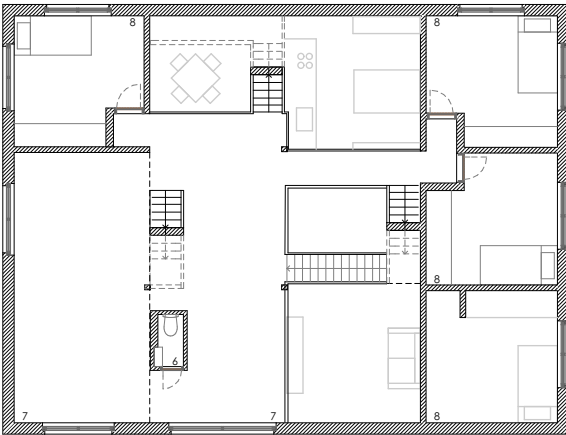
Tal como foi mencionado, os espaços comuns são desenhados tridimensionalmente; correspondem a um corpo orgânico com diferentes funções: uma cozinha comum, um espaço de refeição, uma sala de estar, um wc de serviço com lavandaria coletiva e muitos outros espaços, mais informais, para o convívio e a socialização entre todos os residentes. No seu conjunto, estes tem uma área total de 180m².



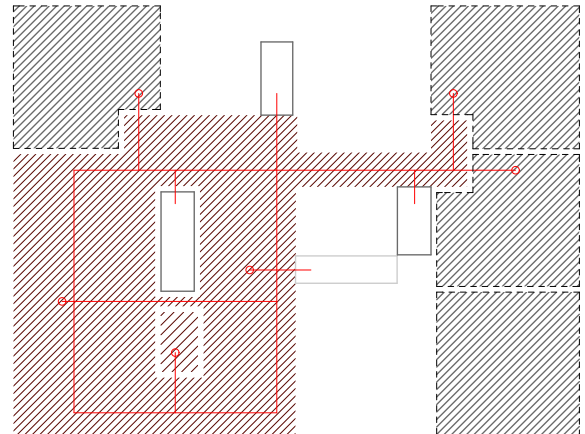
P2 . (escala 1.200)



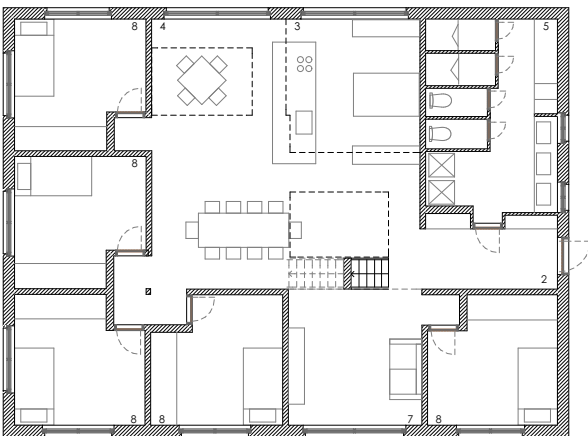
EP2 . (escala 1.200)



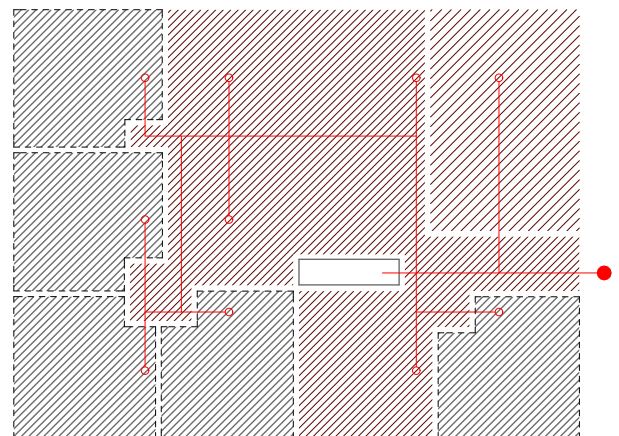
P1 . (escala 1.200)



EP1 . (escala 1.200)



P0 . (escala 1.200)



EP0 . (escala 1.200)

P0. | P1. | P2. : Espaços exteriores - [1] terraço. Espaços de uso partilhado entre os residentes do 'cluster' - [2] hall de entrada. [3] cozinha. [4] espaço de refeições. [5] wc com lavandaria. [6] wc. [7] espaço de estar. Espaços privados - [8] quarto.

EP0 | EP1 | EP2. -- marcação célula privada — percurso no interior da unidade de habitação ○ espaços da unidade de habitação ● ponto de entrada
 // espaço circulação // wc // kitchenette // sala // quarto // cozinha coletiva // wc // sala de estar e refeições

Os diferentes momentos do espaço coletivo tem duas funções diferentes. Se, por um lado, é possível a partilha de momentos da vida diária com o resto do grupo – por exemplo, à mesa ou até mesmo no hall de entrada ou nas salas de estar – por outro, há a possibilidade de ter um momento mais isolado sem que isso tenha necessariamente de ocorrer dentro da célula privada – por exemplo, no espaço com pé direito mais baixo, posicionado no 1º piso que, apesar de ser de uso comum, permite estar sentado à janela e passar algum tempo sozinho.

Por fim, ainda é possível acrescentar aos espaços comuns, dois terraços localizados na cobertura do volume que servem de zona de estar e convívio ao mesmo tempo que permitem olhar para diferentes partes da cidade.

Unidades privadas

A célula privada é um espaço individual e corresponde unicamente ao quarto. Existem 14 unidades, todas com a mesma tipologia, área e configuração com cerca de 15m² cada. A única diferença é o seu posicionamento no volume que pode estar em qualquer um dos três pisos do mesmo.

Entre comum e privado

A separação entre a vida coletiva e privada é marcada por dois momentos distintos: o orgânico, fluido e tridimensional dos espaços comuns e o mais rígido e compartimentado das células privadas, ficando a ligação entre ambas feita através da abertura das portas das células privadas. Neste caso de estudo, os espaços comuns abrangem quase a totalidade dos espaços que compõe a área total edificada, restando à privacidade apenas o quarto para dormir.

Contrariamente aos dois casos apresentados anteriormente, aqui há uma adaptação da ideia de 'cluster' e 'casa partilhada' a uma única unidade e de baixa densidade.

ESCALAS do habitar em comum . 4

reflexão sobre as intensidades de coabitação

A partir da análise, estudo e comparação dos doze casos de estudo apresentados, foi possível compreender que cada caso é um caso, não existindo uma solução única e exclusiva do desenho de projetos de coabitação.

No entanto, analogamente, o conjunto das particularidades observadas em conjuntos e edifícios distintos permitiu encontrar repetições e semelhanças que assim deram forma à consideração de padrões de desenho comuns, base da definição das estratégias enunciadas: **estratégias de Integração, estratégias de Agregação, estratégias de Evolução e estratégias de Integração.**

É a partir do conjunto das dinâmicas estabelecidas fisicamente pelos elementos e dispositivos arquitetônicos que as compõem que se autorizam ainda algumas reflexões as intensidades de coabitação que assim dão forma a diferentes **Escalas do habitar em comum** que, a cada uma das estratégias faz, respetivamente, corresponder: **Escala do Lugar, Escala do Edifício, Escala do Compartimento Extra e Escala do 'Cluster'**. Esta é uma análise interpretativa dos limites e das relações de desenho dos espaços e dos dispositivos arquitetônicos domésticos partilhados e privados, organizando-se numa sequência que define gradualmente diferentes intensidades do habitar em comum.

Estas reflexões não pretendendo legitimar ou defender nenhuma das soluções, estratégias ou escalas adotadas, nem esquecendo que, muitas vezes, estas fazem parte de um conjunto de solicitações ou imposições exercidas por parte dos futuros residentes, apenas procuram compreender como se expressam através da Arquitetura.

escalas do habitar em comum

tabela comparativa 1
[projetos e sistemas distributivos]

das Estratégias de Independência à Escala do Lugar

das Estratégias de Agregação à Escala do Volume Compacto

país	Reino Unido	Dinamarca	Reino Unido	Áustria	Alemanha	França
nome	01 . Lancaster	02 . Lange Eng	03 . Lilac	04 . Wohnprojekt Wien	05 . R50	06 . La Salière
local tipo	Halton Rural	Albertslund Urbano	Leeds Urbano	Wien Urbano	Berlim Urbano	Grenoble Urbano
densidade	Baixa	Baixa	Baixa	Alta	Alta	Alta
nº residentes	51	220	48	93	-	5 famílias
área total	2000 m ²	3300 m ²	1196 m ²	3300 m ²	2037 m ²	772 m ²
esquema A (1:4000) circulação exterior ponto(s) de entrada ponto(s) de chegada						
esquema B (1:4000) espaços verdes						
cut(s) (1:1000)						
planta(s) (1:1000)						

| A

| B

| A

| B

| A

| B

| A

| B

| A

| A

| B

cobertura

cobertura

cobertura

piso tipo

piso tipo

piso tipo

piso térreo

piso térreo

piso térreo

piso enterrado

piso enterrado

piso enterrado

| piso térreo

|| piso térreo

| piso térreo

das Estratégias de Evolução à Escala do Compartimento Extra

das Estratégias de Integração à Escala do 'Cluster'

França

França

França

Suíça

Suíça

Japão

07 . Éco-quartier de la Bottière-Chénaie

08 . La Passerelle

09 . Les Brouets

10 . Hunziker Areal - HAUS A

11 . Wohnüberbauung Kraftwerk 2

12 . Share Housing LT Josai

Nantes | Urbano
Baixa
55 famílias
4600 m²

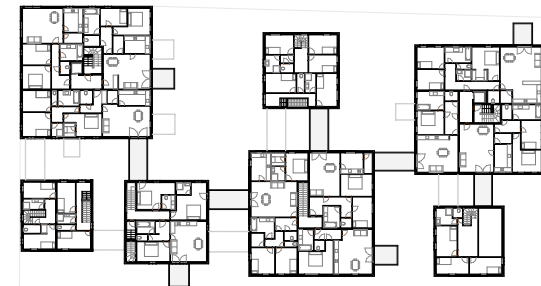
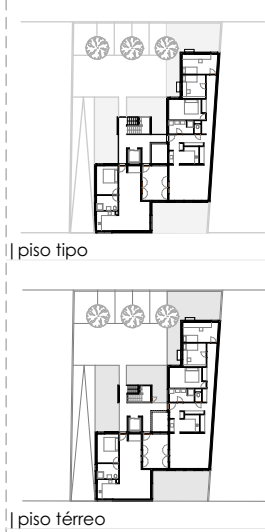
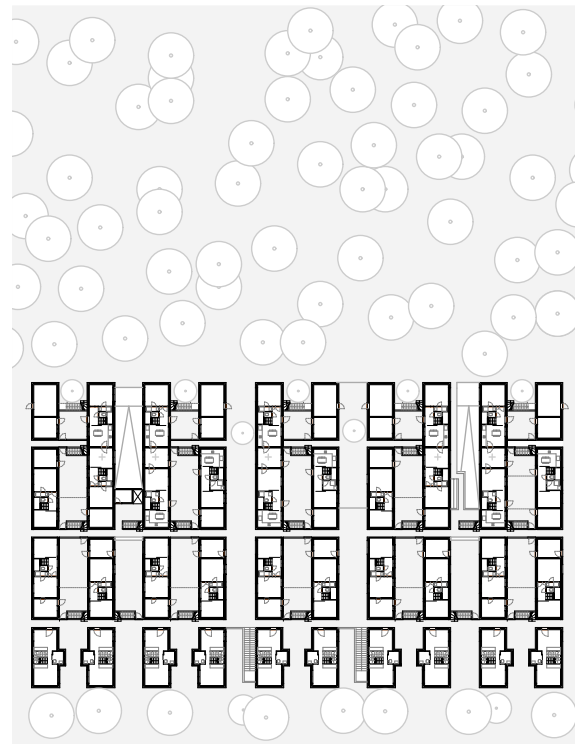
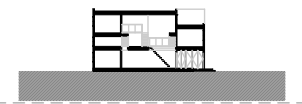
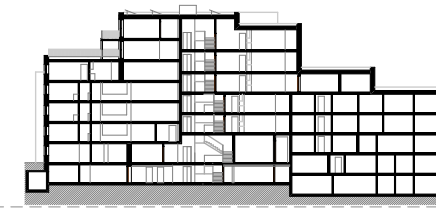
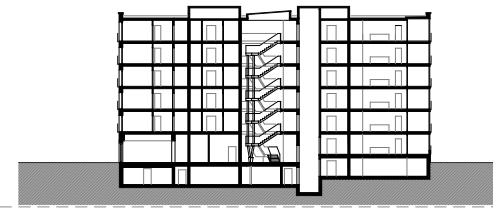
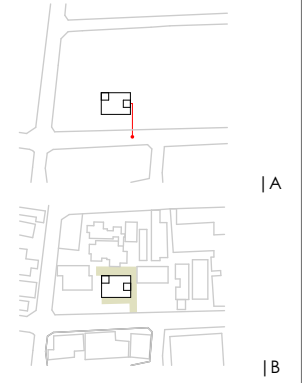
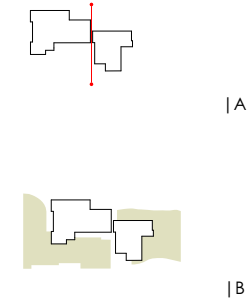
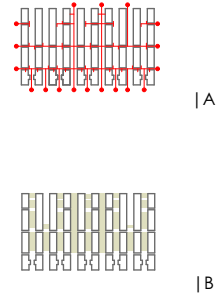
Mulhouse | Urbano
Alta
4 famílias
700 m²

Mantes-la-Ville | Urbano
Alta
30 famílias
3480 m²

Zurique | Urbano
Alta
100
7750 m²

Zurique | Urbano
Alta
62 famílias
3352 m²

Aichi | Urbano
Baixa
14
390 m²



| piso térreo

| piso tipo

| piso térreo

| piso tipo

| piso térreo

| piso tipo

| piso térreo

| piso tipo

| piso térreo

| piso tipo

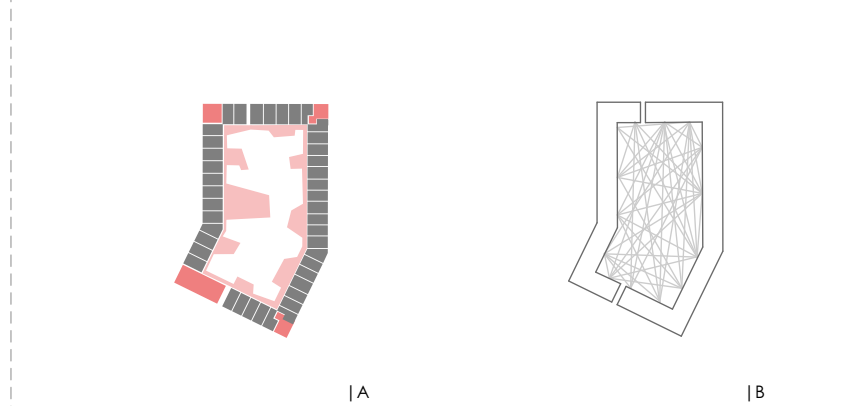
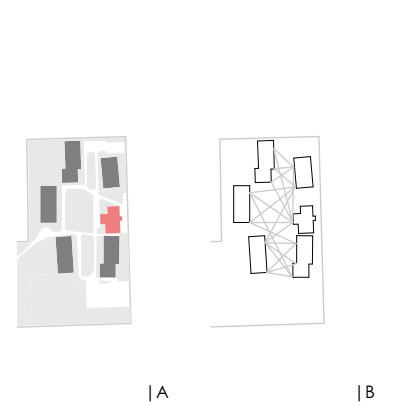
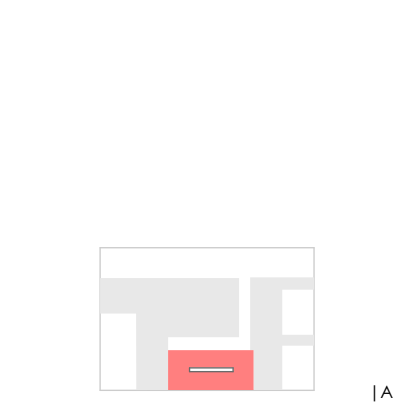
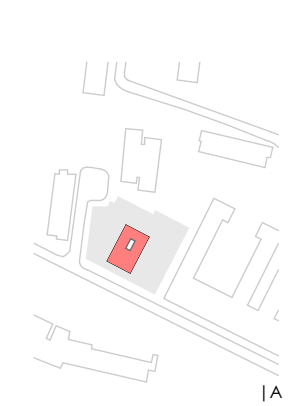
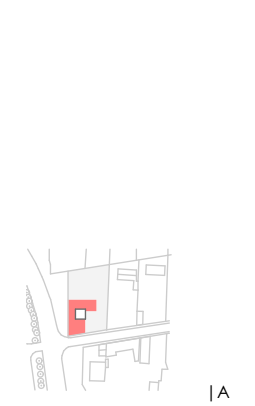


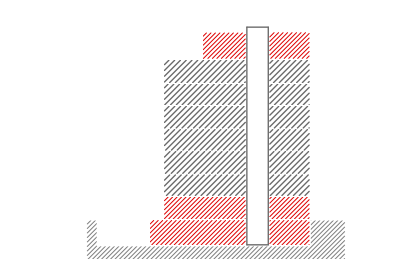
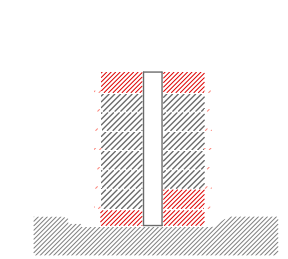

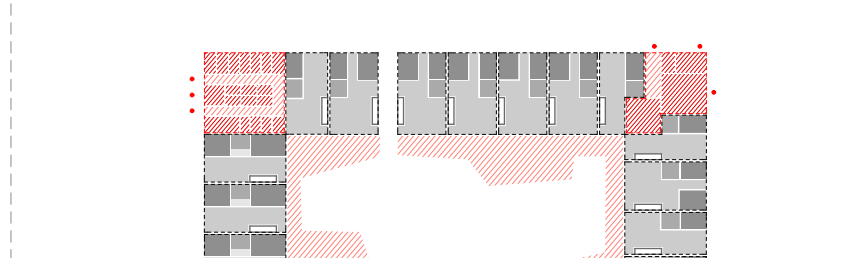
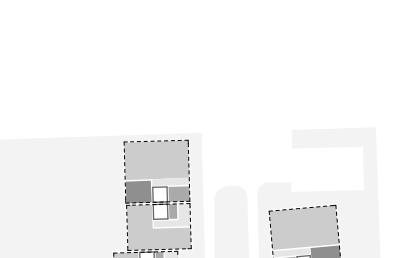
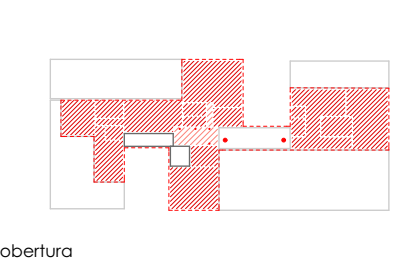
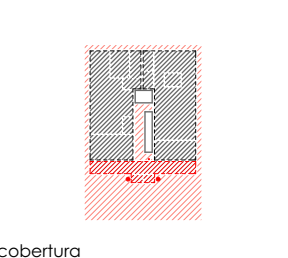
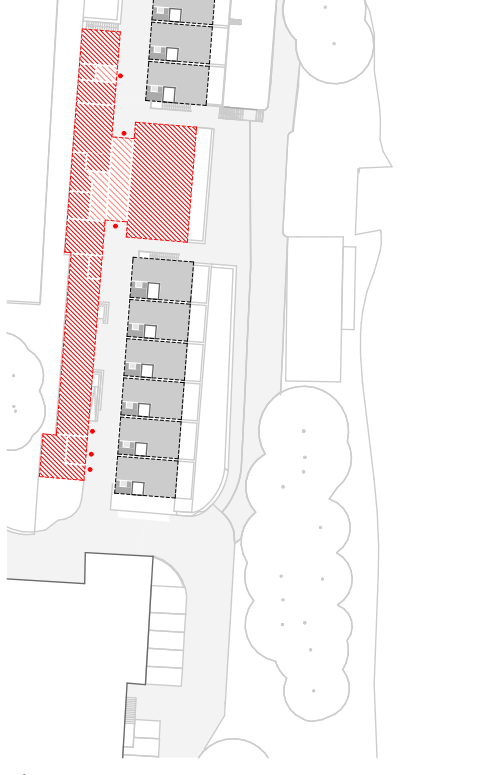
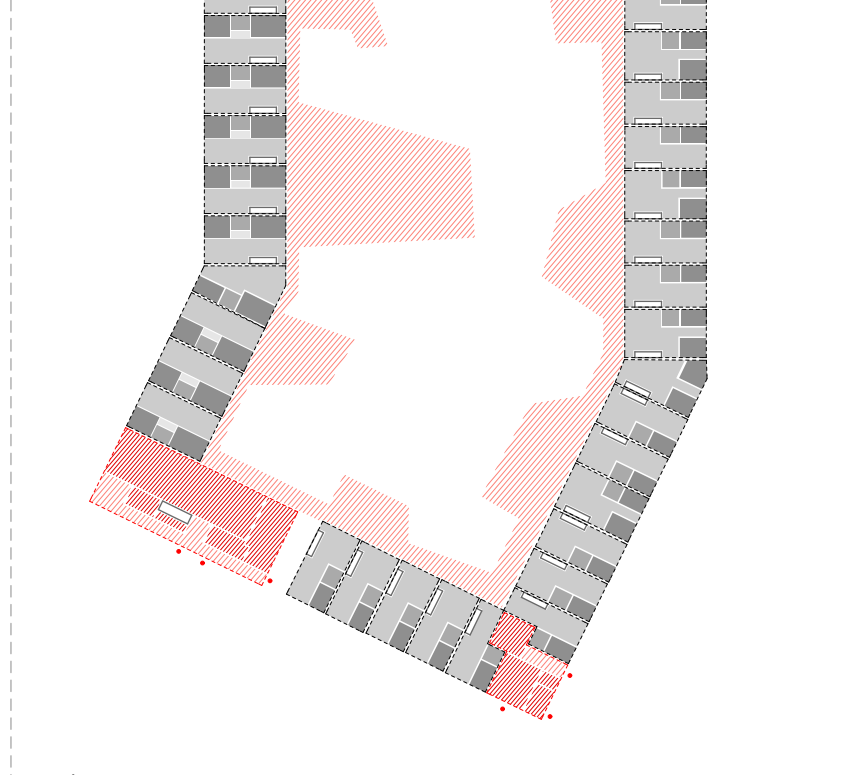
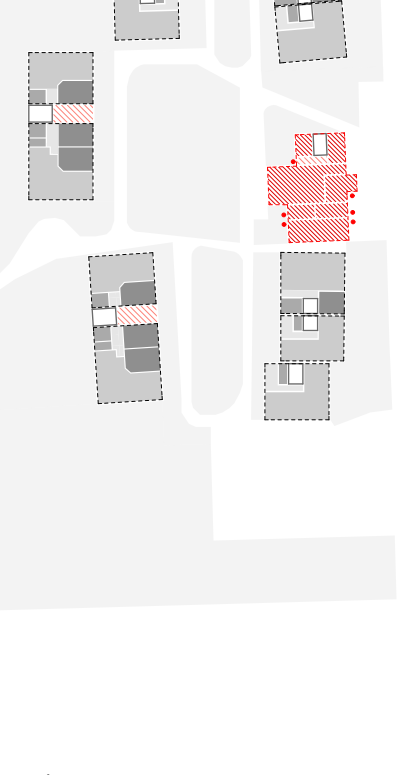
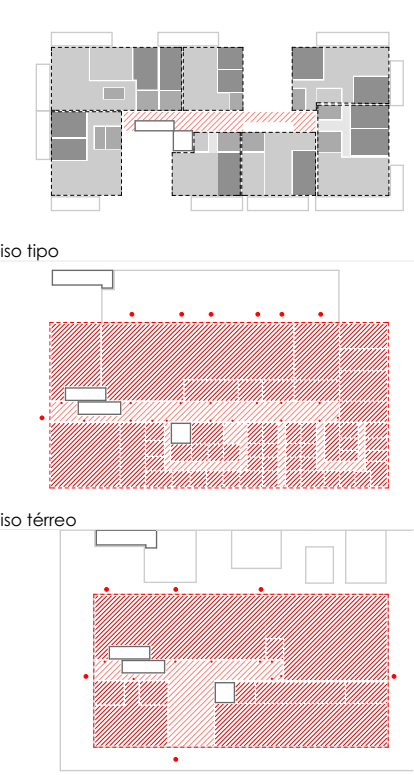
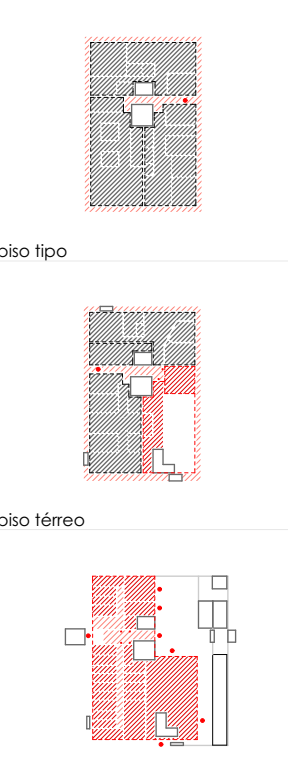

| piso térreo

escalas do habitar em comum

tabela comparativa 2
[o comum e o privado]

das Estratégias de Independência à Escala do Lugar

das Estratégias de Agregação à Escala do Volume Compacto

país	Reino Unido	Dinamarca	Reino Unido	Áustria	Alemanha	França
nome	01 . Lancaster	02 . Lange Eng	03 . Lilac	04 . Wohnprojekt Wien	05 . R50	06 . La Salière
espaço	'casa comum'	'casa comum'	'casa comum'	'piso comum'	'piso comum'	'piso comum'
número	1	4	1	3	3	1
escala	lugar	lugar	lugar	volume compacto	volume compacto	edifício
área total	400 m ²	600 m ²	168 m ²	800 m ²	270 m ²	110 m ²
esquema A (1:4000) espaços comuns unidades privadas						
esquema B (1:4000) ligações visuais						
esquema corte (1:1000)						
esquema planta(s) (1:1000)						
grau de partilha						
grau de privacidade						

grau de partilha

grau de privacidade

das Estratégias de Evolução à Escala do Compartimento Extra

das Estratégias de Integração à Escala do 'Cluster'

França

França

França

Suíça

Suíça

Japão

07 . Éco-quartier de la Bottière-Chénaie

08 . La Passerelle

09 . Les Brouets

10 . Hunziker Areal - HAUS A

11 . Wohnüberbauung Kraftwerk 2

12 . Share Housing LT Josai

'compartimento extra'
8
compartimento extra
120 m² (15 m² cada)

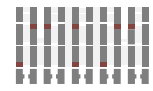
'compartimento extra'
4
compartimento extra
60 m² (15m² cada)

'compartimento extra'
-
compartimento extra
20 m² cada

'cluster' ou casa partilhada
15 (partilhado entre todos)+ 11 (partilhado no 'cluster')
'cluster'
626 m²

'cluster' ou casa partilhada
3 (partilhado entre todos)+ 62 (partilhado no 'cluster')
'cluster'
270 m²

'cluster' ou casa partilhada
1 (partilhado no 'cluster')
'cluster'
180 m²

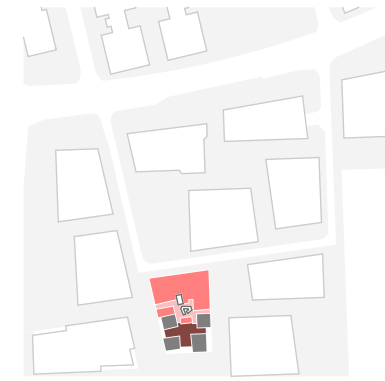


|A



|A

|B



|A

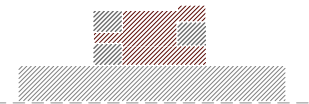
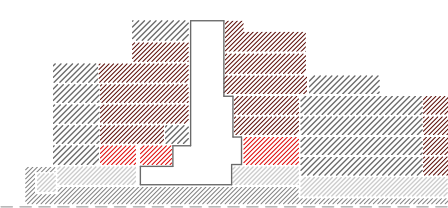
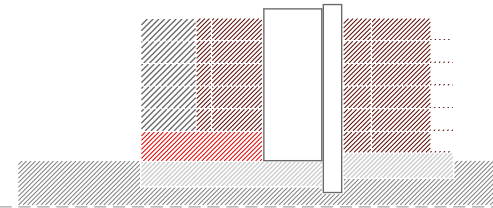
|B



|A



|A



|| piso tipo

|| piso tipo

|| piso térreo

|| piso tipo

|| piso térreo

|| piso tipo

|| piso térreo

|| piso tipo

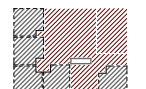
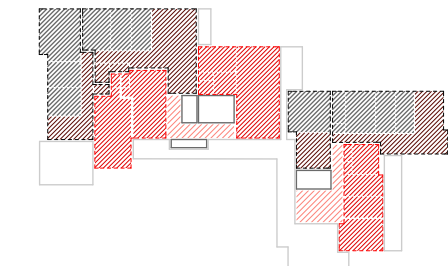
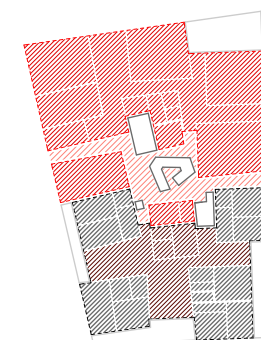
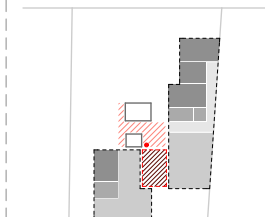
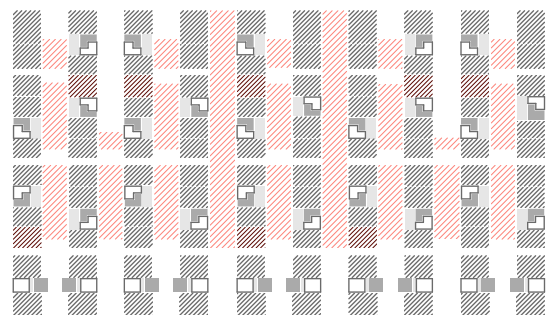
|| piso térreo

|| cobertura

|| piso tipo

|| piso térreo

|| piso térreo



Escala do **LUGAR. 4.1**

a iniciativa autopropota | 4.1.1

a coabitação horizontal | 4.1.2

a independência como dispositivo | 4.1.3

A primeira escala do habitar em comum corresponde a uma interpretação do estudo, análise e comparação dos casos de estudo pertencentes às estratégias de **Independência** e equivale a uma intensidade de coabitação com origem no ideal de construção de um **Lugar** comunitário.

A iniciativa autoproposta | 4.1.1

Na **Escala do Lugar** a coabitação surge maioritariamente a partir de propostas planeadas voluntariamente por parte de um grupo de pessoas, de uma sociedade ou de uma cooperativa, fundados com o objetivo de realizarem o seu próprio projeto de *Cohousing*, como uma alternativa aos modelos convencionais de habitação existentes e são impulsionadas ora pelo desejo de uma vida coletiva mais aproximada da familiar privada, ora como estratégia de redução dos custos da habitação conseguida através da partilha, da solidariedade mas também muitas vezes pela criação de um sistema de adequação económica a cada coabitante – solução que já McCamant e Durrett apontavam como uma das vantagens deste modo de habitar: “O *Cohousing* permite aos seus residentes reduzir os custos de muitas das despesas presentes no dia-a-dia.”¹⁰¹

Nesse sentido, o desenvolvimento do projeto acaba por ser um processo dinâmico e auto participativo, desde a formação da ideia até ao usufruto. Tal como o apresentado a par da exposição das abordagens ao *Cohousing* no segundo capítulo [Cap.2, p.77], há um conjunto de etapas de desenvolvimento, desde a gestão das personalidades do grupo, a determinação de valores comuns quanto às regras da vida em comunidade e quanto ao desenho do projeto, até ao momento de habitar. Um período alargado, marcado por diversas reuniões que, posteriormente, se mantêm de forma ao grupo, em conjunto, solucionar quaisquer questões que possam surgir.

Pelo facto destas comunidades serem grupos com um número médio-elevado de elementos – tal como foi possível observar nos três casos de estudo que representam as estratégias de independência, respetivamente: 51 residentes no caso de *Lancaster*, 220 residentes no *Lange Eng* e 48 residentes no *Lilac* – há necessidade

¹⁰¹ DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Creating Cohousing: Building Sustainable Communities*. Canada: New Society, 2011, p.35

de desenvolver uma dinâmica de grupo intensa para que as relações entre os mesmos não se percam e, por isso, as reuniões, a confecção de alimentos e as refeições em conjunto, bem como a partilha de automóveis ou a organização de eventos e festas, surgem como estratégias associadas a esta Escala do habitar em comum.

O grupo de residentes é, nestes casos, uma só unidade no qual a partilha de espaços coletivos ocorre entre todos os elementos do grupo que pode ser constituído por pessoas de famílias distintas, diversas idades, culturas, profissões bem como classes sociais, etc., sem que isso implique uma prévia relação de amizade ou parentesco entre os residentes. São apenas pessoas comuns que por diversos fatores se juntam para desenvolver um projeto de coabitação.

A coabitação horizontal | 4.1.2

A coabitação à **Escala do Lugar** revela-se na observação da planimetria e, segundo um plano horizontal de desenho do espaço do habitar em comum.

A partir de uma edificação de conjunto de baixa densidade e altura, que não excede os dois pisos e geralmente está orientada de acordo com a morfologia do terreno, formaliza-se, por um lado, o desejo em (re)criar uma ligação mais próxima entre o Homem e o Lugar onde habita e, por outro, em (re)construir um ambiente mais comunitário e solidário que funcione como um ambiente social.

Conciliando ambiente construído e não construído, costura-se uma matriz de organização de um espaço de vida partilhada através da dinâmica das relações existentes entre diferentes espaços que configuram, no seu conjunto, uma só unidade. Mesmo ausente de uma morfologia edificatória constante, variável de caso para caso, desde a mais aberta à mais fechada ou da mais dispersa à mais concentrada há sempre o propiciar das relações sociais através das ligações visuais, parciais ou integrais, entre os diferentes volumes do conjunto. Já Meltzer, enunciando o trabalho de McCamant e Durrett descreve quatro morfologias edificatórias distintas.

“Os projetos de Cohousing geralmente adotam uma de quatro configurações genéricas de desenho de vizinhança – desenho de um lugar comunitário que encoraja e facilita as relações sociais entre residentes, (...) classificadas em: ‘rua’ pedonal, pátio central, híbrido entre a ‘rua’ e o pátio e edifício único com um espaço de circulação interior que funciona como uma ‘rua’, mas

está coberta por um telhado de vidro.”¹⁰²

Nos casos de estudo apresentados segundo estratégias de independência (1 - Lancaster no Reino Unido; 2 - Lange Eng na Dinamarca; 3 - Lilac no Reino Unido) há também três esquemas compositivos distintos: os dois primeiros aludem às morfologias de rua pedonal e de pátio central e o último para uma disposição dispersa.

Decorrente deste esquema compositivo horizontal há uma exigência maior quanto à escolha do terreno que necessita de grandes áreas livres para a construção o que, conseqüentemente, acaba por afastar as propostas maioritariamente das zonas urbanas mais densas e com pouco espaço disponível.

É, portanto, uma escala de coabitação que surge preferencialmente em locais periféricos ou rurais, constituindo uma aproximação da esfera doméstica presente nas aldeias ou vilas, onde o caminhar entre edificações ainda é palco da vida em comunidade. Aqui também todos conversam e se relacionam diretamente nas ruas, nos espaços interiores comuns ou até mesmo nas suas casas, oferecendo o cotidiano ao coletivo pela extensão horizontal da vida doméstica individual e familiar dos residentes através da disposição interior dos espaços sociais privados (cozinhas, salas de refeição e de estar) transversalmente desenhados no piso térreo da habitação e voltadas para as restantes unidades vizinhas ou para a 'casa comum', desencadeando uma maior segurança pela fácil observação do que no exterior se passa.

Assim, o *Cohousing* à **Escala do Lugar** trespassa o desejo de fazer comunicar o lugar com a vida doméstica e quotidiana do Homem, (re)significando o espaço num apelo à (re)construção do sentimento de pertença, de estabilidade e segurança.

¹⁰² MELTZER, G. — *Sustainable Community, learning from the cohousing model*. Canada: Trafford, 2005. p.4.

A independência como dispositivo | 4.1.3

A independência como dispositivo da coabitação à Escala do Lugar surge pela coexistência de três estratégias de desenho específicas na configuração de um Lugar comunitário: a **autonomia do espaço comum e do espaço privado**; o **espaço exterior como dispositivo social**; e a **tensão central associada ao posicionamento da 'casa comum'**.

A **autonomia do espaço comum e do espaço privado** configura dois momentos distintos da vida em coabitação – o coletivo e o individual ou familiar – originados pela total e completa independência física, funcional e arquitetónica destes dois elementos.

Os espaços comuns, distribuídos em um ou mais edifícios, geralmente designados de 'casa comum, permitem o uso partilhado de diversas áreas e serviços entre todos os elementos do grupo de residentes, funcionando como um dispositivo social, um mecanismo à interação e relação entre todos os habitantes, despoletando a vivência e a partilha de diversos momentos do quotidiano em cozinhas e refeitórios coletivos, em salas de estar, salas de jogos, videotecas, bibliotecas, lavandarias, oficinas, etc.

Os espaços privados encontram-se nas unidades habitacionais, referentes cada uma para um residente ou família. São habitações independentes, autónomas e autossuficientes muito semelhantes às uni e bi familiares convencionais, e apresentam áreas razoavelmente grandes, tendo-se observado uma variação entre 40m² e 130m², em simplex ou duplex, e onde se podem encontrar as diferentes zonas do espaço doméstico privado convencional: *comer, dormir, trabalhar*.

Assim, 'casa comum' e unidades habitacionais configuram dois elementos independentes física e funcionalmente um do outro, quer pela individualização e autonomia de cada um quer pelo posicionamento propositadamente afastado existente entre ambos, fazendo, conseqüentemente, transparecer um grau de coabitação menos intrusivo e de carácter suplementar, onde o uso dos espaços comuns não ocorre devido a uma necessidade física decorrente de alguma incapacidade funcional das unidades privadas mas como um processo voluntário sobre o desejo de uma vida em comunidade. Ou seja, partilhar momentos da vida doméstica fora da habitação, em espaços exteriores ou dentro de um edifício de

espaços comuns, faz parte da ambição de construir um lugar que funcione como uma unidade social¹⁰³.

Deste modo, a esfera doméstica familiar é estendida a um novo patamar, sem que isso implique uma alteração significativa da sua morfologia ou tipologia convencional. Mais do que uma modificação física, o *Cohousing* à **Escala do Lugar** é uma transformação cultural e de pensamento sobre o modo como habitamos, potenciando o coletivo para benefício do individual.

Procedente da autonomia dos espaços comuns e dos espaços privados, surge o **espaço exterior como dispositivo social**, permitindo estabelecer a ligação entre a vida coletiva e a vida individual ou familiar, dinamizando, mediando e vinculando as relações entre coabitantes.

Para além de ter de estimular a sociabilização entre o grupo, tem de ser capaz de dar segurança para que relações sociais nele aconteçam, evitando o isolamento em demasia dos residentes dentro das suas unidades privadas. Para isso é frequente, por um lado, observar a colocação dos veículos na periferia da proposta, com a conseqüente conceção de parques automóveis e de bicicletas e, por outro, a criação de um lugar comunitário pela estimulação do encontro e da sociabilização em percursos pedonais, festas, eventos ao ar livre, em espaços informais exteriores como varandas, lobbies, decks e alpendres para os adultos conversarem e as crianças brincarem, promovendo a casualidade do contacto entre o grupo, em espaços de circulação ou de paragem que, pelo fluxo de dinâmicas, ligações e relações acaba por fazer considerar o espaço exterior como um dispositivo intermédio, completando, assim, o desenho da construção do lugar como um único organismo. Espaços comuns e espaços privados, cada um com o seu domínio e ação no desenvolvimento da coabitação não poderiam ser pensados sem que existisse o espaço exterior como elemento intermediário, mediador e vinculativo que liga, remata, coze, interfere e aciona uma intensidade específica de vida partilhada em *Cohousing*.

Por fim, a **tensão central associada ao posicionamento da 'casa comum'** corresponde a um outro dispositivo arquitetónico com valor social. Desenvolve fluxos,

¹⁰³ Que remonta à ideia de 'aldeia', onde todos se conhecem, falam e trocam pareceres sobre a vida no café e as crianças podem brincar livremente na rua.

aproxima pessoas e cria correntes invisíveis de percurso que ligam toda a comunidade despoletando as relações visuais entre os espaços coletivos e os espaços privados.

Apesar da existência de uma premissa de centralidade associada ao desenho e localização da 'casa comum' em relação ao restante conjunto edificado, tal não condiciona a um posicionamento no centro geométrico do terreno ou da proposta. A 'casa comum' pode ser um edifício único no meio das demais unidades privadas ou estar dividida em vários edifícios que, no seu conjunto, definem uma ideia de centralidade associada a uma posição em baricentro. No entanto, em qualquer um dos casos esta traduz sempre uma estratégia que estimula o encontro frequente, casual e espontâneo entre o grupo.

+

Os elementos arquitetónicos apontados relativos à Escala do Lugar – desde a **iniciativa autoproposta**, a **coabitação horizontal** até à **independência como dispositivo** – inspiram-se no Modelo dinamarquês descrito no capítulo das Abordagens ao *Cohousing* [Cap.2,p.91]. Estudado e divulgado, nomeadamente, pelos investigadores McCamant e Durrett ainda no século XX¹⁰⁴ e, mais recentemente, por Jacopo Gresleri, esta referência não parece desaparecer no tempo.

De facto, a representação física e material, da composição e do esquema morfológico e tipológico observado remontam, pela sua fisionomia, aos primeiros projetos desenvolvidos na Dinamarca em meados de 1970 que, mais tarde passaram a ser referidos como Modelo de *Cohousing* Dinamarquês. Por incluir as primeiras experiências de *Cohousing* realizadas com sucesso e por ter sido estudado e divulgado com maior frequência – tal como vimos anteriormente [Cap.2,p.91], onde se comentou a existência de diversos manuais de apoio ao desenvolvimento de projetos de coabitação intrinsecamente ligados a este modelo – o *Cohousing* dinamarquês tem inspirado diversos grupos através de um 'modo de fazer' particular, preservando a

¹⁰⁴ A par da publicação do seu primeiro manual sobre *Cohousing* cuja referência bibliográfica é DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Cohousing: A Contemporary Approach to Housing Ourselves*. EUA: Habitat Press, 1988. expuseram os resultados sobre a investigação empírica desenvolvida sobre os primeiros projetos realizados na Dinamarca, nos finais do século XX, divulgando assim, primeiramente para a América do Norte e, posteriormente, para outros cantos do mundo, o que, mais tarde, acabou por ser considerado de 'Modelo Dinamarquês' [Cap.2,p.91].

Estratégias de Independência até aos dias de hoje, na construção do *Cohousing* contemporâneo. No entanto, atualmente estes projetos apresentam comunidades maiores. Se antes o número de unidades privadas alterava entre 12 e 36 habitações (como valor que espelhava o equilíbrio das relações entre a comunidade), nos casos de estudo apresentados essa variação aumenta até às 54 unidades habitacionais privadas. No entanto, o número de 'casa comum' continua a manter-se o mesmo, entre 1 e 4 edifícios, originando uma coabitação com menor intensidade de vida partilhada.

Escala do **VOLUME COMPACTO**. 4.2

a autoproposta para o urbano | 4.2.1

a coabitação vertical | 4.2.2

a agregação como dispositivo | 4.2.3

A segunda reflexão sobre as intensidades de coabitação advém de um desenho traduzido por estratégias de **Agregação** e corresponde à construção de uma escala de coabitação ao nível do **Volume Compacto**.

A autoproposta para o urbano | 4.2.1

A **Escala do Volume Compacto** surge (tal como na Escala do Lugar) a partir de iniciativas autopropostas oriundas de um grupo de pessoas mais ou menos conhecidas entre si, de diferentes culturas, idades, profissões, etc., formado com o objetivo de, em conjunto, organizarem, participarem, planearem e assim conceberem o seu próprio projeto de *Cohousing*. É, portanto, uma escala de habitar em comum traduzida pela partilha voluntária de diversos momentos do quotidiano entre todos os elementos do grupo de residentes em espaços de cozinha, refeitório, salas de estar, de atividades lúdicas ou de trabalho, lavandarias bem como em espaços informais que promovem o convívio geral entre os moradores.

No entanto, se anteriormente os pressupostos que orientavam os elementos destes grupos para a escolha deste modo de habitar variavam entre motivos sociais, ideológicos, económico-financeiros, etc., agora sobrepõe-se um novo motivo: o desejo de desenvolver uma alternativa habitacional em pleno meio urbano que concilie espaços informais comuns com espaços privados numa solução que aproxime as pessoas, reduza custos, agite os mercados imobiliários e, mais importante de tudo, desenvolva novas formas de sustentabilidade e de regeneração urbana pela relação mais íntima entre Homem – Edifício – Cidade, tentando gerir, equilibrar e influenciar uns em relação aos outros como um espelho em miniatura de uma realidade desejada a uma maior dimensão, onde o anonimato e o individualismo cedem lugar ao contacto e à partilha.

“As cidades são principalmente espaços onde as pessoas vivem e trabalham, não apenas como indivíduos, mas como comunidade. Se as áreas urbanas não fornecerem lugares apropriados para as pessoas viverem enquanto comunidade, então não interessará o quão ‘verdes’ elas são pois nunca serão plenamente sustentáveis.”¹⁰⁵

¹⁰⁵ MELTZER, G. – *Sustainable Community, learning from the cohousing model*. Canada: Trafford, 2005, p.1.

Neste sentido, o *Cohousing* à **Escala do Volume Compacto** tem vindo a suscitar cada vez mais o interesse por parte de entidades públicas que nele começam a ver vantagens nomeadamente na combinação com políticas de regeneração urbana: “*Para entidades públicas, investir na combinação entre o Cohousing (...) e a regeneração urbana tem vantagens claras (...). Tais operações são benéficas do ponto de vista económico, social e de qualidade urbana*”¹⁰⁶.

A coabitação vertical | 4.2.2

A coabitação à **Escala do Volume Compacto** não se apoia num desenvolvimento horizontal e planimétrico, mas num eixo oposto, em altura, definindo verticalmente o lugar da vida em comunidade de *Cohousing*. Corresponde a uma reflexão sobre os convencionais edifícios de habitação coletiva plurifamiliar, propondo uma revisão interna das relações espaciais, dos comportamentos e das interações presentes, de modo a configurar uma alternativa à habitação coletiva de alta densidade.

O volume edificado, podendo dividir-se em um ou mais corpos, com mais ou menos pisos, variável de caso para caso – nos três exemplos apresentados no capítulo anterior, respeitantes às estratégias de agregação, o edifício *Wohnprojekte Wien* apresenta 9 pisos, o *R50* tem 8 pisos e *La Salière* apenas 4 pisos – configura sempre uma só unidade, onde a vida partilhada e a vida privada se processam, deixando, desta forma, de se fazer associar ao espaço exterior (referência à Escala do Lugar) o valor de dispositivo social. Aqui, o espaço exterior já não é mais o elo de ligação entre a vida coletiva e a vida privada, passando agora, toda a ação, a ocorrer dentro do volume.

Assim, pela agregação vertical é construída a vida em coabitação, tentando estabelecer um equilíbrio interior ao bom funcionamento da mesma.

¹⁰⁶ BARRATA, A., FINUCCI, F., GABRIELE, S., METTA, A., MONTUORI, L., PALMIERI, V. – *Cohousing. Problemi e progetti per la riqualificazione del patrimonio esistente*. Pisa: Edizioni ETS, 2014, p.55.

A agregação como dispositivo | 4.2.3

Do propósito de conceber alternativas habitacionais capazes de serem implantadas em meio urbano manifestam-se Estratégias de Agregação no desenho dos projetos de blocos verticais de *Cohousing* que, se por um lado possibilitam a construção em terrenos com menor área disponível, fator intrinsecamente ligado ao desenvolvimento em meio urbano, por outro funcionam como dispositivos ao desenvolvimento vertical da coabitação, quer pela **proximidade física de todos os espaços num único volume**, quer pela **estimulação das relações sociais entre coabitantes no desenho dos acessos verticais e espaços de circulação**.

A **proximidade física de todos os espaços num único volume** permite que exista uma interrelação vertical que equilibre os dois pólos do habitar em comum, o coletivo e o individual ou familiar, nomeadamente pelo desenho dos espaços comuns e das habitações privadas.

Os espaços comuns são destinados ao uso partilhado entre todos os residentes, podem localizar-se num único piso ou dispersos por diferentes andares do edifício e correspondem a espaços de cozinha coletiva, refeitório, salas de estar, de lazer, de trabalho, etc. Apesar da sua posição não ser restrita a um único lugar como condição absoluta, há uma preferência pela disposição em caves ou pisos térreos, permitindo não só uma maior facilidade funcional e distributiva como também contribuir para uma relação mais próxima quer entre o grupo, pela possibilidade de contacto casual e espontâneo aquando da entrada ou da saída do edifício, quer com as pessoas externas ao mesmo, convidando-as a observar e, por vezes, até a entrar, participar e interagir. Deste modo, para além dos espaços comuns constituírem dispositivos sociais internos, também traduzem um mecanismo arquitetónico que funciona como um dispositivo intermédio entre a esfera pública e a esfera privada.

Para além destas duas posições (cave ou piso térreo) outra possibilidade para o posicionamento dos espaços partilhados dentro do volume é a disposição nos pisos intermédios ou nas coberturas onde, neste último caso, podem ser criados jardins, hortas comunitárias e diversos espaços informais de estar e lazer que, ao mesmo tempo que rematam o edifício, criam um momento social no exterior, servindo de dispositivo capaz de colmatar a pouca ou nenhuma existência a nível térreo de área de terreno disponível para a definição de espaços exteriores.

Por sua vez, as habitações privadas correspondem a unidades reservadas a

cada uma das pessoas ou famílias, e assemelham-se a apartamentos convencionais. Podem conter diferentes tipologias bem como diversos esquemas de organização, em simplex ou duplex, e encontram-se agregadas ao restante conjunto, compondo integralmente o volume edificado. São unidades autossuficientes, não necessitando física ou funcionalmente dos espaços de uso comum para a satisfação das necessidades diárias e domésticas privadas, o que traduz uma Escala de coabitação (tal como na Escala do Lugar) de carácter pouco intrusivo e suplementar, mas que, contrariamente à anterior, se torna mais intensa pela proximidade física de todos os espaços num único edifício.

No entanto, espaços comuns e habitações privadas, embora agregados numa mesma entidade continuam a ser dois elementos separados e autónomos, o que induz a uma **estimulação das relações sociais entre coabitantes no desenho dos acessos verticais e espaços de circulação** que, deste modo, têm um papel de ligação e de suporte para que se processe a coabitação à Escala do Volume Compacto.

Desde sistemas mais simples a mais complexos, entre esquemas de acesso vertical interior em caixa de escadas e elevadores ou em 'ruas verticais' a esquemas de acesso vertical exterior, há uma promoção das relações entre o coletivo e o individual ou familiar para que ambos não vivam demasiado isolados. Desta forma, os acessos verticais são posicionados preferencialmente no centro do volume e dão prevalência a um sistema de fluxos induzido pela presença de um único acesso, estimulando-se o encontro casual entre residentes e preconizando-se a definição de espaços informais de estar e convívio num desenho que eleva os espaços de acesso e circulação a dispositivos intermédios de coabitação. Por exemplo, através do desenho de mezaninos no corredor de circulação de cada um dos pisos do volume ou através do desenho em cada um dos andares de varandas coletivas que rodeiam e unem todas as unidades habitacionais privadas, possibilitando aceder horizontalmente aos vizinhos de um mesmo andar a partir de um espaço de circulação extra do acesso vertical central.

Assim, da entrada do edifício ao topo é definida a delimitação da coabitação à Escala do Volume Compacto pela exploração, de extremidade a extremidade, de uma diversidade de ações e mecanismos que dão forma a uma história da vida em comunidade de *Cohousing* vertical.

+

A coabitação à **Escala do Volume Compacto** remete para uma referência ao Modelo de *Cohousing* desenvolvido na Suécia, nomeadamente pela exploração de uma coabitação vertical que já no final do século XX existia, decorrente da passagem 'do sistema de serviços à colaboração' [Cap.2, p.60], onde as pessoas externas à comunidade que exerciam o trabalho doméstico foram retiradas para que o próprio grupo exercesse a gestão, manutenção e trabalho de forma coletiva, observando-se até ao período atual uma adaptação das suas características em diferentes edifícios de *Cohousing*, em países tão distintos como, por exemplo, Áustria, França e Alemanha (casos de estudo selecionados), correspondendo a uma solução mais evidente e facilitada em meio urbano.

Escala do **COMPARTIMENTO EXTRA. 4.3**

- a resposta à contemporaneidade | 4.3.1
- o compartimento extra como protagonista | 4.3.2
- a evolução como dispositivo | 4.3.3

A terceira escala do habitar em *Cohousing* diz respeito a uma interpretação decorrente de **Estratégias de Evolução** no desenho de projetos de *Cohousing* e corresponde ao desenvolvimento de um **compartimento extra evolutivo**.

A resposta à contemporaneidade | 4.3.1

Hoje, os pressupostos de uma vida estável já não existem. A pós-modernidade trouxe consigo o fim de uma história construída a partir de um discurso único e neutro, desaparecendo também a possibilidade de pensar a habitação para uma pessoa ou família ideal. As estruturas familiares e os modos de vida mudam muito rapidamente devido a diversos acontecimentos: crises económicas e políticas, casamentos e divórcios frequentes, mobilidade profissional, famílias monoparentais ou recompostas, independência tardia dos jovens, situação precária de inúmeros desempregados, etc. A vida de cada indivíduo não é linear e pode sofrer alterações imprevistas com maior frequência e tudo isso influencia o seu modo de habitar.

Neste sentido, a coabitação à **Escala do compartimento extra** surge como uma resposta alternativa que procura adaptar-se à sociedade do século XXI, repensando sobre a habitação convencional existente que, muitas vezes, acaba por ser demasiado rígida e inadequada aos diferentes estilos e modos de habitar atuais. Ou seja, o pensamento e a ação em torno da vida em comunidade de *Cohousing* não são vistos apenas como um desejo imutável de uma vida mais aberta ao encontro e à partilha, estabelecido por um grupo definido à priori, mas decorrente de uma necessidade física, de uma incapacidade tipológica que abraça e (re)pense as novas necessidades e exigências.

“Nas últimas décadas têm-se visto diversas mudanças, traduzindo novas necessidades e exigências devido às alterações dos modos de viver relacionados com os novos fenómenos nómadas, à desintegração das estruturas tradicionais de família, (...) envolvendo um maior número de agregados familiares, mas, ao mesmo tempo, diminuindo em média o número de membros dos mesmos. Estas novas exigências não conseguem encontrar respostas no mercado imobiliário existente, quer público quer privado, demonstrando-se inadequados em muitos aspetos: tipologicamente,

tecnologicamente e socialmente."¹⁰⁷

As iniciativas ao desenvolvimento deste tipo de coabitação foi, a par dos casos de estudo apresentados, maioritariamente observado por ação de entidades públicas que, conscientes das demandas contemporâneas, promovem cada vez mais concursos que estimulem ao pensamento e à construção de novas soluções habitacionais.

A circunstância na qual a coabitação ocorre pode variar entre pessoas de famílias distintas (tal como na Escala do Lugar e na Escala do Bloco Compacto) ou entre gerações de um mesmo agregado familiar. Em qualquer um dos casos, o grupo de coabitantes é agora mais reduzido. Se este for constituído por famílias distintas, há uma subdivisão da totalidade de residentes que habitam o conjunto edificado em subgrupos, que tendem a não exceder as 4 famílias (dos casos de estudo observados) e, por outro lado, se a coabitação ocorrer entre gerações de uma mesma família, por si só já implica uma diminuição substancial do número de residentes (pais e filhos + avós ou pais + filhos, entre outras configurações possíveis).

Neste sentido, contrariamente às escalas até agora apresentadas, o *Cohousing* à **Escala do compartimento extra** não se baseia na ideia de desenvolver um único grupo como comunidade, onde os espaços comuns são partilhados entre todos os residentes do conjunto, mas numa escala de coabitação mais íntima, mais aproximada que reflete sobre as famílias atuais e os seus ciclos de vida, em propósitos tão diversos como a habitação multigeracional, de famílias recompostas, em casos de um dos membros jovens desejarem a sua emancipação mesmo que ainda não tenham a capacidade total de autonomia económico-financeira, etc.

Coabitar surge como uma necessidade familiar de adequação ao tempo. Nesse sentido o desenho de um **compartimento extra evolutivo** confere uma maior durabilidade ao espaço do habitar e uma maior permeabilidade do seu uso pela evolução no tempo.

¹⁰⁷ BARRATA, A., FINUCCI, F., GABRIELE, S., METTA, A., MONTUORI, L., PALMIERI, V. – *Cohousing. Problemi e progetti per la riqualificazione del patrimonio esistente*. Pisa: Edizioni ETS, 2014, p.55.

O compartimento extra como protagonista | 4.3.2

O desenho de um **compartimento extra evolutivo** associado às unidades de habitação privadas é o protagonista desta Escala de habitar em comum. Funcionando como um dispositivo arquitetónico intermédio, posicionado entre diferentes unidades domésticas privadas, é um compartimento partilhável entre um pequeno grupo de residentes, de forma alternada ou simultânea. Esta estratégia pode ser encontrada quer em conjunto edificados de baixa densidade – entre unidades uni e bi familiares – quer em blocos habitacionais coletivos de alta densidade – entre apartamentos vizinhos, permitindo a variação do seu uso em função e propriedade.

Neste sentido, a amplitude do significado da vida em comunidade de *Cohousing* é observado a um nível interno e de menor escala, a partir do elemento arquitetónico do compartimento extra que espera ser usado no momento e tempo certo, adequando-se a contextos e circunstâncias plurais e pontuais, através de uma maior adaptabilidade à vida também evolutiva dos residentes. Ou seja, o uso deste dispositivo arquitetónico, não se processa no mesmo sentido e direção da 'casa comum' ou do 'piso comum', que são elementos estáticos e fixos funcionalmente. Agora, o espaço de uso partilhado é um compartimento flexível, reversível e evolutivo.

A evolução como dispositivo | 4.3.3

A evolução surge como dispositivo da coabitação à **Escala do compartimento extra**, permitindo que o espaço sirva diferentes propósitos por não conter uma função definida à priori, preconizando ideias de flexibilidade, reversibilidade e neutralidade bem como servir diferentes programas ou funções – quarto, escritório, atelier, sala, etc. – numa atitude elástica atenta ao passar do tempo.

Assim, o **compartimento extra**, apresentando um carácter reversível, permite dissociar fluxos entre comum e privado. Se, em certos casos, ele é um dispositivo a uso partilhado, em que cada família pode recorrer à sua apropriação, transformando-se num espaço privado, noutros ele é um compartimento extra entre duas unidades de habitação de um mesmo agregado familiar, servindo gerações distintas, permitindo o encontro e a partilha de momentos ao mesmo tempo que não invade a esfera privada de cada geração, evitando o isolamento, bem como conflitos geracionais.

Para além destas duas circunstâncias, este espaço pode ainda enquadrar-se

num outro propósito: deixar de ser um espaço comum, entre famílias distintas ou entre gerações do mesmo agregado familiar, de uso intercalado ou coincidente, para passar a ser uma outra unidade privada, mais reduzida em dimensão e função em relação à habitação principal. Ou seja, configurar um corpo adjacente extra cuja função serve de estúdio ou quarto suplementar. Solução que acaba por desenvolver uma metamorfose na unidade de habitação principal pela transformação dos espaços sociais privados da mesma em sociais comuns. Abordagem que, de certo modo, remata a intensidade de coabitação que pode ser integrada na Escala do compartimento extra.

Deste modo, os espaços da coabitação não são momentos fixos e estáveis pensados à priori por um grupo de pessoas para representar uma determinada função de carácter comum ou privado (tal como nas escalas anteriores) mas serve antes como deambulação entre estas duas esferas.

No entanto, apesar de autónomo, no sentido em que se encontra separado fisicamente das unidades de habitação, o compartimento extra não consegue, isoladamente, ser um espaço autossuficiente, necessitando sempre de um anexar a uma habitação principal para que possa ter significado.

Neste sentido, há uma dupla intencionalidade no seu desenho traduzido pela porta, elemento arquitetónico que dissocia fluxos e busca a intimidade. Por um lado, coloca-se uma porta principal que permite o acesso pelo exterior pelas diferentes famílias ou gerações do mesmo agregado familiar, evitando a necessidade de invadir o espaço privado de cada uma para fazer uso do compartimento extra. E, por outro lado, geralmente são colocadas outras duas portas de acesso pelo interior das habitações anexas, de forma a possibilitar o uso alternado ou simultâneo do espaço do compartimento extra.

Neste sentido, a **porta** é um elemento importante do dispositivo espacial evolutivo da coabitação à Escala do compartimento extra. “[que] não deve ser considerada aqui como simples abertura, mas sim como um limiar e como um espaço de transição com toda a sua espessura.”¹⁰⁸.

¹⁰⁸ ELEB, M. e BENDIMÉRAD, S. – “Ensemble mais séparément, les lieux de la cohabitation”. Leroy Merlin Source, N°. 14, Paris : Leroy Merlin, 2015, p.27.

+

Esta escala de coabitação faz alusão ao Modelo Francês observado por Monique Eleb nas suas investigações sociológicas realizadas ao longo de diversos anos, encarando uma nova dimensão do *Cohousing*, consideravelmente distinto relativamente ao Modelo Dinamarquês e ao Modelo Sueco pelo facto de sobrepor uma premissa **evolutiva** para o uso do espaço partilhável.

Escala da '**CLUSTER**'. 4.4

- a ideia de casa partilhada | 4.4.1
- a habitação palco da coabitação | 4.4.2
- a integração como dispositivo | 4.4.3

A coabitação à **Escala do 'Cluster'** representa a quarta e última intensidade de habitar em comum observada e manifesta-se através da **integração** total dos espaços da coabitação dentro de uma mesma habitação.

A ideia de casa partilhada | 4.4.1

A **Escala do 'Cluster'** surge, tal como na Escala do Compartimento extra, como resposta às necessidades e exigências da contemporaneidade. No entanto, contrariamente à anterior, esta pensa sobre a vida em comum de um modo intimamente relacionado com a ideia de casa partilhada. Atualmente, este é um conceito bastante difundido um pouco por todo o Mundo como uma solução mais económica e permeável perante situações de mobilidade, incapacidade de estabilização profissional, etc. No entanto, as circunstâncias sobre as quais acontecem são maioritariamente traduzidas a partir de iniciativas informais pela transformação da habitação convencional segundo este propósito – exemplos que NÃO dizem respeito a esta Escala de coabitação nem à investigação proposta, que intenta sobre projetos de *Cohousing* concebidos de raiz como uma ideia definida à priori.

Assim, esta escala de coabitação corresponde a uma intensidade de vida partilhada mais iminente, observada através da constituição de grupos mais pequenos, como uma espécie de arranjo em subconjuntos do grupo total de residentes do edifício. Se, na Escala do Lugar e na Escala do Bloco Compacto, a coabitação ocorria entre pessoas que definiam um só grupo, uma só unidade, aqui (e na Escala do Compartimento extra) estes são repartidos em subgrupos que assim experienciam a vida partilhada de um modo mais íntimo, próximo e de carácter semelhante ao do familiar.

Contudo, esta subdivisão nem sempre invalida a existência de uma coabitação também entre todo o conjunto. Ou seja, por vezes, há uma dupla vida partilhada em comunidades de *Cohousing* à Escala do 'Cluster': a interna – entre os elementos de um subgrupo que vivem numa mesma unidade habitacional; e a externa – entre os elementos de todos os subgrupos existentes, vivenciando em conjunto momentos da esfera doméstica numa escala global que formaliza, deste modo, híbridos desta escala com as anteriores.

Quanto à formação destes subconjuntos, eles são constituídos por pessoas de diferentes géneros, idades, condições sociais, com ou sem relação de parentesco, por iniciativas autopropostas, organizadas através de associações, ou fundadas a

partir de uma iniciativa privada onde o proprietário, perante um conjunto de candidatos, seleciona os coabitantes de acordo com a sua preferência.

A unidade habitacional palco da coabitação | 4.4.2

O *Cohousing* à **Escala do 'Cluster'** é uma coabitação que ocorre diretamente dentro de uma mesma habitação pela partilha de momentos quotidianos e domésticos entre os residentes.

Desta forma, o que outrora era unidade privada é agora o palco da vida em *Cohousing*. Tudo se processa ali, como um acontecimento, evento ou concerto ao vivo, dentro da **Casa**. Espaço potencialmente rico de fluxos, energias, encontros e disponibilidades. Uma renovação e transformação do espaço doméstico convencional.

A integração como dispositivo | 4.4.3

A simultaneidade de espaços comuns e de espaços privados dentro de uma mesma unidade de habitação configura a **integração como dispositivo** da coabitação à Escala do 'Cluster', desenvolvendo uma intensidade de vida partilhada mais evidente.

Os espaços comuns passam a estar mais aproximados dos espaços privados e não são mais encarados como um qualquer modo de emprego separado, em formato de 'casa comum', 'piso comum' ou 'compartimento extra', mas como um elemento totalmente assumido no interior da habitação, destinando-se ao uso partilhado entre o grupo de residentes de um 'cluster'.

Deste modo, ocorre um processo metamórfico dos espaços sociais da casa. Se antes definiam o espaço doméstico social privado, agora esses espaços são transformados em domínio comum. Ou seja, entrada, sala de estar, cozinha, espaço de refeições, wc de serviço, etc., não são mais restritos a um pessoa ou família mas de uso comum entre coabitantes, compondo a construção da vida doméstica e quotidiana pela sua partilha espacial e funcional. Por esse motivo, os espaços comuns acabam por funcionar como dispositivos sociais.

Como um único organismo, os espaços comuns são geralmente desenhados em *openspace*, ausentes de qualquer compartimentação ao exceto do wc de

serviço, o que alude a uma maior intensidade de coabitação, onde a estimulação das relações visuais dentro da casa é real e amplifica o contacto entre todos os residentes – exercício que pode ocorrer quer ao nível planimétrico, quer ao nível tridimensional (nos casos de habitações em duplex ou triplex).

Assim, a célula privada, pessoal e íntima de cada coabitante sofre uma mutação, deixando de corresponder a uma unidade habitacional autossuficiente e funcionalmente independente para necessitar sempre da utilização dos espaços comuns para a satisfação das necessidades diárias quotidianas e domésticas, resumindo-se, deste modo, a vida individual à sua essência. Ora em formato de um pequeno estúdio, com a possibilidade de ter um ou mais quartos, uma pequena kitchenette com ou sem sala e wc privado, ora apenas como um quarto, partilhando todos os outros espaços com os restantes residentes, as células privadas apresentam áreas bastante reduzidas – nos casos de estudo apresentados observa-se uma variação entre 15m² e 57m² – e preconizam uma alteração significativa do espaço privado, não se assemelhando às convencionais habitações.

Assim, a coabitação à **Escala do 'Cluster'** representa uma sobrevalorização da partilha relativamente à privacidade. Ou seja, tudo o que representa a vida quotidiana e doméstica é aqui mais próxima, mais ampliada, mais íntima, mais comunitária, numa organização espacial aberta ao encontro e ao convívio interno. Tudo se encontra e processa na mesma unidade representada pela 'casa'.

Contudo, da integração dos espaços comuns na esfera doméstica habitacional desencadeia-se um processo inverso, de carácter repulsivo quanto ao desenho dos espaços de **transição** entre o comum e o privado, de forma a assegurar a intimidade e consequente estabilização da vida de cada residente. Contrariamente às Escalas de coabitação anteriores que procuravam ligar e aproximar estes dois polos, tal como foi observado na Escala do Lugar pelo desenho do espaço exterior como dispositivo de ligação entre a 'casa comum' e as habitações ou, na Escala do Bloco Compacto, pelas dinâmicas de desenho dos espaços de acesso e circulação que validavam a existência de uma coabitação vertical ou ainda na Escala do compartimento extra onde a porta serve de elemento que estimula a uma maior aproximação, relação e ligação entre coabitantes, aqui há uma manifestação oposta que pretende afasta-las de forma a garantir a privacidade necessária.

Estas estratégias são conseguidas através de uma distribuição dos espaços comuns e dos espaços privados dentro do 'cluster' muito semelhante a uma organização diurna-noturna, exaltando-se a necessidade de separar sem interromper as dinâmicas da vida em comum. Ou então, através de um posicionamento das portas de acesso às células privadas estrategicamente posicionadas em espaços de circulação ou então mais resguardados pelo desenho de um espaço de entrada semelhante a um pequeno 'nicho', evitando a exposição da intimidade ao coletivo. Outra solução pode passar pelo desenho de corredores ou espaços intermédios que assim conduzem ao afastamento progressivo e gradual do percurso entre espaços comuns e células privadas.

Assim, comum e privado estabelecem fronteiras, dissociam fluxos e dinamizam um maior equilíbrio na esfera doméstica, palco da coabitação, pela exercício de forças repulsivas do dispositivo intermédio protagonizado pela distância, pelo espaço entre os dois polos, seja ele um acesso, um corredor ou uma porta.

Outro aspecto ainda a mencionar relativamente à integração dos espaços comuns na unidade habitacional é que nem sempre estas estratégias implicam a total inexistência de uma coabitação ao nível do conjunto, entre todos os elementos dos diferentes 'clusters'. Do mesmo modo que internamente (no 'cluster') se desenvolve a coabitação, também externamente pode existir uma estimulação e uma extensão da vida partilhada a todos os elementos que habitam o conjunto edificado, desenvolvendo uma relação saudável, de proximidade e de comunidade para além das pessoas de uma única casa.

Neste sentido há uma hibridização desta escala de coabitação com as anteriores, desenvolvendo-se espaços de uso comum em espaços exteriores no piso térreo, em jardins, parques para as crianças brincarem, etc., ou em varandas coletivas (que ligam todos os 'clusters' e aproximam os espaços sociais comuns de casa habitação, permitindo o fácil acesso entre todos) ou ainda através da disposição de espaços comuns interiores, (ora pelo desenho de espaços de estar e de lazer no piso térreo ora pela exteriorização dos serviços domésticos como, por exemplo, a lavandaria, para um espaço no edifício, possibilitando o encontro ocasional aquando da realização de uma tarefa quotidiana). Todos estas estratégias desenvolvem uma dupla esfera doméstica, uma dupla vida em coabitação que assim se observa interna e externamente à casa.

+

O *Cohousing* à **Escala do 'Cluster'** podendo ter algumas reminiscências dos projetos de coabitação realizados na Holanda nomeadamente no final do século XX [Cap.2, p.94], traduz na contemporaneidade uma hibridização do chamado Modelo Holandês com o Modelo Sueco. As unidades habitacionais já não se dispõem na horizontal, mas em soluções de habitação coletiva de alta densidade, em blocos compactos verticais, preservando a organização da comunidade em grupos mais pequenos que assim coabitam os diferentes '*clusters*' que, por sua vez, já não são mais habitações semelhantes às uni e bi familiares.

Neste sentido, há uma evolução no desenho destes dois Modelos (Holandês e Sueco) configurando uma nova manifestação de *Cohousing* que aponta para uma aproximação voltada para o meio urbano (alta densidade + habitação partilhada), definindo, segundo estratégias de integração, o habitar em comum à Escala do '*Cluster*'.

COHOUSING, perspectivas . 5

a Escala de coabitação como matéria do espaço

Ao longo desta dissertação procurou-se compreender o *Cohousing* como uma alternativa habitacional atual, estudando-se os princípios, os mecanismos e os instrumentos aplicados ao desenho dos espaços domésticos do habitar em comum como objeto de estudo. A pesquisa feita de leituras e aproximações progressivas foi exposta ao longo de quatro capítulos: o **tema** – clarificação do termo de '*Cohousing*', as **abordagens** – revisão de pontos de vista e estudo de algumas das investigações já realizadas sobre o mesmo, as **estratégias de desenho** – referentes a doze casos de estudo selecionados e as **escalas do habitar em comum** – análise e interpretação do conjunto de edifícios estudados.

Durante o período de estudo, aprendizagem e descoberta, procurou-se clarificar a natureza deste modo de habitar, bem como reconhecer diferentes estratégias de desenho de conceção de projetos de *Cohousing*, destacando o valor de diferentes dispositivos arquitetónicos como elemento chave da materialização arquitetónica da coabitação. Recorde-se que, já Monique Eleb enunciou esta premissa como base da conceção de conjuntos ou edifícios de *Cohousing* [Cap.2, p.80], mencionando que *"não há um tipo de arquitetura específico para a coabitação, mas sim dispositivos que a permitem e facilitam."*¹¹¹

No entanto, mais do que este valor intrínseco dos dispositivos arquitetónicos, exalta-se agora, no culminar desta investigação, um novo modo operativo: a **escala de coabitação como matéria do espaço**. Fazendo uso da combinação de diferentes dispositivos arquitetónicos cria-se, no desenho dos espaços de coabitação, uma maior ou menor intensidade de partilha e de privacidade no conjunto edificado, dando voz a diferentes patamares ou níveis de vida em comum.

Assim, mais do que uma força física para criar o *Cohousing* ou de um conjunto de mecanismos ao seu despertar, há uma dimensão intrínseca: a **escala de coabitação**, um valor que traduz a relação entre o Habitante, o Habitar e o Habitat. Tal como o arquiteto Álvaro Siza diz *"(...) o processo de projeto exige o alimento que, muitas vezes, é a 'ideia do habitar' da pessoa que vai para aquela casa"*¹¹². Neste

¹¹¹ ELEB, M. e BENDIMÉRAD, S. — "Ensemble mais séparément, les lieux de la cohabitation". Leroy Merlin Source, N°. 14, Paris : Leroy Merlin, 2015, p.28.

¹¹² In <http://tvplayer.iol.pt/programa/a-casa-de-quem-faz-as-casas/5846a30d0cf20177501f2f7b/video/58ba9a2b0cf222228e5c2e02>

caso, 'ideia do habitar' traduz-se pela '**escala de coabitação**' que assim serve de 'alimento' ao desenho do espaço e do projeto numa adequação aos futuros habitantes.

Deste modo, a consideração de Modelos geográficos como base ao desenho de projetos de *Cohousing* [Cap.2, p.91] torna-se insuficiente. Para além da existência de uma composição, organização, estrutura ou Modelo específico (relembre-se os quatro modelos que tem vindo a ser protagonistas do 'modo de fazer' projetos de *Cohousing* com referência geográfica direta Dinamarquesa, Sueca, Holandesa ou Francesa), por si só podem induzir a uma ideia falaciosa e um pouco limitada sobre este modo de habitar pela delimitação rígida e impositiva circunscrita ao âmbito da arquitetura como uma verdade absoluta sobre a maneira de elaborar projetos desta natureza, inferindo-se agora a **escala de coabitação** como dispositivo da própria definição do espaço e do modo de habitar em comum.

De soluções que podem variar de horizontal, vertical, compartimentar extra até à própria habitação, há conseqüentemente uma alternância das **intensidades de partilha e privacidade** de coabitação que vão da mais afastada à mais próxima, da mais superficial à mais íntima, da suplementar à complementar e da preservação convencional da esfera doméstica à sua alteração mais profunda, manifestando e expressando deste modo um percurso que caminha em direção a uma maior partilha e, conseqüentemente, a uma menor privacidade entre as quatro Escalas observadas, respetivamente: **Escala do Lugar, Escala do Volume Compacto, Escala do Compartimento extra e Escala do 'Cluster'**.

Para além desta exaltação, todo o percurso realizado permitiu registar um conjunto de ilações que, de modo sucinto e resumido, agora se enunciam.

O *Cohousing* é, numa versão mais lata associada à própria designação da palavra, uma junção de **dois** universos numa só solução habitacional: o **comum | coletivo** com o **privado individual | familiar** ('-co' + 'housing'), combinação de duas dimensões que, sem mais nenhum suporte ou conhecimento sobre o tema, permitem a rápida associação a pressupostos ou ideias erradas oriundas das diversas experiências ocorridas no passado que em nada tem a ver com esta ideia de coabitação, conotando-a logo à partida segundo valores marginais e menores. Neste sentido, a compreensão de um corpo de conhecimento sobre o conceito foi fundamental ao

entendimento do verdadeiro significado, esclarecendo-se que o *Cohousing* incorpora uma amplitude e dimensão complexas e difíceis de delimitar que abrangem disciplinas tão diversas como a **histórica**, a **sociológica**, a **arquitetónica** e a **geográfica**. De facto, as diversas investigações que tem vindo a ser realizadas, nomeadamente no século XXI transpõem abordagens que procuram clarificar mais do que aprofundar, perfeccionando-se um estudo que explora o conceito da sua origem até à definição de Modelos geográficos de *Cohousing*, passando pela evolução histórica, pelo significado da vida coletiva, pelo tipo de residentes, iniciativas e processos de desenvolvimento, pelos aspetos mais gerais de desenho e arquitetura e ainda pelo modo como tem vindo a ser aplicado em diferentes países. Abordagens que, de forma **interdisciplinar**, aludem a uma melhor compreensão da coabitação.

As razões que frequentemente despoletam o interesse para habitar em *Cohousing* parecem abranger uma multiplicidade de fatores que enquadram o desejo de uma vida mais **partilhada**, **comunitária** e **solidária** como tentativa de escapar à alienação da habitação estandardizada que, nem sempre, atenta sobre as **novas exigências** da sociedade contemporânea, numa visão crítica que procura revigorar os contextos sociais na escolha de um modo de habitar que favoreça o sentimento de pertença e de vizinhança. Lembrança de um passado não muito longínquo, onde a rua fazia parte da vivência quotidiana e era lugar de inclusão.

O *Cohousing* trespassando a barreira de uma localização geográfica específica, estendendo-se desde áreas rurais, menos urbanizadas, até ao interior das cidades, procura sempre criar um **contacto social**, dar **serviços** e **segurança** aos seus habitantes numa relação que está intrinsecamente ligada ao **meio envolvente**, estimulando a ligação com a **proximidade** imediata, com as **pessoas e contextos externos**, não se fechando sobre si própria. Ou seja, pretende potenciar efeitos positivos e servir de **regenerador** e **reparador** social e urbano.

Não se restringindo a um tipo de residentes específico por classes, idades, sexos ou outro, este é um modo de habitar **inclusivo** onde todos são convidados a experimentar, podendo-se observar comunidades de *Cohousing* de grandes ou de pequenas dimensões (nos casos de estudo apresentados a variação ocorre de 14 a 220 residentes).

Os tipos de iniciativa, podendo surgir quer em '*bottom-up*' quer em '*top-down*', manifestam **maior** prevalência pela **emancipação de grupos de pessoas** que em conjunto desenvolvem o seu próprio projeto de coabitação. Mesmo que atualmente exista cada vez mais uma participação ativa de entidades estatais, municipais ou privadas pela observação dos benefícios da coabitação, quer ao nível social quer económico-financeiro, estas ainda parecem ser iniciativas menores e pouco regulares.

Os projetos de conjuntos ou edifícios de *Cohousing* são de facto muito variados, existindo uma **pluralidade** de soluções distintas entre os vários países do Mundo: Dinamarca, Suécia, Holanda, França, Suíça, Alemanha, Itália, Reino Unido, Estados Unidos da América, Canada, Japão, etc., adequando a coabitação ao seu **contexto e cultura**.

O estudo, exposição e interpretação de casos de estudo confirmou que, a independência entre casos é real, pela existência de inúmeras particularidades específicas a cada um. No entanto, também permitiu compreender que, mesmo que cada caso seja um caso, é possível estabelecer um conjunto de afinidades e semelhanças entre diferentes projetos, pela configuração de padrões de desenho comuns e aproximadamente repetidos, figurando estratégias de desenho distintas: **Estratégias de Independência, Estratégias de Agregação, Estratégias de Evolução e Estratégias de Integração**, que conseqüentemente fazem associar morfologias distintas na construção do espaço da coabitação, respetivamente: **horizontal, vertical, compartimentar extra e interior habitacional**. Cada estratégia, não correspondendo a uma solução única, revela um leque variado de opções no desenho dos espaços e dispositivos que permitem e facilitam a coabitação.

Os **espaços comuns** funcionam como **dispositivos sociais**, estimulando o encontro e o convívio entre residentes pelo potenciar da partilha de momentos do doméstico e do quotidiano entre os elementos da comunidade, em cozinhas, em refeitórios comunitários, em salas de estar, de cinema, de leitura, de música, de workshops, de oficinas bem como em espaços exteriores potenciados para a vivência e partilha em hortas comunitária, jardins, varandas, decks, alpendres, etc. Para além

disso, os espaços comuns servem também como **dispositivos arquitetónicos intermédios**, permitindo estabelecer uma 'nova' relação entre o domínio público e o domínio privado. Muitas vezes localizados em pisos térreos, estabelecem a relação entre as habitações e a 'rua', condição que desenvolve uma dinâmica, um interrelação bem como uma aproximação entre a comunidade, as pessoas externas ao grupo e o meio envolvente.

Podendo estar localizados num edifício, num piso, num compartimento externo ou em espaços no interior da unidade de habitação, os espaços comuns inferem, deste modo, **relações distintas de partilha**: entre **todo** o grupo de residentes ou entre **subconjuntos** de residentes formados pela divisão do grupo total em várias partes. Estas duas possibilidades de coabitação indiretamente remetem para diferentes intensidades de vida partilhada. Se, no primeiro, devido a uma coabitação entre os elementos do grupo total de residentes, pode existir uma maior dificuldade em todos se relacionarem de forma aproximada e de igual modo, no segundo, uma vez que a divisão em subconjuntos remete para grupos mais pequenos, é mais provável todos se conhecerem melhor e intensificarem as relações sociais que, tal como Monique Eleb refere, acabam por se transformar em relações próximas semelhantes às de familiaridade.

Quanto às **unidades privadas**, estas são individuais ou familiares e podem variar entre **habitações autossuficientes** semelhantes às uni e bi familiares convencionais, unidades de apartamentos de edifícios de habitação coletiva, ou **células não autónomas** traduzidas por um pequeno estúdio ou apenas quartos. Nestas diferentes soluções é visível uma diminuição da área, função e espaço referente ao domínio individual ou familiar privado e, conseqüentemente, inferem uma menor intensidade de privacidade. De facto, ter como espaço privado a totalidade de uma habitação ou apenas um quarto são opções completamente distintas quanto à preservação e valor de intimidade associada.

Ao longo das quatro Escalas de coabitação apresentadas – **Escala do Lugar**, **Escala do Bloco Compacto**, **Escala do Compartimento Extra** e **Escala do 'Cluster'** – há uma gradual diminuição da intensidade de privacidade e, conseqüentemente, um aumento da intensidade de partilha que assim se demonstra cada vez mais

interiorizada e próxima da esfera privada. Desta forma, a articulação entre o espaço comum e o espaço individual ou familiar dá voz à definição de dispositivos à coabitação, respetivamente associados às Escalas: **independencia como dispositivo, agregação como dispositivo, evolução como dispositivo e integração como dispositivo.**

A **relação entre os espaços comuns e os espaços privados** são um dos elementos mais importantes da vida em coabitação. Traduzidos por dispositivos arquitetónicos com valor social e, muitas vezes, de carácter intermédio, estabelecem o equilíbrio necessário entre o coletivo e o individual ou familiar, ora pelo desenho do espaço exterior, ora pelo esquema e articulação dos acessos e das circulações, ora pela disposição de elementos arquitetónicos como, por exemplo, as portas, evitando o isolamento dos residentes nas unidades habitacionais privadas e, ao mesmo tempo, equilibrando a relação e o distanciamento da vida coletiva para esta não sobreponha, interfira ou invada a privacidade necessária de cada residente.

A partir deste estudo compreende-se que, apesar do objecto de estudo dizer respeito a uma investigação de conjuntos e edifícios de *Cohousing* concebidos de raiz em prol deste conceito, **a coabitação informal pode sempre existir.** A transformação do espaço do habitar convencional numa solução de *Cohousing* torna-se fácil e, por exemplo, em Portugal, apesar de não ter sido possível reconhecer nenhum edifício construído de raiz segundo as ideias da coabitação, há inúmeros exemplos informais de habitação partilhada: coabitação entre estudantes, coabitação entre pessoas deslocadas profissionalmente e que vivem com outros colegas de trabalho, casos em que existem serviços coletivos como, por exemplo, as lavandarias localizadas em espaços de domínio comum e de uso partilhado entre os residentes de um mesmo edifício de habitação plurifamiliar, adaptação de casas unifamiliares para coabitação entre distintas gerações de uma família, por motivos financeiros ou como solução para problemas de isolamento ou incapacidade dos mais idosos, etc. Estas situações reais e concretas identificadas dariam certamente um enquadramento mais vasto do habitar em comum, podendo constituir a curto e médio prazo matéria de facto para novas e futuras investigações em diversas áreas disciplinares, ampliando a consciência nacional dos fenómenos de *Cohousing*.

Embora ao longo dos quase cinquenta anos desde a data apontada como a mais provável da origem do *Cohousing* se tenha vindo a observar um contínuo estudo e investigação sobre este modo de habitar (não se podendo dizer com clareza se tem aumentado ou diminuído), os tipos de abordagens efetuadas parecem exaltar, na sua maioria, um olhar interno, '**de dentro para fora**', de valores, processos e condições físicas que assim demonstram uma maior rigidez sobre o conceito, existindo ainda poucas referências que, atentando num olhar de '**fora para dentro**', demonstrem uma abordagem no sentido inverso e quebrem a linguagem e a expressão global formada em torno do *Cohousing*. Muitas vezes, a leitura acrítica e continuamente preservada sobre o que já fora encontrado persiste e atormenta quem procura algo mais.

Neste sentido, conciliando a amplitude intrínseca ao *Cohousing* com o foco intimamente voltado ao âmbito do projeto e da arquitetura, esta dissertação procurou estabelecer um 'novo olhar' sobre as possibilidades e dinâmicas do encontro, da convivência e da vida em comunidades de *Cohousing* numa relação íntima com o desenho do projeto. Uma compreensão que exalta o *Cohousing* como uma saudade do passado e, ao mesmo tempo, como um desejo de progresso na busca de um ambiente mais social e solidário. Uma amostra que parece relevar o *Cohousing* como uma aspiração ao que é pretendido construir a uma maior dimensão. Premissas que se provam pela ânsia destas intervenções, do desenho que não se fecha ao Mundo, que quer transmitir a sua sabedoria e aprendizagem a outros, incitando à construção de *vidas e sociedades mais felizes*¹¹³ e à transmissão de uma mensagem que tende a chamar a atenção para o egoísmo e o individualismo que vemos, não só na sociedade contemporânea mas também no modo como habitamos.

¹¹³ FIGUEIREDO, Sandra – Feli(cidade), o papel da arquitetura habitacional na construção da plenitude humana. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2016. [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura], p.202. [Nesta dissertação podemos encontrar pontes para uma relação entre a arquitetura, especificamente no campo da habitação, e a felicidade. Um estudo que esclarece e parametriza um entendimento sobre o o conceito de felicidade e utiliza como casos de estudo diferentes conjuntos ou edifícios de *Cohousing*.]

Referências

Ano | Bibliografia Geral

1988 |

DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Cohousing: A Contemporary Approach to Housing Ourselves*. EUA: Habitat Press, 1988.

PORCINO, J. – *Living longer, living better: Adventures in community housing for the second half of life*. New York: Continuum, 1991.

LINDÉN, K. – "Community and privacy in the Swedish collective housing", 1992.
In <http://www.kollektivhus.nu/pdf/PalmLinden92.pdf>

Vestbro, D. "From central kitchen to community co-operation", 1992.
In http://habiter-autrement.org/33_collectifs/contributions-33/Collective-Housing-in-Sweden-Dick-Urban-Vestbro.pdf

2000 |

SCANZONI, J. – *Designing Families: The search for self and Community in the information age*. California: Pine Forge Press, 2000.

TORRES-ANTONINI, M. – "Our common house: using the built environment to develop supportive communities", 2001.
In http://etd.fcla.edu/UF/UFE0000360/torres_m.PDF

BOHR, M. – *New forms of collective housing in Europe*. Basel: Birkhäuser, 2002.

MELTZER, G. – *Sustainable Community, learning from the cohousing model*. Canada: Trafford, 2005.

SCOTT-HANSEN, C. e SCOTT-HANSEN, K. – *The cohousing handbook*. Philadelphia: New Society, 2005.

BELK, C. – "Cohousing Communities: a sustainable approach to housing development", 2006.
In https://extension.ucdavis.edu/sites/default/files/co_housing.pdf

FERNÁNDEZ, A. – “Hybrid versus Social Condenser” *In A+ – Hybrids III – híbridos residenciales*. Vitoria-Gasteiz: a+t ediciones, 2009, p.16-38.

2010 |

HOLTZMAN, G – “Introduction to cohousing e the Australian context”, 2010.
In http://synthesisstudio.org/wordpress/wp-content/uploads/Introduction-to-Cohousing-and-the-Australian-Context__GiloHoltzman_2010.pdf

VESTBRO, U. – *Living together: Cohousing ideas and realities around the world*. Estocolmo: Division of urban and Regional Studies, KTH, e Kollektivhus NU, 2010.

DURRETT, C. e MACCARMANT, K. – *Creating Cohousing: Building Sustainable Communities*. Canada: New Society, 2011.

SALGUEIRO, José – *Cohousing, Coworking- vícios e virtudes dos espaços de vida e trabalho em comunidade*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2011. [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura].

KROKFORS, K. – “Co-Housing in the Making”. *In Built environment*, Vol. 38, N.º 2. Reino Unido: Alexandrine press. 2012, p.309-314.

VESTBRO, D. – “Design for gender equality – the history of cohousing ideas and realities”. *In Built Environment*. Vol. 38, N.º3. Reino Unido: Alexandrine press. 2012.

A+t. – [RECLAIM Domestic Actions 2]. Vitoria-Gasteiz: a+t ediciones. Vol. 2, 2013.

BARRATA, A., FINUCCI, F., GABRIELE, S., METTA, A., MONTUORI, L., PALMIERI, V. – *Cohousing. Problemi e progetti per la riqualificazione del patrimonio esistente*. Pisa: Edizioni ETS, 2014.

2015 |

BOUDET, D. – “Zurich: le quartier Hunziker”, 2015.
In <http://www.duplex-architekten.ch/perch/resources/1511da240artweb-1.pdf>

BUSTOS, X., REGUSCI, N. – *Import Zurich: Cooperative housing: news ways of inhabiting*. Barcelona: dpr-Barcelona, 2015.

ELEB, M. e BENDIMÉRAD, S. – “Ensemble mais séparément, les lieux de la cohabitation”. Leroy Merlin Source, N.º 14, Paris : Leroy Merlin, 2015.

In http://leroymerlinsource.fr/wp-content/uploads/2016/05/UFH_1_Chantier_14_cohabitation_web_VD_0915.pdf

FERNÁNDEZ, A., MOZAS, J. – *Form & data: collective housing projects, an anatomical review*. A+ Architecture Publishers, 2016.

FIGUEIREDO, Sandra – Feli(cidade), o papel da arquitetura habitacional na construção da plenitude humana. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2016. [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura].

FREDROWITZ, M., GRUBER, E., COURVOISIER, A., HOFER, A., KRIESE, U., BAKKER, P., TUMMERS, L., JONG, E., PARASOTE, B., FIELD, M., BESTAKOVÁ, V., TORNOW, B., VESTBRO, D., URBAN, S. e HELAMAA, A. – *Europe: co-operative housing*. Wohnbund e.V. 2015.

GRESLERI, J. – *COHOUSING, esperienze internazionali di abitare condiviso*. 2015.

HOFER, A., HUGENTOBLE, M., SIMMENDINGER, P. – *More than Housing: cooperative planning, a case study in Zurich*. Basel: Wohnen, 2015.

JARVIS, H., SCANLON, K., ARRIGOITIA, M. – “Cohousing: shared futures”, 2016.
In https://ukcohousing.files.wordpress.com/2016/06/cohousing_shared_futures_final-web.pdf

SCANLON, K., ARRIGOITIA, M. – “Development of new cohousing: lessons from a London scheme for the over -50s”, 2015
In <http://eprints.lse.ac.uk/62359/>

TUMMERS, L. – “The re-emergence of self-managed co-housing in Europe: A critical review of co-housing research”. In *Urban Studies*, Vol. 53, N.º.10. Reino Unido: Urban Studies Journal. 2016, p. 2023-2040.

ZAGALO, Romeu – Comunidade, uma forma de pensar a cidade: *cohousing*, coworking e codesigning na cidade de Lisboa. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2015. [Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura].

| **Bibliografia Específica** [*Cohousing*: edifícios e conjuntos]

[1] Holanda – Wandelmeent
<http://www.wandelmeent.nl>

[2] Suécia – Stacken
<http://www.stacken.org>

[3] Dinamarca – Trudeslund
<http://www.trudeslund.dk>

[4] Holanda – Lismortel
<http://www.ewlismortel.nl>
<http://www.spierings-swat.nl>

[5] Dinamarca – Juystrup Savvaerk
<http://www.jystrup-savvaerk.abf-net.dk>
<http://www.vandkunsten.com>

[6] Suécia – Fardknappen
<http://www.fardknappen.se>
<http://www.jlark.se>

[7] Canada – Wingsong
<http://www.wingsong.bc.ca>
<http://www.dysarchitecture.com>

[8] Estados Unidos da América – Cambridge

<http://www.cambridgecohousing.org>

[9] França – La Passerelle

<http://www.amrs.fr>

[10] Canadá – Roberts Creek

<http://www.robertscreekcohousing.ca>

<http://www.mobiusarchitecture.ca>

<http://www.mullock.ca>

[11] Reino Unido – Springhill

<http://www.therighplace.net>

www.architype.co.uk

[12] Holanda – Vrijburcht

<https://vrijburcht.nl>

[13] Dinamarca – Glashusene

<http://www.glashusene.dk>

www.vandkunsten.com

[14] França – Éco-quartier de la Bottière-Chénaie

<http://pierreyvesbrunaud.net>

[15] Dinamarca – Lange Eng

<http://www.langeeng.dk>

<http://www.dortemandrup.dk>

[16] França – La Salière

<http://www.tekhne-architectes.com>

[17] Austrália – Murundaka

<http://www.communities.org.au/projects/ecohousing-heidelberg>

<http://www.darypelchenarchitects.com>

[18] Suíça – Wohnunberbaung Kratwerk

<http://www.adrianstreich.ch/adrian-streich-architekten-ag/>

[19] França – Les Brouets

<http://www.hondelatte-laporte.com>

[20] Áustria – Wohnprojekt Wien

<http://www.wohnprojekt-wien.at>

<http://www.einszueins.at>

[21] Alemanha – R50

<http://www.heidevonbeckerath.com>

[22] Alemanha – Coop Housing

<http://www.archdaily.com/587590/coop-housing-project-at-the-river-spreefeld-carpaneto-architekten-fatkoehl-architekten-bararchitekten>

[23] Reino Unido – Lilac

<http://www.lilac.coop>

<http://www.white-design.com>

[24] França – Le Village Vertical

<http://www.detry-levy.eu>

<http://www.arbor-sens.com>

[25] Reino Unido – Lancaster

<http://www.lancastercohousing.org.uk>

[26] Japão – Shared Housing LT Josai

<http://www.narukuma.com>

<http://www.lt-josai.com>

[27] Finlândia – Malta

<http://www.ark-house.com>

[28] Itália – Sangiorgio

<http://www.rizoma.me>

[29] Itália – Mura San Carlo

<http://www.tamassociati.org>

[30] Suíça – Hunziker Areal: Haus A

<http://www.duplex-architekten.ch>

<https://www.mehralswohnen.ch>

Conferências

ELEB, M – “Ensemble mais séparément, les lieux de la cohabitation”.

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Porto, 28 Abril 2017.

Video | Filme [Cohousing: curtas metragens e filmes]

Barros, A., César, R., Carvalho, M. – Projeto “Casas Partilhadas” já realojou 32 pessoas desde 2009. PRT, 2015, Cores, 3min. *In* http://www.rtp.pt/noticias/pais/projeto-casas-partilhadas-ja-realojou-32-pessoas-desde-2009_v884249

Plassmann, F. – R50 - Collaborative Residential Project in Berlin. DE, 2012, Cores, 8min. *In* <https://vimeo.com/87466748>

Abt, N., Erdman, B., Fehlmann, M. – Wohngenossenschaft Kraftwerk 2 Zurich-Hongg. CHE, 2013, Cores, 8min. *In* <https://vimeo.com/73372453>

Kaestle, A., Schurch, D., Paal, L. – With other's eyes. CHE, 2015, Cores, 15min. *In*
<http://mitdenaugenderanderen.com>

Vinterberg, T. – A Comuna. SWE/DNK, 2016, Cores, 111min.

Internet

<http://www.wohnprojekte-portal.de>

https://www.youtube.com/watch?v=_8aZCgGhdJk

<http://www.cyberarchi.com/article/la-reponse-de-boskop-aux-comportements-contemporains-mobiles-et-flexibles-08-07-2009-12489>

<http://www.modcell.com/news/lilac-affordable-ecological-co-housing/>

<http://www.experimentelewoningbouw.nl/portfolio/ex-73-183-hilversumse-meent-wandelmeent/>

https://issuu.com/eriksenkajaa/docs/pollen_no_2/6

<https://divisare.com/projects/252029-detry-levy-le-village-vertical-villeurbanne-france>

http://www.tekhne-architectes.com/projet_archi/la-saliere-5-logements-bbc-en-auto-promotion/

http://leroymerlinsource.fr/wp-content/uploads/2015/02/poster_lieux_cohabitation.pdf

<http://www.atlasdulogement.ch>

<http://www.housingeurope.eu/event-183/cooperative-housing>

<http://tviplayer.iol.pt/programa/a-casa-de-quem-faz-as-casas/5846a30d0cf20177501f2f7b/>

video/58ba9a2b0cf222228e5c2e02

<http://www.kollektivhus.nu/pdf/colhisteng08.pdf>

Referência de Imagens

Capítulo 2: Abordagens ao Cohousing

[1] <https://i.pinimg.com/736x/ef/db/6c/efdb6cc26c10b0d642bf67cee1702ef3.jpg>

[2] <http://3.bp.blogspot.com/-PeHy1kVb60w/T1zXQSWTg0I/AAAAAAAAACU8/jlc0m4WgU9I/s400/skraplanet.gif>

[3] <http://vandkunsten.com/en/projects/tinggaarden-en>

[4] https://c1.staticflickr.com/5/4066/4371092204_f50294c884_b.jpg

[5] https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/85/ld%C3%A9e_d%27un_phalanst%C3%A8re.jpg

[6] http://p4.storage.canalblog.com/47/91/161889/105693203_o.jpg

[7] https://lh3.googleusercontent.com/h468LRvSRpv34cbfyMvcPw51wws3oKQXnYlftntvHp_ONU1n6VrQcHMNgLg-Cd18JmdRBJA=s145

[8] <https://www.pinterest.pt/pin/557531628843091140/>

[9] VESTBRO, U. – *Living together: Cohousing ideas and realities around the world*. Estocolmo: Division of urban and Regional Studies, KTH, e Kollektivhus NU, 2010, p.47.

[10] https://lh3.googleusercontent.com/p4EWwjN0Qrzauan8ddTMhRqjZ1kYRnlt52hFyF_OribO3klk58W3o0Vrj6gicIFkC_B2=s170

[11] https://lh3.googleusercontent.com/p4EWwjN0QrZauan8ddTMhRqiZ1kYRnlt52hFyF_0ribO3klk58W3o0Vrj6gicIFkC_B2=s170

[12] <https://lh3.googleusercontent.com/w3TfrDH4qvL271JfHEmlqP12RQOmhfArlp9WMWwlySCd5S024rL2-5uPhfVPXDVFTCGY=s85>

[13] ELEB, M. e BENDIMÉRAD, S. – "Ensemble mais séparément, les lieux de la cohabitation". Leroy Merlin Source, N.º 14, Paris : Leroy Merlin, 2015, p.14

[14] SCOTT-HANSEN, C. e SCOTT-HANSEN, K. – *The cohousing handbook*. Philadelphia: New Society, 2005., p.94

[15] SCOTT-HANSEN, C. e SCOTT-HANSEN, K. – *The cohousing handbook*. Philadelphia: New Society, 2005., p.96

[16] MELTZER, G. – *Sustainable Community, learning from the cohousing model*. Canada: Trafford, 2005, p.5

[17] <http://www.kollektivhus.nu/pdf/colhisteng08.pdf>

[18] GRESLERI, J. – *COHOUSING, esperienze internazionali di abitare condiviso*. 2015, p.148.

Capítulo 3: Estratégias de desenho

[19] <http://www.lancastercohousing.org.uk/Documents>

[20] https://static.guim.co.uk/sys-images/Arts/Arts_/Pictures/2013/5/6/1367858549619/The-Lancaster-co-housing--010.jpg

[21] http://reshaped.uk.com/wordpress/wp-content/uploads/2013/08/1IMG_0368cc.gif

[22] GRESLERI, J. – *COHOUSING, esperienze internazionali di abitare condiviso*. 2015, p.155.

[23] http://media.rightmove.co.uk/39k/38903/27612516/38903_10009572A_9572_IMG_08_0000.jpg

[24] GRESLERI, J. – *COHOUSING, esperienze internazionali di abitare condiviso*. 2015, p.155.

[25] http://www.dortemandrup.dk/sites/default/files/styles/third_xl_2x/public/2016-12/Lange-Eng2.jpg?itok=_XS9n366

[26] http://www.dortemandrup.dk/sites/default/files/styles/max_2600x2600/public/2016-12/Lange-Eng1.jpg?itok=maPVUkTt

[27] http://www.dortemandrup.dk/sites/default/files/styles/max_2600x2600/public/2016-12/Lange-Eng4.jpg?itok=CQ1UtPOT

[28] http://www.architravel.com/architravel_wp/wp-content/uploads/2015/05/Collective-Living-Lange_2.jpg

[29] <https://i.pinimg.com/originals/85/b7/e0/85b7e09651bb4c47f9a2bbbe877e6750.jpg>

[30] http://akustiksalg.dk/wp-content/uploads/2016/04/salratio_1610.jpg

[31] <http://www.dortemandrup.dk/sites/default/files/styles/large/public/2016-12/Lange-Eng5.jpg?itok=tK2ngY7t>

[32] <http://www.dortemandrup.dk/sites/default/files/styles/large/public/2016-12/Lange-Eng7.jpg?itok=iRhXTRzF>

[33] <https://i.pinimg.com/736x/ca/80/14/ca801464bcc1fc91cbbb97840f88b0c2.jpg>

[34] <https://i.pinimg.com/736x/d8/5f/b5/d85fb5d60acf1f97b389c778442fb31d--danish-apartment-eng.jpg>

[35] <https://architizer.com/projects/lange-eng-collective-living/media/1181504/>

[36] <https://architizer.com/projects/lange-eng-collective-living/media/1181504/>

[37] <https://architizer.com/projects/lange-eng-collective-living/media/1181503/>

[38] <https://www.white-design.com/files/2013/9444/9866/Photo-8969ABB6-2AFB-47B5-B02B-7583B52D5DEF-20130914-144422-2048.jpg>

[39] <http://bgb.mediacombeyondadvertising.co.uk/wp-content/uploads/2014/11/Lilac-Cohousing.jpg>

[40] http://www.modcell.com/files/cache/905cb022f66d1e60dde966a545a8a15c_f929.jpg

[41] <https://www.white-design.com/files/5213/8306/1547/Photo-1399669E-4773-4FC9-A745-5DEAC1CB98E5-20130914-160101-2048.jpg>

[42] http://www.modcell.com/files/cache/b2d305d8a83f9b00c8bd89c1ed4ec8a3_f893.jpg

[43] <http://lilac.coop/wp-content/uploads/2016/10/lilac-with-people.jpg>

[44] http://www.modcell.com/files/cache/c0a2f1ea75e34e002d0f68fb1026d6df_f867.jpg

[45] <https://www.white-design.com/files/1713/8306/1425/Photo-8E01E1FC-7398-4D69-8BDA-8DFF3FE4712C-20130914-163421-2048.jpg>

[46] http://images.cdn.baunetz.de/img/2/0/1/7/0/6/3/03_Foto_Wohnprojekt_Wien-75d6b7b841dbde95.jpeg

[47] <http://www.architektur-online.com/wp-content/uploads/2014/09/2.jpg>

[48] http://inspiration.detail.de/_uploads/5/8/b/58b587a83ed2f/bd6bd512a9cf5acad797c06f38aeffe6b90a8d81.jpg

[49] http://images.cdn.baunetz.de/img/2/0/1/7/0/6/3/02_Foto_Wohnprojekt_Wien-91a77117bf79ed58.jpeg

[50] http://inspiration.detail.de/_uploads/5/8/b/58b587a83e9fd/8d568a53642a70c45ec219cd526a8614018003d9.jpg

[51] http://inspiration.detail.de/_uploads/5/8/b/58b587a83e22a/46f08e382a158b0cde1c5ec44cfe943d1d3ea249.jpg

[52] https://www.competitionline.com/upload/images/0/0/f/0/7/a/5/8/00f07a589e66b9b712ba9b402b4fa1e6_1.jpg

[53] http://inspiration.detail.de/_uploads/5/8/b/58b587a83e419/3a68ab98cb85092df7091d71b11ce0ccafb8c5f5.jpg

[54] http://inspiration.detail.de/_uploads/5/8/b/58b587a83e52a/e56b5c8f82bacfeeda3a71767659585285025fc0.jpg

[55] <http://gleis21.wien/category/gleis21/>

[56] https://images.adsttc.com/media/images/55c2/19d5/e58e/cefd/9200/0143/large_jpg/PORTADA_R50_AA_DSC7194_1.jpg?1438783945

[57] <http://impactdesignhub.org/wp-content/uploads/2016/02/r50baugruppe6.jpg>

[58] https://images.adsttc.com/media/images/54cb/096b/e58e/ce5c/5e00/0318/large_jpg/R50_AA_DSC8833.jpg?1422592331

[59] <http://www.metropolismag.com/wp-content/uploads/data-import/0e/0eb1d52ae41ae54c803bff7082044dd7-R504704.jpg>

[60] https://images.adsttc.com/media/images/54cb/0780/e58e/ce45/7a00/0308/large_jpg/R50_AA_DSC1067.jpg?1422591844

[61] https://i0.wp.com/ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2015/01/54cb0806e58ece457a00030e_r50-cohousing-ifau-und-jesko-fezer-heide-von-beckerath_r50_aa_dsc3058.jpg

[62] <https://i.pinimg.com/originals/34/a2/e0/34a2e00a331209b3f65399d5884a8ffb.jpg>

[63] http://images.cdn.baunetz.de/img/1/5/7/2/5/4/3/07_R50_AA_DSC3027.jpg-2e37f346c1f7ffb2.jpeg

[64] <http://www.archdaily.com/593154/r50-nil-cohousing-ifau-und-jesko-fezer-heide-and-von-beckerath/54cb09c8e58ece457a000318-detail>

[65] <http://www.archdaily.com/593154/r50-nil-cohousing-ifau-und-jesko-fezer-heide-and-von-beckerath/54cb09c8e58ece457a000318-detail>

[66] cedido por Tekhnê architectes.

[67] cedido por Tekhnê architectes.

[68] cedido por Tekhnê architectes.

[69] cedido por Tekhnê architectes.

[70] cedido por Tekhnê architectes.

[71] cedido por Tekhnê architectes.

[72] cedido por Tekhnê architectes.

[73] cedido por Tekhnê architectes.

[74] cedido por Tekhnê architectes.

- [75] http://cdn3.cyberarchi.com/media/article/12489_01_z.jpg
- [76] <http://pierre Yves brunaud.net/wp-content/uploads/002-Diapo-Nantes.jpg>
- [77] <http://pierre Yves brunaud.net/wp-content/uploads/008-Diapo-Nantes-460x307.jpg>
- [78] <https://i.pinimg.com/736x/45/f3/75/45f3752da034e0b20561ad4893b4d8da--habitats-archi.jpg>
- [79] http://cdn2.cyberarchi.com/media/article/12489_13_z.jpg
- [80] http://cdn.cyberarchi.com/media/article/12489_09_z.jpg
- [81] http://cdn2.cyberarchi.com/media/article/12489_11_z.jpg
- [82] http://cdn2.cyberarchi.com/media/article/12489_10_z.jpg
- [83] <http://pierre Yves brunaud.net/wp-content/uploads/016-Diapo-Nantes-460x307.jpg>
- [84] <http://www.cyberarchi.com/article/la-reponse-de-boskop-aux-comportements-contemporains-mobiles-et-flexibles-08-07-2009-12489/image-other-12489-02>
- [85] ELEB, M. e BENDIMÉRAD, S. – “Ensemble mais séparément, les lieux de la cohabitation”. Leroy Merlin Source, N.º 14, Paris : Leroy Merlin, 2015, p.6
- [86] ELEB, M. e BENDIMÉRAD, S. – “Ensemble mais séparément, les lieux de la cohabitation”. Leroy Merlin Source, N.º 14, Paris : Leroy Merlin, 2015, p.6
- [87] cedido por Arcanes Minotaure – Roland Spitz.
- [88] cedido por Arcanes Minotaure – Roland Spitz.
- [89] cedido por Arcanes Minotaure – Roland Spitz.

[90] cedido por Arcanes Minotaure – Roland Spitz.

[91] cedido por Arcanes Minotaure – Roland Spitz.

[92] cedido por Arcanes Minotaure – Roland Spitz.

[93] cedido por Arcanes Minotaure – Roland Spitz.

[94] cedido por Arcanes Minotaure – Roland Spitz.

[95] cedido por Arcanes Minotaure – Roland Spitz.

[96] cedido por Arcanes Minotaure – Roland Spitz.

[97] cedido por Arcanes Minotaure – Roland Spitz.

[98] cedido por Arcanes Minotaure – Roland Spitz.

[99] cedido por Arcanes Minotaure – Roland Spitz.

[100] <https://www.archi-guide.com/PH/FRA/IDF/MantesVilLogBrouetsHonLa.jpg>

[101] <http://www.hondelatte-laporte.com>

[102] <http://www.hondelatte-laporte.com>

[103] <http://www.hondelatte-laporte.com>

[104] <http://www.hondelatte-laporte.com>

[105] <http://www.hondelatte-laporte.com>

[106] cedido por Duplex Architekten.

[107] cedido por Duplex Architekten.

[108] cedido por Duplex Architekten.

[109] cedido por Duplex Architekten.

[110] cedido por Duplex Architekten.

[111] cedido por Duplex Architekten.

[112] cedido por Duplex Architekten.

[113] cedido por Duplex Architekten.

[114] cedido por Duplex Architekten.

[115] cedido por Duplex Architekten.

[116] cedido por Duplex Architekten.

[117] <http://media.allyou.net/2/26166/images/2830580/1a.jpg>.5000x800_q90.jpg

[118] http://www.adrianstreich.ch/typo3temp/_processed_/csm_11.095.AST.frei__123227_01_1f70cdae99.jpg

[119] <https://i.pinimg.com/originals/40/b6/d1/40b6d112e74f3d52a0c89e50e2bf7629.jpg>

[120] <https://i.pinimg.com/564x/7f/bb/04/7fbb04af9457a0fe4cd86a2e00221374.jpg>

[121] <http://media.allyou.net/2/26166/images/2830577/1d.jpg>.5000x800_q90.jpg

[122] http://arcdog.com/wp-content/uploads/2016/06/Kraftwerk2_Bild1_Frei.jpg

[123] http://www.adrianstreich.ch/typo3temp/_processed_/csm_mark_120821_KraftWerk2_Foto1_01_2328a22de6.jpg

[124] http://media.allyou.net/2/26166/images/2830574/1g.jpg.5000x800_q90.jpg

[125] http://media.allyou.net/2/26166/images/2830575/1f.jpg.5000x800_q90.jpg

[126] <http://www.narukuma.com/wp-content/uploads/2014/07/ltj-1.jpg>

[127] https://static.dezeen.com/uploads/2013/08/dezeen_Share-House-LT-Josai-by-Naruse-Inokuma-Architects_ss2.jpg

[128] <http://www.narukuma.com/wp-content/uploads/2014/07/ltj-6.jpg>

[129] <http://www.narukuma.com/wp-content/uploads/2014/07/ltj-5.jpg>

[130] <http://www.narukuma.com/wp-content/uploads/2014/07/ltj-9.jpg>

[131] <http://www.narukuma.com/wp-content/uploads/2014/07/ltj-3.jpg>

[132] <http://www.narukuma.com/wp-content/uploads/2014/07/ltj-11.jpg>

[133] <http://www.narukuma.com/wp-content/uploads/2014/07/ltj-12.jpg>

[134] <http://www.narukuma.com/wp-content/uploads/2014/07/ltj-13.jpg>

[135] <http://www.narukuma.com/wp-content/uploads/2014/08/ltj-16.jpg>

[136] <http://www.narukuma.com/wp-content/uploads/2014/08/ltj-17.jpg>






[137] <http://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/534df2a4c07a8067e200005f-lt-josai-naruse-inokuma-architects-diagram>



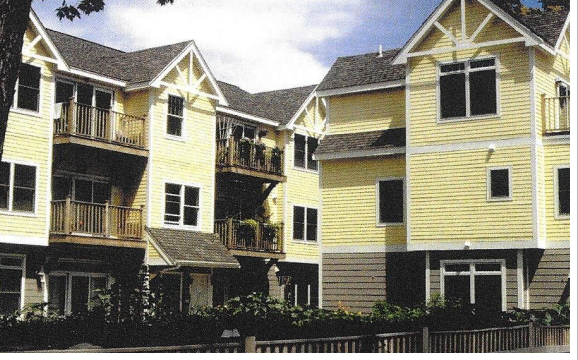


[138] <http://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/534df2a4c07a8067e200005f-lt-josai-naruse-inokuma-architects-diagram>






[139] <http://www.archdaily.com/497357/lt-josai-naruse-inokuma-architects/534df2a4c07a8067e200005f-lt-josai-naruse-inokuma-architects-diagram>






Anexos






Anexo A





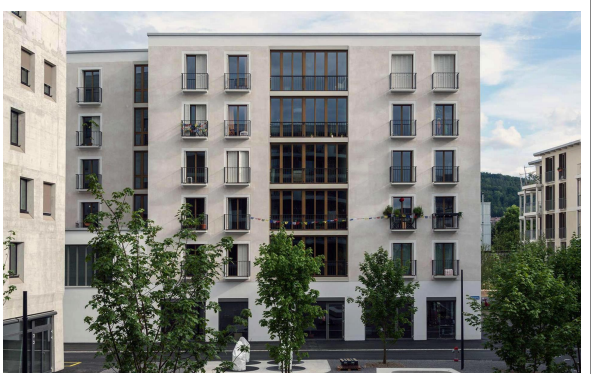
país nome	[1] Holanda Wandelmeent	[2] Suécia Stacken	[3] Dinamarca Trudeslund	[4] Holanda Lismortel	[5] Dinamarca Jystrup Savvaerk
					
local	- Urbano	- Suburbano	Birkerød Urbano	- Urbano	- Suburbano
edificado	Baixo	Alto	Baixo	-	Baixo
ano início fim	- 1977	- 1980	- 1981	- 1983	1982 1984
arquiteto(s)	Leo de Jonge e Pieter Weeda	Lars Agren	Tegnestuen Vandkunsten	Gert Coppens	Tegnestuen Vandkunsten
nº residentes	200	80	100	120	70
alojamento	50	35	33	58	21
área total comum privado	- - 43 - 120m ² (tipologias)	- - -	- 407m ² 90-138m ²	- - 80 - 120m ² (tipologias)	- 400m ² (todas) 63 - 98m ² (tipologias)
nº pisos	1 e 2	8	1	2	2
iniciativa participação	- - desenho do projeto - reuniões mensais para gestão e manutenção do projeto	- - equipas de trabalho - cada uma dá 2h/semana para gestão, manutenção e preparação de refeições	- -	- - formulação de grupos - organização de eventos, festas, manutenção e administração	Cooperativa - organização de 7 grupos - administração, manutenção, jardim, cozinha, eventos (...)
espaços e serviços partilhados	- 'casa comum' (grupo) - 'casa comum' (subgrupo) - garagem para automóveis - jardim	- 'piso comum' (grupo) - escritórios - oficinas - cafetaria	- 'casa comum' (grupo)	- 'casa comum' (subgrupo) - jardim - praça	- 'casa comum' (grupo) - jardim - horta - campo futebol
espaços comuns grupo subgrupo	grupo piso térreo: - bar - sala fitness - oficina - sauna - lavandaria - sala de jogos subgrupo - entrada - quarto crianças - lavandaria - cozinha - sala de estar - escritório	grupo Localizada no 5º piso: - cozinha - sala refeições - sala de jogos - salas costura	grupo Localizada no piso térreo: - cozinha - sala refeições - wc - lavandaria - sala jogos - bar	subgrupo Localizada no piso térreo e 1º piso: - cozinha - copa - lavandaria - sala estar - wc - jardim	grupo Localizada no piso térreo e 1º piso: - cozinha - sala jantar - despensa - armazém - sala estar
unidades privadas	- 10 clusters cada um dos quais com 5 unidades privadas e 1 área comum - com 1 e 2 pisos	- 5 unidades privadas por piso - 3 quartos por cada unidade privada	- unidades simplex	- 10 clusters com 6 de 6, 3 de 5 e 1 de 7 - cada cluster tem de 5 a 7 unidades	- 5 tipos diferentes
acesso(s)	- acesso à 'casa comum' (grupo) pelo exterior - acesso à 'casa comum' (subgrupo) pelo exterior e interior	- acesso ao 'piso comum' (grupo) pelo interior - vertical - central	- acessos à 'casa comum' (grupo) pelo exterior - central	- acesso à 'casa comum' (subgrupo) pelo interior	- acesso por uma 'rua interior' - 'L'
distribuição	- disperso - grupos e subgrupos - vários espaços comuns distribuídos pelo terreno - várias unidades privadas distribuídas pelo terreno	- bloco compacto - vertical	- 'L'	- disperso - subgrupos - várias unidades privadas distribuídas pelo terreno cada uma com a sua 'casa comum'	- disperso
circulação	- dispersa horizontal	- vertical	-	- dispersa	- corredor 'L'
contactos	- www.wandelmeent.nl	- www.stacken.org	- www.trudeslund.dk	- www.ewlismortel.nl - www.spierings-swat.nl	- www.jystrup-savvaerk.abf-net.dk - www.vandkunsten.com - janalbrechtsen.jal@vandkunst.dk - vandkunsten@vandkunst.dk

[6] Suécia Fardknappen	[7] Canada Windsong	[8] Estados Unidos da América Cambridge	[9] França La Passerelle	[10] Canada Roberts Creek
				
Estocolmo Urbano	- Urbano	Cambridge Urbano	Mulhouse Urbano	- Suburbano
Alto	Baixo	Baixo	Alto	Baixo
- 1993	- 1996	- 1998	- 2003	- 2004
Jan Lundqvist	Dys	Bruce Hampton + residentes	Arcanes Minotaure - Roland Spitz	Mobius e Teryl Mullock
55	100	90	4 famílias	100
43	34	41	8	31
1112m ² (total) 400m ² (todas) 36 - 74m ² (tipologias)	- 460m ² (todas) 63 - 150m ² (tipologias)	5850m ² - 56 - 180m ² (tipologias)	700m ² (total) 15m ² (pièce en plus) 620m ² (tipologias)	- 270m ² (todas) 64 - 134m ² (tipologias)
8	2	3	4	2
- - preparação refeições, manutenção, eventos, cuidado de crianças	- - 3h por mês por pessoa - preparação refeições, manutenção, eventos, cuidado de crianças	Grupo de residentes - desenho do projeto	pública -	- - equipas para a cozinha 2x/semana
- 'piso comum' (grupo) - garagem bicicletas	- 'casa comum' (grupo) - horta - partilha de automóveis	- 'casa comum' (grupo) - garagem bicicletas	- compartimento extra (subgrupo)	- 'casa comum' (grupo) - horta - jardim
grupo - cozinha - sala jantar - lavandaria - sala jogos - sala estar - oficina - sala de fotografia	grupo - cozinha - sala jantar - lavandaria - sala jogos - sala estar - oficina - sala multifunções - sala multimédia	grupo - cozinha - sala jantar - sala de estar - sala de jogos - biblioteca - sala de música - lavandaria - quarto de hóspedes	subgrupo - compartimento extra	grupo - cozinha - sala jantar - lavandaria - sala jogos - sala estar - sala workshops - sala multifunções - quarto hóspedes - oficina
-	- 1 estúdio - 19 T2 - 8 T3 - 8 T4	- de T1 a T3 - simplex, duplex, triplex	-	
- acesso vertical	- acesso por uma 'rua interior'	-	- independente - portas de correr	- disperso
- vertical	- disperso	-	-	- disperso
-	- corredor	-	-	- dispersa
- www.fardknappen.se - www.jlark.se	- www.wingsong.bc.ca - www.dysarchitecture.com	- www.cambridgecohousing.org	- www.amrs.fr - amrs@architects.org	- www.robertscreekcohousing.ca - www.mobiusarchitecture.ca - www.mullock.ca

país nome	[11] Reino Unido Springhill	[12] Holanda Vrijburcht	[13] Dinamarca Glashusene	[14] França Éco-quartier de la Bottière-Chénaie	[15] Dinamarca Lange Eng
					
local	- Urbano	- Urbano	Trekroner, Roskilde Suburbano	Nantes Urbano	- Urbano
edificado	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo	Baixo
ano início fim	- 2005	2000 2007	- 2008	2004 2009	- 2009
arquiteto(s)	Architype	-	Tegnestuen Vandkunsten	Boskop	Dorte Mandrup
nº residentes	75	151	80	55	220
alojamento	34	52	30	55	54
área total comum privado	- - -	4400m ² (total) 650m ² (todos) 65 - 256m ² (tipologias)	3980m ² (todos) - -	4600m ² (total) 15m ² (pièce en plus) variável	3300m ² (total) 600m ² (todos) 71 - 128m ² (tipologias)
nº pisos	2 e 3	-	2	2	2
iniciativa participação	- - equipas para preparação de refeições, manutenção - 20h por ano por pessoa - jantares 3x por semana por 3euros	-	- - equipas para manutenção e gestão dos espaços colectivos - partilha de automóveis	Concurso público -	Comunidade Lange Eng - voluntária - manutenção e gestão do projeto - grupo para realização de refeições - partilha de automóveis - grupo para tomar conta de crianças - grupo para organização de eventos e festas
espaços e serviços partilhados	- 'casa comum' (grupo) - garagem automóvel	- 'casa comum' (grupo) - jardim - quarto hóspedes - sala de workshop - teatro - garagem bicicletas	- 'casa comum' (grupo) - jardim - campo desportivo	- compartimento extra (subgrupo)	- 'casa comum' (grupo) - armazém - garagem para bicicletas - jardim
espaços comuns grupo subgrupo	grupo - cozinha - sala jantar - lavandaria - sala jogos - sala eventos - escritório	-		subgrupo - compartimento extra	grupo Localizada no piso térreo e 1º piso: - cozinha - sala jantar - sala de jogos - wc - sala cinema - sala workshops - cafetaria - sala de música
unidades privadas	- 4 T1 - 4 T2 - 8 T3 - 6 T4 - 6 T5	- unidades simplex		- unidades simplex e duplex	- unidades simplex e duplex - 2 T2 - 3 T3 - 3 T4 - 1 T5
acesso(s)	- disperso - acessos pelo exterior	- disperso - acessos pelo exterior - acesso vertical	- disperso - acessos pelo exterior	- acesso independente - portas de correr	- acesso à 'casa comum' (grupo) pelo exterior - 'pátio central'
distribuição	- disperso	- disperso	- disperso	-	- circular - 'casa comum' dividida em 4 partes localizada nos cantos
circulação	- dispersa	- corredor 'H'	- dispersa	-	- corredor circular e pátio central
contactos	- www.therighplace.net - www.architype.co.uk	- f.m.vanandel@tudelft.nl - k.crabbendam@casa-architecten.nl	- www.glashusene.dk - www.vandkunsten.com	-	- www.langeeng.dk - www.dortemandrup.dk - info@dortemandrup.dk - dorte@dortemandrup.dk

[16] França La Salière	[17] Austrália Murundaka	[18] Suíça Wohnunberbaug Kraftwerk	[19] França Les Brouets	[20] Áustria Wohnprojekt Wien
				
- Urbano	Heidelberg Heights, Victoria Urbano	- Urbano	Mantes-La-Ville Urbano	Wien Urbano
Alto	Alto	Alto	Alto	Alto
2002 2010	- 2011	2009 2011	2007 2011	- 2013
Teknhê	Daryl Pelcken	Adrien Streich	Raphaelle Hondelatte et Mathieu Laporte	Einszueins
-	38	-	-	93
5	18	-	30	39
772m ² (total) 110m ² (todos) 95 - 115m ² (tipologias)	- - 46 - 94m ² (tipologias)	3352m ² 270m ² (todos) + -m ² (cluster) -	3480m ² (total) - -	3300m ² (total) 800m ² (todos) 38 - 137m ² (tipologias)
4	3	8	variável, entre 2 e 4	9
Grupo de residentes - divisão de tarefas entre o grupo - gestão e manutenção dos espaços coletivos - refeições comunitárias - eventos e festas comunitárias	- - realização de refeições pelos menos 1x por semana - manutenção dos serviços e espaços comuns	Cooperativa Kraftwerk 1 - gestão e manutenção dos espaços - despesas dos consumos comuns	Foncière Logement - privado -	- - 6 grupos operacionais - 11h por pessoa por mês destinado ao grupo - manutenção e gestão dos serviços e espaços comuns - partilha de automóveis
- 'piso comum' (grupo) - jardim - terraço na cobertura	- 'piso comum' (grupo) - horta - garagem para automóveis - jardim	- 'piso comum' (grupo) - 'cluster' (subgrupo)	- compartimento extra (subgrupo)	- 'piso comum' (grupo) - horta - garagem para automóveis - jardim
grupo Localizada no piso térreo: - cozinha - sala jantar - wc - quarto de hóspedes - oficina	grupo Localizada no piso térreo: - cozinha - sala jantar - sala de estar - quarto de hóspedes - lavandaria - garagem bicicletas - oficina - wc - lobby	grupo Localizada no piso térreo: - espaço exterior de circulação tipo galeria - jardim - cozinha - salas polivalentes	subgrupo Localizada no piso tipo: - cozinha - sala de estar - sala de refeições - wc serviço	grupo Localizada no piso enterrado: - sala eventos - sala workshops Localizada no piso térreo: - cozinha - sala estar - sala jantar - sala jogos
- unidades simplex	- unidades simplex - T2 - T3 - T4 - T5 - T6	- unidades simplex	-	- unidades simplex - 6 a 7 unidades por piso - módulos
- acesso central exterior	- dois acessos verticais	- três acessos verticais	- acesso independente - varanda	- acesso vertical
- vertical	- dois blocos - vertical - corpo intermédio que liga os dois blocos	- vertical	-	- dois blocos - vertical
- corredor e varanda em 'L' exterior	- corredor 'L'	- corredor 'L' e pontual	-	- corredor
- www.tekhne-architectes.com - tekhne@tekhne-architectes.com	- www.communities.org.au/projects/ecohousing-heidelberg - www.darylpelckenarchitects.com	- info@adrienstreich.ch	- www.hondelatte-laporte.com - hondelatte.laporte@hiarchi.com	- www.wohnprojekt-wien.at - www.einszueins.at

país nome	[21] Alemanha R50	[22] Alemanha Coop Housing	[23] Reino Unido Lilac	[24] França Le Village Vertical	[25] Reino Unido Lancaster
					
local	Wien Urbano	Berlim Urbano	- Urbano	Villeurbaine, Lyon Urbano	Halton Rural
edificado	Alto	Alto	Alto	Alto	Baixo
ano início fim	2010 2013	- 2013	2006 2013	2005 2013	- 2013
arquiteto(s)	Ifau und Jesko Fezer e Heide & Von Beckerath	Capaneto, Fatkoehl e BAR	White Design	Arbor&Sens e Detry&Lévy	Andrew Yeats (Eco Arc) e Alan Clarke
nº residentes	-	-	48	-	51
alojamento	19	-	20	38	41
área total comum privada	2200m ² (total) 270m ² (todas) 1700m ² (total)	7620m ² (total) - -	- - -	3446m ² (total) - -	- - 40 - 98m ² (tipologias)
nº pisos	8	4 e 8	2	6	1 e 2
iniciativa participação	Grupo de residentes - desenho do projeto - construção do projeto - gestão e manutenção - refeições comunitárias	- -	- -	- - desenho do projeto - gestão e manutenção	- - manutenção e gestão - partilha de automóveis - 5x por semana jantares com todo o grupo
espaços e serviços partilhados	- 'piso comum' (grupo) - varandas coletivas - jardim de inverno na cobertura	- 'piso comum' (grupo) - 'cluster' (subgrupo)	- 'casa comum' (grupo) - garagem para bicicletas - garagem para automóveis - jardim - horta	- 'piso comum' (grupo) - jardim	- 'casa comum' (grupo) - oficinas e salas de workshops no antigo moinho - horta - jardim
espaços comuns grupo subgrupo	grupo Localizada no piso térreo: - lavanderia - oficina - sala estar Localizada na cobertura: - terraço - cozinha de verão	grupo Localizada no piso tipo: - club - lavanderia - sala estar - quarto hóspedes - espaço de exercício - sala jogos subgrupo Localizada no piso tipo: - cozinha - sala de estar - wc -terraço	grupo Localizada no piso térreo e 1º piso: - cozinha - sala refeições - wc - lavanderia - sala workshops	grupo Localizada no piso térreo: - cozinha - quarto de hóspedes - biblioteca	grupo Localizada no piso térreo: - cozinha - sala de refeições - lavanderia - quarto de hóspedes - garagem para bicicletas - sala de jogos
unidades privadas	- unidades simplex - 3 a 4 unidades por piso - moduláveis	- unidades duplex - 10 unidades por cada subgrupo	- unidades simplex - 6 T1 - 6 T2 - 6 T3 - 2 T4	- unidades simplex	- unidades duplex - 6 T1 - 12 T2 - 13 T3
acesso(s)	- acesso vertical	- acesso vertical	- acessos verticais - acesso através do exterior	- acessos verticais	- exterior - disperso
distribuição	- vertical	- três blocos - vertical	- seis blocos - disperso	- vertical	- longitudinal disperso
circulação	- corredor pontual	- corredor pontual	- disperso	- corredor	- exterior longitudinal
contactos	www.heidevonbeckerath.com	-	- www.lilac.coop - mail@white-design.co.uk - p.chatterton@leeds.ac.uk	- www.detry-levy.eu - www.arbor-sens.com - contact@arbor-sens.com - contact@detry-levy.eu	- www.lancastercohousing.org.uk

[26] Japão Shared Housing LT Josai	[27] Finlândia Malta	[28] Itália Sangiorgio	[29] Itália Mura San Carlo	[30] Suíça Hunziker Areal, HAUS A
				
Aichi Urbano	Helsínquia Urbano	Ferrara Urbano	San Lazzaro di Savena, Bologna Suburbano	Zurique Urbano
Baixa	Alto	Alto	Alto	Alto
- 2013	- 2014	- 2014	- 2014	2009 2015
Naruse Inokuma	ARC-house	Rizoma	TAMassociati	Duplex
14	106	10	35	100
13	61	7	12	11
390m ² (total) 180m ² (todos) 210m ² (total)	4400m ² (total) 500m ² (todos) 30 - 150m ² (tipologias)	820m ² (total) 50m ² (todos) 63 - 159m ² (tipologias)	- - 72 - 92m ² (tipologias)	7750m ² -m ² (todos) + -m ² (cluster) 320 - 400m ² (tipologias)
3	9	3	5	6
privada - gestão e manutenção dos espaços - despesas de bens comuns	-	-	-	Cooperativa Baugenossenschaft Mehr als Wohnem
- 'cluster' (grupo) - terraço na cobertura	- ' piso comum' (grupo) - cobertura ajardinada	- 'piso comum' (grupo) - jardim - horta	- 'casa comum' (grupo) - horta - garagem para bicicletas - jardim - espaço para reciclagem	- 'casa comum' (grupo) - 'casa comum' (subgrupo) - restaurante, lojas - ateliers - oficinas - club música - escola
grupo Localizada pelos 3 andares: - cozinha - sala de refeições - sala de estar - wc serviço	grupo Localizada no piso térreo: - cozinha - sala de refeições - sala de estar - sauna - espaço de relaxamento - biblioteca - lavandaria	grupo Localizada no piso térreo: - cozinha - sala de refeições - sala de estar - lavandaria - sala de jogos - sala de eventos	grupo Localizada no piso térreo e 1º piso: - cozinha - sala jantar - sala de estar - sala de música - lavandaria - oficina - biblioteca	grupo Localizada no piso térreo e piso tipo: - ateliers - sala de estar - lavandaria (lavar) - lavandaria (secar) - escritório subgrupo Localizada no piso tipo: - cozinha - sala refeições - sala estar - escritório - wc - bengaleiro
- quarto	- unidades simplex e duplex	- unidades simplex e duplex	- unidades simplex - duas tipologias	- unidades simplex - 6 T4 - 6 T5 - duas unidades por piso cada um com 4 ou 5 sub-unidades - 3 tipos diferentes de sub-unidades
-	- dois acessos verticais	- dois acessos verticais - 2 a 3 unidades por piso	- dois acessos verticais	- acesso vertical
- vertical	- vertical	- vertical	- dois blocos - vertical	- vertical
- vertical	- corredor	- corredor	- corredor	- corredor
- www.narukuma.com - www.lt-josai.com	- www.ark-house.com	- www.rizoma.me - www.facebook.com/cohousingsangiorgio	- www.facebook.com/CohousingMuraSanCarlo.ilCantiene - www.tamassociati.org	- mail@duplex-architekten.swiss - mail@duplex-architekten.org